

O tempo passa e a
vida continua



ANTÔNIO EUGÊNIO
DE AZEVEDO TAULOIS

O tempo passa e a vida continua

O RAMO BRASILEIRO DA FAMÍLIA AZEVEDO
DE POUSO ALEGRE, MG



*A caminhada dos Mendel, Gay,
Azevedo, Nogueira, Casasanta,
Tauilois, Aragão, Simões, Queiroz,
Müller, Gueiros e Maron, nos anos
1800, 1900 e 2000.*

PETRÓPOLIS

2022

© 2022 desta edição

Todos os direitos reservados pelo autor.

Proibida a reprodução de partes ou do todo sem autorização expressa do autor.

a.taulois@yahoo.com.br

EDITOR/AUTOR

Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

REVISÃO

Jaqueline Lavor

CAPA

WM Design (Wladimir Melo)

COORDENAÇÃO

Marcelo Taulois

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

WM Design (Wladimir Melo)

Rua: 16 de março, 234, apto. 605

ASSISTENTE DE DESIGN

Sheila Barcellos Eiras Roque

Petrópolis, RJ

Tel.: (24) 98823-4343

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Taulois, Antônio Eugênio de Azevedo

O tempo passa e a vida continua : o ramo
brasileiro da família Azevedo de Pouso Alegre, MG /
Antônio Eugênio de Azevedo Taulois. -- 1. ed. --
Petrópolis, RJ : Ed. do Autor, 2022.

ISBN 978-65-00-55617-9

1. Experiências - Relatos 2. Família Azevedo
3. Família - História - Brasil 4. Genealogia
5. Narrativas pessoais 6. Relatos pessoais
I. Título.

22-134119

CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Famílias : Biografia 920

Aline Graziele Benítez - Bibliotecária - CRB-1/3129



*Somos na vida, a síntese apurada
De tudo o que viveu antes de nós;
Sou a compendiação cristalizada
Da história milenar dos meus avós.*



*Em mim, austeramente continua
Uma raça de velho itinerário,
E eu, conservo no fundo da alma nua
O cunho do destino hereditário.*

“Síntese”, Raul de Leoni¹

1. LEONI, Raul

ÍNDICE GERAL



APRESENTAÇÃO

9

AGRADECIMENTOS

11

INTRODUÇÃO

13

CAPÍTULO 1

ORIGEM DA FAMÍLIA AZEVEDO NA FRANÇA E NA ALEMANHA E SUA MUDANÇA PARA O SUL DO BRASIL

17

CAPÍTULO 2

ORIGEM DA FAMÍLIA AZEVEDO EM PORTUGAL, 1860

57

CAPÍTULO 3

A FAMÍLIA AZEVEDO EM POUSO ALEGRE, MG, 1903

161

CAPÍTULO 4

A FAMÍLIA AZEVEDO NO RIO DE JANEIRO, 1943 A 2018

205

CAPÍTULO 5

AS TRÊS PRIMEIRAS GERAÇÕES DO RAMO BRASILEIRO DOS AZEVEDOS DE POUSO ALEGRE, MG

219

BIBLIOGRAFIA

325

A P R E S E N T A Ç Ã O

Numa solenidade em 1983, a Condessa de Paris, Sua Alteza Real e Imperial, a Princesa D. Isabel de Orleans e Bragança, autografou meu exemplar de seu livro de memórias “De todo coração”, onde contava sua vida de mais de 70 anos. Seiscentas páginas de leitura atraente. Recordo que na introdução, a Condessa explica a razão do livro: ela havia sofrido um sério acidente e acreditou que fosse morrer presa às ferragens de seu carro. Ao sentir a morte por perto, desesperou-se por talvez perder para sempre todas as lembranças de sua vida com seus onze filhos. Essa é a razão de seu livro.

Isabel estava certa. Se suas recordações fossem com ela, grande parte da vida de seus filhos estaria começando com o nascimento deles, sem maiores lembranças do que ficou para trás.

Esta suposição da Condessa de Paris me marcou muito. Passei a entrar em contato com meus ascendentes: avós, tios, primos, e fazer registros familiares, alguns surpreendentes, que hoje deixo neste livro para conhecimento dos nossos descendentes, mesmo aqueles que não têm o sobrenome Azevedo, mas que estarão sempre marcados por essa genética ancestral.

O comerciante português Antônio Alves de Azevedo, meu avô materno, vindo do Porto em 1889, sozinho, aos 14 anos, fundou, a partir de 1905, em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais, um dos ramos brasileiros da Família Azevedo, quando se casou com Dinorah Mendel Gay, de origem alemã e francesa. Inicialmente, os Mendel Gay Azevedo seguiram o curso de sua história por 40 anos em Pouso Alegre, depois no Rio de Janeiro e, a seguir, por todo o Brasil e mais cinco países, inclusive com um sub-ramo que retornou à Portugal.

Precisamos conhecer as raízes da nossa identidade através do fio condutor que norteou a vida de nossos antepassados chegando até nosso tempo, para entendermos quem fomos, quem somos e o que seremos.

Dedico esse livro aos meus queridos filhos, adoráveis netos e todos os sobrinhos e primos dessa encantadora e determinada Família Azevedo, incluindo meu avô Antônio, fundador do ramo. No estio da existência, vejo todos vocês reunidos em um aeroporto, como se eu e Vera estivéssemos levantando voo em um avião com uma janela bem grande na nossa frente.

O tempo passa, mas a vida continua forte, firme e renovada. Tudo muda numa sucessão de crenças, formas e processos, mas nós e os nossos, seguimos em frente, reavaliando o que foi feito para merecer o futuro.

A G R A D E C I M E N T O S

Dou graças à Divina Providência, pelas famílias Azevedo e Taulois em que nasci e que, pelo exemplo e orientação, me deram a exata noção do valor do trabalho e do que é ser uma pessoa de bem.

À minha mulher Vera, pelo incentivo e tolerância com que suportou por mais de quatro anos as limitações do meu afastamento durante a pesquisa e montagem deste livro.

À minha posteridade, queridos filhos e netos, que me trazem alegria e fé num futuro promissor. Sem eles esse livro não teria sentido. A todos os Azevedo de Pouso Alegre, especialmente à minha avó Dinorah, aos meus tios Lourdes e Gilberto que conservaram com carinho as “cartas portuguesas” por mais de cem anos e me passaram as lembranças da família. Aos Azevedo da 3^a geração que colaboraram comigo, divulgando suas famílias.

Consultei inúmeros historiadores, escritores e outras pessoas, para complementar as informações familiares. De Antonina, agradeço ao Clauss Berg, historiador paranaense, o gentil envio de seu livro “Antonina, a Vovó do Paraná” com referências ao Pe. Fernando Gigante e à Antonina, no final dos anos 1800, quando de lá vieram. Do mesmo modo, agradeço à Priscila Moura do Santuário, setencentista de N.S. do Pilar e ao Raul Alcanto da Biblioteca Pública Municipal pelas as informações recebidas. Em Pouso Alegre, procurei a Cúria da Arquidiocese, e a arquivista Maria Cristina Faria me acompanhou pacientemente por quatro dias, buscando subsídios sobre Antônio Alves de Azevedo e Pe. Fernando Gigante, assim como Myke Ricelli do Museu Histórico de Pouso Alegre que me atendeu com valiosos dados antigos sobre a cidade.

Na Igreja N. S. das Dores de Porto Alegre, Pe. Luiz Carlos Almeida e Carolina Zuchetti me atenderam com notas sobre a paróquia no tempo do Pe. Gigante. A certidão de batismo de Dinorah foi conseguida na Catedral Sant'Ana de Uruguaiana pelo meu tio Gilberto Azevedo.

Tenho a ventura de ter amigos ilustrados e bons leitores, que dedicaram um tempo que não tinham para ler e comentar este texto. A eles, José Afonso Barenco de Guedes Vaz, Randolpho Gomes e Wolmar Olympio Nogueira Borges, fico sempre muito grato.

Fico também muito grato à minha revisora, Jaqueline Lavor, pelas sugestões apresentadas e ao Wladimir Mello pela arte final que deu vida nova ao tema.

A todos vocês, mais uma vez, o meu muito obrigado.

INTRODUÇÃO

As raízes portuguesas dos Azevedo vêm do “couto e honra” de Azevedo, uma aldeia do Concelho de Barcelos, entre o Minho e o Douro. Dom Pedro Mendes de Azevedo, no ano 1124, é a nossa mais remota referência dos Azevedo. Ele era filho de Dom Mens Paes Bufinho e Sancha Pais. Seu avô, Dom Godinho Viegas de Baião, construiu o mosteiro de Vilar dos Frades, nas margens do rio Cávado. Nenhum deles tinha o “apelido” Azevedo no nome. Pertenciam eles à classe dos “homens-bons”, aqueles que, na época, decidiam os destinos da comunidade. O apelido Azevedo veio depois e deriva de uma planta da região, o “azevinho”, uma aquifoliácea, arbusto espinhoso de folhas resistentes e luzidias que até hoje, enfeita mensagens de Boas Festas na época do Natal. Aqueles que moravam na região do “azevinho”, adotaram Azevedo no nome. Esse hábito se expandiu e deu origem aos sobrenomes portugueses de hoje. O azevinho, hoje em extinção, ganhou proteção oficial do governo.

Em 2005, o catálogo de telefones da cidade do Porto tinha quase duas páginas com os números dos Azevedo na cidade. No Brasil, outro tanto. A nossa Família Azevedo se radicou em Pouso Alegre em 1902, e lá permaneceu até 1942, quando o último Azevedo deixou a cidade.

As origens do ramo brasileiro da família Azevedo de Pouso Alegre estão na cidade do Porto, norte de Portugal, na Alemanha e na França, com ramificações na Argentina e no Sul do Brasil. De acordo com a metodologia genealógica adotada, a Família Mendel-Gay Azevedo será aqui tratada como *o Ramo Brasileiro da Família Azevedo, de Pouso Alegre, MG*.

As referências para essa descrição dos Azevedos foram documentos de família, cartas, “bilhetes postais” antigos e recortes de jornal. Esses cartões postais eram um modismo na “belle époque” como solução barata e eficaz para comunicação, gerando bom lucro postal. Hoje representa valiosa fonte pri-

mária na pesquisa histórica familiar. Mais de 150 cartas e cerca de 50 cartões enviados pelos Azevedos do Porto, foram carinhosamente guardadas até hoje pelos Azevedos de Pouso Alegre por mais de 120 anos. Eu gravei nos últimos 20 anos, muitas lembranças das várias gerações de Azevedos, em conversas com minha avó Dinorah Mendel-Gay e meus tios Lourdes e Gilberto, seus filhos. Especialmente Dinorah, quando descrevia com grande detalhe passagens menores da vida que viveu ao lado de sua mãe francesa, Caroline, incluindo seu tempo no Sul, do qual tinha viva lembrança. Ela nunca se esqueceu das agruras por que passou Caroline, até se fixar no Sul de Minas. E tinha também sempre consigo as adversidades que ela própria, teve de superar nos tempos difíceis da década de 1930, quando se viu responsável pela posteridade de uma geração de Azevedos. Foram cinco fitas-cassetes gravadas com recordações da prodigiosa memória dos 96 anos do tio Gilberto em seu apartamento da rua Barata Ribeiro, 727. Também foram feitos contatos com a catedral de Uru- guaiiana, a Paróquia N. S. das Dores de Porto Alegre, a Biblioteca Municipal de Antonina, a Biblioteca Nacional e a Arquidiocese de Pouso Alegre.

Como sobre algumas passagens da vida das famílias aqui descritas há pouquíssima informação, resolvi explicitar as lacunas. Biografia não é ficção, tenta ser precisa, mas não se pode deixar de lado a dúvida. A criatividade ajuda, mas quando não se tem certeza, “cogita em vez de inventar”, como sugere Laura de Mello e Souza em sua *Biografias: vivos e mortos*.



*Dinorah, pelo seu neto
Cláudio José, com toda
essa nossa trajetória*

CAPÍTULO

1

ORIGEM DA FAMÍLIA AZEVEDO NA FRANÇA
E NA ALEMANHA E SUA MUDANÇA
PARA O SUL DO BRASIL



Sumário do Capítulo 1

- 1.1 - Os Mendel. Casamento de Isidore e Pauline - Paris e Alsácia, 1860-1875, 19
- 1.2 - Os Mendel deixam a Europa – Buenos Aires, Argentina, 1875-1879, 22
- 1.3 - O rapto de Maxime – Rincão de Santa Cruz e Uruguaiana, RS – 1879-1885, 22
- 1.4 - Caroline Mendel com o cônego Jean Pierre Gay – Uruguaiana, RS – 1885-1890, 27
- 1.5 - Rincão da Cruz, RS – 1890-96. Caroline no Rincão da Cruz e a Revolução Federalista, 30
- 1.6 - Os Mendel-Gay e o Pe. Fernando Gigante - Uruguaiana, RS – 1896-1898, 33
- 1.7 - Transferência do Pe. Fernando Gigante para Porto Alegre, RS – 1898-1899, 34
- 1.8 - Transferência do Pe. Fernando Gigante para Antonina, PR – 1899-1903, 36
- 1.9 - Transferência do Pe. Fernando Gigante para Pouso Alegre, MG – 1903, 41

ANEXO AO CAPÍTULO, 43

QUEM ERA O CÔNEGO JEAN PIERRE GAY, 43

QUEM ERA O PADRE FERNANDO GIGANTE, 50

ICONOGRAFIAS DO CAPÍTULO, 53

Os Azevedos de Pouso Alegre vieram da Alsácia francesa, depois alemã, sofrendo as consequências da derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana de 1870, quando o casal Mendel decidiu emigrar e acercou-se de Uruguaiana no Rio Grande do Sul. A perda de um filho de cinco anos raptado por ciganos, transtornou a vida da família, que teve de deixar seu jovem filho aos cuidados de conhecidos. Caroline, minha bisavó e sua filha Dinorah, acolhidas pela família de um padre italiano, transferido diversas vezes de lugar, terminou em Pouso Alegre, MG, onde, casada com o português Azevedo, fundou o ramo brasileiro da família.

1.1 - Os Mendel. Casamento de Isidore e Pauline - Paris e Alsácia, 1860-1875

Estamos na França, 1860, mais precisamente em Paris. Como era Paris em 1860?

Em 1852, a França viu iniciar o Segundo Império com grande expectativa; tinha Napoleão III à frente do governo, trazendo soluções esperadas há décadas. Paris se transformou radicalmente com o novo governo. O Primeiro Império, com Luiz XVIII, Carlos X e Louis-Philippe, tinha assumido a restauração nacional, dando pouca atenção ao proletariado trabalhador que se encontrava em forte expansão e amontoados miseravelmente nos bairros centrais da cidade,

expostos a focos de epidemias. Dois terços dos parisienses eram pobres demais para pagar impostos. Balzac descreve com rigor essa época. Paris, uma cidade medieval com construções antigas e insalubres, sem vias de circulação, estava se tornando uma cidade moderna. Napoleão III e Eugene Haussmann tinham ideias precisas sobre urbanismo e habitação. A Paris de hoje é, por isso, considerada antes de tudo, a cidade de Napoleão III e Haussmann.

Isidore Mendel era um jovem judeu alemão, prussiano, que na época vivia com sua família na Alsácia, território francês. Os Mendel eram fabricantes de perfumes e de um pó de arroz muito apreciado na região. Nas suas idas e vindas à Paris, tratando dos negócios de seus perfumes, Isidore conheceu Pauline Beer, jovem francesa, coincidentemente, *judia* e de família ligada à perfumaria.

Assuntos aromatizados não devem ter faltado nas conversas entre os dois, levando-se em conta que os perfumes franceses sempre foram mais afamados que os alemães.

Pauline encantou-se com o alsaciano, mesmo sendo ele prussiano. Alemães, especialmente prussianos, não eram muito bem-vindos pelo francês comum. Mas aquele alsaciano, quase francês, conseguiu ser aceito por Pauline. Casaram-se e foram morar na Alsácia francesa onde a família Mendel mantinha sua atividade. E vieram os filhos: Caroline Mendel, em 1862, depois Fanny, Anita, o primeiro homem que ficou como nome do pai e Valentine, completando a ninhada dos cinco filhos.



Pulseira de prata com brasão de armas da Alsácia, Lorena e outras regiões francesas, presente que o filho, tenente Carlos Azevedo, participante da Força Expedicionária Brasileira na Itália trouxe em 1945 da França para sua mãe, Dinorah. Seria uma lembrança das origens ancestrais da família. A pulseira também foi um presente de Dinorah para sua nora Maria, no dia de seu casamento com Carlos. A pulseira hoje foi herdada por Vera Lúcia, neta de Dinorah.

Havia na Europa dos anos 1800, uma vigorosa, mas desmedida corrida industrial e disputa comercial entre as nações. Os antigos regimes autoritários de governo se tornaram liberais, favorecendo essa concorrência. Antigas nações estavam se transformando em estados poderosos. Os europeus constituíam a quarta parte da população mundial. Os avanços tecnológicos, os novos meios de comunicação vieram contribuir para formação dos mercados e para uma maciça produção de bens. Os franceses e ingleses estavam à frente dessa corrida até meados do século XIX. Os franceses, com Napoleão III, o “príncipe-presidente” que tinha reconstruído Paris e havia assumido uma postura agressiva na política externa, subestimando a ascensão da Prússia, liderada por Otto Von Bismarck. Os alemães, com Bismarck, estavam se tornando a grande potência europeia. Então, por questões ligadas ao equilíbrio de poder na região, a França de 1870, declarou guerra à Prússia, mas foi derrotada, em setembro do mesmo ano, com o exército francês encerrado em Sedan, e o próprio Napoleão III feito prisioneiro. Após a guerra, a Comuna de Paris, desencadeia uma revolução na cidade e depõe Napoleão III, sendo ele exilado na Inglaterra, onde morreu².

Como jovem e prussiano, mesmo morando na Alsácia que, antes da guerra, era francesa, Isidore Mendel tinha sido convocado para as fileiras do exército alemão. E ele atendeu à intimação. Após a derrota da França no cerco de Sedan, Isidore se recusou, como sempre lembrava Dinorah, sua neta e minha avó, a participar do desfile vitorioso do Exército Alemão, no Champs-Elysées, recém-inaugurado e orgulho parisiense. Ele se constrangeu, frente aos humilhados e desiludidos franceses que ainda não tinham se convencido da perda. Afinal, ele também era meio francês.

A queda do invejado império francês impressionou toda a comunidade europeia. A França era a luz do mundo e aquela queda, justo diante dos alemães que, na época, estavam atrás dela na industrialização, ofendia a dignidade dos franceses. A “França ficou de rastro”, como disse Eça de Queiroz, em *O crime do Padre Amaro*. Dom Pedro II, quando chegou à Paris, exilado em

2. Carpentier e Sebrun

1889, descreve em seu diário que “...os franceses ainda estavam em estado de choque com a capitulação”.

1.2 – Os Mendel deixam a Europa – Buenos Aires, Argentina, 1875-1879

Os anos foram passando com Pauline e Isidore vivendo na Alsácia, agora alemã, sem que o otimismo e a animação tornassem a vida mais risonha. Inovações se multiplicaram no final dos anos 1800, tanto na ciência quanto na tecnologia, mostradas em fantásticas exposições internacionais. Da mesma forma acontecia também na política e no comportamento humano. Algumas certezas e muitas dúvidas continuavam a atormentar a população. Na França, as marcas do Primeiro Reinado ainda não tinham desaparecido. Centenas de milhares de europeus deixaram suas terras em busca de uma situação melhor do que aquela, indo, principalmente, para as Américas. Um irmão de Isidore já estava há alguns anos vivendo e trabalhando em Buenos Aires, Argentina, produzindo e comercializando com sucesso os Perfumes Mendel. Em 1872, Isidore e Pauline, com seus cinco filhos, seguiram o irmão e viraram argentinos, ficando ele, possivelmente, também na indústria de perfumes do irmão. Meu amigo Samuel Nussenbaum, titular de uma sinagoga em Petrópolis, me lembra que o núcleo judeu, em Buenos Aires, sempre foi muito mais forte e concentrado do que os existentes nas cidades brasileiras, o que pode explicar a presença dos Mendel na Argentina.

1.3 – O rapto de Maxime – Rincão de Santa Cruz e Uruguaiana, RS – 1879-1885

Não se conhecem os motivos que levaram Isidore Mendel a trocar a Argentina pelo Brasil. Em 1879, a família agora acrescida de Nathan e Maxime, totalizando sete filhos, estava morando no Rincão da Cruz, pequeno povoado do município de Itaqui à margem do rio Uruguai, entre Uruguaiana e São Borja, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Ainda hoje há uma longa rua de 30 quadras, no centro de Itaqui, com o nome de Rua Rincão da Cruz, lembrando a história do local, quando em 1816, o general José Gervasio

Artigas com 1600 índios, devastou a região na Batalha do Rincão da Cruz, mas tempos depois, foi expulso por tropas provinciais. Mais quatro encarniçados conflitos guerreiros até 1893, aconteceram na região.³

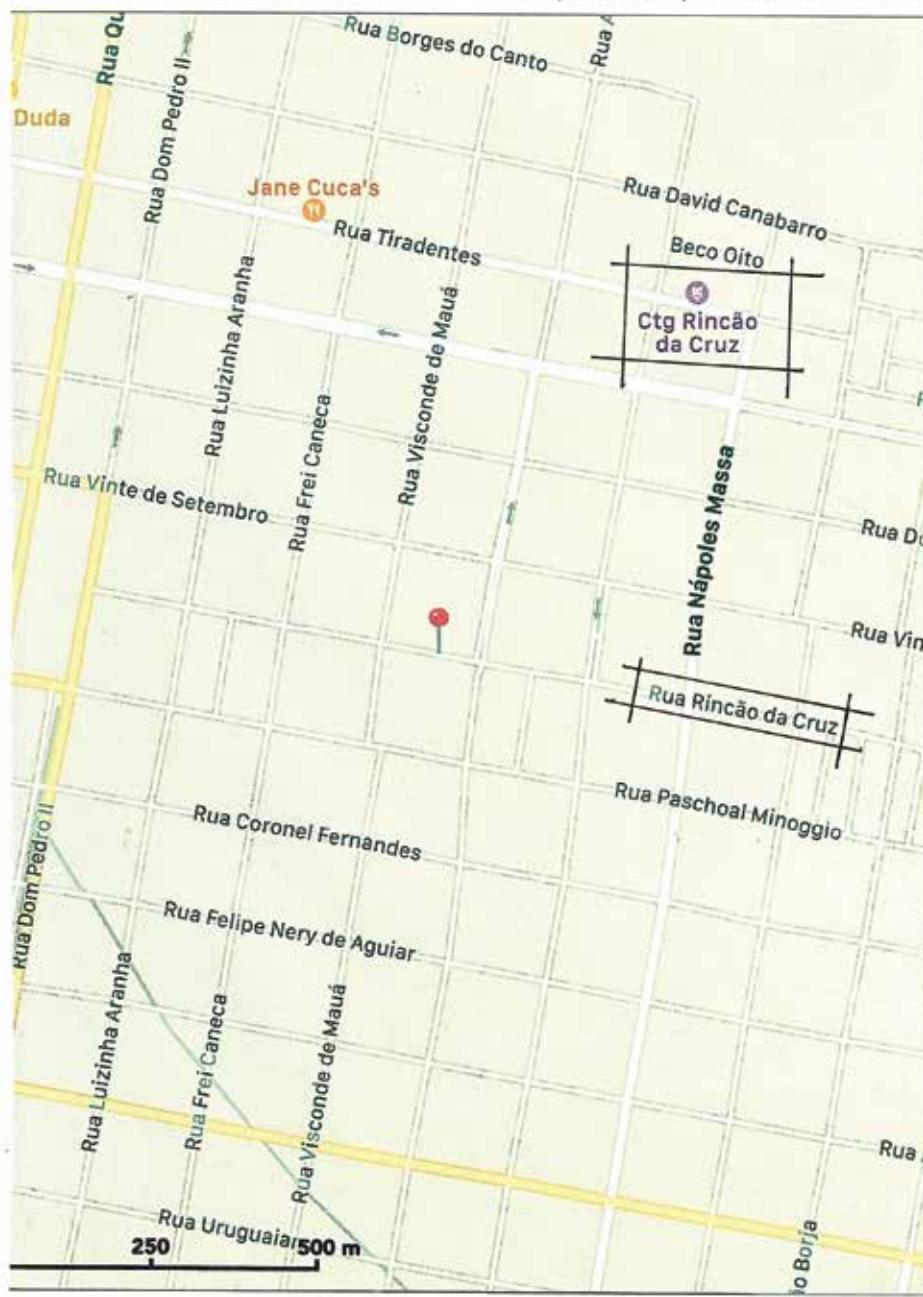
Isidore trabalhava no comércio de lã, peles, couros e carne seca, produtos derivados do pastoreio, principal atividade econômica da região e ligada à formação do Rio Grande. Toda a produção de seu comércio era exportada para a Europa, destinada às firmas conhecidas de sua família ou ligadas aos seus negócios anteriores. Os produtos eram embarcados em Uruguaiana, direto aos seus destinos, através do porto de Buenos Aires.

Rincão da Cruz, como lembrava Dinorah, era um lugar ermo e solitário, na margem do rio Uruguai, próximo a Itaqui, "...um descampado no pampa gaúcho...", com poucos recursos, mas muito ativo no ramo de negócio em que Isidore tinha decidido atuar. Itaqui era um povoado que tinha sido promovido a cidade há apenas 22 anos. No entorno, haviam diversas estâncias produtoras que representavam núcleos econômicos de importância capital na região. Isidore estava sempre viajando, em contato com os fornecedores e curtidores de couros e peles. Com o tempo e a ampliação dos negócios, Isidore construiu no sítio, um grande galpão/depósito onde armazenava seus materiais e os preparava para o embarque via Buenos Aires.

Os Mendel mantinham também uma residência no centro da cidade de Uruguaiana, a 80 km do Rincão da Cruz, para onde iam quando necessário e lá estabeleceram um bom relacionamento com a vizinhança e com as crianças, o que proporcionava maior alegria aos filhos quando passavam ali uma temporada. Com isso as famílias vizinhas se aproximavam. Entre elas se encontrava a de um padre, também francês, o cônego Jean Pierre Gay, vigário de uma paróquia local, muito ativo e conhecido na comunidade. O cônego tinha oito filhos que se entrosavam muito bem com os sete dos Mendel. Era uma festa cada vilegiatura em Uruguaiana. Mas o trabalho de Isidore exigia que eles vivessem mais tempo no Rincão da Cruz do que na cidade, apesar da precariedade do lugar.

3. DONATO, Hernani

perto de Itaqui — Rio Grande do Sul



Em 1882, Isidore e sua família, já estavam aclimatados no Rincão da Cruz, quando um grupo de ciganos acampou muito perto do seu sítio. Os trajes estranhos, a montagem das barracas e a arrumação de suas coisas, chamou a atenção dos moradores locais, especialmente a das crianças que nunca tinham visto nada igual. Nos dias seguintes, os ciganos já andavam pela vizinhança comprando cobre, oferecendo trabalhos de caldeiraria, vendendo e comprando objetos e cavalos velhos, alguns possivelmente roubados. As mulheres liam a sorte e benziam doentes, estendendo sua atividade até Itaqui, São Borja e à vizinha argentina Alvear, na outra margem do rio Uruguai.

E assim ficaram por algumas semanas, sem se importar com a criançada que não se afastava do grupo. Também não entraram em contato com nenhum morador em torno. Depois de esgotadas suas vendas e sua atividade na região, os ciganos levaram alguns dias desmontando seu acampamento para partir a procura de outras bandas. Após carregarem suas carretas, deixaram rapidamente o local sem se saber para onde iam. Ao passar do dia, a criançada ocupou o sítio de morada dos ciganos, com suas brincadeiras, muitas delas imitando os retirantes com suas roupas e objetos. Nenhum deles deu pela falta de Maxime, o filho mais jovem de Isidore e Pauline. Quando perceberam que o filho não estava ao lado dos irmãos nem no grupo dos pequenos, os pais e os vizinhos, apreensivos, vasculharam todos os cantos do Rincão da Cruz, acreditando que Maxime estivesse escondido ou mesmo perdido pelas redondezas. Com o tempo passando, chegaram a acreditar que ele poderia ter caído no rio Uruguai. Só então, suspeitaram dos ciganos que já deviam estar longe. Segundo antigas lendas, ciganos raptavam crianças para serem vendidas mais tarde em outras paragens. Essa suspeita abalou toda a comunidade envolvida na procura do menino. Nos dias seguintes à tragédia, não foi mais possível encontrar Maxime, apesar da força policial da região ter sido acionada. Desesperançada, após algum tempo sem qualquer notícia de Maxime, toda a família

PÁGINA AO LADO - Planta baixa atual do centro de Itaqui, Rio Grande do Sul, com a rua Rincão da Cruz, onde na década de 1880, Isidore comprou um sítio e fixou residência com a família. Ele negociava produtos da região como couros, peles, charque e outros para exportação para a França, via Buenos Aires.

Mendel se abateu profundamente com o desaparecimento do menino, então com seis anos.

A mãe, Pauline, não suportou a comoção pela perda do filho. Sempre muito abalada, passou a apresentar comprometimentos de ordem psicológica incompatíveis com sua vida no dia a dia. Esse transtorno foi se agravando com o passar do tempo, ficando ela sem condições de assumir a provisão de sua casa, a guarda e assistência a seus filhos. Isidore, transtornado e às voltas com seu trabalho, que o obrigava a se afastar do Rincão da Cruz, sem alternativa, decidiu entregar os filhos menores a seus padrinhos, um antigo hábito social comum no interior, e os maiores, às pessoas conhecidas de sua confiança.

Foi assim que Caroline, a filha mais velha, se aproximou do Cônego Jean Pierre Gay e de sua família em Uruguaiana. Os outros filhos tiveram destinos semelhantes. Fanny, a segunda filha, ficou com o Gen. Mena Barreto até seu casamento com Giovani Picci, italiano, alfaiate em Assunção, Paraguai. Ela, sem filhos, retornou à família no Brasil quando enviuvou. Conheci tia Fanny no final da década de 1950, na casa de Dinorah. Bem idosa, encarquilhada, mas sorridente e falante querendo saber sobre nossa família, sempre com um forte sotaque francês. Anita, a terceira filha, foi recebida na casa de outra família conhecida e mais tarde se casou com o topógrafo Jean Vachias, de Clemont Ferrand, que trabalhava em empresa ferroviária francesa na região. Jean Vachias, depois de seu casamento, tornou-se hoteleiro em Uruguaiana. Anita e Jean deixaram descendência. Não se tem notícia da família que recebeu Isidore, o quarto filho, mas sabe-se que ele se tornou um relojoeiro em Itaqui, RS. Valentine e Nathan, os outros filhos do casal, ainda muito pequenos, retornaram à Argentina.

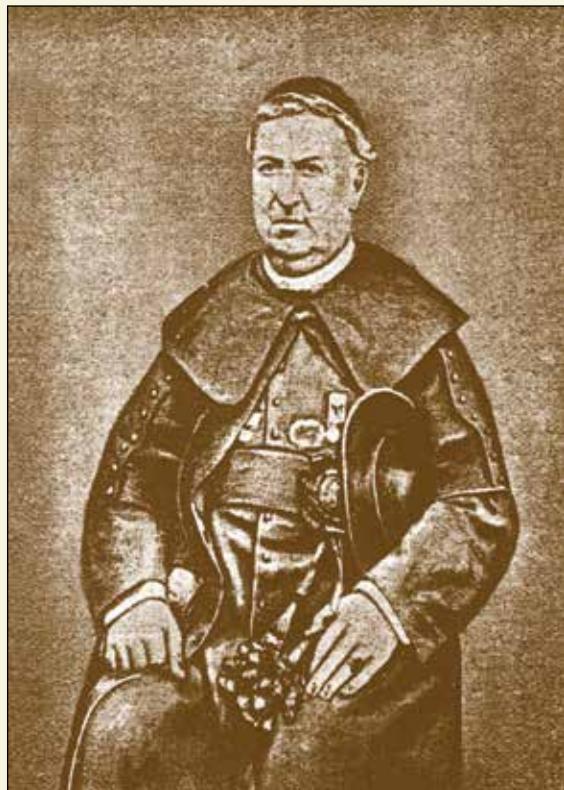
De Maxime, nenhuma notícia mais. Ficou sempre a dúvida sobre seu destino e sobre a participação dos ciganos no desaparecimento do menino. Este nunca foi confirmado porque eles não foram mais encontrados, apesar das buscas feitas nas cidades e povoações vizinhas. Havia entre a gente gaúcha, essa lenda de que ciganos roubavam crianças para vender depois. Mito ou não, ficou em aberto o desaparecimento de Maxime e a desolação pelo desmantelo inesperado e violento dos sete filhos da família Mendel que seguia em harmo-

nia seu curso de vida, iniciado no abatimento da Guerra Franco-Prussiana de 1870, continuado em Buenos Aires e finalizado tragicamente no sotipado e incógnito Rincão da Cruz.

1.4 - Caroline Mendel com o cônego Jean Pierre Gay – Uruguaiana, RS – 1885-1890

Caroline Mendel tinha 18 anos quando, em 1885, foi recebida na residência do seu conterrâneo, cônego Jean Pierre Gay. Era uma bela jovem, no vigor de sua juventude, expansiva, com vivência em três países, mas, marcada pelas amargas lembranças dos últimos meses no Rincão da Cruz. Pelo relacionamento anterior entre as famílias Mendel e Gay, pode-se concluir que Caroline não estivesse ali como servicial e sim como mais uma pessoa da casa. Passados os anos,

Cônego Jean Pierre Gay, vigário colado por concurso nacional no Rio de Janeiro, foi titular de paróquias em São Borja e Uruguaiana por mais de 40 anos. Ilustre intelectual, historiador, antropólogo e ativista, autor de obras de referência sobre as missões jesuíticas do Sul e sobre as campanhas da Guerra do Paraguai na região. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pai de sete filhos, recebeu Caroline Mendel em sua família como filha, sendo ela nora poucos anos depois.



ela sempre se lembrava do acolhimento afável que o cônego, sua companheira Carolina Laramendi e seus filhos lhe dispensaram na chegada à casa dos Gay.

O cônego Gay vivia uma vida tríplice, primeira, como vigário colado em São Borja e depois em Uruguaiana, aprovado que tinha sido com distinção, em concurso no Rio de Janeiro. Segunda, como reconhecido intelectual de renome nacional, antropólogo e historiador, com livros publicados sobre as tradições da região e membro ativo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Finalmente, o cônego mantinha sua mulher e seus oito filhos, muito bem assistidos. Contam as histórias de família, que ele conseguia separar suas três vidas, uma das outras, e se desempenhar com muito acerto em todas elas.

Para que se possa ajuizar a existência seráfica do cônego Jean Pierre Gay, é necessário focalizar a moral dos clérigos no correr dos anos oitocentos. Ao sacerdócio era exigido “pureza de sangue”, isto é, ser branco, filho legítimo, patrimônio mínimo e bons costumes. Nas sociedades do Império, a carreira sacerdotal era exercida com muito prestígio e recursos, proporcionado pelo recebimento de côngruas e emolumentos da condição padre-funcionário público no Regime do Padroado⁴. Vigários colados eram responsáveis pela escrituração de nascimentos, casamentos, mortes e outras exigências cartoriais. Era um serviço burocrático de vulto que hoje cabe aos cartórios setoriais.

Como a sociedade era dividida em grupos com status próprios, os sacerdotes não escapavam das regras daquela sociedade. E então, era comum a eles, aliar o celibato ao concubinato, socialmente aceito embora considerado transgressão, até que os envolvidos causassem algum transtorno na comunidade com seus atos, ou negligência com as obrigações sacerdotais.

Mas os clérigos não deixavam de cumprir com zelo seus deveres pastorais e nem mesmo escandalizavam seus paroquianos. Adília Gay Teixeira e sua irmã Maria Jesuína Gay, netas do Cônego, em reunião na residência petropolitana de Maria Luiza, Malú, filha de Orameda e Aracy, trineta do Cônego, contaram-

4. No Regime do Padroado, o sacerdote aprovado em concurso nacional assumia uma paróquia e era encarregado da escrituração, hoje cartorial, dos eventos, nascimentos, casamentos, falecimentos e outros, ocorridos na sua região. Era funcionário do Império e recebia salário, denominado côngrua e emolumentos pelo exercício de sua função. Era um serviço burocrático de vulto que hoje cabe aos cartórios setoriais.

-me que o padre Gay, em certo momento de sua vida, sofreu contestação de um grupo de padres locais, que relataram ao Vaticano sua condição. Antes de ser citado, padre Gay foi à Roma, via Buenos Aires, onde permaneceu por três meses. Foi padre e voltou cônego. Essa revelação familiar me foi feita em 1989.

A extensa família Gay no Rio Grande do Sul e em boa parte do Brasil, com presença destacada na educação, nas forças armadas, na política e nas profissões liberais, é toda descendente dos oito filhos do cônego Jean Pierre Gay e Laramendi.

Caroline, entre os Gay, com o tempo, foi se recuperando da separação de sua família enquanto as visitas ao pai, no Rincão da Cruz, iam se reduzindo pelas dificuldades da ocasião. Frequentava ela a escola dos filhos do casal Gay e tinha seus encargos na casa, assim como todos os outros. Encargos esses sempre mais leves do que os de antes, no Rincão. Com os dias passando, as lembranças amargas do Rincão da Cruz foram ficando para trás, pois a vida em Uruguaiana era muito social e festiva, mais risonha, enfim, do que a do interior onde vivia.

Carolina Laramendi ou, Carolina Ferreira Laramendi, companheira do cônego, era paraguaia, mas, diziam, descendente de irlandeses. Não se sabe se era a mãe dos oito filhos do cônego, mas assistia com cuidado e afeição a todos eles. Fernando Noel Gay, terceiro filho do casal, tinha 20 anos quando Caroline se acercou dos Gay, vindo dos Mendel. Sentindo que ela não era uma irmã como as outras, Fernando começou a ficar perturbado com sua atraente presença diária na casa. Naturalmente, passou a se aproximar dela e, com o correr dos meses, sendo correspondido, essa aproximação afetiva ficou mais animada e Caroline engravidou.

Pode-se imaginar, na época, o alvoroço e o transtorno que essa gravidez tenha causado à família, considerando os 18 anos de Caroline sob a guarda do cônego Gay, personalidade muito respeitada na cidade e conhecida pela fidelidade pastoral, atividade cultural e participação na vida pública. E, de outro lado, uma situação familiar muito delicada, mas decidida exemplarmente por ele. Jean Pierre Gay chamou o filho à responsabilidade, mesmo não completamente entendida e nem aceita por Fernando Noel. Essa situação vacilante se

prolongou por toda a gravidez de Caroline e embaraçava a relação pai-filho, assistida de longe pela mãe, naturalmente do lado do filho.

Dinorah nasceu em 1888, de um parto muito bem sucedido, assistido pelo cônego, mas recebido com reservas por Fernando e, solidariamente, pela avó Laramendi. A menina foi batizada e registrada na matriz de Uruguaiana, como Dinorah Mendel Gay, filha de Fernando Gay e Caroline Mendel, “a francesa”, conforme consta na certidão de batismo.

Fernando Noel, na juventude dos seus 22 anos, confrontava desde o nascimento de Dinorah, a disposição firme do cônego Gay, para que assumisse sua responsabilidade paterna. E contava com a cumplicidade da mãe, sempre apoiando o filho e agora, repelindo Caroline e Dinorah.

Alguns anos depois, já envolvido profissionalmente no comércio de cereais no entorno de Uruguaiana, Fernando, aceitando um convite para se estabelecer no ramo, decidiu se fixar em Cruz Alta, cidade distante mais de 500 km de Uruguaiana. Aceitou e, como era de se esperar, deixou Caroline e Dinorah com seus pais. E, não voltou mais à Uruguaiana, constituindo outra família na cidade.

A súbita partida de Fernando Noel mudou radicalmente a convivência de Caroline e Dinorah na casa dos Gay. Laramendi, ressentida com o afastamento de Fernando, passou a hostilizar Caroline como sendo a causadora do desenlace do filho. Cônego Gay não participava desse questionável procedimento. Alguns dos irmãos de Fernando, talvez influenciados pela mãe, passaram a considerar Caroline como presença indesejável na família, protestando e reclamando por qualquer irrelevante motivo. Caroline foi sentindo que não tinha mais espaço para viver entre os Gay.

1.5 – Rincão da Cruz, RS – 1890-96. Caroline no Rincão da Cruz e a Revolução Federalista

Em 1890, depois de dois anos convivendo nesse ambiente de malquerença, Caroline sentiu que teria que encontrar outro caminho a seguir. Não havia

muitas opções. Isidore, seu pai, continuava seu trabalho no sítio do Rincão da Cruz e conhecia de perto a situação delicada da filha na família do cônego. Sugeriu, então, que ela viesse para o Rincão da Cruz com a neta, onde poderia ajudá-lo no atendimento de seu negócio. Caroline, 22 anos e Dinorah quatro, se mudaram para o sítio do pai.

Caroline fazia o serviço de casa, inclusive servindo refeições e churrascas-das para os fornecedores de Isidore, quando em visitas de negócios. Era um trabalho duro, diário, bem diferente do que fazia na casa dos Gay, a pedido de Laramendi. Mais tranquila, Dinorah estava distante das insinuações e contestações com que era obrigada a conviver em Uruguaiana. Pelo menos, até que as divergências políticas nacionais atingissem o Rincão da Cruz.

Em 1889, o Império do Brasil, deixou de existir com a inesperada Proclamação da República, promovida por militares e políticos descontentes com o rumo dos acontecimentos nos últimos anos. Uma minoria promoveu a mudança no mando nacional. José Murilo de Carvalho lembrou que o povo na cidade do Rio de Janeiro, “assistiu bestializado à Proclamação da República”.⁵ Passado o entusiasmo inicial, no campo das ideias, nem mesmo a elite que promoveu o movimento conseguia chegar a um acordo sobre qual deveria ser o relacionamento do cidadão com o Estado, agora no sistema liberal. Floriano Peixoto dispôs-se, a qualquer preço, a governar de 1891 a 1893, quando terminaria seu quatriênio. E combateu com mão de ferro os oposicionistas. Esse desacerto sobre a prática republicana na capital teve sérias consequências no Rio Grande e chegou até a fronteira, no Rincão da Cruz.

A luta pelo poder gaúcho encobria divergências entre proprietários de terras e colocou frente a frente as duas maiores facções políticas das oligarquias locais. Os Pica-paus, republicanos históricos, centralizadores, agrupados em torno de Júlio de Castilhos, apoiavam Floriano. Os Maragatos, do Partido Federalista Brasileiro, chefiados por Silveira Martins, eram parlamentaristas contra Floriano e queriam uma reforma na Constituição. Os desacertos entre Maragatos e Pica-paus resultou, em 1893, na dolorosa Revolução Federalista

5. CARVALHO, José Murilo

do Rio Grande do Sul, considerada a mais sangrenta guerra civil brasileira, com passagens acontecidas entre Uruguaiana e São Borja, descritas a seguir.⁶

O morticínio, o saque e o abigeato, eis os frutos da Revolução. Os domicílios são arrasados e incendiados após o saque; as plantações destruídas e o gado posto em fuga pelos campos fora. Também objetos de valor em suas correrias são roubados ou destruídos quando não podem ser levados.

... as casas são assaltadas em plena luz do dia por troços de vândalos que saciam seus ferozes instintos imolando torpemente à sua concupiscência inocentes donzelas e respeitáveis matronas.

... achando-se uma jovem senhora de nome Amélia, filha de Antero Jardim e casada com Libindo Martins, pacificamente ocupada em labores domésticos na cozinha de sua casa, foi surpreendida por um mascarado que tentou, violentamente, arrastá-la para a mata do Rio Negro.

... há de haver 15 dias, uma filha da viúva Patrona regressando do arroio onde estivera lavando foi também agredida por um homem. A valente moça defendeu-se com uma vara e aos gritos foi acudida por sua mãe.

Essa instabilidade política marcava muito a vida naquela região fronteiriça. Desde 1816, na Guerra contra Artigas, o Rincão da Cruz esteve envolvido em cruentos conflitos armados. Na Guerra Cisplatina, de 1828, Frutuoso Rivera invadiu São Borja. Houve resistência no Rincão da Cruz, com 40 mortos.⁷ Em 1841, na Guerra dos Farrapos, o Cel. Santos Loureiro, governista, foi feito prisioneiro com seus 100 soldados. Na Revolução Federalista, em torno do Rincão da Cruz, houve conflitos em Itaqui, São Borja, São Gabriel e Santo Ângelo.⁸ Todo o Estado foi envolvido na Revolta Federalista e as tropas dos

6. MOURA, Euclides B. de

7. DONATO, p. 404, 441

8. DONATO, H.

Maragatos e Pica-paus passavam pelo Rincão da Cruz, muitas vezes acampanhando nas proximidades, assustando Isidore por causa de Caroline, ainda muito jovem e Dinorah, menina. Apreensivo, ele mandava as duas para o sótão do depósito, de onde só saiam quando não havia mais tropas por perto. Dinorah nunca se esqueceu dos longos dias no sótão e se recordava com detalhes da apreensão, quando passava escondida em completo desconforto, mal alimentada, no escuro, sem banheiro, muitas vezes ouvindo os gritos da tropa durante o dia e, principalmente, à noite, quando eles pareciam comemorar algum acontecimento. Às vezes, elas ali ficavam por semanas, em silêncio, sem nada a fazer, esperando a retirada das tropas.

1.6 - Os Mendel-Gay e o Pe. Fernando Gigante - Uruguaiana, RS - 1896-1898

Tempo passado no Rincão da Cruz e a Revolução Federalista já sufocada pelo governo Floriano Peixoto, Dinorah se aproximando dos 10 anos, Caroline, ainda marcada pela cultura francesa de sua formação, sentiu falta de um colégio e companhia mais adequada para sua filha, inexistentes em torno do Rincão da Cruz.

Soube ela, em 1896, por conhecidos, que em Uruguaiana, uma família italiana vizinha do cônego Gay precisava de uma preceptor para seus dois filhos, já saídos da primeira infância. Foi, então, feito um contato com o Sr. Francesco Gigante, conhecido como Chichi, comerciante local e sua mulher Luiza, pais das crianças. Como marido e mulher estavam sempre muito envolvidos com o movimento dos negócios da família, a preceptor se encarregaria da assistência à educação dos meninos. Caroline, 29 anos, moldada pela vivência francesa, fina e bem educada, impressionou Chichi e Luiza, pois atendia à expectativa do casal, conforme Dinorah sempre se lembrava. Apresentada e bem recebida pelos dois filhos do casal, ficou acertado que assumiria o cargo. Como elas moravam muito distantes de Uruguaiana, mãe e filha passariam a morar com a família Gigante. Assim, Caroline e Dinorah retornaram à Uruguaiana, um ambiente melhor para Dinorah, longe das apreensões vividas no sótão do galpão no Rincão da Cruz.

Chichi e Luiza moravam em uma bela casa em companhia de seu tio, padre Gigante. Fernando Gigante, 58 anos, era pároco na diocese de Uruguaiana. Padre Gigante estava no Brasil desde 1877, quando chegou com outros padres italianos para suprir a necessidade de religiosos no sul do Brasil. Seu primeiro contato, em terras brasileiras, foi no Estreito, depois Piratini em 1882 e outras paróquias na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Por todas as dioceses por onde passou, padre Gigante sempre foi reconhecido pelo seu zelo espiritual, pelo convívio ativo e consideração com a comunidade. Já bem adaptado às coisas do Brasil, tinha mandado vir da Itália seu sobrinho Chichi e Luiza, recém-casados, para viverem em sua companhia, deixando a Itália. Envolvida há anos nas sangrentas lutas internas para sua unificação política e pelas questões territoriais com a Igreja Católica em torno do Vaticano, viver na Itália tinha se tornado muito difícil e arriscado. Oriundo de família com recursos na Itália, Padre Gigante montou um negócio de ferragens para seu sobrinho em Uruguaiana, bem administrado em conjunto pelo casal de sobrinhos e com boa aceitação no mercado. Como o casal ficava muito tempo afastado de casa e queria para os filhos uma educação qualificada, por isso optaram por uma preceptor a com consistente experiência de vida. Daí a contratação de Caroline.

Caroline e Dinorah foram muito bem acolhidas pela família Gigante, participando de suas relações sociais e da assistência que o padre prestava à sua paróquia. Com muito bom êxito no seu trabalho, Caroline vinha atendendo às expectativas de Chichi e Luiza quanto às necessidades de seus filhos. E Dinorah pôde frequentar um bom colégio e dispor de um ambiente que a preparasse para a vida. Mãe e filha passaram a fazer parte da família do padre Gigante.

1.7 - Transferência do Pe. Fernando Gigante para Porto Alegre, RS – 1898-1899

Tendo mudado tantas vezes de dioceses desde sua chegada ao Brasil, não foi com surpresa que Pe. Gigante, em 1898, recebeu a notícia de sua trans-

ferência para Antonina, no Paraná, devendo antes, temporariamente, passar alguns meses em Porto Alegre para cobrir a vacância do vigário titular na tradicional Igreja Nossa Senhora das Dores, no início da Rua da Praia, centro da cidade.

A viagem entre Porto Alegre e Uruguaiana, na época, era feita a cavalo ou em diligência, a uma velocidade de 10-15 km/h, com paradas regulares a cada duas ou três horas para a substituição dos animais. E outras tantas para alimentação e pernoites. Os 650 km do percurso entre as duas cidades eram percorridos normalmente em seis dias.⁹

Em meados de 1898, padre Gigante e sua família, Chichi, Luiza, dois filhos, agora acrescida de Caroline e Dinorah e das inseparáveis criadas gaúchas Emilia Velha, Sunça e Mulata, já estavam na capital do Estado, hospedados nos domínios da Igreja das Dores, junto ao rio Guaíba. Em poucos dias, ele iria assumir seu cargo de vigário substituto daquela igreja, uma das mais prestigiadas na diocese de Porto Alegre.

Há muito tempo, padre Gigante vinha preparando Dinorah espiritualmente para sua primeira comunhão. Conversas, orações, estudo, leituras, participação nas tarefas da igreja, tudo para que Dinorah compreendesse o significado de seu primeiro encontro com a Divindade. Caroline preparou seu vestido branco, véu sobre a cabeça e vela com rendas e fitas nas mãos, conforme o costume da época. No dia da comunhão, em companhia de outros meninos e meninas, houve uma grande festa com a presença de pais e familiares na igreja toda enfeitada com flores.

Mais de sessenta anos depois, Gilberto levou sua mãe à Porto Alegre para rever a Igreja das Dores. Foi uma viagem evocativa comemorando os 70 anos de Dinorah. Ela tinha ainda muito viva a lembrança da escadaria da igreja e da sua primeira comunhão que foi revivida com emoção, mesmo com a modernização e ampliação do templo. Com alguma tristeza ela, saudosa, observou, segundo Gilberto, “Era menor, mas eu gostava mais!” E na rua da Praia, agora irreconhecível, ela recontou sua chegada e partida

9. REVERT, Henry Klumb

de Porto Alegre, comentou as modernizações na sua Igreja das Dores e na sua rua da Praia, diferenças aceitas com alguma reserva. Ficou o encanto da volta ao passado distante, na companhia de seu filho Gilberto.

Como previsto, no início de 1899, padre Gigante e toda a família, já estavam de malas prontas a caminho de Antonina, para uma viagem “...de vapor...”, como Dinorah contava, o meio de transporte mais requisitado na época.

1.8 – Transferência do Pe. Fernando Gigante para Antonina, PR – 1899-1903

Antonina e Castro são as cidades mais antigas do Paraná, uma vez que Curitiba e Paranaguá foram criações das autoridades paulistas, quando o Paraná foi desmembrado de São Paulo, em 1853. Antonina é cidade litorânea a 90km de Curitiba e separada da capital por um desnível de mais de 1000m de altura. Em 1885, esse isolamento entre as duas cidades foi vencido, com assombro, pelos trilhos de André Rebouças. Histórica povoação do Paraná, com calçamento e ruínas originais, foi fundada há quase 400 anos sobre uma aldeia de índios carijós. Vinte mil habitantes vivem hoje, em Antonina, ainda como seus ancestrais, da pesca, agricultura e mineração.



Antonina, Paraná, 1872. Lugar onde morou Dinorah e onde ela dizia que havia vivido os melhores anos da sua vida, levando para sempre as emoções e as lembranças das amigas, do colégio, das festinhas e dos bailes da cidade. (Aquarela de Willian Lloyd)

Padre Gigante assumiu em 1899, como vigário encomendado, a Igreja Nossa Senhora do Pilar, matriz de Antonina, com atividade religiosa também em cidades vizinhas como Morretes e Alexandra, onde celebrava liturgias, como nos informa Claus Luiz Berg¹⁰, de Antonina, historiador e membro do Instituto Histórico do Paraná.

O primeiro contato dos novos antoninenses com a gente da cidade pode não ter sido muito natural e espontâneo como é comum em pequenas comunidades. Mas aos poucos, como participantes da família de um padre prestigioso e influente, eles foram logo aceitos na sociedade e passaram a conviverativamente o cotidiano da vida local.

A família do padre Gigante viveu em Antonina a virada do século XIX para o século XX. O ambiente de um fim de século sempre leva à reflexão sobre as realizações dos cem anos precedentes. No ano 1899, havia muito a comemorar com a expansão e o nivelamento do conhecimento promovido pela industrialização da mídia, jornais, folhetins, revistas e a integração ocorrida entre a ciência e a tecnologia, mudando substancialmente a humanização da vida, primeiro na Europa e, a seguir, em todo o planeta. Avanços científicos como a descrição da estrutura da matéria e a realidade da energia. Esta última passou a ser disponível para múltiplas máquinas. A eletricidade veio iluminar a vida. E, em 1879, nascia Albert Einstein, que assistiu à virada do século com 21 anos, preparando-se para anunciar sua monumental alternativa científica que mudou o conhecimento da natureza. Padre Gigante, sempre a par do que vinha acontecendo, deve ter acompanhado de perto essas inovações que, um dia, chegariam até eles.

Dinorah nunca mais esqueceu sua passagem por Antonina. Ela a tinha como a mais feliz de sua vida, deixando para trás os apuros na casa do cônego Gay, as aflições no sótão do depósito do Rincão da Cruz e a adaptação de sua nova vida com a família Gigante. Em Antonina, tudo era muito diferente, a bela casa onde moravam e a harmonia dos familiares do Pe. Gigante, a sim-

10. BERG, Claus Luiz

patia e a alegria dos vizinhos, o Grupo Escolar dr. Brazílio Machado onde ela foi muito bem recebida, sempre com ótimos resultados nos estudos. E, especialmente, as amigas, as inesquecíveis festas da igreja, os festejos da padroeira Nossa Senhora do Pilar, quando após as novenas, havia danças nas casas dos noveneiros e procissão no encerramento da festa. E também os bailes no Clube 14 de Julho, que ela frequentava no vigor e na alegria dos seus 16 anos, sempre animados com convidados de Morretes, Paranaguá e até da longínqua Curitiba.¹¹ E Dinorah concluía “...era muita a alegria e as pessoas se contentavam com pouco, ao contrário dos tempos de hoje quando parece que ninguém se satisfaz com o que tem”.

Essas lembranças nunca se apagaram da memória de Dinorah. Essa alegria de viver teve reflexos no seu desempenho escolar. Sua atenção aos estudos foi observada pelos professores que passaram a acompanhar de perto seu comportamento, recebendo ela um eloquente elogio escolar, publicado no Capelista, conceituado jornal da cidade.¹² Dizia a nota, assinada por professores do Grupo Escolar:

“Os abaixo assinados, examinando Dona Dinorah, é com grande júbilo que lhe dão os parabéns pelas provas brilhantes que exibiu nas matérias em que a arguiram, revelando nelas a lucidez de sua inteligência e acurada aplicação. Portanto, resolvem fazer a seguinte classificação nas diversas disciplinas sobre que versou a arguição: Prendas Domésticas: Optimos trabalhos. Português: Distinção. Aritmética: Distinção. Desenho Linear: Distinção. Geografia: Distinção. E História do Brasil: Plenamente. Antonina, 10 de outubro de 1901. Lauro Loyola e Dr. Joaquim Dias da Rocha.”

11. BERG, Claus Luiz

12. BERG, Claus Luiz

O desempenho escolar de Dinorah no Grupo Escolar Dr. Brazílio Machado, em Antonina, chamou a atenção dos professores de seu colégio, que tornaram pública a arguição final a que ela foi submetida, publicando os termos finais da avaliação em jornal da cidade.

Mas a animação de Dinorah, em Antonina, estava comprometida. Mais uma vez, Pe. Gigante foi movimentado por seus superiores para outra região, onde sua vocação amadurecida estava sendo exigida nas lides espirituais. Seu novo destino era agora uma diocese recém criada em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais.

Pe. Gigante deixou sua paróquia em 1903. Dinorah resistiu e foi com muita tristeza que abandonou Antonina, acompanhando toda a família a caminho do porto de Paranaguá para o embarque, levando suas lembranças que ficariam com ela por toda a vida.

Essas recordações foram passadas em verso que Dinorah sempre cantarolava valendo ainda a memória gauchesca de sua adolescência. Os versos, lembrados por seu neto Cláudio José e musicados em compasso de valsa pelo bisneto músico Pedro Queiroz Valverde, têm sua partitura mostrada na iconografia do final do capítulo.



SAUDADES DE ANTONINA

Dinorah Mendel Gay Azevedo

*Vida solita demais
Com minha mãe viajei,
Coché, barco e trem
Do pampa às Minas Gerais*

*E uma paisagem linda
Montanhas, cidade e mar,
Com o novo século a raiar,
Me disse, guria, seja bem-vinda*

*Ó gentil Antonina
Onde eu fui tão feliz
Na escola, na igreja, na praça,
Nas amizades que fiz*

*Ó bela Antonina
Eu conheci a alegria
Em suas festas, bailes, saraus,
Na vida de cada dia*

*Em Pouso Alegre, agora,
Minha família eu formei
E na casa, com os filhos e netos, bem sei
Essa singela valsa também mora*

*Ó Antonina saudosa
Hoje tão longe de mim
As canções desse tempo tão bom
Ecoam p'ra sempre em meu bandolim.*

Para o novo destino, Pouso Alegre, MG, 1903, a família embarcou no navio D. Pedro II, «...um vapor do Loyde, muito chic...», lembrava Dinorah.

1.9 - Transferência do Pe. Fernando Gigante para Pouso Alegre, MG – 1903

Pe. Fernando Gigante, embarcado em 1903, no navio D. Pedro II com seus familiares e as acompanhantes, navegaram até Santos, SP, subiram serra acima e, de São Paulo, seguiram para Pouso Alegre pela nova ferrovia que ligava o Sul de Minas ao restante do país.

Pe. Fernando Gigante era esperado na Diocese de Pouso Alegre e foi muito bem recebido pelo bispo Dom João Batista Corrêa Nery e Monsenhor José Paulino, vigário geral. Ele deveria assumir uma paróquia e atender a outros encargos administrativos na Diocese criada no ano anterior e ainda em implantação.¹³ Dom Nery, seu primeiro bispo, estava organizando sua diocese e agora poderia contar com a valiosa experiência de um padre italiano com mais de 20 anos de vivência no Brasil, destacado pregador e profundo conhecedor dos trabalhos paroquianos.

Dom Nery tinha criado escolas, ampliou o seminário existente, trouxe as Irmãs da Visitação para um colégio de meninas, editou um jornal religioso e assumiu 36 paróquias na sua área. Considerando que Pe. Gigante já vivia o quarto final da sua existência e, nesta fase, já estava meio debilitado por tanto empenho e esforço já realizados, ainda assim participou com ânimo dessas iniciativas e teria pela frente um respeitável desafio ao assumir os encargos de uma diocese ainda em implantação.¹⁴

Bem acomodados em Pouso Alegre, depois de tantas andanças, mudanças e muita espera, os Gigante e os Mendel-Gay tiveram de se adaptar aos hábitos locais, bem diferentes dos que tinham vivido anteriormente. Pe. Gigante na sua paróquia, Dinorah, 16 anos, no colégio, Caroline seguia tutelando os filhos de Chichi e Luiza, já saídos da adolescência. O casal abriu outra loja de

13. GUIMARÃES, E. G.

14. PERLATO, J.

ferragens na cidade, com os contatos de seus antigos fornecedores do tempo de Uruguaiana.

A família do Pd. Fernando Gigante em Pouso Alegre, de italiana, alemã e francesa, virou mineira e pousoalegrense. E a vida foi mudando e se consolidando para todos eles.



ANEXO AO CAPÍTULO

QUEM ERA O CÔNEGO JEAN PIERRE GAY

Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

Nasceu o cônego Jean Pierre Gay na cidade de Grenoble, França, aos 20 de novembro de 1815. Era filho do agricultor Jean Pierre e de sua esposa Marie Magdelaine Gay. Adotou o sobrenome materno, conforme se vê na sua certidão de batismo. Assinaram o registro os padrinhos Paul Michel e Marie Gay, sua tia, e as testemunhas Mathiène Marc e o Pe. Louis Gay, seu tio.

Existindo sacerdotes na família, quiseram seus genitores continuar, essa tradição e matricularam Jean Pierre no seminário de Gap, onde terminou o curso de Ciências Eclesiásticas ainda muito jovem e, por isso, somente mais tarde, a 6 de junho de 1836, recebeu as ordens menores, e, em junho de 1838, as maiores. Foi ordenado presbítero em julho de 1840, na diocese de Gap e, um ano depois, foi nomeado vigário encomendado, sendo-lhe concedida em agosto faculdade para *Confissiones fidelium: Bendiciendi in propria Parochia; Indulgentiam plenarium in articulo mortis.*¹⁵

Em julho de 1842, teve licença para se transportar à América. Por decreto do governo uruguai, datado de Cerrito de Montevidéu, em 23 de novembro de 1842, foi-lhe concedida permanência e exercício de suas funções sacerdotais, por três anos. Permaneceu aí, entretanto, pouco tempo. Em princípios de 1843, veio para o Rio de Janeiro, seguindo daqui para Santa Catarina e, nessa Província, exerceu as funções de pároco encomendado da freguesia de Santa Ana, na Câmara da Laguna, de 15 de junho de 1843 a 24 de julho de 1844, com “estima de seus paroquianos, pelo grande zelo com que se tem emprega-

15. MAESTRI, Mario

do na direção das almas”, conforme atestado passado pelo padre João Jacinto de São Joaquim, vigário da vara da Comarca de Laguna. Retornou ao Rio de Janeiro, onde passou a exercer suas funções sacerdotais, consagrando-se, ao mesmo tempo, ao magistério particular e ao estudo da medicina no Instituto Homeopático do Brasil, que lhe conferiu a “faculdade de exercer livremente a medicina de Hahnemann no País.”

Em 1847, foi nomeado vigário encomendado da vara da comarca de Alegrete, no Rio Grande do Sul, por três anos. Exerceu essas funções até dezembro de 1848, conforme se vê do atestado passado pela Câmara Municipal daquela Vila, como a seguir, sendo presidente da Câmara Zeferino Coelho Neto e secretário, José Evaristo dos Anjos.

Atesta que o muito digno Reverendo João Pedro Gay, vigário da vara desta vila e Comarca eclesiástica, no desempenho das funções de seu Ministério, tem até hoje digna e satisfatoriamente, com o mais importante zelo, atividade e desinteresse, preenchido as mais tocantes faltas de que se ressentia o povo cristão desta importante parte do império, em consequência do que tem merecido a verdadeira estima e veneração dos habitantes desta vila e município, visto que com todo o esmero e dedicação muito contribui para restabelecer o culto divino com toda sua majestade e se tem empenhado no melhoramento das obras públicas dedicadas ao culto. Finalmente, que a continuação de tão digno pároco no exercício das funções que ora ocupa, deixa crer um futuro de prosperidade dos fiéis que o habitam. Paço da Câmara Municipal da vila de Alegrete, 21 de dezembro de 1848.

Por carta imperial de 6 de julho de 1849 foi naturalizado brasileiro, visto preencher as disposições da Carta de Lei de 23 de dezembro de 1832.

No concurso a que se submeteu no Rio de Janeiro, a 17 de setembro de 1849, para vigário colado na igreja de São Borja, foi aprovado em 1º lugar, com 41 pontos. Em vista desse resultado, foi proposto pelo Bispo D. Manuel Monte

Rodrigues de Araújo, Conde de Irajá, para aquela igreja em 13 de outubro e foi apresentado, por Carta Imperial de 22, ainda desse mês e ano, referendada por Eusébio de Queirós Coutinho Matoso Câmara, então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça.

Concorreu, ainda em 1849, ao concurso para preenchimento da vaga de Cura da Matriz do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé. Fez brilhante prova em que se classificou em 1º lugar. Deixou, entretanto, de ser nomeado, mas, em atenção aos notáveis conhecimentos que revelou, foi distinguido com a murça de Cônego da Capela Imperial.

Jean Pierre Gay seguiu para o Rio Grande do Sul e, a 24 de fevereiro de 1850, foi empossado, em São Borja, em suas funções de vigário colado. Aproveitando seus conhecimentos de medicina e visando aos benefícios para a população pobre de sua paróquia, solicitou e obteve permissão do governo provincial para a abertura de um laboratório homeopático. Atendia aos doentes pobres gratuitamente, dando-lhes, muitas vezes, medicamentos. Esses benefícios granjearam-lhe grande estima da população em geral. Em atenção aos serviços prestados foi, por decreto de 17 de março de 1851, nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Estudioso, culto e inteligente, Gay logo se interessou pelo conhecimento da Região Missionária, sob o aspecto histórico, geográfico, econômico, botânico, etnológico e linguístico e, daí, seus valiosos estudos a esse respeito. No decurso do decênio de 1850, conviveu intimamente, em São Borja, com o sábio botânico francês Aimé Bompland que havia fixado residência na cidade. Bompland era formado em medicina e na velha cidade missionária abriu uma farmácia e clinicava. Em 1850, na qualidade de comandante daquela Região, também residia ali o Coronel Manuel Luís Osório, que mantinha relações íntimas com o sábio e com o sacerdote. Ainda nos últimos anos desse decênio chegou ali, vindo da vila de Taquari, o benemerito professor Felisberto Batista da Costa Junior, patriarca de uma ilustre geração que prestou notáveis serviços ao Brasil. Havia ainda o capitão Joaquim da Silva Lago, educado na Europa, participante de missões diplomáticas no Uruguai e Paraguai e, dessa pléiade de homens ilustres, era íntimo o cônego Gay.¹⁶

16. MAESTRI, Mario

Em 1862, apresentou o cônego Gay ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a *História da República Jesuítica do Paraguai*, que lhe valeu a eleição para sócio dessa benemérita instituição cultural. Foi também eleito para o Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Rio Grande do Sul.

Desde a apreensão do navio Marquês de Olinda e a tomada de Mato Grosso, no final de 1864, vinha a invasão paraguaia por Entre Rios, Corrientes e Rio Grande Sul preocupando seriamente o cônego Gay que relatava seus temores às autoridades militares, ao Presidente da Província e aos jornais. Foi ele testemunha da invasão de São Borja, inclusive com a tomada e destruição de parte de seus bens pelas tropas paraguaias. Foi de alto valor o seu depoimento, relato fiel e minucioso dos acontecimentos.

Depois que Osório expulsou as tropas paraguaias de Uruguaiana, cônego Gay incorporou-se à comitiva imperial que percorria o teatro de guerra, a convite de Pedro II. No momento em que os dois chefes paraguaios, General Estigarríbia, em uniforme sem galões nem brasões e o padre Duarte, verdadeiro cabeça da ofensiva, responsável por atrocidades cometidas, se apresentavam ao Imperador implorando clemência e proteção, o cônego Gay, que o conhecia, exasperou-se e “...o ameaçou violentamente de chicote em punho e uma torrente de injúrias”. Essa cena, diz o conde d’Eu, que a presenciou, “... acabou, devida ao favor que, por sua erudição, o padre Gay gozava junto ao Imperador”¹⁷.

O conde d’Eu, que não mostra simpatia pelo ilustre clérigo, assim se refere a esse assunto:

O pároco de São Borja é francês, homem inteligente, mas me parece um pouco parlador. Sabe igualmente bem o português e o espanhol e envia artigos empolados tanto aos jornais da Província do Rio Grande do Sul como aos do Estado Oriental do Uruguai e das Províncias Argentinas. Parece que a ocupação de São Borja foi o mais belo dia de sua vida. A quem o ouve, parece que só ele tinha, de há muito, adivinhado o plano dos paraguaios e avisado, mas inutilmente, as autoridades.

17. MAESTRI, Mario

Ao cônego Gay foi conferida a medalha comemorativa da rendição de Uruguaiana.

Fazendo parte da comitiva imperial, embarcou a 25 de setembro no vapor 11 de junho, com destino às vilas de Itaqui e São Borja, que o Imperador quis visitar para ver *in loco* os prejuízos sofridos com a invasão paraguaia.

Chegaram os visitantes a Itaqui no mesmo dia e, em 27 de setembro, rumaram para São Borja, onde o Imperador foi saudado pelo cônego Gay, e que depois lhe serviu de cicerone, percorrendo diversos pontos da velha cidade missioneira.

Em 1874, foi conferido ao cônego Gay o oficialato da Imperial Ordem da Rosa.

A 20 de julho deste ano, foi empossado na vigária da cidade de Uruguaiana, que obtivera por concurso e foi assim que transferiu sua residência de São Borja, onde permanecera durante 24 anos.

Em 1880, fez uma viagem à França, levando uma carta de recomendação de D. Pedro II a Ferdinando Diniz, autor de uma *História do Brasil*.

Essa carta, recentemente divulgada pelo proiecto historiador Rodolfo Garcia, foi encontrada no arquivo daquele ilustre francês, em Paris, pelo nosso patrício Afonso Arinos de Melo Franco, também consagrado historiador.

A magnífica campanha abolicionista no Rio Grande do Sul, iniciada praticamente em Porto Alegre, a 29 de agosto de 1869, com a fundação da Sociedade Libertadora, sob a presidência do conde de Porto Alegre – Manuel Marques de Sousa, o terceiro glorioso general desse nome –, foi intensificada no decênio de 1880. Como fruto dessa intensificação foi fundado, na cidade de Uruguaiana, o Clube 20 de Abril, que tinha como finalidade a libertação de escravos.

Faziam parte dessa filantrópica associação o Brigadeiro Francisco Rodrigues Lima, avô da Exma. Sra. Darci Vargas, esposa do eminent Dr. Getúlio Vargas, o Cônego João Pedro Gay, os cidadãos Salatiel S. Paiva, João Rodrigues Viana, José Carvalho, João Adalberto de Oliveira, Antônio D. Pimentel e Eduardo Jaime.

O cônego Gay foi elemento de destaque desse clube e muito influiu para a libertação do elemento servil, pregando, com eloquência e brilho contra a escravidão.

A cidade de Uruguaiana, comemorando a 18 de setembro de 1884 a passagem de mais um aniversário da rendição paraguaia, em 1865, libertou todos os escravos ali existentes.

Em 31 de dezembro, ainda em 1884, foi o município declarado livre, graças aos esforços dos membros do Clube 20 de Abril e à dedicação de ilustres damas da sociedade uruguaianense que, desde o início desse ano, percorriam as ruas da cidade angariando donativos para a libertação dos escravos.

Na noite de 10 de maio de 1891, sofreu o cônego Gay um lamentável acidente, quando foi atingido por um carroção em disparada e Cinco dias depois falecia esse ilustre sacerdote, que foi um grande servidor do Brasil, pelos seus estudos e notável dedicação a tudo o que se relacionava com a Pátria que ele adotou com alma e coração.

Seus despojos mortais foram transladados para Porto Alegre e aí repousaram.

Deixou o cônego Gay os seguintes estudos, além de grande número de artigos em jornais e de mais de duzentos sermões:

i. Itinerário resumido da viagem no rio Uruguai, desde a foz que nele faz o rio Passo Fundo, até o Passo de São Borja, navegando 150 léguas.

ii. Tratado de Teologia Moral. Os originais desse trabalho foram entregues, em 1862, ao bispo do Rio de Janeiro, conde de Irajá. Não foi publicado em consequência da morte do eminente prelado, que mostrara interesse por esse estudo.

iii. *História da República Jesuítica do Paraguai*, desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861. Essa obra foi, em 1862, entregue pelo autor ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e aí teve como relator o ilustre Cônego J. C. Fernandes Pinheiro que, depois de minucioso exame, a considerou “mui merecedora de particular proteção do Instituto”. Esse parecer foi lido nas sessões de 30 de maio e 22 de agosto de 1861. Foi o ilustre pároco de São Borja eleito sócio daquela benemérita instituição.

Em 1881, o cônego Gay traduziu esta *História* para o francês, ampliando-a e corrigindo-a em muitos pontos. Essa tradução não foi publicada.

Em 1942, foi feita, por ordem do eminente Dr. Getúlio Vargas, a 2^a. edição portuguesa, erudita e longamente anotada pelo sabedor de nossa história Dr. Rodolfo Garcia, o ilustre diretor da Biblioteca Nacional.

iii. Invasão Paraguaia na Fronteira Brasileira do Uruguai, desde seu princípio até o fim (de 10 de junho a 18 de setembro de 1865). Publicada primeiramente no *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* e depois pela Tipografia Imperial Constitucional, de J. Villeneuve & Cia., 1867.

iv. *Nouvelle Grammaire de la Langue Guarany et Tupy*. Manuscrito original de 155 páginas mais seis com tábua das matérias, 0,22m x 0,34m. Na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, 1-7, 3, 330.

v. *Manuel de conversation en français, portugais, espagnol et guarany*. Manuscrito original, 200 págs. Na Seção de Manuscrito da Biblioteca Nacional, 1-8, 2, 37.

vi. *Notice sur les derniers années de la vie du naturaliste Mr. Aimé Bompland, sur sa mort, et son heritage scientifique*. Rio de Janeiro, 1861. Inédito no Instituto Histórico. O primeiro que pisou na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul para nela introduzir a civilização e o cristianismo.

vii. *Compêndio de História Natural*. Além dos trabalhos citados, tinha o vigário de São Borja outros em conclusão, que o vandalismo dos invasores inutilizou juntamente com a sua preciosa biblioteca, por ocasião da lamentável depredação feita em sua residência. Foram também inutilizados mais de duzentos sermões do ilustre sacerdote, prontos para serem publicados.

A destruição atingiu também uma coleção de pedras e produtos esquisitos da natureza, alguns dos quais estiveram na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1861, e um pequeno herbário de plantas das Missões que o vigário vinha formando desde 1862.¹⁸

18. IHGB, separata da revista

QUEM ERA O PADRE FERNANDO GIGANTE

Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

As paróquias da Zona Missioneira foram suprimidas, em 1860, para restauração da vigararia geral na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, havendo necessidade da presença de mais sacerdotes na região para preenchimento dos cargos criados. Foi, então, estimulada a vinda de padres italianos para a província. A Itália estava convulsionada pelos constantes confrontos que envolveram toda a península devido a investida na unificação de seus diversos reinos independentes, mas subordinados aos países vizinhos. Em consequência, muitos italianos deixaram o país, religiosos inclusive, procurando melhor alternativa de vida em outras paragens, incluindo o sul do Brasil. Somente para a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, pequena cidade próxima a Pelotas, no Rio Grande de Sul, vieram os padres italianos Estevam Semiglia e Giovani Poccagliatta, de Vintemiglia, Roque Beneventano, de Potenza, Antonio Florio, de Castelabatte, Giovani Perretta, de Acerenza, Vicente Cepaldo, de Bisigiano.¹⁹

A paróquia colativa do Estreito, na margem da Lagoa dos Patos, município de Pelotas, recebeu padre Fernando Gigante em 1877, e ali ele ficou até 1878, conduzindo os trabalhos pastorais na comunidade. Seguiu depois para outras paróquias do município. Em 1882, assumiu os trabalhos na imponente matriz de Nossa Senhora da Conceição de Piratini, passando depois por inúmeras paróquias, uma delas, Pinheiro Machado, entre Bagé e Pelotas até ser designado para Uruguaiana em 1890. Em 1887, quando viajava pela Lagoa dos Patos no vapor Paraná para a pregação em um retiro em Porto Alegre, em companhia do cônego Dr. Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro, filósofo e teólogo, renomado pregador religioso e abolicionista, foi surpreendido por um mal súbito sofrido pelo cônego, que veio a falecer, tendo-lhe ministrado os últimos sacramentos.²⁰ Em 1896, Pe. Gigante era vigário em Uruguaiana quando Caroline e Dinorah Mendel Gay se incorporaram à sua família para participar da educação dos filhos de Francesco e Luiza, sobrinhos do padre. A

19. RUPERT, Arlindo

20. RUPERT, Arlindo

aproximação do padre Fernando Gigante com Pouso Alegre, em 1902, foi feita com passagens anteriores por Porto Alegre e Antonina, tendo sido obrigado a viajar para o Rio de Janeiro via Pouso Alegre, quando foi retido na cidade pelo bispo local, Dom João Batista Correia Nery, que reconhecia no padre Gigante, um valioso complemento para a sua diocese.

Mas, quis a Providência, que o velho padre italiano com quase 30 anos de dedicação sacerdotal ao Brasil, não pudesse mais auxiliar Dom Nery como era seu desejo. Faleceu em 1904.

Desde sua chegada ao Estreito, em 1877, no Rio Grande Sul, seu primeiro povoamento, destacou-se o Pe. Fernando Gigante como sacerdote conceituado e louvado pelos visitadores eclesiásticos, destituído de grandezas, bem conduzido, caridoso e zeloso no culto divino; sempre se impôs à consideração dos seus paroquianos.

Seu sepultamento comoveu toda a cidade. Paramentado com as vestes sacerdotais que usou por toda a vida, foi seu corpo carregado por sacerdotes e pessoas caras da cidade, sob cantos fúnebres e repicar dos sinos na torre da Catedral. Foi exposto em câmara ardente durante missa celebrada por Dom Nery, acompanhado de perto por todo o clero regular e secular, irmandades e toda a sociedade pouso-alegrense. O Cura da Catedral pronunciou sua despedida dos pouso-alegrenses e de todos aqueles a quem ele assistiu em vida.

A edição nº 24, de 1904, do *Jornal de Minas*, assim noticiou a perda do Pe. Fernando Gigante:

Apóz oito dias de cruciantes padecimentos quando a sciencia em vão tentou dar linitivo, falleceu no dia 17 do andante o nosso amigo Pe. Fernando Gigante, cuja doença noticiamos.

Sacerdote distinto por todos os lados, caridoso, desprendido de grandezas, sincero nas affeições, venerando pela idade provecta, sempre se impoz o extinto a consideração dos povos onde parochiou, dos colegas com quem conviveu e dos seus próprios superiores que nele viam o typo do sacerdote.

Italiano de origem, serviu no clero brasileiro por de mais de quarto de seculo trazendo sempre em sua bagagem as provas do seu zelo infatigável attestados pelo reconhecimento de Prelados a cuja jurisdicção esteve sujeito.

Em oito dias desappareceu dentre os vivos, rodeado de seus parentes, amigos e collegas. Em perfeita lucidez de espírito pediu e recebeu os soccorros espirituas. Eram quasi quatro horas da tarde, quando o ultimo anceio cortou o fio daquella existência que tão útil fora.

Paramentado com as vestes sacerdotaes, foi seu corpo, exposto em camara ardente, na sala de entrada, sendo grande a influencia de povo e sacerdotes que iam fazer suas orações junto ao corpo inanimado do Padre Gigante.

No dia 18, as 8 horas os sinos da Cathedral começaram a dobrar a finados. Dom Nery, o Sr. Bispo Diocesano presente, carregado a mão por sacerdotes e distinctos cavalheiros, sob as harmonias dos cantos funebres, entrou na Cathedral o corpo, que foi colocado em uma eça no centro da Egreja. Começou então a missa com assistencia pontifical.

Findo o santo sacrifício, Dom Nery deu as absolvicões – praesente corpore, cantando-se no coro o “Libera-me”.

Em seguida formou-se de novo o prestito, em caminho do cemiterio, onde, apóz algumas palavras de despedida, pronunciada em nome do clero pelo Revmo Cura da Cathedral, e a ultima encommendaçao, foi o caixão collocado na carneira adrede preparada.

Ao enterramento compareceu todo o clero regular e secular, as Irmandades, e toda a sociedade pouso-alegrense, notando-se no templo muitas exmas. Famílias em rigorosa toillete de lucto.

Aos desolados parentes do pranteado morto, apresentamos nossos sentimentos de profundo pesar por tão infausto acontecimento.

ICONOGRAFIAS DO CAPÍTULO



Reunião de herdeiros do Cônego Jean Pierre Gay em 1987, no Monte Real, em Petrópolis, para rememorar vieses genealógicos dos seus descendentes. Philippe Guédon, Maria Luiza Barros (Malu), Clinton de Barros, Lúcia Guédon e Vera Millor Taulois. Lúcia, Malu e Antônio Eugênio são da 5^a geração do ramo Gay, de Uruguaiana.



Fanny Mendel, irmã de Caroline, segunda filha de Isidore e Pauline, que após a dispersão dos filhos foi recebida na família do general Mena Barreto até seu casamento com Antonio Picca, italiano, alfaiate em Assunção, Paraguai. Essa foto foi dedicada à outra irmã, Anitta, casada com o topógrafo francês Jean Vachias, com extensa descendência.

Saudades de Antonina [Paraná]
Arranjo de Pedro Queiroz Valverde Valsa Compositor:Dinorah Azevedo [ca.1905]
 $\text{♩} = 140$

Partitura da valsa "Saudades de Antonina", de Dinorah Azevedo, em arranjo de seu bisneto Pedro Queiroz Valverde.



Secretaria do Bispado de Uruguaiana

CERTIFICO

CERTIFICO que no livro 87 Fls. 218v de assentamentos de
Batismos da Igreja de Catedral Sant'Ana
de Uruguaiana à fl. 218v acha-se o seguinte:

DINORA:

A dezoito de Outubro de mil eitcentos e eitenta e sete nasci a Matriz da
cidade de Uruguaiana, baptizei solenemente a DINORA nascida á vinte e nove de A
gosto último, filha de Carolina Mendel. Ferão Padrinhos: O Conde Vigário Baptizan
te e a Carolina Thomazia Ferreira de Saramende Franceza.

O Cenego Vigario: João Pedro Gay.

E nada mais consta.

Uruguaiana, 20 de maio de 1923.

TAXA: Cr\$ 525.000,00



Leandro Almeida
Secretário do Bispado

Certidão de Batismo de Dinorah Mendel Gay, na Catedral Sant'Ana de Uruguaiana, nascida em 1887, conforme registro feito pela secretaria do Bispado da Diocese da cidade. Esta certidão, pelo Regime do Padroado, tem validade de certidão de nascimento.



*Dinorah, pelo seu neto
Cláudio José, com toda
essa nossa trajetória*

CAPÍTULO

2

ORIGEM DA FAMÍLIA AZEVEDO EM PORTUGAL, 1860



Sumário do Capítulo 2

2.1 - Os Azevedos da cidade do Porto, Portugal, 59

2.2 - Emigrações na família, 69

2.3 - Por que os portugueses emigraram, 71

2.4 - Antônio Alves de Azevedo no Brasil, 73

2.4.1 - A viagem para o Brasil, 73

2.4.2 - O acolhimento no Rio de Janeiro, 75

2.4.3 - Atividade profissional, 75

2.4.4 - As cartas portuguesas recebidas por Antônio no Brasil, 76

2.5 - De volta a Portugal, 79

ANEXOS AO CAPÍTULO 2, 81

1. CADERNETA DOURADA, 81

2. AS CARTAS PORTUGUESAS RECEBIDAS POR SEU AZEVEDO, 85

CARTAS PORTUGUESAS, 87

ICONOGRAFIA DO CAPÍTULO 2, 157

A origem portuguesa dos Azevedos de Pouso Alegre é a cidade do Porto, onde o industrial Domingos Alves d'Azevedo mantinha uma ativa cordoaria, era o representante da Família Real Portuguesa na região e o patriarca de uma estirpe de 13 filhos atuantes.

2.1 - Os Azevedos da cidade do Porto, Portugal

Tu, que vai nos deixar indo para o Brasil, lembre-te sempre, respeita e presta obediência às leis do país que te deu guarda. É um dever e uma obrigação que ao bom cidadão se impõe. E de ser grato. Mas nunca te esqueças ou olvides a tua Pátria.

Com essa decidida despedida em 1889, Domingos Alves d'Azevedo viu seu nono filho, Antônio Alves Azevedo com 14 anos, meu avô materno, o Toneca da família, deixar o moderno Porto de Leixões, no norte de Portugal, rumo ao Brasil. Trouxe ele consigo a Caderneta Dourada²¹, com a dedicatória acima, anexo presente do pai na hora do embarque, contendo conselhos profissionais, recomendações de comportamento e informações familiares. No Brasil, o Toneca virou Azevedo, depois Seu Azevedo, e recebeu de Portugal mais de 150 cartas e fotografias de seus pais, irmãos e amigos. Essas cartas foram cui-

21. A Caderneta Dourada está transcrita no anexo 1 deste capítulo.

dadosamente preservadas durante 130 anos por sua esposa Dinorah e seus filhos. Elas revelam a sadia convivência afetiva entre os Azevedo, família de posses e destacada posição social na cidade do Porto, frente à imensa dificuldade da vida portuguesa naquela época. As “Cartas Portuguesas”, como ficaram conhecidas na família, foram a referência para a descrição que se segue sobre a família Azevedo, do Porto. Toneca voltaria apenas uma vez à Portugal, antes de seu casamento. Depois, casado, sua vida foi sua descendência no Brasil, hoje espalhada por quatro países.

O patriarca dos Azevedo de Pouso Alegre, meu avô português, Antônio Alves Azevedo, nasceu em 1875, na cidade do Porto. Ter avô ou bisavô português é quase uma imposição histórica no Brasil. Esse meu avô, Antônio Alves Azevedo, pai de minha mãe, passados 115 anos de seu casamento com Dino-



Antônio Alves de Azevedo, Patriarca do Ramo Azevedo de Pouso Alegre, em 1902.

rah, deixou mais de 140 descendentes com seu sangue espalhados pelo Brasil, Inglaterra, Portugal e Itália – tão ciganos como ele. Não cheguei a conhecê-lo, mas recebi seu trato íntimo e sua ilustração de vida, através de minha avó Dínorah, meus pais e tios.

Seu Azevedo virou brasileiro quando aqui chegou em 1889, ao lado de milhares de outros lusos que deixavam a “Terrinha”, sem muitas opções de vida. Entre passar fome lá e aventurar uma virada aqui, muita gente tentou, principalmente naquele final de século, quando as coisas não iam muito bem naquele lado.

Na linhagem dos Azevedos de Pouso Alegre, os nossos ancestrais mais distantes em terras portuguesas, foram os avós de Seu Azevedo, o fundador do ramo no Brasil. Eram eles: Manuel Pereira de Azevedo e Joaquina Dias Alves



O patriarca Antônio Alves de Azevedo e seu pai Domingos Alves d'Azevedo, na visita que lhe fez em 1902, depois de 12 anos trabalhando no Brasil.

Pimenta que viviam principalmente no Porto, mas tinham descendência em freguesias vizinhas, como Ruivães, no Concelho de Vila Nova de Famelicao, Caza de Normais, Reide, Soama, Lordello, Ponte do Lima e outras vilas e aldeias mais distantes, conforme descrito na Caderneta Dourada.



Os pais de Seu Azevedo, Domingos Alves d'Azevedo (1841-1931) e Emília Alves Rodrigues (1847-1899), eram moradores da cidade do Porto, a “Capital do Norte de Portugal”. Sua moradia, por 27 anos, foi o 3º andar do nº 162 da Rua do Almada, um prédio típico dos construtores portucalenses de séculos atrás. Fica-



A família Azevedo do Porto em 1889, com o casal Domingos Alves de Azevedo e Emília Alves Rodrigues com 13 dos seus 17 filhos vivos. Essa fotografia foi feita dias antes de Antônio Alves de Azevedo, o Toneca, em pé, atrás e à direita, embarcar para o Rio de Janeiro. Nela aparecem seus irmão Elvira, Emília Adelaide, Maria das Dores, José Antônio e Domingos.

va ao lado da Praça da Liberdade, centro da cidade, mas foi demolido na década de 1960, assim como os dois prédios vizinhos até a Rua Filipa de Lancastre, para a construção da sede do Banco Português na região do Porto, conforme observei no local. A família ocupou outros endereços na Rua do Almada.

O casal Emília e Domingos Alves d'Azevedo mantinha uma numerosa família de 17 filhos, 4 falecidos, todos eles muito próximos, em torno dos pais. As lembranças portuguesas da Família Azevedo, passadas à Dinorah por seu marido e que ela adorava contar, concordavam com o conteúdo das cartas recebidas de Portugal durante os 42 anos da caminhada de Seu Azevedo pelo interior do Brasil. E concordavam também, especialmente, com as recomendações de seu pai deixadas na persuasiva Caderneta Dourada, recomendações estas que deveriam ser “...lidas e refletidas diariamente”. A leitura das cartas recebidas revela a profunda ligação do filho no Brasil com os pais, irmãos, parentes e amigos que ficaram em Portugal. Deixam também sentir, com muita clareza, a vivência dos Azevedo. As orientações de vida e informações familiares, deixadas pelo pai Domingos na Caderneta Dourada, reforçam e detalham essa relevância. A amizade fraterna, cordial e firme entre os irmãos que ficaram e o que veio, chega a surpreender, em particular, os cuidados dos irmãos com as irmãs solteiras, dedicadas aos cuidados da casa e sem remuneração formal. Toneca, no Brasil, ajudava as irmãs enviando recursos para suas necessidades. Os genros deveriam fazer isso mas nem sempre faziam, conforme carta da irmã Elvira em 11 de janeiro de 1902. Os êxitos de cada um eram sempre lembrados e festejados. As críticas e cobranças, quando ocorriam, eram feitas discretamente. Os Azevedos, todos eles, eram profundamente espiritualizados, católicos, sem qualquer desvio de conduta.

Quando Toneca partiu, carinhosamente, seu pai Domingos anotou para o filho na Caderneta Dourada¹, “...para que sejas muito feliz, fico eu fazendo votos ao Todo Poderoso, pedindo para que todos os teus bons actos ou serviços, sejam abençoados por Deus”.

Nos 26 anos em que viajou pelo interior do Brasil, representando suas firmas comerciais, Antônio Alves Azevedo, o Toneca do Porto, virou Azevedo.

Ao se fixar em Pouso Alegre com a primeira Casa Azevedo, passou a ser Seu Azevedo, comerciante respeitado que participava ativamente da sociedade e da vida da cidade.

Domingos Alves d'Azevedo, o patriarca da Família Azevedo do Porto, completou 89 anos em 27 de outubro de 1930, lúcido e com ótima memória. Faleceu em 1931, no Porto, ao lado de seus filhos e netos. Domingos conseguiu unir seu talento para os negócios profissionais bem-sucedidos, à sua profunda dedicação e afeição à família, mantendo seus filhos sempre unidos e próximos de sua atenção e cuidados. A orientação de vida que ele passou para seu filho Antônio, nas cartas que escreveu e na Cadeirinha Dourada, comprovam esse seu zelo.

Quando Lygia, primeira filha de Seu Azevedo, sua neta e afilhada, fez a Primeira Comunhão, Toneca mandou para seu pai uma bela foto da filha, na sua roupa branca angelical, ao lado de sua irmã Nair e de uma amiga. Tão comovido Domingos ficou com a foto que mandou publicá-la na primeira página de um jornal do Porto, com uma mensagem em verso, transcrita a seguir, e um título bem personalizado, ao lado da foto.



Primeira comunhão de Lygia na sua roupa branca angelical, ao lado de sua irmã Nair e de uma amiga. Essa fotografia foi enviada ao avô Domingos, que a fez publicar em jornal do Porto com um poema.

A PRIMEIRA COMUNHÃO DA MINHA
NETA E AFILHADA

*Bravo! Muito bem! Como é lindo
O grupo das três crianças belas
Que, assim como fulgidas estrelas,
Eu contemplo com prazer infindo!*

*Como elas rogam com devoção
Divinas graças, benção do Senhor,
Em ternas preces e canções d'amor
Que a todos causam admiração!*

*Em cândida e meiga adoração
Sobresáe a doce e gentil Nair,
Para assim revelar no porvir
Encantos da boa e sã religião.*

*Sois assim, mui belas e formosas!
Os anjos vos olham lá do Céu,
Admirando a graça do alvo véu,
Entoando canções harmoniosas.*

*À Lygia e sua amiga, parabéns,
Também a seus bons progenitores,
Pois, segundo a senda dos fulgores
Haurirão dos céus todos os bens.*

Domingos Alves d'Azevedo

Porto, dez. 1914

Domingos Alves d'Azevedo, empresário destacado na comunidade da Associação Comercial do Porto. Era fabricante de cordas e cabos de tração. Quando sua cordoaria foi desativada depois de mais de 30 anos de atividade, fundou uma fábrica de doces finos para exportação. Era diretor da Companhia de Seguros Gerais e Chefe da Casa Civil de Sua Majestade Fidelíssima El-Rei Dom Carlos Fernando Bragança de Saxe-Coburgo e Gotha. A par de sua atividade empresarial foi casado com Emília Alves Rodrigues que lhe deu 13 filhos.



Domingos tinha forte presença na comunidade. Foi empresário destacado, proprietário da Cordoaria Domingos Alves d'Azevedo e de uma fábrica de doces finos. Foi Diretor da Companhia de Seguros Gerais e Chefe no Porto, da Casa Civil de Sua Majestade Fidelíssima El-Rei D. Carlos Fernando Bragança de Saxe-Coburgo e Gotha, sombriamente assassinado com seu filho no Terreiro do Passo, em 1908. Em novembro de 1882, os reis de Portugal visitaram o Porto, e o casal Azevedo, convidado para a cerimônia, entrou em contato com a rainha, quando sua filha, a irmã hospitaleira Iria das Dores, ofereceu um lindo buquê de flores ao príncipe da Beira com uma dedicatória e o retrato dele numa das fitas das flores. Uma das maiores glórias da região do Douro, onde se encontra a cidade do Porto, foi ter sido o berço da monarquia portuguesa, a Dinastia Afonsina, primeira Casa Real de toda Europa.

A Cordoaria Domingos Alves d'Azevedo fabricava cabos de tração feitos com fios sintéticos ou de aço, para engenharia, navegação e pesca; cabos mistos para pesca e fios de embalagem. Na época, os cabos e cordas eram produtos semiartesanais, essenciais aos transportes. As cordoarias ocupavam prédios de ampla frente onde eram estendidos as cordas e cabos fabricados, como se pode ver na foto da cordoaria Domingos Alves d'Azevedo. Os portugueses eram grandes produtores de cordas da Europa, talvez ainda um vestígio dos tempos das navegações. Ainda existem prédios de antigas cordoarias que deixaram de operar frente à modernização da produção no resto da Europa, não acompanhada por Portugal.

Domingos participava ativamente dos trabalhos da Associação Comercial do Porto, que tinha influência em toda atividade econômica de Portugal. A associação reunia, na época, uma laboriosa, austera e animada classe empresarial, responsável por boa parte da indústria e do comércio português. Diziam os do Norte, que: "...enquanto o Porto trabalhava, Lisboa se divertia!"



CORDOARIA DOMINGOS ALVES D' AZEVEDO

Portugal era grande fabricante de cordas na Europa e essa cordoaria era uma das maiores do Porto. Domingos fundou a empresa e a administrou por mais de 40 anos. Esse desenho foi lembrança de Emilia Adelaide, irmã de Toneca, conforme ela deixou anotado "... para que não te esqueças da fábrica, onde tantas vezes estiveste".

A Associação Comercial funcionava no Palácio da Bolsa, como é até hoje. Os sumptuosos salões do Palácio, o Pátio das Nações com os escudos de todos os países ligados à Portugal, a Sala Dourada e a dos retratos dos reis portugueses e, especialmente, o esplêndido Salão Árabe, que levou vinte anos para ser decorado com a inspiração mourisca do Alhambra espanhol. O empresário Domingos Alves d'Azevedo, Rua do Almada 162, tem seu nome no livro dos associados, admitido em 16 dezembro 1895, proposto por João Alves Pimenta, como associado de número 970 e tomou posse em 27 de dezembro de 1895, como fabricante e exportador de cabos e cordas. Desligou-se da associação em 29 de dezembro 1902, quando encerrou as atividades de sua fábrica – depois de 27 anos – condição imposta pela crise econômica e política da época. Essas informações foram por mim obtidas na Associação Comercial do Porto, Palácio da Bolsa, em junho de 1985.

2.2 - Emigrações na família

O ano de 1890, época da emigração de Toneca, foi o clímax da maior crise política e econômica portuguesa, que já se arrastava há várias décadas, e levou à malograda tentativa republicana no Porto, descrita nas cartas recebidas de Portugal. Entre 1891-1892, o estado português entrou em bancarrota. Era o prenúncio da República, que viria em 1910.²²

Em 1902, a Família Azevedo foi atingida em cheio pela prolongada crise econômica. O velho pai Domingos, já com mais de 60 anos e querendo se retirar, foi obrigado a desfazer a sociedade e fechar as portas de sua Cordoaria Domingos Alves d'Azevedo, levada a leilão para cobrir débitos na praça. Foi um choque para ele, filhos e netos. Há 27 anos, a Cordoaria mantinha a família Azevedo em um salutar padrão de vida como mostram as fotografias que acompanhavam as cartas recebidas. Daí vieram as restrições e dificuldades ainda desconhecidas pelos Azevedos.

Antônio e Manuel, dois corajosos irmãos que emigraram, enviavam seguidamente, “...letras bancárias a vista para crédito” em nome de seus pais e

22. MENESES, Ângela

irmãos para cobrirem as necessidades da família oriundas da crise. Domingos, seu irmão mais velho, tesoureiro de uma seguradora, em certo momento, fez um pedido patético de uma alta soma ao Seu Azevedo para acertar um compromisso inadiável.

Mas Domingos e os seus não se abateram. Fechada a fábrica, passaram a fazer em casa doces portugueses – uma tradição familiar que vinha passando de geração em geração – para serem entregues em lojas para venda. Com o tempo, os doces foram ganhando apreciadores, diversificando-se e sua demanda, aumentando. Foi quando Domingos percebeu que os ingleses importavam cada vez mais diversos doces portugueses padronizados. Passou então a oferecer à exportação doces finos diferenciados, de frutas cristalizadas, embalados em artísticas caixas de madeira, finalmente trabalhadas. Elvira comentava em 1919, “...temos tido muitos afazeres e tem sido demasiado o trabalho ultimamente com as fructas. Trabalhamos até 1 ou 2 horas da noite e já tivemos de trabalhar toda a noite, dias seguidos.” A exportação de doces aumentou e ocupava toda a família. Dinorah sempre gostava de contar como eram os doces finos feitos por suas cunhadas “...todos exportados para a Inglaterra!”, dizia ela.

Emigração não era grande novidade para a Família Azevedo, frente às dificuldades da vida em Portugal. Sete familiares dos Azevedo do Porto já haviam emigrado para o Rio de Janeiro, Pernambuco e Inglaterra, em busca de melhores condições de vida. Os tios paternos de Toneca, o médico Dr. Antônio José Ferreira, José Alves Rodrigues e seus dois primos Raul e Miguel já estavam trabalhando em Pernambuco. No Rio de Janeiro, estavam trabalhando há alguns anos, seus tios maternos Domingos e Henrique de Souza Rodrigues e, na Inglaterra, o médico Dr. Manuel Gonçalves Ribeiro, casado com sua tia Umbelina Cândida Alves Ribeiro. As histórias proveitosas e promissoras desses emigrados corriam pela Família Azevedo e devem ter estimulado o pai Domingos a desejar que seus filhos mais moços, Antônio, Américo e Manoel, também deixassem o Porto. Seus filhos mais velhos, Domingos e José Antônio, com mais idade já estavam estabelecidos e radicados na cidade. O destino preferível deveria ser o Brasil onde Domingos tinha vários amigos e conhecidos.

dos de muitos anos atuando no atacado e no varejo comercial. Assim, primeiro Toneca em 1889 e depois, Manuel em 1902, decidiram emigrar e tentar uma nova vida no Brasil. Américo, o outro irmão, não quis ir e ficou em Portugal.

Antônio, o Toneca, em 1889, com 14 anos, trocou a cidade do Porto pelo Rio de Janeiro, revelando considerável desassombro e disposição para enfrentar sozinho realidades ocultas e misteriosas para a sua juventude. Voltou ao Porto, solteiro, em 1902, mas seguiu sua vida no Brasil casando em seguida, constituindo uma numerosa família, os Azevedo de Pouso Alegre e não pôde mais retornar às suas origens, mas manteve estreito contato por toda a vida com os seus, através das centenas de cartas enviadas e recebidas.

Manuel Alves de Azevedo, o mais moço dos 13 filhos de Domingos, emigrou para o Brasil em 1902, e se estabeleceu primeiramente no Rio de Janeiro, na antiga Rua São Pedro, e depois em São Paulo, trabalhando com muito sucesso no atacado de tecidos, chegando a gerenciar sua firma. Nunca se casou, nunca foi a Pouso Alegre visitar o irmão, mas voltou muitas vezes ao Porto para rever os que ficaram. Dinorah se ressentia muito pelo distanciamento do cunhado, mas depois de alguns anos, se soube que Manuel vivia maritalmente com uma mulher e que sua condição, por preconceito, poderia não ser aceita por seu irmão pousoalegrense.

2.3 - Por que os portugueses emigraram

Durante os anos de 1800, quando toda Europa era embalada pela Revolução Industrial, máquinas a vapor, eletricidade e outras modernidades, os portugueses continuaram atrelados à agricultura medieval, rede viária deficiente, falta de capital, de competição, sempre resistindo à intromissão inglesa nos seus negócios.

A supervalorização da agricultura portuguesa revirou a estrutura do campo. Os grandes proprietários de terra invadiram as áreas comuns das pequenas cidades retirando dos mais pobres a terra que lhes trazia renda. Foi a Tapagem ou Lei da Terra sufocando camponeses que nada sabiam fazer além de arar a terra. Começou a evasão maciça para as cidades que não conseguiam absorver

tanta mão de obra, acrescida à dificuldade dos agricultores de se adaptarem ao mundo urbano.²³

No final do século, a Monarquia Constitucional da Casa dos Bragança seguia claudicante com suas pendências, mostrando-se incompetente para resolver o complicado problema da modernização da sociedade portuguesa. Impediu, enquanto pôde, a tendência republicana das novas camadas sociais oriundas da industrialização ainda tímida em Lisboa e no Porto. Com exceção do Rei Dom Luiz (1861-1889), “o rei popular”, outros monarcas não encontraram o caminho do desenvolvimento, assim como perderam para a França e Inglaterra importantes disputas internacionais na África, humilhando o povo português e enfraquecendo o prestígio da Monarquia.²⁴

Os camponeses desvalidos e portugueses de outras classes sociais optaram pela emigração como saída da crise, especialmente para o Brasil. Vieram aos milhares, primeiro para o Rio de Janeiro e depois para todo o Brasil. Porém, não eram só portugueses pobres que emigravam. Uma estatística do ano de 1900 cita que havia 50.000 emigrantes lusos no Rio de Janeiro; 90% vindo do norte português, região mais esclarecida, desenvolvida e menos atingida pela crise gigantesca. Havia uma antiga e bem-sucedida classe de trabalhadores especializados, especialmente os que se dedicavam ao comércio, que vendeu suas coisas e embarcou. Esses imigrantes passaram a dominar o comércio retalhista de todas as grandes cidades brasileiras, e muitos de seus herdeiros comandam, atualmente, as grandes redes de supermercados nacionais.

Até hoje em Portugal, acredita-se que no Brasil, os imigrantes foram infelizes²⁵, maltratados, quase morreram de trabalhar, desprezados pelos brasileiros. Só que voltar para lá, poucos voltaram; a remessa dos recursos feita para o Torrão Natal muito ajudou Portugal a se reequilibrar. Outro desfecho dessa epopeia foi que, na atualidade, a maioria dos brasileiros possui alguma ancestralidade portuguesa, ainda que remota, na maioria dos casos.

Seu Azevedo foi um desses imigrantes. Estimulado pelo pai, deixou sua terra muito jovem acreditando nele mesmo, circulou pelo Rio de Janeiro, Pe-

23. MENESSES, Ângela

24. BARROS, Tomás de

25. MENESSES, Ângela

trópolis, São Paulo, tornou-se “caixeiro-viajante”, e numa dessas viagens conheceu a sua Dinorah, no Sul de Minas. Ali se estabeleceu e fundou essa linhagem de Azevedo, lembrada neste livro que a ele e a ela é dedicado.

Durante mais de três séculos de colonização, Portugal nunca deixou o Brasil de lado, sendo os portugueses, um dos responsáveis pela nossa unidade e encadeamento étnico, que deixaram profundas marcas em nossa língua, cultura e origem comum.

2.4 - Antônio Alves de Azevedo no Brasil

Quando Toneca partiu, seu pai Domingos lembrou a ele na Caderneta Dourada, que:

“Antes de partires para o Império do Brasil, entrego-te esse pequeno livro de lembranças e concelhos que peço e espero, tenha sempre em vista pois que, se o seguires, ou te não esqueceres de uma ou outra couza, a tua consciência será sempre tranquila e a sociedade, que é o juiz dos nossos actos, bem dirá de ti”

2.4.1 - A viagem para o Brasil

No dia 9 de dezembro de 1889, o jovem Antônio Alves de Azevedo, com 15 anos incompletos, embarcava no moderno Porto de Leixões, Matosinhos, para o Rio de Janeiro, buscando melhores condições de vida e de trabalho. Sua tia Iria das Dores, irmã hospitaleira, deu-lhe um crucifixo “...para ficar sempre perto de você”. Por orientação do pai, quando chegasse ao Rio em 1890, deveria se instalar em Petrópolis, na casa de um conhecido já apresentado, para se acclimatar e depois mudar-se para o Rio.

A viagem do Toneca para o Brasil teve uma parada em Lisboa, quando ele assistiu a Família Imperial Brasileira no exílio, desembarcando do navio no Terreiro do Paço. Dom Pedro II vinha à frente do grupo, conforme descrição de Emília, em carta de dezembro de 1889 e D^a Theresa Christina, muito doen-

Torto, 6 de Dezembro de 1889

Meu filho Joaquim

O portador é o Srº Antônio Alves d'Almeida filho do meu amigo e colega o Srº Domingos Alves d'Almeida, associante e industrial de esta Cidade.

Este menino que apresenta costa 14 anos vai dedicar-se ao Commercio, quer trabalhar.

Apresenta os a todos, cunhados e irmãos. A todos vosso passa para o meu recomendado o favor que lhes posso prestar, auxiliando-o no seu emprego. Esquero vos notícias vossaas que vos falem no grande acidente.

O Mar em Cogimbo saiu fora de seu leito, trazendo consigo grande demudança quasi todas as águas marinhais - deixou a de Tuncica, e nova foz surgente conserva-se em praia nova - não avistada, e talha mar de fute de praia permanece aguado e outras praças são existentes em Tuncica. Recomendando a todos os meus filhos e sobrinhos muitas recomendações novas - em abrigos de barcos e barcos.

Seu filho amado
portador

Miguel

Meu vizinho de Santo
Antônio

Id. Srº

Joaquim Couto dos Santos
Rio - Comprido N.º de Santa Alessan-
drina N.º 29

Rio de Janeiro

Carta de um empresário amigo de Domingos a seu filho, radicado no Rio de Janeiro, pedindo que apresente Toneca a seus cunhados e irmãos e o auxiliar-se para conseguir uma colocação no comércio da cidade.

te, viria a falecer dias depois. Outra parada do seu navio a caminho do Brasil foi em São Vicente.

2.4.2 - O acolhimento no Rio de Janeiro

Toneca vinha com recomendações severas de seu pai e indicações de diversas pessoas e renomadas casas comerciais para trabalhar no Rio de Janeiro. Inicialmente, foi acolhido naquela cidade, na casa do Dr. Ferreira e seu filho Eugênio, onde ficou hospedado por mais de um mês. Por sugestão do pai, "... muito estimaria se realizasse sua ida para Petrópolis por ser mais egienico e melhor para tu te aclimatares. Mas se ficas aí, o máximo cuidado contigo e com a limpeza das coisas. Deves se abster de frutas e outras coisas nocivas à saúde". E lembra sempre, "...desnecessario reperti-te para seres diligente, trabalhador e obediente aos seus superiores". E Toneca seguiu para a casa do Sr. Reynaldo Coutinho, em Petrópolis.

2.4.3 - Atividade profissional

Durou pouco essa vida boa. Aos 16 anos, já estava empregado no comércio em São Paulo, voltando logo depois para o Rio. Empregou-se como 3º caixero na loja de Lopes Athaydes Ferragens, para aprender a negociação comercial brasileira nos preâmbulos da vida republicana. Almoçava diariamente à mesa, com o seu patrão, o que era considerada uma distinção para aquele moço polido e bem-educado. Dormia embaixo de um balcão da sua loja e sempre fez boas referências ao trabalho que fazia, pelo muito que estava aprendendo. Toneca foi aos poucos se adaptando à nova vida com os bons resultados no seu trabalho, sempre ao lado de seus conterrâneos e fazendo novos amigos brasileiros. Virou Azevedo no início de sua vida profissional.

Mas Azevedo, ainda jovem, não estava muito voltado a passar todo seu dia em frente a um balcão e às prateleiras de uma loja. Sentindo-se mais à vontade, conhecendo o manejo do comércio, preferiu lançar-se por conta própria, vendendo mercadorias pelo interior, tornando-se um "cometa", como eram conhecidos os caixeiros-viajantes na época. Eram esses vendedores, no tempo

da comunicação limitada e de poucas estradas, que levavam o comércio das capitais para o interior do país – uma importante atividade no início do século – pois eles eram os portadores não só de mercadorias, como das novidades que estavam acontecendo nas grandes cidades. Eram admirados quando chegavam aos seus destinos pelas suas maneiras gentis, pelos trajes atualizados e pelas notícias que traziam. E, como comerciantes, divulgavam as recentes técnicas de vendas como promoções, descontos, vendas a prazo etc. Sua área de comércio era o eixo entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, coberto em longas viagens de até três meses. Vendiam qualquer artigo, representantes que eram de diversas firmas comerciais. Azevedo foi “cometa” por quase 30 anos quando, depois de casado, decidiu voltar ao comércio fixo abrindo uma grande loja de varejo em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais.

2.4.4 - As cartas portuguesas recebidas por Antônio no Brasil

Mas Toneca, agora conhecido como Azevedo, não ficou sozinho no Brasil. Seus momentos de solidão e saudades foram abreviados pelas muitas cartas que foi recebendo de seus pais, parentes e amigos com notícias dos seus, da sua terra, e sempre com muitas recomendações. Essas cartas, algumas comentadas a seguir, até hoje em razoáveis condições, estão incorporados ao patrimônio da família. Elas também repassam ansiosamente, às vezes em desespero, as imensas dificuldades vividas pela massa da população portuguesa na virada do século XIX para o século XX. A linguagem usada nas cartas foi mantida com a transcrição integral das expressões e da ortografia original.

A leitura cuidadosa das cartas revela que a mãe Emília sempre reclamava do Toneca: as duas cartas mensais prometidas, contando tudo o que ele fazia, a que horas se levantava e ia dormir, o que comia, como eram seus patrões e colegas de trabalho. Recomendava ao filho limpeza com ele mesmo e com as coisas que usava. Ele deveria:

*... abster-se de cômer fructas e outras coisas nocivas à saúde.
Não apanhes sol. Tem muito cuidado com tua roupinha, não*

deixes nada a perder que tudo foi muito caro. Precisas de coberto em Petrópolis? Reza todo dia a jaculatória de santo Antônio e não te esqueças dos nossos conselhos.

Em 1896, a família recebeu uma fotografia do Toneca, coisa rara na época, um tremendo sucesso. Seu irmão José Antônio Alves de Azevedo respondeu

...estás magnifico no retrato. Tiraste-o em posição que significa, ao mesmo tempo, progresso de ilustração e não denuncia seres um pé de chumbo!" E segue em frente com uma previsão, "... Deus queira que arranjes um bom pecúlio pois é o dinheiro um dos elementos essenciais à vida do homem.

Uma das irmãs de Domingos, Albina Alves d'Azevedo, tia do Toneca, muito prestigiada na família, tornou-se freira na Ordem das Irmãs Hospitaliras, com o nome de Irmã Iria das Dores. Balbina Alves d'Azevedo, outra irmã, seguiu o mesmo caminho. Quando Toneca veio para o Brasil, sua tia Iria lhe deu um crucifixo para ficar sempre perto dele. Toneca daqui, agradeceu, mandou um retrato seu pedindo outro dela. No dia 1 de setembro de 1900, Irmã Iria das Dores, sua tia, respondeu-lhe de Villa Real, Hospital da Misericórdia, onde trabalhava:

...obrigado pelo seu retrato. Não lho retribuo porque a minha função não me permite um certo número de cousas. Apesar de não ser proibido tirar retrato, mas eu é que não gosto! Quer saber como estou? Muito velha e rabugenta, cansada, doente, mas muito bonita como sempre fui. Em casa eles têm o meu retrato. O meu retrato é a minha vida. Acordo as cinco da manhã, vou para a Capella ver os meus santinhos e faço minhas devoções. Assisto o Santo Sacrifício da Missa e as vezes me confesso. Fico muito feliz quando estou na Capella que é muito bonita. Mas de-

veres na cozinha me obrigam sair as sete horas. A tarde temos a enfermaria. Depois do jantar, um proceçadinho de recreio rindo e brincando, em seguida, trabalhos de casa até a noite ou com as outras irmãs nas enfermarias. Cumpro meu dever de christã e faço a minha diligencia de orações e depois descansar.

Muito marcante e significativa a convicção filosófica da Irmã Iria, lembrando que “...o meu retrato é a minha vida...”!

Na primeira década do século XX, tia Iria, foi condecorada por Ato de Fiancada pelo Governo Português, por estar cuidando de doentes infectados pelo morno, terrível doença que torna os doentes abandonados. Daí, o reconhecimento do Governo concedendo à irmã Iria essa distinção.

Com a economia portuguesa em crise, o velho Domingos enfrentava dificuldades comerciais e seus filhos o cercaram de todas atenções, revelando os fortes laços afetivos que mantinham a família unida. Em 17 de outubro de 1897, José Antônio, irmão de Toneca, escreve a ele dizendo:

...nossa pai tem lutado com bastante dificuldade ultimamente no seu negócio da Cordoaria, porque a situação da praça não é boa, já porque os bancos restringiram os descontos de forma que, para receber dos fregueses é preciso aguardar que eles, de voto próprio, mandem o dinheiro. O João – sócio do Domingos pai – não quer saber de nada e não se importa com o negócio. Nossa pai reconhece, como nós, a mais absoluta necessidade de dissolver a sociedade, pois os clientes são tantos e não é possível lhes dar aviamento.

José Antônio e Domingos, o filho mais velho, tinham conseguido três contos e quinhentos mil réis e pedem que Toneca consiga algum recurso para ajudar o pai. É revelador e significativo o empenho dos filhos em atender o pai movidos pela herança paterna. Argumenta José Antônio:

...o Papá não sabe que eu lhe faço esse pedido e não lho direi porque se puderdes, será para ele de imensa alegria a surpresa de que tu, bom filho, o ajudas com o que podes. Os seus encarnecidos cabellos rejuvenescerão de júbilo ao ver que tu, de tão longe, o auxilias também. A sua alma bondosa e amante de seus filhos sentirá a mais radiante felicidade por ver-se estimado por aqueles que creou. Do nosso pai, fica o seu nome honesto e as virtudes do perfeito homem de bem. Amal-o não é favor nosso e sim um acto de justiça e de impreterivel dever.

Em meio às dificuldades de Domingos para manter ou fechar sua fábrica, mais um sobressalto. Azevedo recebe uma carta de um amigo de nome ilegível, funcionário da Cordoaria, que lhe manda dizer que em 31 de novembro de 1897, "... um temporal medonho ocasionou enormes prejuízos na cordoaria, derrubando umas vinte árvores, todas pela raiz. Beirais e telhas voaram pelos ares e em Leixões, perderam-se navios".

2.5 - De volta a Portugal

Em 1902, após 13 anos bem acontecidos no Brasil, Azevedo retornou a Portugal, para alegria de toda família, cumprindo a promessa feita na partida. Ele deixou sua terra como um adolescente de 14 anos e retornava um comerciante bem-sucedido nos negócios, aos 28 anos, enquanto Portugal continuava em crise, nada tendo mudado na vida social e econômica dos portugueses. As dezenas de fotos feitas com seus parentes nessa época, dão uma dimensão do sucesso do seu regresso, pois a fotografia era um luxo muito caro e desejado. Foi também nessa ocasião que ele acertou a vinda para o Brasil de Manuel, seu irmão mais moço, que se tornou um atacadista bem-sucedido de tecidos, primeiro na Rua São Pedro, hoje demolida para a construção da Av. Pres. Vargas e depois em São Paulo, onde chegou a gerenciar sua firma.



Pic-nic elegante dos Azevedos do Porto. Recepção ao Toneca, comemorando sua visita à família em 1902, todos devidamente trajados para um pic-nic no parque da cidade. Ele, muito alegre, recostado entre os seus, figura central do grupo, bem recebido e festejado.

De volta ao Brasil, retornou às suas viagens comerciais pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Foi precisamente numa dessas viagens, ao sul de Minas Gerais, que Azevedo definiu a sua vida, virando brasileiro e mineiro. Ele havia acertado retornar mais vezes ao Porto, mas foi impedido pelos compromissos profissionais e encargos de família, que foram surgindo depois de 1905. Inclusive a promessa feita na década de 1920 de levar toda a família, em 1930, para rever o pai com 89 anos. Nessa época, porém, Azevedo enfrentava séria dificuldade econômica com a queda da Bolsa de Nova York, que atingiu o mercado de café, controlador da atividade econômica na região, e também com a Revolução de 1930, que revirou a política nacional, obrigando o fechamento da Casa Azevedo, maior loja de Pouso Alegre, em processo de falência. Não pôde ir e deve ter sentido muito, por estar longe, a morte do pai, em 1931.

ANEXOS AO CAPÍTULO 2

1. CADERNETA DOURADA

A Caderneta Dourada foi entregue por Domingos Alves d'Azevedo, ao seu filho Antônio, quando, aos 14 anos, emigrava para o Brasil. Ela continha anotações familiares e recomendações sobre procedimentos pessoais e profissionais. A seguir, o texto da caderneta.

Lembranças para Antônio Alves d'Azevedo,
offerecidas por seu pai.

Em 9 de Dezembro de 1889.

“Tu, que vai nos deixar indo para o Brasil, lembre-te sempre, respeita e presta obediência às leis do país que te deu guarda. É um dever e uma obrigação que ao bom cidadão se impõe. E de ser grato. Mas nunca te esqueças ou olvides a tua Pátria.

Antes de partires, à tua despedida, para o Imperio do Brasil (ou Estados Unidos do Brasil) entrego-te este pequeno livro de lembranças e conselhos, que espero e peço tenha, sempre em vista, pois que, se os seguires, ou te não esqueceres d'uma e outra cousa, a tua consciencia será sempre tranquilla e a sociedade, que é o juís dos nossos actos, bem dirá de ti.

Principiarei por te dar uma nota de todos aquelles que mais de perto te pertencem ou pertenceram.

Pela parte paterna, foram teus avós, já falecidos, Manoel Pereira d'Azevedo e Joaquina Dias Alves Pimenta, da freguesia de Ruivães, no Conselho de V.^a N.^a de Famelição, e são teus thios em primeiro grau: Maria da Conceição Alves d'Azevedo – Felicidade Alves d'Azevedo – Ritta Alves d'Azevedo (solteiras e moradoras na casa de Nomães, onde nasceram) – Albina Alves d'Azevedo, que professou nas Irmãs hospitaleiras e hoje é designada C.^a irmã “Iria das Dores” – Balbina Alves d'Azevedo, também irmã hospitaleira e designada por irmã “Filomena” – Rosa Alves d'Azevedo, casada na freguesia de Leide – Joanna Alves d'Azevedo, casada com Antonio Jose do Couto, em Ruivães – Carolina Alves d'Azevedo (falecida) casada com Bernardino da Silva de Ruivães – e Antonio Alves de Azevedo (já falecido) e que foi casado em primeiras e segundas nupcias, na freguesia de Joanna o qual deixou dous filhos de cada matrimonio.

Por este lado tens actualmente quatorze primos.

Tens ainda um thio em segundo grau, Manoel Dias Alves Pimenta, com 82 annos, da casa do Carreiro, em Lordello, irmão de tua avó.

Pela parte materna, são teus avós: Domingos de Sousa Rodrigues, já falecido, e D. Umbelina Candida Alves Rodrigues, que forão moradores na rua do Almada, freguesia da Victoria, n'esta cidade. São teus thios, maternos, em primeiro grau: Serafim Alves Rodrigues, solteiro – Domingos de Sousa Rodrigues, solteiro (solteiro e no Rio de Janeiro) Jose Alves Rodrigues, (casado em Pernambuco), Henrique Alves Rodrigues, solteiro, no Rio de Janeiro, – Alfredo Alves Rodrigues, casado em Ponte do Lima, – Augusto Alves Rodrigues, casado, no Porto, – D. Maria Alves Rodrigues Ferreira, casada com Antonio Rodrigues Ferreira, no Porto, – D. Umbelina Alves Ribeiro, casada com Manoel Gonçalves Ribeiro, ella n'esta cidade e elle ausente em Inglaterra.

Tens mais treze irmãos, que são:

1. Domingos – 1 de dezembro de 1866
2. Jose Antonio – 24 de abril de 1868
3. Emilia Adelaide – 27 de junho de 1871
4. Corina – 31 de agosto de 1872
5. Elvira – 30 de setembro de 1873
6. Maria das Dores – 22 de outubro de 1874
7. Antonio – 18 dezembro de 1875
8. Umbelina 21 " 1878
9. Albertina – 7 de abril de 1880
10. Americo – 3 de maio de 1881
11. Joaquina – 29 de agosto de 1882
12. Alice – 3 de julho de 1886
13. Manoel – 27 de novembro de 1887

Alem d'estes, falecerão: Alberto, Eduardo, Laura e José.

Tens mais por parte de tua avó materna, a tia D. Maria da Gloria Alvez de Lemos, casada com João Baptista de Lemos, n'esta cidade, e o D'or Antônio Jose Ferreira Alves, medico, em Pernambuco e solteiro.

Nasceste a 18 de Dezembro de 1875.

Agora que vais dar principio aos teus trabalhos na vida Commercial, que vais entrar na sociedade mais respeitavel n'este mundo – digo mais respeitavel porque ella só depende do trabalho e sorte do homem, e por ella se pode elevar ao mais alto grau aque o homem pode aspirar, – que vais entrar, finalmente, n'uma luta de constantes contrariedades, precisas chamar em teu auxilio tudo o que concorrer possa para te ajudar a vencer.

Sim, tudo se pode conseguir quando há uma vontade resoluta e firme, sem ezitações, constante, apoiada n'um principio nobre e franco, quando essa vontade é acompanhada do trabalho bem calculado, meditado estudo e uma pratica bem aproveitada.

Por isso, em qualquer ramo de negocio aque te dediques, procura aplicar-lhe a maxima attenção e cuidado, estudo-o com o interesse próprio de quem deseja saber. Não procures variar muito, nem meter-te em muitos assumptos porque é isso motivo para muitas vezes, nunca saberes cousa alguma.

Deves ensinar aos outros o que souberes, mas reservar para ti a melhor parte. Ouve sempre com attenção os bons concelhos de todos, quer de superiores, egoaes, ou inferiores, porque elles teem sempre um bom principio, e nunca dez concelhos aos outros que não sejão ditados pela sã consiencia e sinceridade.

Respeita e trata bem a todos, tanto velhos como novos, ou egoaes, ou mesmo inferiores, para teres o direito de seres respeitado e estimado de todos, pois que, não devemos querer para os outros aquillo que não desejamos para nós.

Nunca te esqueças dos teus deveres religiosos, d'aquelles com que foste educado e que professate, amar a Deus e respeitar todos os mistérios da Divindade, attendo sempre à sua boa e sã doutrina – crença e fé.

Respeitar e prestar obediencia ás leis do país a onde viveres e te dér guarida é uma obrigação que o dever de bom cidadão te impõi, e á qual deves ser sempre grato, mas nunca esquecer, ou olvidar a tua Patria.

Termino por te dizer que nasci a 27 de Outubro de 1841, tua mai a 15 d'Agosto de 1847 e que casamos a 11 d'Abrial de 1866.

Para que sejas muito feliz fico eu fazendo votos ao Todo Poderoso, pedindo para que todos os teus bons actos, ou serviços sejão abençoados por Deus.”

2. AS CARTAS PORTUGUESAS RECEBIDAS POR SEU AZEVEDO

Com a modernidade da comunicação pela internet e de um lado ao outro pelas mídias eletrônicas, hoje, é possível encontrar um jovem que nunca tenha ido ao correio nem escrito uma carta. Mas, na passagem dos séculos XIX/XX, cartas eram o principal meio de comunicação à distância utilizado pelas pessoas em todo mundo e não foi diferente com Toneca no Brasil. As Cartas Portuguesas recebidas por Azevedo foram consideradas por Dinorah como documentos familiares. Depois, Gilberto manteve cuidadosamente essas cartas, as mais antigas escritas há mais de 140 anos.

A leitura dessas cartas nos remete à intimidade das relações entre os membros da família de Domingos Alves d'Azevedo e Emilia e ao acompanhamento da vida do filho e irmão. As necessidades de cada um foram expostas com clareza.

A leitura das cartas também permite um confronto da “práxis” familiar portuguesa com a nossa, uma analogia com a nossa vivência e com a nossa interpretação da realidade. Por outro lado, as cartas mostram o rigor com que as ideias são veiculadas.

Algumas dessas cartas são apresentadas a seguir, na sua linguagem original.



Esperava a occasião para
me estender mais longe, como
o tempo que era o retardo
para navegar, pois não me conseguia
brazileiros, e preceis que sejam os
que eu na mais, de resto querem
participações que é para eu apresentar
essa da faculdade, e não se faltarem
d'ella. O trabalho é de fato de cada quem
quer, que encontra esta carta.
Esses preceis, agradeça-lhe para gente
que passou a vida
Mário

are, 2. Maltzahn-Laguna
5 de Março de 1916

Caro Antônio:

Escrever tantas coisas quando
deixar, não quer dizer que
eu muito e com saudades de
vou sempre tão pouco tempo
em dias e tão pouco dia para
escrever (haja mais que nunca)
briga a grandes altas n'ela antida
de-me a mais tormento isso a mal.
Espresso é lata bastante para me
dias faltam, mas é assim. E tu também

Fevereiro de 11.
Posto, 23 de Fevereiro de 1918
Caro Antônio:

Tinha enorme
dias faltam, e
vou saudade de
vou voltar de novo
que é sua dílata
e em possíveis de
dias que tanto tempo
fazia de a com o tempo
e a cada dia
da testiga, que te escrevo, só a impressão de
mais saudade enverga, pois é certo na proje-
ção de amanha, que o nosso querido Marcel
de amanha, para de dizer! Não sei como farei o
para dizer! Deve falar o último abraço, devo-lhe
falar de um de que nunca me
fizeste, é o que é que
Tinha fio principiada esta carta
quando me ouvi dizer e que
fizeste

Rio de Janeiro, 27 de Julho, 1918

Mr. C. A. Alves

Desejo estar com tanto poder mudar a minha
saudade, que é de comunicação e saudade de vossa querida
e amiga gente de nome Miamhinho.
Escrevo de minhaqui para o Canto do Mire,
e aí de novo com

Postkarte.



J. T. COSTA BA

SHIP BROKER & SHIP AGENT -

Mo - Sat
Feira Piso
Rua de S. Pedro
Rio de Janeiro

CARTA DA MÃE EMILIA
8 de dezembro de 1889

Meu Toneca

Como estás? Tens gostado de Lisboa? já sei que assististe ao desembarque do Imperador.

Envio uma carta p.a tu levares aos Tios.

Não vás p.a bordo sem me escreveres, e logo que cheques ao Rio, escreve, sim? escreve tambem de S. Vicente, que eu fico ancioza pelas duas noticias.

Adeus meu Toneca recebe um abraço e um beijo de todas as manas, não esquecendo o Manoel.

um abraço m.o apertado de
tua mãe e ama, Emilia

CARTA DA IRMÃ MARIA DAS DORES

14 de abril de 1892

Caro Toneca:

Lastimo e lastimo muitíssimo que tu não tenhas todos os mezes uma hora disponível, durante 30 ou 31 dias que o mezes tem para dares notícias tuas a nossos Papás e tuas irmãs, que tanto te estimam, e tu tam mal recompensas essa istima, escrevendo só de seis em seis mezes!!!

Participo-te que se realizou a imponente festa da S. das Dôres, (minha madrinha) com o grandioso esplendor que é costume; eu fui assistir e gostei muitíssimo. Foi orador o grande e talentoso conego Alves Mendes.

Soubeste que em novembro do anno passado vieram cá os nossos Reis? Houveram ruidosas festas em sua honra; foram tambem a Guimarães ao hospital, onde foi o Papá e a Emilia Adelaide, fallaram com a rainha, acompanharam-os sempre, e a tia Iria offereceu um lindo bouquet ao príncipe da Beira, tendo n'uma das fitas a dedicatória e na outra o retrato do príncipe.

O primo Carneiro, há oito dias que é papá, por o que está muito contente.

O filho mais velho da D. Monica Magalhães, já tem uma filhinha.

O tio Dr. Alves está muito gordo e contente, por estar com a família.

continuidade da carta

No theatro Princepe Real, está uma companhia de cavaleiros; no Baquet, que se encendiono, está-se edificando os grandes bazares do Palacio de Cristal que se mudam para lá.

Pelos jornais devias saber da grande catastrophe que houve na Povoa e Affurada. Foi uma verdadeira desgraça!!

Como já te dei muitas novidades, termino enviando-te, mesmo de longe como estou, um sem numero de beijos e abraços e uma eterna saudade.

Da tua mana e amiga, Maria das Dores

CARTA DO PAI

Porto, 4 de janeiro de 1891

Antonio

A tua ultima carta dirigida a tua Mai, veio convercer-me, mais uma vez, que pouco ou nenhum apreço e importância dás aos conselhos que d'aqui te derigimos, paressendo que uma mui curta inteligência e leviana razão dirige as tuas resoluções! Estavaz numa boa casa e conf.e d'aqui te dice na m.a ultima carta, a razão que tua apresentavas não hera motivo para te despedirez, pois que todos temos obrigação de responder pelos descuidos e faltas que cometemos, seja pela forma que for, e deves convercer te que, em qualquer parte estejas, se não tiveres o preciso cuidado e amaxima attenção para com todas as cousas, e serviços, ninguem te desculpará as faltas e as consequencias serão sempre fataes para ti.

Por carta dos amigos, D.or Correia de Castro Oliveira soube que te tinhão arrumado numa boa casa, mas nem estes nem tu nos dizem o nome, o que em ti é pouco desculpavel.

Agora, visto teres tido a fortuna de encontraras uma boa casa, vê se fazes por te conservares, porque assim, honraz quem te arrumou, dai-nos gosto a nós e aproveitas tu, pois do contrario, o resoltado das mudanças é o descredito, prejuizo immediato e o desprezo dos bons e dedicados amigos.

Já te dice e repito; deves procurar conviver e acompanhar só aquellas pessoas que te possão dár credito e honra, não es-

continuidade da carta

quecer as pessoas de quem tenhas ou recebas conselhos bons, atenções, ou favores, porque agratidão é uma obrigação que nós não devemos olvidar.

Tens pedido para se te mandar alguns jornaes para saberes noticias d'aqui, o que não tenho saptisfeito por duas razões: a 1^a é que tu devez saber que se faz despesa, mas a esta ainda de bôa vontade eu saptisfaria se não fosse a 2^a razão, que é elles hirem tomar-te o tempo que tu precisas para cumprir as obrigações que te estão impostas nos serviços da casa, e o tempo que te possa crescer ainda tens por dever enpregal-o em instruir-te, porque vejo que tens atrasado em lugar de adiantar, e ainda depois d'isto o dever de pensar na familia, em todos os parentes e amigos, que aqui deixas-te, escrevendo-lhes nas horas vagas.

O tio da mamá, D.r Joaquim Bapt.a de Lemos, do Carmo, faleceu no dia 24 do mez findo, justamente na vespera de Consuada! Já vez, por isso, que as festas de Natal, na familia não forão de saptisfação.

Deves, pois, dár os pezames à tia Lemos, por aquelle infaus-to acontecimento.

Tua Mai e manos muito se recommendo, enviando-te abraços e saudades, e da m.a parte accepta a benção do que é

Teu pai e am.o dedicado, Dom.os A. d'Azevedo.

CARTA DA IRMÃ ALBERTINA

17 de agosto de 1898

Querido Antonio:

Parabens, parabéns, muitos e sinceros parabéns, não podes imaginar alegria que senti ao saber que tinhas interesse na casa aondes estás; Devias ficar surpreendida e muitíssimo contente.

Tem muito juizinho, conduz-te sempre como um cavalheiro e verás que dentro em poucos annos, juntarás alguns patuquinhos para vires gozar na tua Patria na companhia dos nossos bons Papás e tuas irmãs que muito te estimam.

Trata muito bem todas as sinhasinhas mas nunca te apaixões por nenhuma porque não queremos cunhada brasileira, é verdade que estás muito novo, nem isso te deve lembrar, o teu dial. Deve ser trabalho e economia. Que te parecem os meus conselhos, agradam-te?

Tomo a liberdade de te offerecer um lenço com a tua inicial bordada por mim, é pequena a offerta mas exprime muita amizade.

Como tens passado dos teus incommodos? Faço votos para que estejas restabelecido.

A nossa Mamã e a Emilia Adelaide estão ambas anemicas.

Vou-te fazer-te um pedido o que deves attender, como sabes o Papá faz annos a 27 de Outubro, quero que o feleceitas e lhe mandes o teu retrato, não te esqueças.

continuidade da carta

Estima muito o Sr. Monteiro que é digno d'isso, por esse Sr. saberás notícias nossas.

Termino supplicando-te que escrevas todos os mezes aos Pá-
pás, porque quando deixas de escrever é uma inquietação
em que todos estamos.

Acceita um saudoso e apertado abraço e uma eterna sa-
dade de

tua irmã muito amiga., Albertina Azevedo.

—————*

MEDALHA OFERECIDA POR TIA IRMÃO IRIA

Villa Real, 1 de setembro de 1900

Hospital da Misericórdia, Irmã Iria das Dores

N.B.

Guarde na sua carteira, N.a Senhora, S.to António; sim?

Quem sabe, se por respeito conagrado a essas estampinhas
será livre de grandes Adeus.

Tua tia Iria.

CARTA DA IRMÃ MARIA DAS DORES, 1892

Porto, 12 de outubro de 1892

Caro Toneca:

Lastimo e lastimo muitíssimo que tu não tenhas todos os mezes uma hora disponivel, durante 30 ou 31 dias que o mez tem para dares noticias tuas a nossos Papás e tuas irmãs, que tanto te estimam, e tu tam mal recompensas essa estima, escrevendo só de seis em seis mezes!!!

Participo-te que se realizou a imponente festa da S. das Dôres, (minha madrinha) com o grandioso esplendor que é costume; eu fui assistir e gostei muitíssimo. Foi orador o grande e talentoso conego Alves Mendes.

Soubeste que em novembro do anno passado vieram cá os nossos Reis? Houve ruidosas festas em sua honra; foram tambem a Guimarães ao hospital, onde foi o Papá e a Emilia Adelaide, fallaram com a rainha, acompanharam-os sempre, e a tia Iria offereceu um lindo bouquet ao príncipe da Beira, tendo n'uma das fitas a dedicatória e na outra o retrato do príncipe.

O primo Carneiro, há oito dias que é papá, por o que está muito contente. O filho mais velho da D. Monica Magalhães, já tem uma filhinha. O tio Dr. Alves está muito gordo e contente, por estar com a família.

No theatro Princepe Real, está uma companhia de cavaleiros; no Baquet, que se encendiou, está-se edificando os

continuidade da carta

grandes bazares do Palacio de Cristal que se mudam para lá. Pelos jornais devias saber da grande catastrophe que houve na Povoa e Affurada. Foi uma verdadeira desgraça!!

Como já te dei muitas novidades, termino enviando-te, mesmo de longe como estou, um sem numero de beijos e abraços e uma eterna saudade. Da tua mana e amiga. Maria das Dores

CARTA DO PAI

Aproximadamente 1895

Antonio

Devido a amabilidade do portador, o Il.mo Raul Guimaraes, que vai para essa capital, sua terra natal, vou darte noticias da familia e proccurar saber de ti, visto que á muitos meses te não dignas mimusiar-nos com cartas tuas.

Tua mai á muito que passa alguma cousa emcommodada, mas vai vivendo, eu e tuas manas vamos passando regularmente, e todos os mais parentes, tanto d'aqui como d'aldeia passam sem novidade. Não vão a inda n'esta occasião os retratos que pedistes por não estar ainda tudo reunido, mas logo que o estejão aproveitarei o primeiro portador. Tua mai enviate um abraço e pede para que lhe escrevas, ao menos um postal, em que dêz noticias tuas e de teus tios, e tuas manas tambem te envião m.tas saudades.

Diz-me se teu tio Couto ahí está e em que se emprega. Também desejamos saber se ainda te conservas na mesma casa do Senn. J. Reynaldo, Coutinho H.a.

Concluo pedindo-te que concerves sempre na memoria as observações que te tenho feito, afim de seres util a ti e a sociedade. Teu pai e amigo dedicado, Domingos A. d'Azevedo

CARTA DE IRMÃO NÃO IDENTIFICADO,
17 de outubro de 1897, sobre dificuldades financeiras nos negócios do pai.

Meu querido Antonio:

Á falta de outro papel aqui à mão, vae mesmo n'esta.

Ha muito que tenho querido escrever, mas não tenho podido, alem de que tu tens correspondido na mesma, não me dando o prazer, sempre immenso, das tuas notícias.

Tem hoje um fim muito especial a minha carta, e para o seu assumpto chamo a tua particular attenção e sentimento de bom filho. Nosso Pae tem ultimamente luctado com bastantes dificuldades no seu negocio, já porque á situação da praça não é boa já porque os bancos restringiram, a todos, os descontos extraordinamente, de forma que para se receber dos freguezes, é preciso aguardar que elles de voto proprio mantem o dinheiro. O João não quer saber de nada, e o nosso Pae reconhece, como eu e o Domingos, a mais absoluta necessidade de dissolver com elle a sociedade, havendo para isso motivos sem xxx, e o mais ponderoso é elle não se importar com o negocio e entregar-se à bebedeira. De forma que nosso Pae tem-se visto em embaraços para satisfazer os seus compromissos e attender os freguezes a cujas encommendas, que são tantas, que não é possível dar aviamento.

Eu e o Domingos temos o ajudado quanto podemos; eu emprestei-lhe cerca de um conto e quinhentos mil reis e o Domingos tambem bastante dinheiro e o que tínhamos e outro

continuidade da carta

que pedimos emprestado. Actualmente tratamos de pôr o João fóra e de dar a casa commercial maior impulso e melhor direcção, mas falta o capital. Lembrou-me se tu poderias obter algum dinheiro para ajudar o Papá, e por isso te escrevo. Não sei como vives, nem se tua posição te permite contrahir o compromisso que faço aos teus afectos de bom filho. Creio que se poderes dispôr de algum dinheiro, o farás, porque é para nosso Pae, e tu sabes bem que elle tem trabalhado, mostrando sempre com sacrifícios sem nome, para sustentar a sua grande familia, necessito portanto que nós correspondamos em o auxiliar quanto possa ser.

Eu e o Domingos fizemos e faremos o que pudermos. Tu, meu Antonio, não poderás fazer alguma cousa? Não poderas emprestar 800 mil reis, pouco mais ou menos, dinheiro que tu ahi irias pagando aos bocados, se o puderes, o que cá te ficaria, ou seria reenviado, logo que estas cousas melhorarem?

Eu sei que o cambio está mau, eu bem sei; mas também sei que se poderes, és capaz de fazer um sacrifício. É escusado fazer encarecer a necessidade de tal pedido; deve ser bastante dizer-te que nosso Pae precisa e muito dos nossos auxílios, dos auxílios dos auxílios dos seus filhos.

O Papá não sabe que eu te faço este pedido, e não lh'o disse, nem digo, porque, no caso feliz de tu o poderes ajudar, será para elle de immensa, de enorme alegria, a supreza de que tu, bom filho, o ajudas com o que podes; os seus encanecidos cabellos rejuvenescerão de jubilo ao vêr que tu, de tão longe, o auxilias também; a sua alma bondosa e amante de seus filhos xtirá a mais radiante impressão de felicidade por vêr-se estimado e adorado por aquelles que creou.

continuidade da carta

Do nosso Pae, a herança do seu nome honrado vale muito ao nosso coração; invocar-lhe o nome é glorificar a honestidade e as virtudes do perfeito homem de bem. Amal-o, não é favor nosso; é um acto de inteira justiça e de impreterível dever. Dos nossos parentes, o tio doutor, o tio Henrique, a tia Lemos, etc. podiam ajudal-lo, mas são uns egoístas, uns velhacos, sem coração. Peço-te, pois, que faças por elle, por nosso Pae, o que poderes, e se lhe poderes ser prestável, escreve-lhe directamente dizendo-lhe que lhe emprestas esta ou aquella quantia, para que elle acuda às suas necessidades do commercio. Em caso negativo, então não lhe escrevas, mas escreva-me a mim, para eu saber.

Repto: sei que se o poderes servir, que o serves; conheço os teus bons sentimentos. Peço-te resposta urgente, como urgente a tua resolução, e espero que consagrarás a este pedido e seriedade que elle requer. Acceita recomendações da Amelinha e do teu sobrinho Jose Horacio, e um abraço apertadíssimo e sincero do que será sempre teu irmão afeiçoado e amigo.

Largo da Fontinha 113 Porto, 17 de outubro de 1897

CARTA DA MÃE EMÍLIA,
Aproximadamente 1897-8

Meu Toneca

A tua carta chegou justamente n'um dia de tantas santas recordações!... 11 d' abril!! conheces esta data, meu filho? fica sabendo que faz 31 annos que uni o meu destino ao do teu bom Papá; a tua carta veio portanto completar a m.a alegria e assistir ao dia em que fez, annos que casei, com vivo entusiasmo todos os teus manos e manas levantaram-nos um brinde, assim como a Corina, que chegou à sobremesa, porem quando todos se vião, eu lembrei-me de ti e levantei um brinde, à tua saude, à tua prosperidade e à tua felicidade, que foi callorozadamente correspondido.

A Corina ja tem uma menina, que deve chamar-s Maria Helena, eu e o Papá estamos convidados p.a padrinhos. Já conhecias, daqui, o marido da Corina?

Que te pareceu o retrato do J.e, espoza e filho? O J.e é um rapaz muito trabalhador e tem muitíssimas sympathias, está bem collocado e tem um filho só; o seu ordenado é de 720,000 e também é escrevente no Centro, a onde recebe algum ordenado.

A Tia Iria foi condecorada por acto Filantropia. Tratou um homem attacado do - Morno - que todos abandonas!!!!

Faleceu o J. Vieira, nosso antigo vizinho.

Tambem faleceu a prima Lage, Mãe do Carlos, Alfredo e João; convives com elles?

continuidade da carta

Não sei se ja te disse que o Tio Henrique e espoza vive com a avózinha e Tia Umbelininha; o Tio está m.to gordo e pacato.

O Tio Ferr.a está de cama á 36 dias, com uma febre. Escreve á Tia Mariquinhas, informando-te do estado do doente.

Que tristeza eu sentiria se tua fosses recrutado, Toneca!

O Papá não te escreve hoje, por falta de tempo.

Não te esqueças nunca de nós, meu filho, que te amamos tanto; m.tas vezes me lembro que nunca m.s te verei, atendendo ao meu estado de saude, e como eu soffro quando tenha taes ideias..! coitadas de tuas irmãs se eu e teu bom Papá, lhes faltar,?!

Tens tu de as proteger e olhar por elles como um bom irmão, porque são m.tas e como não tem fortuna, nem todas cazarão; os homens hoje só querem dinheiro e m.to dinheiro.

A menina da Corina, baptizou-se no dia 16 do corrente; chama-se M.a Helena, é nossa affilhada.

Faz amanhã que morreu o teu avô materno; vamos assistir a uma missa por sua alma.

Adeus, meu f.o perdoa-me estas reflexões e crê sempre na intima amizade e dedicação de Tua Mãe Emilia ,

CARTA DA IRMÃ ALBERTINA

17 de agosto de 1898

Querido Antonio:

Parabens, parabéns, muitos e sinceros parabéns, não podes imaginar alegria que senti ao saber que tinhas interesse na casa aondes estás; Devia ficar surpreendida e muitíssimo contente. Tem muito juizinho, conduz-te sempre como um cavalheiro e verás que dentro em poucos annos, juntarás alguns pataquinhos para vires gozar na tua Patria na companhia dos nossos bons Papás e tuas irmãs que muito te estimam.

Trata muito bem todas as sinhasinhas mas nunca te apaixones por nenhuma porque não queremos cunhada brasileira, é verdade que estás muito novo, nem isso te deve lembrar, o teu dia. Deve ser trabalho e economia. Que te parecem os meus conselhos, agradam-te?

Tomo a liberdade de te offerecer um lenço com a tua inicial bordada por mim, é pequena a offerta mas exprime muita amisade. Como tens passado dos teus incomodos? Faço votos para que estejas restabelecido. A nossa Mamã e a Emilia Adelaide estão ambas anemicas. Vou-te fazer-te um pedido o que deves attender, como sabes o Papá faz annos a 27 de Outubro, quero que o feleceitas e lhe mandes o teu retrato, não te esqueças. Estima muito o Sr Monteiro que é digno d'isso, por esse Sr saberás noticias nossas. Termino supplicando-te que escrevas todos os mezes aos Papás, porque quando deixas de escrever é uma inquietação em que todos estamos. Acceita um saudoso e apertado abraço e uma eterna saudade de tua irmã muito amiga. Albertina Azevedo.

DA TIA IRIA, IRMÃ IRIA DO HOSPITAL DA
MISERICÓRDIA

1 de setembro de 1900

J. M. J. A., O Senhor Nos dê a Sua Paz.

Meu m.to querido sobrinho

Esta têm por fim meu bom Antoninho primeiro, agradecer-lhe, o seu retrato que me fez, a honra de me dirigir, o qual muitíssimo estimo, e penhorada sinceramente-lho agradeço, e não lho retribuo por, a minha posição não me permitir, um certo numero de cousas, como, o menino conhece, não, é verdade? Apesar de-nos não ser proibido o tirar retrato, mas eu é que não gosto!!!

Olhe quer saber como eu estou? Muito velha! Cansada, doente, e muitíssimo rabugenta! Como uma velha! Mas estou muito bonita! Como sempre fui!!!...

Êis ahi, tens o meu retrato, Antoninho!!

E também quer saber em que passa a sua velhinha tia, o tempo? Levanto-me as cinco horas da manhã!! Vou para a Capella, logo depois de ter ido ver os meus doentinhos, são as minhas devoções, assisto ao Santo Sacrificio da Missa, em alguns dias também-me confesso, recebo a Nossa Senhor no Sacramento da Eucaristia. Estou muito contente na Capellinha, que é m.to bonita. Fico lá quando deveres me não obrigam a sahir! Até ás sete horas, depois vou tratar de dar, o almoço, aos doentinhos assistir, a curativos mais graves, operações, etc. etc. depois na dispensa, pesar e dar tudo que é preciso para as refeições do dia, dos probleminhas,

continuidade da carta

pessoal e etc. Em seguida vou à cozinha, ver como correm as coisas. Au meio dia vamos dar, o jantar aos doentinhos em seguida vamos nós, as irmãs jantar também! Depois, temos um poucadinho de recreio, rindo e brincando!... Em seguida, trabalhos da caza, até a noite. Eu e as Irmãs nas duas Enfermarias cuidando, conferindo também o seu dever. E depois à noite confiro, ou faço a diligência (orações) para cumprir o meu dever de Christão resando alguma outra coisinha, e depois descansar. Q.dº Antoninho, o meu retrato é a minha vida... Óra diga-me! E o Antoninho como têm passado de saúde? E também faz a diligência (orações) de não, ser como muitos que parecem que se esquecem que são baptisados, deixando de cumprir todos os deveres de Christãos!!... Nunca se esqueça de resar a Nossa Senhora, ao menos uma Avê Maria, por dia; sim?

Nada lhe digo do triste acontescimento, que ouve, porque já tudo deve saber, quando recebe logo consegue o retrato do Menino, fiquei triste, com a notícia que hia receber, em troca do retrato que tinha mandado, de certo com imensa satisfação, mas emfim este mundo, é assim!... tenho imensa pena das meninas, e do doce bom Papá! Coitadinho muito, muitíssimo têm sofrido; por diversos modos!...

O Nosso bom Deus proteja o bom Antonio, os seus negocios, n'esta terra grande; grande em tudo... não é verdade! Adeus meu m.to q.dº e sempre lembrado sobrinho, creia que nunca-me têm sido, nem será nunca esquecido. Espero em Nossa Senhora que a inda, a vida ver m.to contente, e feliz. Creiame sempre toda dedicada da Muito amiga Tia Irmã Iria das Dores

Hospital da Misericordia, Villa Real, 1º de Setembro de 1900

continuidade da carta

N.B. Guarde na sua carteira, N.a Senhora, S.to Antonio; sim? Quem sabe, se por respeito consagrado a essas estampinhas será livre de grandes perdas. Adeus. Tua tia Iria.

Nota: O triste acontecimento referido acima foi o falecimento de Emilia, mãe do Toneca e irmã da Irmã Iria das Dores.

CARTA DA IRMÃ IRIA

1 de setembro de 1900

J. M. J. A.

O Senhor Nos de'a Sua paz

Meu m.to querido sobrinho

Esta têm por fim meu bom Antoninho primeiro, agradecer-lhe o seu retrato que me fez, a honra de me dirigir, o qual muitíssimo estimo, e pinhorada sinceramente-lho agradeço, e não lho retribuo por, a minha posição não me permitir, um certo numero de cousas, como, o menino conhese, não, é verdade? Apesar de-nos não ser provido, o tirar o retrato, mas eu é que não gosto!!!

Olhe quer saber como eu estou? Muito velha! Cançada, doente, e muitíssimo rabugenta! Como velha! mas estou muito bonita! Como sempre fui!!!!...

Êis ahi, têm, o meu retrato; Antoninho!!

E também quer saber em que passa a sua velhinha tia, o tempo? Levanto-me as cinco horas da manhã!! Vou para a Capella, logo depois de ter ido ver os meus doentinhos, são as minhas devocões, assisto au Santo Sacrefício da Missa, (em alguns dias também-me confesso, recebo a Nossa Senhor no Sacramento da Eucaristia.) (estou muito contente na Capellinha, que é m.to bonita) quando deveres me não obrigam a sahir! A té ás sete horas, depois vou tratar de dar, o almoço, aos doentinhos assistir, a corativos, mais graves, operações, etc. etc. depois a dispensa pesar, e dar tudo que é presiso para as refeições do dia, dos probleminhas, pessoal e

continuidade da carta

etc, em seguida vou à cozinha, ver como corre as cousas. Au
meio dia vamos dar, o jantar aos doentinhos em seguida va-
mos nós, as irmãs jantar também! depois temos um pouca-
dinho de recreio, rindo e brincando!... em ceguida, trabalhos
da caza, a té a noite, eu e as Irmãs nas duas Enfermarias
cuidando, conferindo também o seu dever, e depois à noite
confiro, ou faço a diligencia para cumprir o meu dever de
Christão resendo alguma outra coisinha, e depois descan-
çar. Xxx ahi têm ou.to q.do Antoninho, o meu retrato, e a
minha vida... Óra digame! e o Antoninho como têm passado
de saude? e também faz a diligencia de não, ser como mui-
tos que parece a xxx que se esqueçam que são baptisados?
deixando de cumprir todos os deveres de Christãos!...!

Nunca se esqueça de resar a Nossa Senhora (au menos)
uma Avê Maria, por dia; sim?

Nada lhe digo do xxx acontescimento, que ouve, porque já
tudo deve saber, quando recebe logo consegue o retrato do Me-
nino, fiquei triste, com a xxx da triste notícia que hia re-
ceber, em troca do retrato que tinha mandado, de certo com
imença satisfação, mas emfim este mundo, é assim!... tenho
imença penna das meninas, e do doce bom Papá! Coitadi-
nho muito, muitissimo têm sofrido; por diverços modos!...

O Nossa bom Deos proteja o bom Antonio, e xxx os seus nego-
cios, n'esta terra grande; grande em tudo... não é verdade!

Adeus meu m.to q.do e sempre lembrado sobrinho, creia que
nunca-me têm sido, nem será nunca esquesido. Espero em
Nossa Senhora que a inda, a vida ver m.to contente, e feliz.

Creiame sempre toda dedicada da

Muito amiga Tia, IRMÃ IRIA

CARTA DO PAI EM 1901

2 de novembro de 1901

Meu prezado filho Antonio

Pelo portador da presente, teu irmão Manoel, te envio um apertado abraço e saudades. Por elle terás completas notícias de toda a família.

Ao teu cuidado confio o inicio dos seus trabalhos e sorte fatura, como confio em Deus que vos auxiliará, afim de que elle aproveite o tempo e as forças phisicas de que possa dispor para conseguir o pão para a velhice! Tens de fazer as minhas vezes de pai, e, por isso, dar-lhe os bons concelhos e coadjuval-o em tudo que seja possivel, afim d'elle duma boa carreira e ser estimado na sociedade, para o que conto que elle saberá ser-te obdiente e respeitador.

He meu desejo que o arrumes em casa estranha, se isso podesse conseguir à tua vontade, afim de evitar contrariedades facturas; mas isto não impede de fazeres aquillo que julgares por melhor.

Tuas tias todas te enviam saudades e pedem a continuação de tuas notícias; a Maria vai um pouco melhor todavia em risco de um seq. do ataque que fará secumvir. Toda a mais familia passa bem.

Teu pai que m.to te estima, Domingos A. d'Azevedo

CARTA DA IRMÃ ALICE,

1 de janeiro de 1901, quando o irmão Manuel embarcou para o Brasil

Porto, em 1 de novembro de 1901

Querido Antonio. É portador d'esta o nosso Manuel que, como tu, vae tentar vida para longe da sua terra natal; A ti esta pois confiado o trabalho de o encarreirar na vida pratica, para que elle possa um dia, mais tarde, agradecer a Deus e a ti a felicidade futura que venha a disfrutar, de volta a sua terra, no meio d'aquelles que hoje choram ao vel-lo ir lançar-se n'uma vida de trabalho privado dos affectos que todos aquilhe dispensamos. Ainda bem que tu o tem ahi como irmão amigo, para o guiares e protegeres, sempre que a pouca experiência, devido à sua tenra idade, reclame o teu auxilio e bom será que elle ainda um dia possa assim como tu, virem minorar os desgostos e privações que n'estes últimos annos tanto nos tem perseguido e um especial a nosso bom Papá, que tanto nessecitava agora do descanso e bem estar que os seus annos e o muito que tem trabalhado o reclamão.

Espero que tanto tu, como o Manuel, logo que ahi chegar, nos escrevam, dando-nós parte de todos os promenores relativos a sua viajem e se chegou ahi de perfeita saude, assim como terei muitíssima satisfação em saber se elle conseguiu collocar-se na casa em que tu estás, o que seria para elle de muita vantagem por estar ao teu lado. Quando me escreveres, não te esqueças de me dizeres como tens passado de saude, pois que, faço votos ao Altissimo pelas tuas melhorias. Adeus querido Antonio, não me alongo mais porque já são onze horas da noite e o sonno já se vai aproximando a passos agigantados. Acceita um abraço muito apertado da tua irmã que muito deseja ver-te. Alice

CARTA DO PAI,

2 de novembro de 1901

Meu prezado filho Antonio

Pelo portador da presente, teu irmão Manoel, te envio um apertado abraço e saudades. Por elle terás completas notícias de toda a família. Ao teu cuidado confio o inicio dos seus trabalhos e sorte futura, como confio em Deus que vos auxilliará, afim de que elle aproveite o tempo e as forças phisicas de que possa dispor para conseguir o pão para a velhice! Tens de fazer as minhas vezes de pai, e, por isso, dar-lhe os bons concelhos e coadjuval-o em tudo que seja possível, afim d'elle dum a boa carreira e ser estimado na sociedade, para o que conto que elle saberá ser-te obdiente e respeitador. He meu desejo que o arrumes em casa extra-nha, se isso podesses conseguir à tua vontade, afim de evitar contrariedades futuras; mas isto não impede de fazeres aquillo que julgares por melhor. Tuas tias todas te enviam saudades e pedem a continuação de tuas notícias; a Maria vai um pouco melhor todavia em risco de um seq. do ataque que a fará secumvir. Toda a mais familia passa bem. Teu pai que m.to te estima, Domingos

CARTA DA IRMÃ ALICE
1 de novembro de 1901

Querido Antonio

É portador d'esta o nosso Manuel que, como tu, vae tentar vida para longe da sua terra natal; a ti esta pois confiado o trabalho de o encarseirar na vida practica, para que elle possa um dia, mais tarde, agradecer a Deus e a ti a felicidade futura que venha a disfrutar, de volta a sua terra, no meio d'aquelles que hoje choram ao vel-lo ir lançar-se n'uma vida de trabalho privado dos affectos que todos aqui lhe dispensamos. Ainda bem que tu tem ahi como irmão amigo, para o quiares e protegeres, sempre que a pouca experiência, devido à sua tenra idade, reclame o teu auxilio e bom será que elle ainda um dia possa assim como tu, virem minorar os desgostos e privações que n'estes últimos annos tanto nos tem perseguido e um especial a nosso bom Papá, que tanto nessecitava agora do descanso e bem estar que os seus annos e o muito que tem trabalhado o reclamão.

Espero que tanto tu, como o Manuel, logo que ahi chegar, nos escrevam, dando-nós parte de todos os promenores relativos a sua viagem e se chegou ahi de perfeita saude, assim como terei muitíssima satisfação em saber se elle conseguiu collocar-se na casa em que tu estás, o que seria para elle de muita vantagem por estar ao teu lado.

Quando me escreveres, não te esqueças de me dizeres como tens passado de saude, pois que, faço votos ao Altíssimo pelas tuas melhorias.

continuidade da carta

*Adeus querido Antonio, não me alongo mais porque já são
onze horas da noite e o sonno já se vai aproximando a passos
agigantados.*

*Acceita um abraço muito apertado da tua irmã que mui-
to deseja ver-te.*

Alice d'Azevedo

CARTA DO PAI

Porto, 1 de janeiro de 1915

Prezado filho Antonio

É sempre com a maxima satisfação que recebo tuas muito apreciadas cartas, por me darem notícias tuas, e de tua família, por isso, a tua carta de 1 de Dez. bro f.º, que recebi na véspera do Natal, me encheu de contentamento por vir representar-te n'uma noite tão solenne!...

Recebi também a caixinha com o lenço que tua filhinha Lygia, minha boa afilhada me offeresse, assim como o avental para a tia Elvira, que m.º apreciamos e demoramos a boa vontade, em tão tenra idade, para apresentar, relativamente, tão bom trabalho, denotando ao mesmo tempo a passiencia das suas boas educadoras. Os meus parabens e gratos agradecimentos.

Recebi tambem com tua carta de 2 do mesmo mes uma letra sobre o B.co Aliança de R40.000; que foi promptamente paga, e cuja offerta muito reconhecido te agradeço.

Conforme te dice na minha ultima, mandei pôr teu primo Jose Couto, que foi no mesmo vapor em que foi o embaixador portugues - D.or Duarte Leite - uma caixinha com duas colheres de prata para a m.º a filhada e outra para Nair, as quaes já devem ter sido entregues, pois estas conto que não terão o mesmo cam.º das outras.

Estão-se sentindo aqui muito os effeitos da horrorosa guerra europeia e da crise financeira do Brasil, e sem esperanças de que acabe em breve!

continuidade da carta

Quanto a política d'aqui e à administracção está um chão, uma miseria! Não é possível assim ir muito longe! Os mandantes não se entendem, descompondo-se todos os dias e denunciando-se uns aos outros! É uma imbecilidade incrível!

Para Africa já foram duas expedições, compostas de todas as armas, para defenderem as fronteiras Alemãs, e, segundo se crê, julgavam que estavam na rotunda da Avenida a tratar de 5 d'Outubro, fizeram-se finos e valentes, resultando apanharem uma formidável taria!...

Agora, estão-se formando mais uma ou duas expedições com 7.000 homens, que nos vai custar alguns milhares de contos de reiz, e assim engordar também alguns tubarões que navegam no terreiro do Paço, debaixo das arcadas!

E já fallam em pedir vinte ou trinta mil contos de contribuições!! E viva a menina...!

Terminei, desejando-te a melhor saude e a todos os teus e fazendo votos para que o novo anno te proporcione m.tas felicidades.

Saudades p.a todos, um abraço p.a Dinorah e m.tos beijos, p.a as netinhas.

Teu pai e am.o

Domingos

P. S.

Maria das Dores baptizou hoje a sua filhinha, sendo a Elvira madrinha, e ficou-se chamando Emilia Maria da Conceição Pinhão d'Azevedo.

É muito gorda e bonita.

Todos bem, continuando a tia Rutte na mesma.

CARTA DO PAI

1 de janeiro de 1915 (durante a Grande Guerra)

Prezado filho Antonio

É sempre com a maxima satisfação que recebo tuas muitas apreciadas cartas, por me darem notícias tuas, e de tua família, por isso, a tua carta de 1 de Dez. bro f.º, que recebi na véspera do Natal, me encheu de contentamento por vir representar-te n'uma noite tão solenne!... Recebi também a caixinha com o lenço que tua filhinha Lygia, minha boa afilhada me offeresse, assim como o avental para a tia Elvira, que m.º to apreciamos e admiramos a boa vontade, em tão tenra idade, para apresentar, relativamente, tão bom trabalho, denotando ao mesmo tempo a passiencia das suas boas educadoras. Os meus parabens e gratos agradecimentos. Conforme te dice na minha ultima, mandei pôr teu primo Jose Couto, que foi no mesmo vapor em que foi o embaixador português - D.ºr Duarte Leite - uma caixinha com duas colheres de prata para a m.º a filhada e outra para Nair, as quais já devem ter sido entregues, pois estas conto que não terão o mesmo cam.º das outras.

Recebi também com tua carta de 2 do mesmo mes uma letra sobre o B.co Aliança de R\$ 40.000, que foi promptamente paga, e cuja offerta muito reconhecido te agradeço. Estão-se sentindo aqui muito os effeitos da horrorosa guerra europeia e da crise financeira do Brasil, e sem esperanças de que acabe em breve!

Quanto a política d' aqui e à administracão está um chão, uma miseria! Não é possível assim ir muito longe!

continuidade da carta

Os mandantes não se entendem, descompondo-se todos os dias e denunciando-se uns aos outros! É uma imbecilidade incrível! Para Africa já foram duas expedições, compostas de todas as armas, para defenderem as fronteiras Alemãs, e, segundo se crê, julgavam que estavam na rotunda da Avenida a tratar de 5 d'Outubro, fizeram-se finos e valentes, resultando apanharem uma formidável taria! Agora, estão-se formando mais uma ou duas expedições com 7.000 homens, que nos vai custar alguns milhares de contos de reis, e assim engordar também alguns tubarões que navegam no terreiro do Paço, debaixo das arcadas!

E já fallam em pedir vinte ou trinta mil contos de contribuições!! Termino, desejando-te a melhor saude e a todos os teus e fazendo votos para que o novo anno te proporcione muitas felicidades. Saudades p.a todos, um abraço p.a Dinorah e m.tos beijos, p.a as netinhas. Teu pai e am.o Domingos.

P. S. Maria das Dores baptizou hoje a sua filhinha, sendo a Elvira madrinha, e ficou-se chamando Emilia Maria da Conceição Pinhão d'Azevedo. É muito gorda e bonita. Todos bem, continuando a tia Rutte na mesma.

CARTA DO PAI

Aproximadamente em 1915 (durante a 1^a Grande Guerra)

Prezado Antonio

Foi com a maxima satisfação que recebi tua muito presa-
da carta de 31 do p.o p.d.o e muito apreciei as boas notícias que
me dás de todos os nossos. Eu, tuas manas, cunhados e sobr.
os temos passado bem, e dos ausentes, em Lisboa, só Americo
é tem passado emcommodado do rheumatismo nos pes; tuas
tias e primas, tanto d'aqui como de Ruivães teem passado re-
gularmente, à excepção da Ritta que continua na mesma.

Ahi tendes tido calor excessivo e nós, á dias, a esta parte que
temos sentido é muito frio, mais do que no inverno! Já se vê
que isto está mal dividido, como as fortunas, o que ha de
excesso n'umas partes falta nas outras...

Até agora também sentiamos falta de navios na Marinha
Mercante e na Marinha do Estado, porque tinham metido
uma grande parte d'elles no fundo, devido á muita com-
petencia dos nossos marinheiros, mas agora o nosso omnipo-
tente Robespierre conseguiu, com meia dúzia de linhas em
letra redonda no Diario dos Governantes, arranjar uma
futilha de assombrar os mares e os Aloarmões!! Devemos
ter agora uma invasão de artigos alimentícios de fazer in-
digestão aos... atacadistas! pois que, dizem ser para ir bus-
car fóra tudo que seja preciso para matar a fome!...

Vejo que a crise ahi continua em estado agudo, e que muito
se paresse com a de cá, por sofrer do mesmo mal; Aqui, os que
não sentem muito crise são os atacadistas de todos os arti-

continuidade da carta

gos tanto nacionaes como estrangeiros, assim como os governantes e altos funcionários, fornecedores do estado, etc.

Os pobres, esses contentão-se, por enquanto em ameaçar o lavrador obrigando-o a vender-lhe o pão de milho mais barato, assim o estabelecemos, em quanto se não resolve ao saque!

Foi cobrada a letra de 20.000 reis, que me enviastes sobre o Banco Aliança, o que, eu e tuas manas, muito reconhecidos te agradecemos.

Estou escrevendo no papel da Sociedade A. de Seguros "A Patria" fundada ultimamente em Evora, por iniciativa de teu sobrinho e meu neto Jose Horacio, coadjuvado por meia duzia de capitalistas e lavradores ricos d'ali, cuja representação elle conseguia que teu cunhado J.m Barbosa acceptase como Delegado n'esta Cidade, e este por sua vez montou o escriptorio no 1º andar que elle já occupava n'esta casa, obrigando-me assim a retirar-me da Comp.a Commercio e Industria para trabalhar para esta. Estou, pois, fazendo serviço dentro de casa, mas não tenho menos trabalho e muito mais responsabilidades; quanto aproventos mais alguma cousa dá, pouco, devido ao Barbosa seder em meu beneficio a parte que lhe competia. Em quanto houver alguma saude iremos aproveitando tudo e lutando sempre.

Terminei pedindo de me recommendares a tua Ex.ma sogra, de dares um abraço a Dinorah e muitos beijos, às netinhas, e mais um á um a m.a afilhada, e continuo a fazer os mais ardentes votos pela felicidade de todos.

Teu pai e amigo, Domingos.P. S.

Muitas saudades para o Manoel.

CARTA NOTICIOSA E CRÍTICA DO PAI
Porto, 27 de fevereiro de 1916

Prezado Antonio

Foi com a maxima satisfação que recebi tua muito presada carta de 31 do p.o p.d.o e muito apreciei as boas notícias que me dás de todos os nossos. Eu, tuas manas, cunhados e sobr. os temos passado bem, e dos ausentes, em Lisboa, só Americo é tem passado emcommodado do rheumatismo nos pes; tuas tias e primas, tanto d'aqui como de Ruivães teem passado regularmente, à excepção da Ritta que continua na mesma.

Ahi tendes tido calor excessivo e nós, á dias, a esta parte que temos sentido é muito frio, mais do que no inverno! Já se vê que isto está mal dividido, como as fortunas, o que ha de excesso n'umas partes falta nas outras...

Até agora tambem sentiamos falta de navios na Marinha Mercante e na Marinha do Estado, porque tinham metido uma grande parte d'elles no fundo, devido á muita competencia dos nossos marinheiros, mas agora o nosso omnipotente Robespierre conseguiu, com meia dúzia de linhas em letra redonda no Diario dos Governantes, arranjar uma flutilha de assombrar os mares e os Aloarmões!! Devemos ter agora uma invasão de artigos alimentícios de fazer indigestão aos... atacadistas! pois que, dizem ser para ir buscar fóra tudo que seja preciso para matar a fome!...

Vejo que a crise ahi continua em estado agudo, e que muito se paresse com a de cá, por sofrer do mesmo mal; Aqui, os que

continuidade da carta

não sentem muito acrise são os atacadistas de todos os artigos tanto nacionaes como estrangeiros, assim como os governantes e altos funcionarios, fornecedores do estado, etc.

Os pobres, esses contentão-se, por enquanto em ameaçar o lavrador obrigando-o a vender-lhe o pão de milho mais barato, assim o estabelecim.tos, em quanto se não resolve ao saque!

Foi cobrada a letra de 20.000 reis, que me enviastes sobre o Banco Aliança, o que, eu e tuas manas, muito reconhecidos te agradecemos.

Estou escrevendo no papel da Sociedade A. de Seguros "A Patria" fundada ultimamente em Evora, por iniciativa de teu sobrinho e meu neto Jose Horacio, coadjuvado por meia duzia de capitalistas e lavradores ricos d'ali, cuja representação elle concequia que teu cunhado J.m Barbosa acceptase como Delegado n'esta Cidade, e este por sua vez montou o escriptorio no 1º andar que elle já occupava n'esta casa, obrigando-me assim a retirar-me da Comp.a Commercio e Industria para trabalhar para esta. Estou, pois, fazendo serviço dentro de casa, mas não tenho menos trabalho e muito mais responsabilidades; quanto aproventos mais alguma cousa dá, pouco, devido ao Barbosa ceder em meu beneficio a parte que lhe competia. Em quanto houver alguma saúde iremos aproveitando tudo e lutando sempre.

Terminei pedindo de me recommendares a tua Ex.ma sogra, de dares um abraço a Dinorah e muitos beijos, às netinhas, e mais um á um a m.a afilhada, e continuo a fazer os mais ardentes votos pela felicidade de todos. Teu pai e amigo. Domingos. Muitas saudades para o Manoel.

CARTA POLÍTICA DO PAI, 1916

Vencida a 8 do mesmo, dia de N. Senhora da Conceição, pelo D.or Sidonio Paez, que se fez proclamar Presidente d'esta Republica nova, com 500 e tantos mil votos, em dia da Senhora da Hora, já se respira melhor e se anda mais à vontade. Os formigas pretas e brancas da primeira e seg. da republica agachavam-se na toca, os chefez A. Costa, Nortão N Leota desapareceram e o bom velho da ex presidência foi ex patriado, esperando algum bonito fagueiro que lhe dê esperança de tornar a vêr o seu velho Portugal!... Julgo, porém, que será esperança muito xxx, não obstante o seu formigueiro de vez em quando mostrar a cabeça fóra da toca, mas que o Sidonio lhe faz recolher imediatamente com o seu poder occulto! E, não ha duvida que, se assim continuar, fazendo justiça recta e junta ao mesmo tempo dispendo de energia e força, nunca mais a republica velha vota ao poder. Tem dado provas de homem activo, eficaz, sensato e de coragem, e como tem sido bem recebido e ovaciado em toda aparte, tem sabido aproveitar a sua finura para se impor e conseguir seus fins.

Já muita gente diz que o Sidonio tem o poder da Padroeira do Reino (Senhora da Conceição) por elle, por isso que não dorme...

Em fim, oxalá que Deus o conserve por que pode vir outro pior.

Quanto a subsistencias de cada vez estamos pior! O pão já custa 300 reiz o kilo, que antes custava 50 reiz; o arroz de 100 reiz passou a 550; o assucar já se compra por ração de 100

continuidade da carta

e 200 gr, de 220 passou para a media de 5 a 300 reiz; o azeite de 150 passou para 400 reiz; o bacalhau ordinario e custa de 700 a 1000 o k.o e tudo o mais em proporção. É por esta razão que a miseria é muita na maior parte das classes baixas e que todas as molestias se tem desenvolvido muito e feito muita vitima, e assim continuará a ser em quanto durar a maldita guerra, que parece não ter fim!..

Teu pai e am.o, Domingos

CARTA DO IRMÃO MANUEL

9 de março de 1927

Meu caro Antonio:

Encontra-se já em meu poder a promissória de 3:500,000, com vencimento para vinte e oito de novembro do corrente anno, que te dignas-te enviar-me para substituir a que se venceu em 30 de novembro passado. Também recebi o cheque de 300, que me mandaste em cheque do Banco Mercantil, cuja importancia recebi. Lamento que o balanço que terminaste à pouco, só prejuízo tenha demonstrado; no entanto devo dizer-te que não é motivo para desanimar pois todos, ou pelo menos a maioria dos negociantes, foram atingidos fortemente pela prolongada crise que atravessou este grande paiz. Tendo em vista a estabilização do cambio ser um facto, e o governo fazer questão absoluta de o manter assim, é de prever que os negocios tomam um aspecto mais animador e duradouro. Nós mesmo, aqui, já estamos sentindo os benefícios effeitos das providencias governamentaes.

Sem mais abraça te o irmão amigo. Manoel Azevedo

CARTA DO IRMÃO MANUEL

9 de março de 1927

Meu caro Antonio:

Confirmo a carta que hoje te dirigi sobre assumptos comerciaes.

Esta tem por fim participar-te que em princípios de maio tenciono chegar à terra em que labuta o nosso bom velhote e em que residem todos os nossos, lamentando apenas que tu e todos os teus não possam fazer me companhia n'esta viagem.

Desde já te digo que, na minha ida, faço empenho em levar notícias frescas d'ali.

Antes de ir tenciono dar uma fugida ahi para ter o prazer d'pessoalmente toda a tua prole.

Um abraço te envieio o irmão amigo que pede transmittas a todos teus recomendações suas.

Há 5 dias recebi notícias do Papá. Todos escaparam do tiroteio. O tenente Augusto Couto, irmão do primo Je Couto que ahi te visitou em setembro, é que recebeu vários tiros, estando porem livre de perigo. Está no hospital do exercito. Recebi hontem telegrama em que o Papá diz estar o Augusto melhor. Manoel Azevedo.

CARTA DO IRMÃO MANUEL AZEVEDO

Rio, 9 de março de 1927

Meu caro Antonio:

Encontra-se já em meu poder a promissória de 5:500,000, com vencimento para vinte e oito de novembro do corrente anno, que te dignas-te enviar-me para substituir a que se venceu em 30 de novembro passado.

Tambem recebi o cheque de 300, que me mandaste em cheque do Banco Mercantil, cuja importancia recebi tambem.

Lamento que o balanço que terminaste à pouco, só prejuízo tenha demonstrado; no entanto devo dizer-te que não é motivo para desanimar pois todos, ou pelo menos a maioria dos negociantes, foram attingidos fortemente pela prolongada crise que atravessou este grande paiz. Tendo em vista a estabilização do cambio ser um facto, e o governo fazer questão absoluta de o manter assim, é de prever que os negocios tomam um aspecto mais animador e duradouro.

Nós mesmo, aqui, já estamos sentindo os benefícios effeitos das providencias governamentaes.

Sem mais abraça te o irmão amigo.

Manoel Azevedo

P.S.

Junto devolvo a promissoria vencida.

CARTA DA IRMÃ ELVIRA, 1931

Pesarosa, com o falecimento da Nair.

Meus queridos e Saudosos Antonio e Dinorah

Não sei expressar a intensa dôr que senti ao deparar com a cruel notícia que nos trouxe o jornal. É verdadeiramente doloroso registrar mais um golpe, que deveras nos feriu o coração, pois deveras estimavamos a sobrinha querida que a Morte nos arrebatou desapiedadamente!! Não a conhecíamos?!! Mas o coração nos indicava, como uma pessoa a quem se quer com acrisolada afeição!! Pobre Nair!!... E tão nova, quando o futuro lhe reservava, certamente junto de seu caro esposo e queridos filhinhos, gozar uma felicidade invejável. Custa na verdade, a crê!! Se não fosse a muita fé em Deus Misericordioso, era para desanimar. “Resta-nos, Senhor Todo Poderoso, a esperança de que junto de Vós, a nossa querida, a inolvidável Nair, estará a gozar a Vossa Celestial Companhia e que Vós a todos haveréis de dispensar a coragem necessária, para resistir a uma tão pungente dôr.

Tanta esperança me animou depois do falecimento de nosso bondoso Paisinho, que nós havíamos ainda de conhecer a todos os seus; infelizmente, porém já Deus não quer que conheça a nossa simpática e gentil Nair.

Hontem tinha principiado a escrever a Antonio, pedindo nos desse notícias da Nair, pois andavamos muito sobresaltadas, por ele ter prometido dizer o resultado da operação e nada ter ainda mandado dizer. Mas como tive de ir fazer a visita à Maria do Carmo pelo falecimento do Antonio, não

continuidade da carta

a pude acabar. Hoje de manhã cedo, estava muito preocupada e comuniquei à Albertina, que me disse que também lhe não saía da ideia e estranhava a demora. Estavamos sempre à espera do resultado, para cumprir a promessa que tínhamos feito. E hoje de manhã, pedimos a Nossa Senhora que viessem notícias breves. Nunca supus, que agora ao chegar havia de me esperar tão fatal notícia.

Não demorem a dizer-nos o que se passou, pois ficamos em verdadeira anciedade. Calculo e sei compreender o vosso atraso sofrimento mas peço-vos o sacrifício de nos dizerem algo.

Nem sei como escrevo tam apoquentada estou. Ainda há pouco e que está sempre no nosso coração e na ideia o desaparecimento de nosso saudosíssimo Paisinho, e agora mais um golpe!! Dois meses e quatro dias depois do Papásinho querido. E hoje 21 de Julho, faz 31 anos que faleceu a nossa sempre lembrada Maesinha, recebo tam infausta notícia!!

Dispunha-me a ir para a Agramonte em sequida a saída do escritorio, ter com as manas que lá foram depôr flores, mas ao deparar com a notícia no jornal que me mandou agora a Albertina, fiquei sem coragem. Lembram-se que aguardamos as vossas notícias. Na 6^a feira, 17 tambem deu a alma a Deus, o Antonio Lemos, depois de muito sofrer. A vida é isto. Infelizmente há muito quem esteja a lamentar-se.

Admiro o Manuel, não mandar para cá dizer alguma coisa. Eu bem sei que ele andara em viagem.

Se a Nair, tiver algum retratinho tirado ultimamente, peço-vos que m'o deis, pois quero colocá-lo junto do de nossos queridos Pais, e onde se encontram todos os nossos idolatrados

continuidade da carta

mortos, (que infelizmente já não são poucos) e que é ao pé de Nossa Senhora da Conceição e da Sn^a. Santa Ana. Temos sempre adornado com muitas florinhas.

Compreendo porque não mandavas a procuração. Eu escrevi e não indicava pessoa alguma, por calcular que o Manuel, já teria indicado. Tinha-me lembrado do Antônio Ferreira, por ser amigo da família e muito respeitador de Papá. Mas mandarás a quem tu entenderes. Está por enquanto tudo na mesma. Falta liquidar com a Fazenda e logo que chegar a tua procuração, fazem-se as partilhas.

Vamos amanhã, ouvir missas pela Nair, pelo seu eterno descanso. Adeus. Todos os outros como estão? Os filhinhos e filhinha da Nair, onde estão? A Dinorah ainda está em Belo Horizonte? Deem muitas notícias. Estou nervosíssima e triste. De cada vez a nossa vida é mais apóquanta-dora. Quero que siga hoje esta carta. Recebeste 2 maços de jornais com selos. Lê como puderem, Ligia e filhinho? Gilberto, Carlitos, Maria de Lourdes? E a Emilinha, como estão todos? Para todos vai um amarquizado coração, cheio de saudosos abraços. Para vós, caros irão a mais viva saudade e acompanha-vos na vossa imensa dôr. Abraçavos e beijavos a vossa Elvira. Pede muita desculpa ao Mario, da carta tam mal escrita. Ainda nem estou em mim.

Muitos beijos, muitos abraços das manas e Domingos. A todos vou comunicar. Para o Mario um abraço de conforto e resignação, para os petizes, sinceros beijos de verdadeiro afecto. Ao Zeza um grande abraço. Ao noivo da Emilinha também um abraço de grande simpatia. Desculpai a escrita.

CARTA de ELVIRA

Setembro de 1931. Carinhosa, ainda o falecimento de Nair e do pai.

Meu bom Antonio

Desculpa ainda só hoje escrever-te... apresentando os meus sentidos pesares pelo falecimento da tua querida filhinha, a minha sempre lembrada sobrinha Nair. Pobre Nair, que tão pouco tempo gosou a felicidade. Que Deus a tenha em bom descanso. Tinha feito uma promessa à Virgem das Dôres pelas melhorias dela, mas Deus quis leval-a para o céu, para junto do nosso santo Paesinho. Quando recebemos os teus jornaes e li o falecimento da Nair querida, fiquei triste, muito triste, porque desapareceu para sempre mais uma pessoa da nossa família. Ainda há dois meses que tinha falecido o nosso querido e extremoso Paesinho, felizmente já esta ele gozando a pás celestial e estamos na esperança de que no outro mundo velará por nós. Foi um bom, um justo, por isso tem direito a gosar a bem aventura eterna. Tem-nos custado muito conformar com a sua falta, porque a sua companhia era a melhor que pudíamos ter. A sua amizade era a mais afectuosa a que mais nos animava, agora só nos resta a muita saudade, que sentimos e jamais pudermos ter alegria, porque nunca mais o veremos, nunca mais o teremos conosco. Deus nos não desampare nos dê a coragem para nos conformar com a sua falta a esta grande saudade que nos faz verdadeiramente chorar com sinceridade. Ele o nosso inolvidável Paesinho era muito amiguinho dos filhos lembrando-se sempre dos que estavam ausentes.

continuidade da carta

Não calculas meu Antonio que pezar tinha que não pudesses ter vindo o ano passado para abraçar e beijares o nosso Paesinho, como Ele ficava contente e alegre, e, assim morreu sem nunca mais te ver. Todos os dias falava muito em ti admirado de tu não escreveres, pensando que tu ou alguém dos teus estivesses doentes. Graças a Deus que ainda teve o grande gosto e satisfação de vêr o nosso irmão Manuel o que muito contentes ficamos.

Como tens passado? Dinorah e pequenas estão bem? Os teus netinhos bons? De coração, estimo que todos estejam de saúde, é esse o meu mais ardente desejo. Pelas cartas da Ribi deves saber de que o nosso saudoso Paesinho faleceu conservando sempre lucidas as suas faculdades e a sua extraordinaria memoria.

Não esqueço nunca de ti nas minhas orações e pedir a Nossa Senhora das Dôres que tê dê muita saude e muita felicidade. Já assisti a umas missas por alma da nossa Nair e todos os dias rezo por ela. Hontem dia 9, depois de ouvirmos missa por alma do nosso bondoso e querido Paesinho, fômos ao cemiterio colocar flôres nos jazigos dos nossos santos.

CARTA DA DINORAH, DE BH,
30 de novembro de 1931

Querido Azevedo

Saudades

Já deves ter recebido a nossa ultima em resposta a tua onde te dizia que íamos passar as férias das crianças ahi. Eu em minha carta te dizia que ia pedindo dinheiro ao Mario, para q precisasse. Porem resolvi ao contrario e peço que me mandes o meu ordenado deste mez, pois tenho muito que arranjar. O Carlos Lourdes e Emilia estão sem sapatos a Emilia está com a roupa horrível, por isso peço que me mandes com a mascima urgência, ao Mario para pagar ao 80,000, o requerimento de exames para o Gilberto tudo tenho que lhe pedir desdes do engrachar dos sapatos dos meninos isto me envergonha - Manda o dinheiro mais depressa que possas. O exame de Gilberto foi mudado até o dia 15 - as crianças bôas todos sãos da Grippe e Lourdes completamente bôa do braço já tirou o aparelho e ficou acostumada com o aparelho que sem elle tinha sempre a mãosinha no peito - graças a Deus ficou perfeita. Nós vamos indo sem novidade graças a Deus. E por hoje só pedindo cobre e com muita pressa para nos alcançar. Saudades a todos e a você.

Dinorah.

CARTA DA IRMÃ ELVIRA

Matosinhos, 10 de setembro de 1931

Meu bom Antonio

Desculpa ainda só hoje escrever-te... apresentando os meus sentidos pesares pelo falecimento da tua querida filhinha e minha sempre lembrada sobrinha Nair.

Pobre Nair, que tão pouco tempo gosou a felicidade. Que Deus a tenha em bom descanso.

Tinha feito uma promessa à Virgem das Dôres pelas melhores dela, mas Deus quis leval-a para o céu, para junto do nosso santo Paesinho.

Quando recebemos os teus jornaes e li o falecimento da Nair querida, fiquei triste, muito triste, porque desapareceu para sempre mais uma pessoa da nossa família. Ainda há dois meses que tinha falecido o nosso querido e extremoso Paesinho, infelizmente já esta gozando a pás celestial e estamos na esperança de que no outro mundo velará por nós. Foi um bom, um justo, por isso tem direito a gosar a bem aventurança eterna. Tem-nos custado muito conformar com a sua falta, porque a sua companhia era a melhor que pudíamos ter. A sua amizade era a mais afectuosa a que mais nos animava, agora só nos resta a muita saudade, que sentimos e jamais puderemos ter alegria, porque nunca mais o veremos, nunca mais o teremos convosco, Deus nos não desampare nos dê a coragem para nos conformar com a sua falta a esta grande saudade que nos faz verdadeiramente chorar com sinceridade, Ele o nosso inolvidável Pae-

continuidade da carta

sinho era muito amiguinho dos filhos lembrando-se sempre dos que estavam ausentes.

Não calculas meu Antonio que pezar tinha que não pudesses ter vindo o ano passado para abraçar e beijares o nosso Paesinho, como Ele ficava contente e alegre, e, assim morreu sem nunca mais te ver. Todos os dias falava muito em ti admirado de tu não escreveres, pensando que tu ou alguém dos teus estivessem doentes. Graças a Deus que ainda tive o grande gosto e satisfação de vêr o nosso irmão Manuel o que muito contentes ficamos.

Como tens passado? Dinorah e pequenas estão bem? os teus netinhos bons? Do coração estimo que todos estejam de saúde, é esse o meu mais ardente desejo.

Pelas cartas da Ribi ja deves saber de que o nosso saudoso Paesinho faleceu, tendo conservado sempre lucidas as suas faculdades e a sua extraordinaria memoria.

Não esqueço nunca de nas minhas orações pedir a Nossa Senhora das Dôres que tê dê muita saúde e muita felicidade.

Já assisti a umas missas por alma da nossa Nair e todos os dias rejo por ela.

Hontem dia 9 depois de ouvirmos missa por alma do nosso bondoso e querido Paesinho, fômos ao cemiterio colocar flores nos jazigos dos nossos santos e xxx.

CARTA DA DINORAH, DE BH PARA AZEVEDO, onde estava cuidando dos netos.

10 de outubro ou novembro de 1931

Querido Azevedo

Acabo de receber tua carta e venho responderla - Fiquei muito satisfeita em receber tua carta o que não recebia desde o dia que a Lourdes quebrou o braço, pois quando voltei do radium encontrei tua carta e os cobres que serviram para radiographia - Gilberto vai bem estudando muito porque os exames aqui é um pavor.

Nós pretendemos estar ahi até o dia 10 eu te aviso para que não venhas por economia. Até o dia 10 o Mario estará no Rio, como deves saber elle foi convidado para abrir o congresso de educação o que não aceitou por se achar doente então vai representando o estado em uma comissão oficial para assistir a abertura da mesma. Como tal elle tem passe e pode nos levar com passe. Iremos passar as férias das crianças. As delle já começaram no dia 25 e o Gilberto nos primeiros de Dezembro. Nesse tempo diz elle não se encaminhando as cousas elle quer ser o que delibera para ti e para elle.

No meu caso elle renovará a minha licença para eu não ter que entrar ahi em exercício nas matrículas - que começam em janeiro.

Já paguei o Dr. Hilden 1,000,000.

Vou pedir ao Mario uns cobres para eu me arranjar por outra para arranjar a Emilia, comprar-lhe um par de sapatos

continuidade da carta

uma cinta e se puder um vestidinho tira o lucto agora em Dezembro, toda sua roupa está feia e velha. Preciso renovar, em lugar de você mandar elle me emprestar você pagará quando elle fôr ahi. Ja lhe devo 50,000 de miudezas como te disse as que me mandastes só appliquei com a Lourdes.

As crianças estão todas bens e os do Mario com Grippe todos com febre e de cama, porem sem menor complicação - só muita lucta para contel-as fechadas -, nos dois quartos eu Emilia e a Guida quasi nos afogamos nos papeis picados e pontes que o Carlos faz das caminhas onde das mesmas enfim só faltas tu para aprecciares e nessa vez o celebre telephone automatico que chama sem parar o dia todo. O Mario cheio de serviço e conferencia fica louco com o barulho aprenda para imprensa depois que fecha e de la vae escrevendo até meia noite e quando volta vem tomar alguma coisa e dactilografar algum texto com Emilia.

Te envio o retrato do túmulo da nossa Nair a única coisa certa que temos deste fardo pezado que chamamos vida cada vez comprehendo menos a rasão e necessidade da vida esta não havia razão de existir. Lygia não me escreve desde o dia dos seus annos, dia em que lhe mandei um documento d'aquele negocio do Xisto, que aqui não tenham providenciado e que o Zeza não podia receber o dinheiro devido os papeis que estavam aqui naturalmente retido nas secretarias e que eu pedi ao Mario e elle em pessoa foi lá e arranjou. A Emilia ainda não receberam os cobres. Diz a Geny que estou me aprontando para as festas. Recebemos a carta de D. Baby. Aceita beijos de todos e abraços meus. O Mario tem melhorado.

continuidade da carta

Dinorah

*Abraços a todos e enviamos com especialidade a Lourdinha
q já fala em você dizendo! mamãe já vi você muito, ago-
ra quero ver o papae a Madrinha o padrinho a encandora
Geny e Marcinha e o Zico, todos elles me agradam tanto!
toda a vida, e eu mecho no negocio enfim xxx todas as gran-
dezas ahi da nossa casa e com profundas saudades.*

CARTA DA DINORAH

18 de outubro de 1931, contando o braço quebrado da Lourdes, com 2 anos. Dinorah estava em BH, cuidando dos filhos da Nair, falecida com Lourdes, Emília, Carlos e Gilberto

Querido Azevedo

Não respondi tua carta como costumo, para te poupar um aborrecimento e queria que quando soubesses também soubesses que o mal tinha passado estando tudo resolvido e sem perigo. Calcula que no dia 6 acomodei as crianças fazendo-as dormir, todas muito calmas e tratadas e fui com Gilberto e Carlos tomar café na sala de jantar. Estava conversando com os dois só eles na casa, quando ouvi que uma criança tinha cahido. Corri no quarto para ver e encontrei a Lourdes chorando no chão. Ela estava na cama grande sem grade. Quando levantei vi que estava muito suada e vi logo que se tinha machucado pelo seu chôro e suor. Ela não dizia o que tinha comecei a palpá-la e vi que tinha quebrado o bracinho no lugar da clavícula. Chamei o Marcello depois que eu enfachei o bracinho e elle também achou que tinha quebrado ou torcido muito. No dia seguinte cedo fui ao Radium e mandei tirar a Radiografia o que confirmou a fractura da clavícula. O Marcello veio com o Dr. Lodi também nosso vizinho e enfacharam novamente estando já collado o lugar. Ela está completamente bôa e activa só com o braço amarrado, preso e com uma mão só, não para e meche o dia todo, arrumando isto, aquillo, os sapatos naquella sapateira

continuidade da carta

— Você não fique afrito porque tudo já passou a esta tudo bem devendo ella tirar o aparelho no fim de 21 um dias e hoje já fazem doze — Hoje levei-a ao Marcello e Lodi e elles acharam tudo bem, levei não porque tinha cahido o aparelho e eu tinha arrumado, fiquei com medo da responsabilidade, elles acharam que esta tudo perfeito — Quando voltei do Radium encontrei tua carta com 100,000 que foram na hora a radiographia custou 50,000 os médicos não cobraram nada, isto é pensamos q não cobrem por serem muito amigos do Mario e não tiveram trabalho — Per-guntei ao Mario como era, isto de eu estar sempre aqui que você já tinha escripto para vir buscar as crianças, Carlos e Lourdes, Emilia — Elle acha melhor esperar os exames do Gilberto e conforme for, elle irá nos levar até ahi para ver se melhora e descansa, enquanto tambem isto aqui decidi-se, pois todos os dias é uma causa, (isto aqui política) — Elle tem melhorado só moralmente muito abatido p política, todos os dias surge uma nova — Então fazendo novos orçamentos o Mario desde cedo está na secretaria das finanças com o Zanari só na imprensa são de diminuição 260 contos vão fazer novos cortes, você bem pode calcular as angustias dos operarios e os pedidos, todos vem aqui para me pedirem e a gente fica tão penalizada.

A Emilia mandou falar com Dr. Necessio e elle arranjou tudo depois pediu q o Mario falta pagar o Dr. Toraldino de formas q tudo está arranjado e parece q ella vae receber os cobres. Parece não, vae receber-los pois o Mario pediu a elle. Já estou devendo ao Mario 50,000 de 2,000 e 1,000 que preciso para miudezas. Amanhã vou ao Dr. Hildeu levar os cobres —

continuidade da carta

*Não fiques triste com a Lourdes ella esta inteiramente bôa.
Amanhã de certo recebo o teu registrado o que te agradeço e
no q puderes me manda uns cobres para despesas, 50,000 sa-
patos, 10,000 Carlos 10,000, miudezas e 1,000 Gilberto*

*Abraços a Geny e Madrinha – tem todo o cuidado com as
negrinhas cuidado com esses trabalhadores dentro de casa.*

Dinorah

CARTA SEM DATA DE ELVIRA

Aproximadamente 1931.

Meus queridos e Saudosos Antonio e Dinorah

Não sei expressar a intensa dôr que senti ao deparar com a cruel noticia que nos trouxe o jornal.

É verdadeiramente doloroso registrar mais um golpe, que deveras nos feriu o coração, pois deveras estimavamos a sobrinha querida que a Morte nos arrebatou desapiedadamente!! Não a conheciamos?!! Mas o coração nos indicava, como uma pessoa a quem se quer com acrisolada afeição!! Pobre Nair!!... E tão nova, quando o futuro lhe reservava, certamente junto de seu caro esposo e queridos filhinhos, gozar uma felicidade invejável. Custa na verdade, a crér!! Se não fosse a muita fé em Deus Misericordioso, era para desanimar. "Resta-nos, Senhor Todo Poderoso, a esperança de que junto de Vós, a nossa querida, a inovivável Nair, estará a gozar a Vossa Celestial Companhia e que Vós a todos haveis de dispensar a coragem necessaria, para resistir a uma tam pungente dôr.

Tanta esperança me animou depois do falecimento de nosso bondoso Paisinho, que vos havia ainda de conhecer a todos; infelizmente, porem já Deus não quer que conheça a nossa simpatica e gentil Nair.

Hontem tinha principiado a escrever a Antonio, pedindo nos desse notícias da Nair, pois andavamos muito sobrealtadas, por ele ter prometido dizer o resultado da operação e

continuidade da carta

nada ter ainda mandado dizer. Mas como tive de ir fazer a visita à Maria do Carmo pelo falecimento do Antonio, não a pude acabar. Hoje de manhã cedo, estava muito preocupada e comuniquei à Albertina, que me disse que também lhe não saía da ideia e estranhava a demora.

Estavamos sempre à espera do resultado, para cumprir a promessa que tínhamos feito. E hoje de manhã, pedimos a Nossa Senhora que viessem notícias breves. Nunca supus, que agora ao chegar havia de me esperar tão fatal notícia.

Não demorem a dizer-nos o que se passou, pois ficamos em verdadeira anciedade.

Calculo e sei compreender o vosso atraso sofrimento mas peço-vos o sacrifício de nos dizerem algo.

Nem sei como escrevo tam apoquentada estou. Ainda há pouco e que está sempre no nosso coração e na ideia o desaparecimento de nosso saudosíssimo Paisinho, e agora mais um golpe!! Dois meses e quatro dias depois do Papásinho querido. E hoje 21 de Julho, faz 31 anos que faleceu a nossa sempre lembrada Maesinha, recebo tam infausta notícia!!

Dispunha-me a ir para a Agramonte em seguida a saída do escritorio, ter com as manas que lá foram depôr flores, mas ao deparar com a notícia no jornal que me mandou agora a Albertina, fiquei sem coragem.

Lembram-se que aguardamos as vossas notícias.

Na 6^a feira, 17 também deu a alma a Deus, o Antonio Lemos, depois de muito sofrer. A vida é isto. Infelizmente há muito quem esteja a lamentar-se.

continuidade da carta

Admiro o Manuel, não mandar para cá dizer alguma coisa. Eu bem sei que ele andara em viagem.

Se a Nair, tiver algum retratinho tirado ultimamente, peço-vos que m' o deis, pois quero colocá-lo junto do de nossos queridos Pais, e onde se encontram todos os nossos idolatrados mortos, (que infelizmente já não são poucos) e que é ao pé de Nossa Senhora da Conceição e da Sn^a. Santa Ana. Temos sempre adornado com muitas florinhas.

Compreendo porque não mandavas a procuração. Eu escrevi e não indicava pessoa alguma, por calcular que o Manuel, já teria indicado.

Tinha-me lembrado do Antonio Ferreira, por ser amigo da família e muito respeitador de Papá.

Mas mandarás a quem tu entenderes. Está por enquanto tudo na mesma. Falta liquidar com a Fazenda e logo que chegar a tua procuração, fazem-se as partilhas.

Vamos amanhã, ouvir missas pela Nair, pelo seu eterno descanso. Adeus. Todos os outros como estão?

Os filhinhos e filhinha da Nair, onde estão? A Dinorah ainda está em Bolo Horizonte? Deem muitas notícias.

Estou nervosíssima e triste. De cada vez a nossa vida é mais apóquentadora.

Quero que siga hoje esta carta. Recebeste 2 maços de jornais com selos. Antoninos e uma carta xxx?

Lê como puderdes, Ligia e filhinho? Gilberto, Carlitos, Maria de Lourdes? E a Emilinha, como estão todos?

continuidade da carta

Para todos vai um amargurado coração, cheio de saudosos abraços. Para vós, caros irão a mais viva saudade e acompanha-vos na vossa imensa dôr. Abraçavos e beijavos a vossa Elvira.

Pede muita desculpa ao Mario, da carta tam mal escrita. Ainda nem estou em mim.

Muitos beijos, muitos abraços das manas e Domingos. A todos vou comunicar. Para o Mario um abraço de conforto e resignação, para os petizes, sinceros beijos de verdadeiro afecto. Ao Zeza um grande abraço. Ao noivo da Emilinha também um abraço de grande simpatia. Desculpai a escrita.

Elvira

CARTA DA TIA ELVIRA PARA EMÍLIA

Porto, 22 de dezembro de 1934

Querida e individavel Emilia:

Infindos beijos e abraços.

A falta de tempo e as muitas coisas a atender, não tem permitido escrever para interrogar-te pela falta de vossas notícias.

Estou apoquentada, pois a demora em receber d'ahi cartinhas que tam queridas me são, me fazem pensar e respeitar, que haja um forte motivo. Peço a Deus, não seja por falta de saude d'alguns dos nossos queridos. Custa-me, querida Emilia, acreditar que seja por esquecimento, ou por falta de amizade, pois creio bem e faço justiça, que ainda sejam amigas dos que tam longe por cá se encontram e que tanto pensam nos nossos ausentes. Escrevi-te já duas cartas, ás quaes não obtive resposta. E porquê? Dize, porque não teem escrito?

Dá-me tuas notícias, do Pedrinho, e do queridinho Antonio Eugenio, que xxx breve.

Como está tua boa Mamã, Ligia, filhinho e teus irmão-sinhos? A Ludeca, de saude e desenvolvida? Lembra-me xxx o Zeza, e ha tempos já, que dele nada sei. Melhorou? A Ligia, ja concluiu o seu curso e colocou-se como esperava? E tua Mãezinha, está ahi ou ficou em Belo Horizonte em alguma escola, com melhor situação?

Do Gilberto e Carlitos, muito desejo saber do seu aproveitamento escolar.

continuidade da carta

Participaste que a Lucia, teve um bebé mas não mandaste dizer como se chamou. Que nome lhe pôs a madrinha, a nossa Dinorah?

O Mario continua engracado na política? Obteve o logar que desejava como lente?

Gostava que me ilucidasses sobre interesses vossos que me dêem prazer.

Teu filhinho, já se tornou a fotografar? Deve já fazer uma enorme diferença. Como eu gostava de o ver e beijal-o muito.

Por cá tem havido pouca saúde; a Alice continua passando mal e está muito magra. Eu, Albertina e Joaquina, já o caruncho nos vai pegando a valer.

Os petizes da Néné, estão engracadinhos.

A Maria Helena, é fraquinha mas o Quinsito, é forte e saudável, felizmente. Melhorou muito. É o que vale à Avó, que a distrae um pouco da grande saudade e da falta do marido.

E eles dão-se muito bem com ela.

A Exposição Colonial, causou sensação. Foi pena não ser perto e virem até cá gosal-a.

Já era para escrever no dia 18 mas não consegui. O Pedrinho melhorou dos seus encomodos? A colite ainda o encomoda muito? Muito desejo as suas melhorias.

Teus Ex.mos Sogros e cunhados bem de saúde? Recomenda-nos a todos. A teus bons irmãozinhos dá beijinhos. A teu

continuidade da carta

*querido filhinho um muito terno beijinho e saudosos abra-
ços ao Pedro. um bom Natal e festas felizes e boas entradas
no novo ano.*

Beijos das manas e da tua m.to amiga

Tia Elvira.

*P.S. Fico aguardando notícias muito breve. Deus permita
que ainda as tenha antes de terminar o 1934.*

CARTA DE EMÍLIA PARA DINORAH

Juiz de Fora, julho de 1935

Minha mãe,

Há uns poucos dias, que lhe escrevi uma carta bem longa, mas como Gilberto não a accusa em sua carta, não sei se a sra. recebeu.

E o dinheiro já recebeu. Pedro está aflitíssimo, porque mandou o seu dinheiro e o do Benicio junto, portanto 600,000 e não exigiu recibo do Banco, e como nada soubemos até agora, elle está aborrecido.

Pego-lhe que o accuse logo, logo.

Há mais de um mez que não recebo suas cartas. Eu tenho escripto pouco, mas também tenho passado tão enjoada, tanto e tanto que só quero me deitar. Logo depois do jantar vou para a cama com as crianças. Estou afita para passar os 3 mezes para ver se melhoro.

Há uns 4 dias estava cosendo, quando ouço uns passos, adivinha quem estava em minha frente? Simão Pedro.

Mario teve que voltar aqui e trouxe-o para passar o dia conosco. Está enorme e gordo. Muito bem arranjadinho, com terninho de casemira azul marinho, camisa sport, bem calçadinho. Fiquei radiante. As lagrimas cairam-me dos olhos e as minhas pernas tremiam que era um horror. Tive tanta, tanta pena da pobre Nair.

Mario fel-o entrar e ficou na porta. Pulou e brincou o dia todo. Fui dar uma volta com elle e depois o Mario veio nos

continuidade da carta

buscar para irmos no automóvel do prefeito, alinhadíssimo, todo de aço, ao Santo Christo. Enjoei tanto, vomitei na volta, que foi um horror! Que xxx formidável, não? Quando lhe perguntei, que queria que a titia fizesse de bom para o jantar, Simóca respondeu: "Um rocambole daquelles da vovó".

Mario agora está bem. Pois além do seu emprego, ganha 600,000 num jornal e as causas vão apparecendo. Acaba de pagar o automóvel em Dezembro. Está muito animado.

Falamos muito na senhora. Elle me disse que o que poderia arranjar para a snra. em B. Horizonte, são empregos para 800,000 no maximo 400,000 e que não é vantagem para a snra. com a familia tão grande. Que mal chegaria para o necessário. Disse também que não apparecia mais vezes para tratar do negocio da Ligia, porque se o Olinda visse o seu interesse, ahi, é que não arranjava nada.

Lembrou-se muito do papai achando que a sua morte foi um descalabro.

Os papeis da Ligia já seguiram, disse-me elle Ella já recebeu?

Quer dizer que nesse mez já deve receber, não é?

Quem falou ao Mario sobre o Zeza, foi o Gumercindo, seu primo.

E as noticias delle? São boas. O Gumercindo pode não estar ao par, não é?

Mamãe e o negocio da casa, nada de pretendentes? Mamãe, a snra. não avalia como vivo pensando e repensando, em

continuidade da carta

como deve estar a sua vida. Fica no auge da aflição a pensar se não aparece alguém para alugar. Mas há de aparecer, pois até o casebre do Pedro Rebelo achou inquilino, não é? Faça uma promessa a Frei Fabiano.

Escreva-me, Mamãe, porque ainda é maior a minha aflição sem saber como está a snra. animada ou não.

O Mario diz que o dinheiro de Portugal, por pouco que seja, ha de ser muito, pois que o dinheiro portugues está muito valorizado.

E eu que ainda não escrevi para lá.

Mamãe, a snra. tem sapatos e os meninos? Calculo como ha de ser difícil para compral-os agora.

(falta a página 4 da carta!)

Gilberto como vae? Sempre animado para a Escola? Todas as manhãs assim que abro os olhos é o que penso como se resolver o problema de mandar o Gilberto para a Escola. É o meu maior desejo. Porque depois que elle estiver lá dentro, tudo se facilitará. A snra. não achou boa a idéa de se dirigir ao Leal?

O Dr. Braga de D. Elvira é que era medico da Escola é mais uma pessoa conhecida. O Pedro escreverá a elle, na occasião.

Como é que o Torres e o Mario Fernandes entraram, não é?

Ligia ainda está muito desanimada? Ou ficou mais contente depois de nomeada? Mario disse-nos que ninguem avalia o que foi, isto é, o que representa agora uma nomeação. É difficillimo.

continuidade da carta

Ligia agradeceu ao Beraldo? Assim que elle chegue é preciso visital-o.

Mamãe e a limpeza do negocio já começou?

A snra. não ficou devendo nada ao Hico?

Mamãe escreva-me logo, fala-me de tudo, dos seus planos, são ainda muitos?

Pedindo ardentemente a Deus que arrume logo a sua vida, beijo-lhe com imenso carinho a filha e amiga

Emilia

Ir a escrever á D. Baby, mas estou como se estivesse a bordo.

CARTA DE TIA ELVIRA PARA LYGIA, EM 1954. Última carta da coleção

Exma. Senhora

D. Lygia Alves d'Azevedo

Secretaria da Procuradoria Geral da Republica no Supremo Tribunal Federal.

Avenida Rio Branco, 241, Rio de Janeiro - Brazil

Remetente: E Azevedo, Rua Antero de Quental, 466 Porto Portugal

CARTA DA ELVIRA PARA LYGIA

Porto, 8 de agosto de 1954

Querida Lygia:

Há dias apresentou-se aqui uma senhora, que vinha do vosso mando, trazer-nos vossas notícias que muito estimamos. Deu as melhores, dizendo que toda a família está de saúde, o que muito nos regoziga, todos muito bem colocados e que a família tem aumentado, infelizmente só está bem reduzida.

Disse trazer uma carta da tua Mamã, mas ficou de a enviar pelo correio, o que até agora não recebi, espero-a para a ela responder.

Em devido tempo recebi umas cartas ás quais imediatamente respondi, não tornando mais a receber carta alguma, prova de que estavam de saudinha e felizes.

Nós vamos passando como merecemos a Deus. Com muita idade e pouca saúde. A Joaquina há dois anos que sofre do coração e fígado e como tem Bócio tem andado sempre em constante tratamento. Faz um tratamento muito rigoroso, com aplicações elétricas e injeções. Fala sofrer muito porque lhe tira o ouvido e a fala, enfim é um enfraquecimento geral.

Alem de sofrermos de reumatismo, temos o artritismo que nos abala enormemente.

Eu estou reformada, estou com 81 anos e muito acabada e as mãos aproximadas na idade também muito gastas. Por

continuidade da carta

intimação do medico apezar de grande sacrifício, vamos estar uma longa temporada na aldeia, não sabemos o tempo que demoraremos depende da prescrição do medico.

A senhora que veio aqui disse que tua Mamã manifestou vontade de vir a Portugal mas francamente de maneira alguma, agora a pudemos receber devido os aposentos serem muito reduzidos.

O Manuel esteve aqui á três anos em tratamento a garganta e depois que foi disse estar melhor.

Foi operado em Coimbra e restabeleceu-se no Mante d'Assunção. Pouco se demorou em Portugal e pouco gozamos a sua companhia. Estava numa pensão e vinha-nos visitar de vez em quando.

Já falei de nos, agora diz como passam de saude?

Teu filho deve estar um perfeito homem. Tirou algum curso, ou esta empregado em bom lugar?

Os filhos da Emilia, então já são cadetes? Já vejo que a família segue a carreira militar.

E os da saudosa Nair, a menina casada e com duas meninas. E os outros, que carreira seguiram?

Mario e Lucia bem? Fala-me de todos. E a nossa Lourdes muito bem colocada, graças a Deus. Vivem em vossa Mamã? Que ela tenha muita saude, segundo diz a senhora que cá veio, diz que esta gorda e bonita.

Isto por cá está muito mau devido a quererem-nos levar a India. Em que ficará tudo isto. Temos tido muito socego,

continuidade da carta

oxalá não acabe a quietude e tranquilidade em que o paiz tem vivido. Deus se lembre de todos.

Quando receber cartinha tua ou d'ahi, responderei com muita circunstancia.

um beijo a teu filho, muitos abraços a tua Mamã e para a restante familia muitos beijinhos que por todos repetirás igualmente, não esquecendo Gilberto e Carlos. As manas igualmente se associam ao meu desejo.

Oxalá a carta que escrevo na incerteza de que ainda estarás no Tribunal, te seja entregue.

Não me lembrou perguntar á senhora que aqui veis e não quero esperar que volta para saber a direção.

Adeus, Lygia. Aceita abraços saudosos da titi que te beija afectuosamente.

Elvira.

ICONOGRAFIA DO CAPÍTULO 2



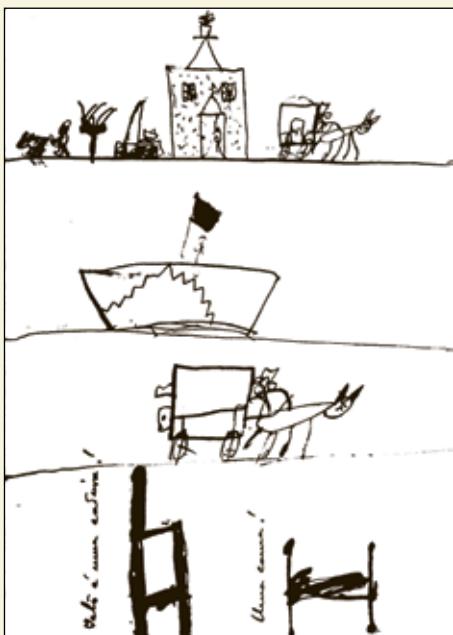
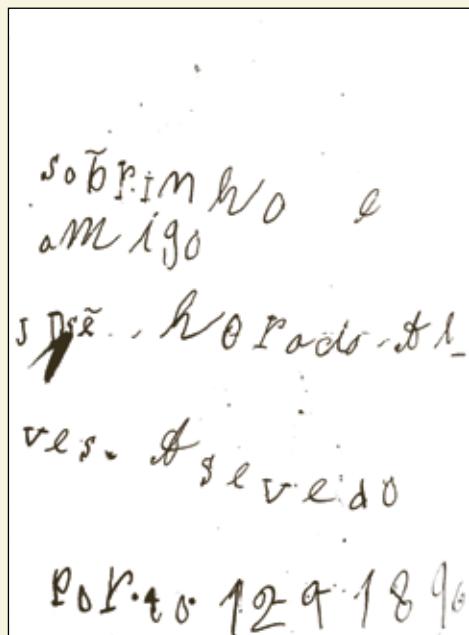
Emilia Adelaide, irmã mais velha de Toneca e Ferreira, seu marido.



Toneca e Elvira, com mais presença na sua vida. Marcas feitas na figura, por seu sobrinho Gilberto de 6 anos com seu pião.



Domingos, o primogênito, sua esposa Adelaide e Eduardo.



Desenhos de Domingos da Fonseca

ORIGEM DA FAMÍLIA AZEVEDO EM PORTUGAL, 1860

José Antônio, irmão de Toneca e
Alcenira.



Nair e Lygia, no carnaval
de 1912, fantasiadas com
roupas originais de aldeões
portugueses.



*Dinorah, pelo seu neto
Cláudio José, com toda
essa nossa trajetória*

CAPÍTULO

3

A FAMÍLIA AZEVEDO EM
POUSO ALEGRE, MG, 1903



Sumário do Capítulo 3

- 3.1 - Como era Pouso Alegre em 1902, 163
- 3.2 - Falecimento do Pe. Gigante, 164
- 3.3 - Primeiro encontro de Dinorah com Azevedo, 165
- 3.4 - Casamento de Dinorah e Azevedo, 169
- 3.5 - Em família, Azevedo, Dinorah e filhos, 172
- 3.6 - A Casa Azevedo, 175
- 3.7 - Dias sombrios, 185
- 3.8 - Dinorah: dificuldades, privações sem angústia, 189

ANEXO AO CAPÍTULO 3, 197

Desde sua chegada a Pouso Alegre, em 1902, Dinorah passou a viver uma nova vida, apesar da perda do Pe. Gigante, logo no primeiro ano no sul de Minas. O casamento e os filhos definiram sua destinação, sofrida durante alguns anos nebulosos com o passamento prematuro do marido e de uma filha, mas recuperados nos anos seguintes.

3.1 - Como era Pouso Alegre em 1902

Pouso Alegre, a sudoeste de Minas Gerais, teve sua origem em meados dos anos 1700, num rancho, às margens do Rio Mandú, servindo à viajantes que circulavam entre os núcleos mineradores de Ouro Fino, Campanha e Santana do Sapucaí.²⁶ Num platô acima do rio, foi construída, em 1802, a Capela do Mandú, que se tornou o centro do povoado, elevado à cidade em 1831. Melhoramentos foram surgindo, como a construção da Igreja Matriz em 1857, o Teatro Municipal com 1.000 lugares e 76 camarotes e o Gabinete de Leitura. Pouso Alegre, com viés musical apurado, tinha nessa época mais de 20 pianos espalhados pela cidade.²⁷ O ano de 1895 foi um divisor de águas para Pouso Alegre, quando a Rede Mineira de Viação ligou a cidade e a região ao restante do país.²⁸

26. Gouveia, p.35

27. (Guimarães, p.52)

28. (Guimarães, p.65)

Por essa via férrea, novinha em folha, Azevedo e Dinorah chegaram à cidade quase na mesma época, início do século XX e traçaram juntos seu caminho por toda a vida, sempre um ao lado do outro.

Quando Azevedo se tornou um “cometa”, sua área de comércio era o eixo entre Rio de Janeiro e São Paulo. Com os trens da Rede Mineira alcançando o sul de Minas, a região também entrou no seu roteiro, sempre coberto em longas viagens de muitos meses. Ele vendia qualquer artigo de consumo, representante que era de conceituadas firmas comerciais. Muitas de suas cartas para Portugal foram escritas de São Paulo, Guaratinguetá, Ouro Fino e outras cidades do circuito. Pouso Alegre, em especial, era uma delas. Na chegada à cidade, Azevedo causava sempre admiração entre os moradores, especialmente as jovens, interioranos que eram, pelo seu modo europeu, elegância ao se vestir e atenção no tratamento, como mostra sua foto e um amigo também “cometa”, na página 5, dos cartões postais.

Pouso Alegre foi também, por via férrea, o destino do Pe. Fernando Gigante e sua família, em 1902, vindo de Santos, impedido que foi de seguir viagem de navio para o Rio de Janeiro devido à epidemia de febre amarela. Hospedado pelo bispo Dom Nery, logo começou sua atividade pastoral na diocese recém-criada, no seu primeiro ano de vida na cidade.

3.2 - Falecimento do Pe. Gigante

Pe. Gigante, lamentavelmente, não pôde participar dos trabalhos da diocese por muito tempo ao lado de Dom Nery como era seu desejo. Em 1904, o *Jornal de Minas* noticiava seu falecimento e sepultamento na primeira página.

*Apóz oito dias de cruciantes padecimentos quando a sciencia em
vão tentou dar lenitivo, falleceu no dia 17 do andante o nosso
amigo Pº. Fernando Gigante, cuja doença noticiamos. Sacerdote
distinto por todos os lados, caridoso, desprendido de grandezas,
sincero nas affeições, venerando pela idade proactiva, sempre se
impoz o extinto a consideração dos povos onde parochiou, dos*

colegas com quem conviveu e dos seus proprios superiores que nele viam o typo do sacerdote.

Italiano de origem, serviu no clero brasileiro por de mais de quarto de seculo trazendo sempre em sua bagagem as provas do seu zelo infatigável attestados pelo reconhecimento de Prelados a cuja jurisdicção esteve sujeito.

Ao enterramento compareceu todo o clero regular e secular, as Irmandades, e toda a sociedade pouso-alegrense, notando-se no templo muitas exmas famílias em rigorosa toillete de lucto.

Aos desolados parentes do pranteado morto, apresentamos nossos sentimentos de profundo pezar por tão infausto acontecimento.

Nos últimos 20 anos da vida do Pe. Gigante, Caroline e Dinorah viveram sob suas atenções e cuidados. Foi um tempo determinante para o destino de toda a vida de mãe e filha. Em Uruguaiana, pela vizinhança com o Cônego Gay, o velho sacerdote encantou-se com Dinorah desde seu nascimento e esteve sempre ao seu lado. Ela o estimava como o pai que nunca teve. Pe Gigante teve sua memória preservada por Dinorah por toda a vida, sempre ressaltando para seus filhos e netos, que não o conheceram, sua vocação espiritual e sua nobreza de sentimentos.

3.3 – Primeiro encontro de Dinorah com Azevedo

Numa das viagens comerciais que fez à Pouso Alegre, Azevedo conheceu Dinorah no Hotel Ferreira, onde sempre se hospedava e ficava de seis a oito dias na cidade fazendo suas vendas. O encontro foi casual, numa reunião da sociedade promovida pelas filhas do Sr. Ferreira, proprietário do hotel, que também tinham muito interesse nas atenções do viajante. Outros contatos com Dinorah foram acontecendo nas viagens seguintes, agora mais amiúde, não só pela necessidade profissional, mas ainda mais pelo atrativo extra comercial, conforme lembrou Lourdes Azevedo, em março de 1997, durante



Dinorah, aos 17 anos, no ano em que conheceu Azevedo.

uma visita que fizemos a Pouso Alegre. Dinorah se lembrava, emocionada, que Azevedo sempre lhe trazia os afamados pés de moleque vendidos na estação ferroviária de Piranguinho, quando o trem da Rede Mineira passava pela pequena povoação, vizinha à Pouso Alegre.

Como viajava a trabalho durante quatro a seis meses por ano, Azevedo poderia ter conhecido outra Dinorah numa das várias dezenas de cidades por

onde vendia suas representações. Mas foi em Pouso Alegre que ele decidiu encontrar sua Dinorah definitiva. Ela tinha 17 anos e ele 28. Azevedo era muito admirado naquela pequena cidade de 8.000 habitantes, iluminada por 70 lampiões à querosene, que não eram acesos em noites de lua cheia para economizar combustível.²⁹ Ele desembarcava do trem na estação e subia muito elegante a principal avenida da cidade, armado de uma bela bengala, até o Hotel Ferreira, seguido de dois carregadores levando sua bagagem acondicionada em grandes malas-armário. Essas são antigas lembranças confessadas pela própria Dinorah, que sempre espreitava Azevedo de longe, quando ele chegava à cidade.

Foi uma decisão ousada e arrojada de Azevedo mudar a sua vida, assumindo o compromisso desse casamento. Toneca sempre foi alertado por seus parentes do Porto, especialmente por suas irmãs, para que não se aproximasse

29. (GUIMARÃES, p. 22)



Alunas em festa religiosa no Grupo Escolar, uma delas Dinorah, foi sublinhada por um dos seus filhos.

muito das moças brasileiras para não se apaixonar por nenhuma delas. Todos o queriam de volta, são e salvo. A carta da irmã Albertina, em 17 de agosto de 1898, deixa isso bem claro:

“Trata muito bem todas as sinhasinhas mas nunca te apaixones por nenhuma porque não queremos cunhada brazileira. É verdade que estás muito novo, mas nem disso te deves lembrar nos teus dias. Deve ser trabalho e economia. Que te parecem os meus conselhos, agradam-te?”

Também Domingos, irmão mais velho, e sua mulher Adelaide, aconselharam Toneca a se afastar das moças brasileiras, “... para daqui por meia dúzia d’anos, poderes vir abraçar toda nossa família, principalmente aqueles que te encaminharam na senda da vida do comércio onde se pode fazer futuro e viver mais feliz”. E, logo a seguir, “... tem juízo e lembra-te que te é preciso voltar à pátria, mas sem dinheiro futuro não deves vir”. E Domingos complementa com o trabalho em que se ocupa na ocasião, “... estou administrando a Cor-doaria do Ouro, ganha-se para comer e nada mais. Não há remédio”.

E também o velho Pai, sempre amigo, seguro e constante, observa no final de uma carta de 1902,

... Vejo pelas tuas cartas, que alguma cousa d’extraordinário sentes palpitar-te no coração por algum Ser. Não tomes compromissos para não tomares encargos pesados. Quer cá, quer lá, deverás sempre procurar fazelo á tua escolha, mas em condições recíprocas para te não ser tão pesada a Cruz; nas tuas condições, pode-se escolher: pessoa, bondade e ... Continuo fazendo votos pela tua felicidade. Teu pai e amigo, Domingos.

Apesar dessas e outras advertências, em dezembro de 1904, numa carta à irmã Elvira, Toneca anuncia seu encontro com Dinorah e o namoro já consumado. Elvira comenta:

...em relação a novidade que me dás, surpreende-me mas não me faz admirar. Surpreende-me porque, quando senão espera, é sempre surpreza. Não me admira, porque na tua idade é natural e é a aspiração da humanidade. Dizes e acredito, que “amas e és amado”. Não será porventura entusiasmo dos primeiros momentos? Se te resolveres dar esse arriscado passo, não o faças sem primeiro pensares refletidamente para que o teu futuro e o da menina que Deus tenha destinado para tua inseparável companheira, não tenha a toldar-lhe a felicidade, alguma contrariedade imprevista. Admirar-te há por certo, os meus concelhos e julga-los-há extemporâneos, mas são unicamente filhos da minha muita e sincera amizade que te dedico. Não te verei tão cedo já estou a calcular, porque se te dedicares a essa menina de quem dizes gostar, já não pensas visitar-nos. Vou fazer-te um pedido na esperança que me attendas: desejava que me mandasse o retrato d'ella para eu ver e mando-te imediatamente e te direi a minha opinião, sim? Vou lhe mandar os bilhetes postais que pedes, do nosso Porto e costumes dos arrabaldes, que os há lindíssimos. Temos dias muito frios e chuvosos. Aproxima-se o Natal, apenas direi que tenho pesar que meus dois queridos irmãos, Antonio e Manuel, não o passem conosco. Desejo de coração, boas festas e que o ano de 905 seja de inmensa felicidade.

3.4 - Casamento de Dinorah e Azevedo

A notícia do casamento de Toneca com Dinorah deve ter causado um susto e um alvoroço entre os irmãos, especialmente a Elvira, que tanto o havia recomendado para que não se aproximasse das moças brasileiras, pois havia outras, no Porto, esperando por ele. Foi em vão...

Em 18 de dezembro de 1905, foi celebrado o casamento de Antônio Alves de Azevedo, solteiro, viajante, nascido na cidade do Porto, Portugal, 28 anos



Cartões Postais, modernice da época, enviados por Azevedo, sempre romântico, à Dinorah e guardados carinhosamente. Yaya, apelido de Dinorah e a participação de casamento.

de idade, filho de Domingos e Emília Alves de Azevedo, com Dinorah Mendel Gay, solteira, não constando a profissão, nascida na cidade de Uruguaiana, Rio Grande Sul, 17 anos, filha de Fernando Gay e Caroline Mendel Gay.

A cerimônia foi realizada na Igreja-Matriz de Pouso Alegre, celebrada pelo bispo Dom Nery. A moradia do casal seria uma casa próxima do atual Hotel Cometa, ao lado da Matriz. Após a cerimônia, Azevedo não quis atravessar a rua com a noiva por não ser esse o costume português. Ficou em casa esperando Dinorah para a festa de casamento.

O que chama a atenção nesse casamento foi a afetividade, a atração de um pelo outro. Antônio, autêntico português do Porto, com seus ancestrais, ansiosamente aguardando por ele, família carinhosamente unida por laços de amizade e pela tradição portuguesa. A decisão o levaria como levou, a se fixar numa pequena cidade do interior do Brasil, dificultando muito o seu retorno a Portugal. Dinorah, filha de franceses, criada por um sacerdote, não tinha qualquer informação qualificada sobre aquele português desconhecido. A decisão de consolidar a união, igual a infinitas outras semelhantes, foi modelada no amor declarado quando Antônio sentiu que amava e era amado, conforme mandou dizer para sua irmã. Decisão difícil e corajosa, com um final feliz, ultrapassando toda insegurança, pendências e dificuldades que foram surgindo, como na vida de todos nós, uns mais, outros menos.

O portucalense Antônio Alves de Azevedo, agora Seu Azevedo – após o casamento – estabeleceu-se em Pouso Alegre e continuou a seguir profissionalmente como um cometa, “caixeiro-viajante”, representando os fornecedores das capitais. Continuava viajando muito para realizar suas vendas, sem se desligar da família e da cidade onde decidiu criar suas raízes. Ele passou a ser brasileiro, mineiro e pouso-alegrense de coração. Integrou-se à comunidade local participando de iniciativas culturais, como representações teatrais, uma predileção sua, e atividades sociais, sendo um dos fundadores do Orfanato Nossa Senhora de Lourdes, em 1929. Atualmente esse orfanato se transformou no Educandário Nossa Senhora de Lourdes, mas o retrato de Seu Azevedo continua na parede da entrada principal, ao lado dos fundadores da Instituição.

3.5 - Em família, Azevedo, Dinorah e filhos

Os filhos vieram logo: Lygia em 1906; Nair em 1910; Emilia em 1912; Olga em 1915, esta faleceu no mesmo ano, vitimada pela Doença Azul³⁰. Gilberto chegou em 1918, Carlos em 1922 e Maria de Lourdes, temporâ, em 1928, quando a mãe já tinha três netos. Caroline, a avó, era a administradora da casa, liberando Dinorah para os filhos.



Dinorah Mendel Gay depois, Dinorah Azevedo, a matriarca do Ramo Azevedo de Pouso Alegre, conseguiu superar grandes reveses da vida e outras tribulações que encontrou pela frente, sempre com perseverança, obstinação e, principalmente, muito otimismo.

30. Doença azul, hoje conhecida como cianose, provoca manchas de coloração azulada na pele, lábios. Causada pela má oxigenação do sangue nos pulmões.

Dinorah, muito animada, sempre se lembrava de sua grande amiga Lucrécia Vilhena de Alcântara com quem manteve contato por toda a vida. Lucrécia era casada com João Moreira Salles, fazendeiro e banqueiro de destaque na região. As duas amigas engravidaram em 1911, na mesma época, Dinorah de Emilia e Lucrécia de seu primeiro filho, Walter. Mas Lucrécia não tinha leite suficiente para amamentar e Dinorah amamentou os dois bebês. Walter Moreira Salles tornou-se empresário de renome internacional, banqueiro, diplomata. Sempre que sua mãe Lucrécia vinha ao Rio de Janeiro estar com ele, mandava buscar Dinorah no Catete, para passar o dia com ela na bela casa de seu filho na Gávea, hoje Centro Cultural Moreira Salles.

Os tios e primos de Portugal acompanhavam de perto os Azevedos brasileiros desde a amamentação, infância e adolescência dos pequenos. Nunca se desligaram. As cartas entre Dinorah e principalmente Elvira e Albertina, mostram o carinho entre os de lá e os de cá. Em carta ao Toneca, Elvira pede:

...dize à Dinorah que me arrelia muito não ter notícias dela diretamente, que gosto de saber que é minha amiga e que lhe desejo muita saudinha e felicidade". Sobre as sobrinhas, "...a traquina Nair arranja então muitas galas para fazerem coro nos lindos cânticos dela? Quem me dera te-la aqui para lhe dar uns bolinhos d'amor e muitos beijinhos". Albertina, da fazenda da irmã Corina, em Ruivães, escreve para Toneca e quer saber, "...as minhas sobrinhas estão muito desenvolvidas? Quando a Lygia se resolve escrever-me? A Nair está muito adiantada na escrita? Ainda tocam piano? Estou ansiosa para as conhecer". E mais adiante, "...beijinhos às pequeninas, saudades muitas para Dinorah e tu, aceitas um carro de bois cheio de beijos e abraços da tua irmã amiguinha, Albertina.

Domingos, em uma delicada carta, agradecia à sua neta e afilhada Lygia com nove anos, a caixinha com lencinho que ela lhe mandara no Natal, assim

como um avental para a tia Elvira. O vovô, comovido, envia para as netas, com carinho, duas colheres de prata: uma para Lygia, outra para Nair.

A Grande Guerra de 1914-18, que Domingos achava “... parece não ter fim...”, tinha Portugal, a princípio neutro, mas devido à secular aliança do país com a Inglaterra, teve que aderir com a “...mobilização de 5 a 100.000 homens de 20 a 45 anos, além de uma contribuição em dinheiro para as despesas de guerra. Os ausentes do país devem se apresentar no Consulado e aguardar decisões”. Azevedo tinha 38 anos e deve ter se apresentado, mas não há referências sobre sua convocação.



Emilia, 13 anos e o casal de noivos, Lygia e Zeza, em 1925

Seu Azevedo, desde o casamento e morando em Pouso Alegre, continuou suas viagens de negócios por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Mas no início da década de 1920, com a chegada de Carlos, seu sexto filho, depois de 27 anos viajando sem parar, achou que era chegada a hora de estar mais próximo de sua numerosa família. Diante dessa decisão, foi criada a Casa Azevedo.

3.6 - A Casa Azevedo

A animação do comércio internacional pós-Grande Guerra, em 1922, levou Azevedo a investir na Casa Cometa, uma conhecida loja de “Secos e Molhados” de propriedade de Augusto Lopes, um conterrâneo seu. Comprada em sociedade com João Lopes, outro português amigo, a loja foi ampliada com 11 portas até a esquina, no centro de Pouso Alegre, em frente ao Mercado Municipal. Era um grande comércio de “Secos e Molhados”, conforme anúncio publicado, vendendo fazendas, roupas feitas, armarinho, calçados, perfumaria, papelaria, brinquedos, vidros, cristais, louças, ferragens finas e grossas, arame, cal, cimento, formicida, querosene, açúcar, sal e comestíveis em geral. Era uma das maiores casas comerciais da cidade, como se fosse hoje, uma loja de departamentos. O nome da loja foi, evidentemente, mudado para Casa Azevedo.

Esses “Secos e Molhados” de origem portuguesa existiam em todas as cidades do interior, grandes ou pequenas e substituíram as antigas “vendas coloniais”, abastecidas por tropas de mulas. Neles não havia produtos embalados, os gêneros eram servidos a granel, sem marca e pesados na hora da compra. Os compradores levavam para casa saquinhos de papel com arroz, feijão, farinha e outras necessidades. Até fumo era vendido a peso nesses armazéns. Eles funcionavam também como casa bancária, porque não havia pagamento no ato, além da anotação da despesa em uma “caderneta”, que era acertada no fim do mês, uma prática social e econômica que afirmava a fidelidade do cliente. Os “Secos e Molhados” desapareceram com os supermercados modernos e lojas especializadas.

Como seu Azevedo era muito relacionado no ramo, com mais de 20 anos de prática comercial, a Casa Azevedo foi se firmando entre os comerciantes da cidade. Mas essa animada década de 1920, pós-Primeira Grande Guerra, foi de recuperação econômica internacional e de enorme agitação política no Brasil, causada pelo calamitoso governo de Arthur Bernardes, Coluna Prestes entre outras causas, seguido pelo desgoverno de Washington Luiz, descambando na Revolução de 1930. Em carta a seu irmão Manuel, Sr. Azevedo se queixava

com tristeza, já em 1927, que o balanço de sua Casa Azevedo tinha fechado o ano com prejuízo. Essa difícil situação foi agravada pela crise internacional provocada pela derrocada da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, que revirou a economia mundial fazendo cair o preço internacional do café, com séria repercussão no sul de Minas, onde o café era a base da economia local. O meio circulante na cidade sofreu uma brutal redução, obrigando, em 1929, o fechamento de uma loja do vulto da Casa Azevedo.

A sociedade com João Lopes, seu conterrâneo, desfeita por divergências comerciais, abalou financeiramente seu Azevedo, em vista dos compromissos que ele fez questão de cumprir com seu ex-sócio e com o proprietário do prédio da loja fechada.

Mas Seu Azevedo não era de desistir facilmente. Abriu outra Casa Azevedo em 1930, mais modesta, com cinco portas, ocupando a parte da frente de sua residência na praça central de Pouso Alegre. Ele mesmo ficou como único responsável pelo negócio. A família Azevedo, sufocada por essa mudança de vida, teve que dividir sua grande casa na praça central da cidade em duas partes, ocupando um lado com a Casa Azevedo na frense. O outro lado do prédio foi alugado para a família do major Eugênio Trompowsky Taulois, sua esposa, Maria de Lourdes, conhecida como Baby e seus cinco filhos. Ele, militar, recém-chegado à cidade, vindo do Sul, para servir no 8º Regimento de Artilharia Montada, quartel do Exército, em Pouso Alegre.

Convivendo lado a lado, as duas famílias criaram fortes laços afetivos não só pela vizinhança, mas, principalmente, pela confraternização e intimidade dos cinco filhos de uma e de outra. Intimidade essa que foi se aperfeiçoando ao longo dos anos e, a seguir, uniu a filha Emília de 14 anos dos Azevedos ao filho Pedro Luiz, de 17 anos, dos Trompowsky Taulois. Eles são meus pais.

Na revolta política do general Isidoro Dias Lopes em São Paulo, em 1924, contra o presidente Arthur Bernardes, o major Trompowsky Taulois, por ter se unido aos paulistas contra o presidente central, foi preso e condenado a cumprir pena de trinta dias na Fortaleza de São João no Rio de Janeiro. Sua esposa Baby, teve que ficar sozinha em Pouso Alegre com os cinco filhos



Segunda Casa Azevedo, aberta depois do "crack" da Bolsa de Nova York, quando foi desfeita a sociedade Azevedo-Lopes. A loja ficava na praça central da cidade, senador José Bento, 64 e ocupava a frente da moradia dos Azevedo, que passaram a viver na parte de trás da casa. Na foto, os dois garotos no interior da loja são Carlos e Gilberto, nos seus 11 e 13 anos.

sob seus cuidados, todos já entrados na adolescência. Os vizinhos Dinorah e Azevedo estiveram sempre atentos às necessidades de Baby e seus filhos, recebendo no retorno do major, o reconhecimento e a gratidão pela assistência prestada.

Lourdes, a filha mais jovem dos Azevedos, que viveu de perto essa sadia convivência entre as duas famílias tinha um ponto de vista muito especial, particular, sobre a intimidade dessa relação. Considerava ela que tanto seus ancestrais Mendel-Gay e Azevedo, industriais que eram, tinham uma destaca-
da posição social e econômica nas comunidades francesa e portuguesa em que viviam na Europa. Mas as duas últimas gerações desses seus descendentes, vividas na simplicidade interiorana do Brasil, tanto em Uruguaiana como

1922

Casa Azevedo

Alves Azevedo

Secção de

Fazendas, roupas feitas, armarinho, guarda - chuvas, calçados.

Secção de

Perfumarias - papelaria - brinquedos.

Secção de

Vidros - crystaes - louças.

Secção de

Ferragens finas e grossas.

Secção de

Arame, cal, cimento, formicida, kerozene, assucar e sal.

Secção de

Comestiveis em geral.

Compra e vende generos do País.

Praça do Mercado, 14

POUSO ALEGRE

Estado de Minas R. S. Mineira

Casa Azevedo
Alves Azevedo

Fazendas, roupas feitas, armário, Cha-
pés, guarda-chuvas, calçados.

PERFUMARIA E PAPELARIA

Ferragens finas e grossas

Arame farpado, cál, cimento, armas de
fogo, formicida, kerózene, sal
e açucar em grosso.

Compra e vende generos do Paiz

Praça do Mercado
Telephone 1 — **Pouso Alegre**

1924

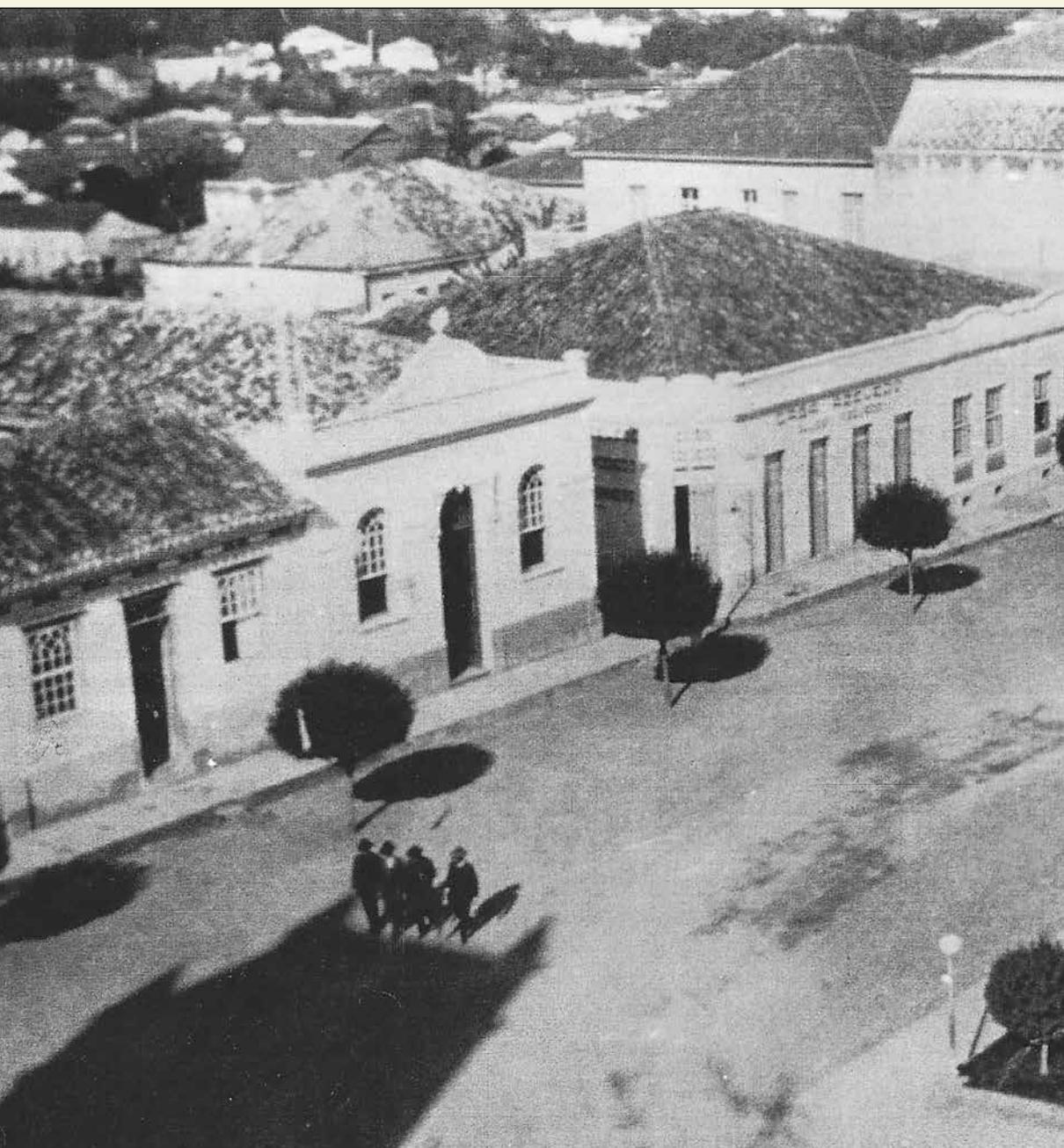
CASA AZEVEDO
TELEPHONE 1

ALCOOL
A 40 Graus

Engarrafado especialmente por
— **ALVES AZEVEDO** —

Praça Senador José Bento, 64 — Pouso Alegre

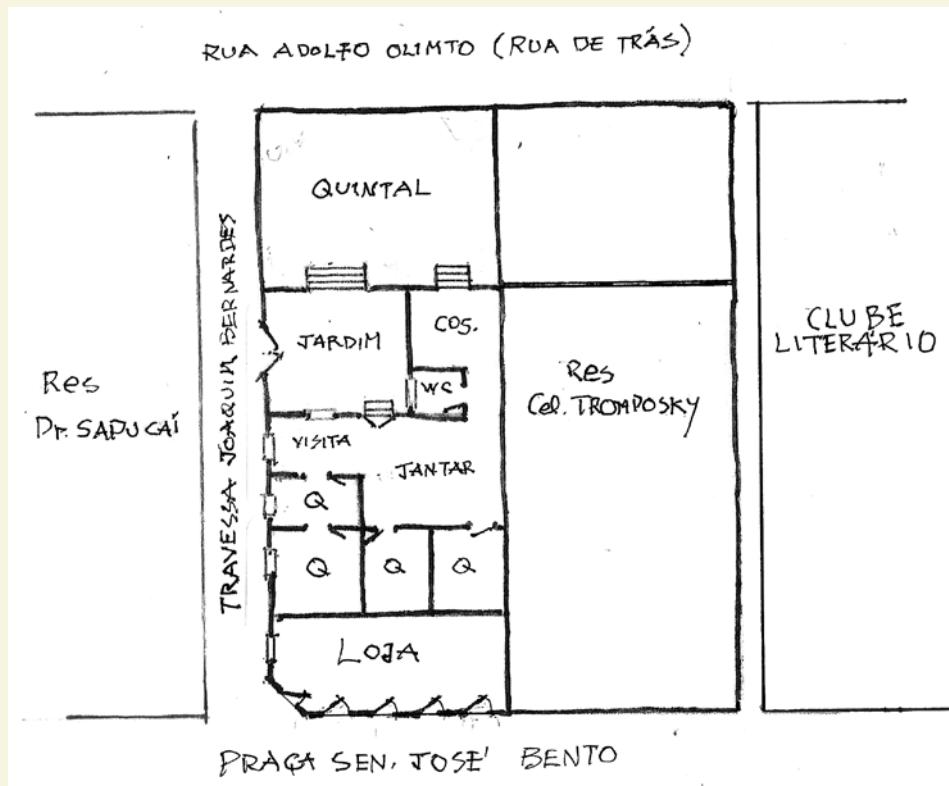
O TEMPO PASSA E A VIDA CONTINUA



Segunda Casa Azevedo e anúncios na página anterior.

A FAMÍLIA AZEVEDO EM POUSO ALEGRE, MG, 1903





Planta do tradicional casarão da família Azevedo, na praça principal de Pouso Alegre, agora dividido em duas residências, uma delas com a nova Casa Azevedo. A loja e a residência Azevedo ocupavam metade do solar. A outra metade foi alugada à família do Cel. Eugênio Trompowsky Taulois, comandante do quartel do Exército em Pouso Alegre, unindo as duas famílias por toda a vida.

em Pouso Alegre, descaracterizaram um tanto essa ascendência. Já do lado dos Trompowsky Taulois, de Florianópolis, SC, isso não aconteceu. Eram eles descendentes de franceses e alemães que mantiveram seu status e prestígio no Brasil, como militares, engenheiros de renome nacional, magistrados e políticos ativos em Santa Catarina. A longa experiência vivida em Pouso Alegre entre as duas famílias, igualou as referências e a vivência entre elas. Para a filha Lourdes, confirma essa influência a motivação para a carreira militar de seus irmãos Gilberto e Carlos, certamente inspirados pela proximidade do agora

General Eugênio Trompowsky Taulois. A vizinhança parede e meia, por mais de trinta anos com a família do Coronel Eugênio Trompowsky Taulois deu aos cinco filhos de Dinorah e Azevedo uma convivência proveitosa para o futuro de todos eles. Os filhos Carlos e Gilberto seguiram a carreira militar, orientados pelo então Coronel Trompowsky.



coronel Trompowsky Taulois, comandante do quartel da cidade e de seu filho Pedro Luiz, cadete da Escola Militar.

A repartição da residência com a Casa Azevedo ocupando a parte frontal de uma delas, foi necessária porque essa virada nos negócios de Seu Azevedo representou um tropeço na vida da família, que passou a contar com recursos escassos. Dinorah não se abateu e começou a dar aulas de trabalhos manuais no grupo escolar vizinho para auxiliar nas grandes despesas da casa. E a mãe, Caroline já idosa, passaria a fazer e a vender embutidos à moda francesa, linguiças e salames, que aprendera a preparar com sua mãe, Pauline. Mas, com o tempo, a nova Casa Azevedo estava conseguindo se sustentar e ganhar uma clientela cativa.

Na década de 1920, seu Azevedo vinha acertando com seu irmão, Manuel, estabelecido em São Paulo e gerente de uma firma atacadista de tecidos, uma volta à Portugal com toda a família. Porém, ele não teve condições de viajar por causa das mudanças na sua vida. Manuel, em carta, lhe comunicou

...esta tem por fim participar-te que em princípios de maio 1927, tenciono chegar à terra em que labuta o nosso bom velhote e em que residem todos os nossos, lamentando apenas que tu e todos os teus não possam fazer me companhia n'esta viagem. Desde já te digo que, na minha ida, faço empenho em levar notícias frescas d'aí. Antes de ir tenciono dar uma fugida ahi para ter o prazer de conhecer pessoalmente toda a tua prole.

Depois de 25 anos, Manuel morando em São Paulo, solteiro, ainda não conhecia sua cunhada nem seus sobrinhos em Pouso Alegre. Não se tem notícia se ele realmente veio. Dinorah sentia muito esse alheamento do cunhado, como deixou claro muitas vezes.

Em Portugal, a política se complicava cada vez mais, irritando o velho patriarca, que perdia as esperanças de uma solução possível. Em uma carta ele reclamava:

... em 1917, nova revolução derrubou o presidente Bernardino Machado, que foi posto na fronteira hespanhola! O governo agora é um comitê revolucionario com Sidôneo Pais, eleito presidente pelo povo, mas assassinado ano passado. Agora, nova revolução no Porto proclamou a monarquia no norte do país. Seria uma esperança? Mas o governo sufocou a pretensão. Para isso se fez uma república que nos dá uma revolução a cada ano e só tem produzido roubalheira, assassinatos e imoralidades escandalosas provocando fome e nos arrastando para uma completa ruína.

Com 76 anos, o velho monarquista não se conformava com o assassinato de Dom Carlos e seu filho, nem com a derrubada da Casa dos Bragança, em 1910.

3.7 - Dias sombrios

Na década de 1920, as jovens e belas filhas de Dinorah e seu Azevedo começaram a encontrar seus pares. Nair, em 1925, casou-se com Mário Casassanta¹, advogado e professor; Lygia em 1927, com José Borges Nogueira, o Zeza, farmacêutico; Emília teve que esperar até 1932 seu noivo Pedro Luiz Taulois, militar, ser promovido a 2º tenente para poder se casar. E, em 1928, nascia Maria de Lourdes, última filha de Dinorah, quando ela já tinha três netos.

A nascente década de 1930 mostrava-se promissora para Dinorah e Azevedo, com uma filhinha de dois anos depois de 25 anos de casamento, nova loja com boa clientela, filhas casadas, Dinorah muito satisfeita lecionando e expondo os trabalhos manuais de seus alunos. Nada prenunciava algum abatimento, angústia ou algum transtorno na vida da família. Mas, lamentavelmente, eles vieram, carregados, contundentes e prolongados.

O ano de 1931 foi de desconsolo para os Azevedos. O recente casamento da filha Lygia, agora com um filho de três anos, não se manteve mais. E, tristemente, em janeiro, faleceu, no Porto, o pai Domingos, aos 89 anos, sem poder estar com seu filho pousoalegrense, depois de uma separação de mais de duas décadas. Em março, aos 62 anos, faleceu Caroline, a mãe francesa de Dinorah que administrava toda a casa e de quem ela nunca havia se separado por toda vida.

No mês de junho, em Belo Horizonte, faleceu, repentinamente, a filha Nair aos 21 anos, depois de uma cirurgia delicada e de emergência, deixando com o marido, Mario, os quatro filhos, o maior com cinco anos e o menor com seis meses. Ela foi vítima de uma insuficiência hepática aguda. Dois meses depois, a casa da família, em Pouso Alegre, teve parte de seu telhado desabado, obrigando todos os moradores a se mudarem para Belo Horizonte durante mais de um mês, ficando seu Azevedo sozinho, administrando sua loja e o concerto do telhado. Uma pesada carga.

No último mês desse infausto ano de 1931, concluída a cobertura da casa, toda a filharada já de volta à Pouso Alegre e empenhada em suas atividades normais, um golpe maior veio mudar a vida de toda a família. Azevedo, ao movimentar uma carga pesada no depósito de sua loja, talvez impactado pela inquietação e pelos imprevistos dos últimos meses, perdas familiares, preocupações comerciais, obra na casa, sofreu uma parada cardíaca grave que o levou para outra vida, abalando sua Dinorah, filhos e netos e como-vendo toda a cidade.

No Porto, a perda de Nair deixando quatro pequenos, abateu tios e sobrinhos. Elvira não se conformava. Em carta dirigida a Toneca, antes de dezembro, lembrava:

...a pobre Nair, que tão pouco tempo gosou a felicidade. Que Deus a tenha em bom descanso. Tinha feito uma promessa à Virgem das Dôres pelas melhorias dela, mas Deus quis leval-a para o céu". E pedia, "...se a Nair, tiver algum retratinho tirado ultimamente, peço-vos que mò deis, pois quero colocá-lo junto dos de nossos queridos Pais e onde se encontram todos os nossos idolatrados mortos, (que infelizmente já não são poucos) ao pé de Nossa Senhora da Conceição e da Sn^a. Santa Ana. Temos sempre adornado com muitas florinhas. Lê como puderdes essa carta escrita como posso. Ligia e o seu filhinho? Gilberto, Carlitos, Maria de Lourdes? E a Emilinha, como estão todos? Para todos vai um amargurado coração, cheio de saudosos abraços. Para vós, caros irão a mais viva saudade e acompanha-vos na vossa imensa dôr. Abraçavos e beijavos a vossa Elvira. Pede muita desculpa ao Mario¹, da carta tão mal escrita. Ainda nem estou em mim. Muitos beijos, muitos abraços das manas e Domingos. A todos vou comunicar. Para o Mario¹ um abraço de conforto e resignação, para os petizes, sinceros beijos de verdadeiro afecto.

Ao Zeza um grande abraço. Ao noivo da Emilinha também um abraço de grande simpatia. Desculpai a escrita.

Assim também, o impacto da notícia do repentina falecimento do irmão Toneca, em Pouso Alegre, comoveu a família no Porto, no momento em que ele estava acertando sua vida comercial. Há trinta anos afastado de seus pais e irmãos, ele sempre era esperado com ansiedade pelo pai, já próximo aos 90 anos. Em carta, Elvira lembrava:

...não calculas meu Antonio que pezar tinha Papá que não pudesses ter vindo o ano passado para o abraçar e beijar. Ele ficaria contente e alegre, e, assim morreu sem nunca mais te ver. Todos os dias falava muito em ti admirado quando não escrevias pensando que tu ou alguém dos teus estivessem doentes.

O grande sonho da vida de seu Azevedo sempre foi estar no Porto com Dinorah e filhos, em contato com seus pais e irmãos. Ele tinha consigo que essa viagem seria uma prestação de contas para sua família portuguesa, de sua decisão de se tornar brasileiro, formando uma família do outro lado do Atlântico, distante de seus ancestrais. Foi sua intenção e promessa feita muitas vezes, esperando a ocasião que seus negócios permitissem. Mas os grandes encargos familiares, os envolvimentos profissionais e as imposições econômicas e sociais a que foi submetido, tornaram sua vida muito difícil, arriscada e entravaram sua desejada viagem. Não conseguiu e isso o entristeceu muito, levando consigo esse pesar.

Em Pouso Alegre, o passamento do querido Antônio Alves Azevedo, Seu Azevedo, pelo inesperado que foi, comoveu a cidade e trouxe muita tristeza para os que o conheciam. Participante ativo da vida da cidade era um exemplo de seriedade e dedicação. Seu sepultamento, em 12 de dezembro de 1931, parou a cidade, conduzido que foi em cortejo pelos seus parceiros do Teatro

Municipal, membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento e do Orfanato Nossa Senhora de Lourdes, entidades das quais foi fundador e mantenedor.



Sepultamento de Antônio Alves de Azevedo. O passamento inesperado de Seu Azevedo, muito considerado e benquisto na cidade, comoveu os pousoalegrenses, que participaram do seu velório e do sepultamento, em procissão, até o cemitério.

O impacto do falecimento de Antônio Alves Azevedo deixou marcas vivas nos pousoalegrenses daquela época. Prova disso foi o encontro casual ocorrido em uma agência do Correio de Itamonte, MG em 1980, lembrado por sua neta Vera Lúcia Simões e José Alberto, seu marido. Foram eles abordados por um senhor, Joaquim, surpreso com a placa do carro do casal ser de Pouso Alegre, sua cidade, onde nasceu no bairro da Faisqueira, guardando boas recordações do lugar. Em conversa sobre essas lembranças, surgiu a recordação da família Azevedo, de Vera Lúcia e da Casa Azevedo que ele conhecia. Lembrou ainda que o proprietário português quando falecido, teve um sepultamento com presença de boa parte dos pousoalegrenses em procissão.

Após o falecimento de Seu Azevedo, Dinorah e suas filhas continuaram mantendo contato com as tias de Portugal. Elvira e Umbelina escreveram para Dinorah cartas comovidas com as perdas e com a difícil situação a ser enfrentada por ela. Em 1934, Elvira envia uma longa carta à Emília com insistentes pedidos de notícias de todos os membros da família, cada um citado individualmente. Ela se refere a Nair como “...mesmo sem a ter conhecido, uma pessoa que se quer com acrisolada afeição”.

3.8 - Dinorah: dificuldades, privações sem angústia

A década de 1930 foi extremamente penosa para Dinorah, que entrava nos seus 40 anos de vida, tendo sido sempre essencialmente “do lar”, dona de casa. Tomada de surpresa com as perdas recentes do marido, provedor da família e da mãe Caroline, administradora da casa, Dinorah entrou em choque quando viu sua moradia compartilhada com 16 pessoas a serem atendidas em suas necessidades. Nos dois anos seguintes após a morte do marido, em diversos momentos, a fibra francesa e gauchesca de Dinorah foi posta à prova; mas ela, no tempo certo, superou os impedimentos que foram surgindo pela frente.

Lygia, com um filho, separou-se do marido e veio morar com a mãe. Os quatro filhos menores de Nair, que faleceu em Belo Horizonte, vieram para Pouso Alegre. Dinorah, mesmo afastada dos negócios do marido, teve que en-

cerrar as contas da Casa Azevedo e alugar a loja. Assumiu a responsabilidade por toda essa gente em sua casa: Lygia, Emília, Gilberto, Carlos, cinco crianças e mais Emília Velha, Sunça, Geny e Mariinha, antigas empregadas que faziam parte da família.

Uma mudança completa no modo de vida da família frente às novas condições. Dinorah sentiu que seria dela o encargo, o mandato imperativo de conduzir aquela geração de “Azevedos” pelos caminhos, que as tradições familiares francesa, portuguesa e mineira deixaram em sua formação. Ela passou por cima dos desafios que foram aparecendo no seu caminho e nunca se dobrou. E chegou onde queria.

Contava ela com o apoio do genro viúvo Mário Casassanta³¹, em Belo Horizonte, em início de promissora vida pública, mas sem se desligar de seus quatro filhos pequenos que foram para Pouso Alegre, sob a guarda da avó. Em 1933, Mario se casou com Lúcia Schimdt Monteiro, educadora, escritora, recém-chegada do Teachers College, Universidade de Colúmbia, USA. Lúcia foi muito bem recebida pela família e, no Carnaval desse ano, foi à Pouso Alegre acolher seus filhos, Simão Pedro com 6 anos, José Maria com 5, Mariângela com 4 e João Batista com 2, idades terríveis; eram manhosos e rebeldes. No encontro, José Maria pisoteou o saco de suspiros que ganhou, um agrado de Lúcia. Mas ela, com muita paciência e afeição justificou lembrando: “Não, não, são apenas atos normais, de crianças normais, meus filhos”. A Lua de Mel do casal foi com os quatro filhos no Rio. Voltaram para Belo Horizonte para uma casa previamente arrumada com quatro caminhos e muito carinho. Lúcia teve mais seis filhos, criou a filha de um filho viúvo e foi a âncora de sustentação do marido por toda vida.³² Hoje ela é nome de escola em Belo Horizonte e, como homenagem do governo mineiro por ter sido a criadora dos métodos globais de alfabetização na implantação da Escola Nova no Brasil, um viaduto da rede viária da cidade, ligando a av. Pedro I a rua João Samaha, em Venda Nova tem seu nome. Mais de 20 anos depois de sua morte, Lúcia foi lembrada como escritora homenageada na 1^a FLIJUf, 1^a Feira do livro de Juiz de Fora.

31. Ver anexo a este capítulo

32. LATORRE, p.23

Mais de 20 anos depois de sua morte, Lúcia foi lembrada como escritora homenageada na 1^a FLIJUF – Feira do Livro de Juiz de Fora.

Dinorah, além do apoio do genro Mário Casassanta, recebia os aluguéis da loja e da casa vizinha. Para regularizar sua situação como professora estadual, foi aprovada para cursar, em Belo Horizonte, dois anos em Licenciatura em Educação como professora estadual de Trabalhos Manuais, na Escola de Aperfeiçoamento Mello Viana. Foi lecionar no Grupo Escolar José Paulino, em Pouso Alegre. Recebia também encomendas de buquês de flores para casamentos, presentes, enfeites e fazia isso com muita habilidade e bom gosto. Minha avó nunca largou suas flores. Lembro-me dela, já idosa, sentada na cama com seus ferros de esferas aquecidas em um fogareiro a álcool, moldando flores para presentear filhas, netas e amigas.

Com muita dificuldade, Dinorah foi aos poucos educando e encarreirando seus filhos, acertando sua vida, como ela mesmo dizia, "...coberta de dívidas, mas sem nunca faltar quem a ajudasse" ou então, lembrando que "...vivi da Graça de Deus e da atenção de queridos amigos, mas nunca fui pesada para ninguém".

Em janeiro de 1937, o filho Gilberto estava trabalhando no Rio de Janeiro e estudando para tentar a carreira militar em um vestibular muito exigente e competitivo para a Escola Militar do Realengo. Foi aprovado na primeira tentativa e ingressou na Escola aos 19 anos. Em 1940, foi declarado Oficial do Exército. Dois anos depois, foi a vez de Carlos, seguindo os passos do irmão Gilberto que estava no Rio de Janeiro trabalhando e estudando. Como Gilberto, foi aprovado na primeira investida, ingressando na mesma Academia Militar. Em 1944, era oficial de Artilharia, servindo em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, onde entrou em contato com seus primos, descendentes do cônego Gay. No mesmo ano, a filha Lygia, animada com o sucesso dos irmãos, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi aprovada como escriturária no Supremo Tribunal de Justiça, onde fez carreira galgando altos postos na hierarquia da Justiça, terminando sua carreira em Brasília.

Em carta do ano de 1942, Dinorah contava para minha mãe Emília:

...não posso compreender a Infinita Misericórdia de Deus que me permitiu organizar tudo tão bem. As minhas contas vou amortizando mensalmente sem aflição e muito naturalmente. No dia 15, tenho de depositar 700\$000 de uma letra e assim por diante, todos os meses. Pe. Victor que não me abandone. Tenho, no entanto, já tratado para a próxima semana, uma guarnição com rosas por 50\$000 para a Jesuína dar de presente para a Anita Faria. Ficou uma maravilha.

Em 1944, já com os filhos bem colocados na vida, Dinorah pode revisar com alegria seu passado com Azevedo a seu lado e, depois, os anos incertos e custosos, com sua lembrança catalisadora sempre presente. Com seus trabalhos manuais e suas encantadoras flores, nos deixou sua grandeza ao superar contratempos e adversidades, encontrando sempre ânimo para prosseguir. Dela, aprendemos que os grandes feitos são conseguidos não pela força, mas pela perseverança, porque é Graça Divina começar bem, persistir na caminhada e não desistir nunca.

Dinorah ainda viveu em Pouso Alegre até 1943 com Maria de Lourdes, sua última filha de 15 anos, acertando sua vida e preparando sua mudança para junto de seus filhos no Rio de Janeiro. Lourdes ficaria na cidade, em casa de amigos até concluir seus estudos secundários. Dinorah deixou Pouso Alegre para trás com alguma tristeza, lembrando seu marido, sua mãe, a criação e formação dos filhos, seus amigos que nunca lhe faltaram e também os indiferentes, enfim seus mais de 40 anos ali vividos.

Quando Dinorah faleceu, em 1966, seu filho Carlos cantava poeticamente sua luta pelos seus, com um verso inesquecível,

*Com flores, eduquei meus filhos
e com eles, enfeitei meu lar.*

Na última e noticiosa carta recebida de Portugal, em 1954, da tia Elvira para a sobrinha Lygia, fica bem claro o apreço e a afeição dos velhos tios do



Demolição da Casa Azevedo

Porto para os descendentes de Toneca no Brasil, quando relembra nomes e quer notícias de todos. E, ao recusar receber uma visita de Dinorah por falta de acomodações para ela, conclui-se que não estava nada fácil o fim da vida das velhas tias.

Dizia Elvira nessa sua longa carta,

...ha dias apresentou-se aqui uma senhora, que vinha do vosso mando, trazer-nos vossas notícias que muito estimamos. Deu as melhores, dizendo que toda a família está bem de saúde, o que muito no[is] regoziga, todos muito bem colocados e que a família tem aumentado, infelizmente só a nossa aqui esta bem reduzida. Em devido tempo recebi umas cartas ás quaeas imediatamente respondi, não tornando mais a receber carta alguma, prova de que estavam de saudinha e felizes.

Nós vamos passando como merecemos a Deus. Com muita idade e pouca saude. A Joaquina há dois anos que sofre do coração e fígado e como tem Bócio tem andado sempre em constante tratamento. Eu estou reformada, estou com 81 anos e muito acabada e as manas aproximadas na idade tambem muito gastas. Por intimação do medico apezar de grande sacrifício, vamos estar uma longa temporada na aldeia, não sabemos o tempo que demoraremos depende da prescrição do medico.

A senhora que veio aqui disse que tua Mamã manifestou vontade de vir a Portugal mas francamente de maneira alguma, agora a pudemos receber devido os aposentos serem muito reduzidos.

O Manuel esteve aqui á três anos em tratamento da garganta e depois que foi disse estar melhor.

Foi operado em Coimbra e restabeleceu-se no Mante d'Assumção. Pouco se demorou em Portugal e pouco gozamos a sua companhia. Estava numa pensão e vinha-nos visitar de vez em quando.

Já falei de nós, agora diz como passam de saude? Teu filho deve estar um perfeito homem. Tirou algum curso, ou esta empregado em bom lugar?

Os filhos da Emilia, então já são cadetes? Já vejo que a família segue a carreira militar. E os da saudosa Nair, a menina casada e com duas meninas. E os outros, que carreira seguiram?

Mario e Lucia bem? Fala-me de todos. E a nossa Lourdes muito bem colocada, graças a Deus. Vivem com vossa Mamã? Que ela tenha muita saude, segundo diz a senhora que cá veio, diz que esta gorda e bonita.

Por cá está tudo muito mau devido a quererem-nos levar a nossa Goa, na India. Em que ficará tudo isto? Temos tido muito socego, oxalá não acabe a quietude e tranqüilidade em que o paiz tem vivido. Deus se lembre de todos.

Quando receber cartinha tua ou d'ahi, responderei com muita circunstancia. Um beijo a teu filho, muitos abraços a tua Mamã e para a restante familia muitos beijinhos que por todos repetirás igualmente, não esquecendo Gilberto e Carlos. As manas igualmente se associam ao meu desejo.

Oxalá a carta que escrevo te seja entregue, na incerteza de que ainda estarás no Tribunal. Adeus, Lygia. Aceita abraços saudosos da titi que te beija afectuosamente,

Elvira.

Mas esse não foi o último contato entre os Azevedo de lá e os de cá, apesar das cartas portuguesas não terem sido mais recebidas. Em 1962, Pedro Luiz, da 3^a geração dos Azevedos, filho de Emilia e Pedro, neto de Dinorah, militar, 2º tenente do Exército, retornando ao Brasil depois de uma missão internacional, em Israel, na Faixa de Gaza, onde permaneceu por dois anos, decidiu visitar Portugal e procurar o endereço dos Azevedos. E foi ao Porto conhecer seus ancestrais. Num antigo endereço que lhe foi dado pelo tio Gilberto, Pedro Luiz encontrou, num bairro da cidade, um sobrado simples, pouco cuidado, ajardinado, com uma farmácia no térreo. Meio desapontado porque a casa estava fechada, foi informado pelos vizinhos que ali moravam Elvira e Umbelina, senhoras bastante idosas, mas muito ativas. Explicou sua visita tão esperada pelos Azevedos do Brasil. Para sua surpresa, logo a seguir, chegaram as velhas tias-avós que ficaram sobressaltadas e emocionadas com a inesperada visita. Elvira 88 anos e Umbelina 83, muito lúcidas e animadas, moravam em companhia de um sobrinho. As duas velhas irmãs ficaram comovidas com a visita, especialmente Elvira, irmã de seu Azevedo, a tia que mais se ligou através de cartas, aos seus descendentes de Pouso Alegre. Ela conhecia nominalmente a vida de cada um e queria atualizar as notícias de todos. Muitas perguntas ficaram sem resposta pelo desconhecimento de Pedro Luiz. Lembraram o imenso desejo de conhecer os Azevedos brasileiros. Tanto queriam saber que seu trisobrinho-neto trouxe poucas notícias delas para o Brasil.

O tempo da visita foi pouco para tanto assunto, menos de uma hora, pela demora em encontrar a casa, o que foi conseguido com a colaboração atenciosa de vizinhos, que também participaram da visita, atraídos pela presença fardada de Pedro Luiz.

Com voo de volta para Lisboa marcado, Pedro Luiz teve a companhia das tias até o aeroporto, satisfeitas e orgulhosas da visita do sobrinho.



ANEXO AO CAPÍTULO

3

QUEM FOI MÁRIO CASASANTA

Por Ana Maria Casasanta³³

Professor, escritor, advogado, político e acadêmico, nasceu em Jaguari (Camanducaia), Minas Gerais, a 15 de junho de 1898, e faleceu em Belo Horizonte, a 30 de março de 1963. Filho dos imigrantes italianos Antonio Casasanta e Mariana d'Orsini Casasanta, cursou as primeiras letras na Escola de Mestre Chico, em sua cidade natal.

Realizou o curso secundário no Ginásio São José de Pouso Alegre, prestando exames preparatórios em Campinas. Diplomou-se em Farmácia, em Pouso Alegre, em 1920. Ingressou, depois, na Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, atual Faculdade de Direito da UFMG, onde foi aluno de Francisco Campos e teve como colegas Gustavo Capanema, Abgar Renault, Gabriel Passos e Francisco Negrão de Lima. Bacharelou-se em 1925. Logo depois de formado, exerceu a promotoria em Pouso Alegre e a advocacia nas cidades paulistas de Campinas e Mineiros do Tietê. Ao mesmo tempo, dedicou-se ao magistério, lecionando português, francês, latim e história universal em colégios de Pouso Alegre e Campinas; Direito Comercial na Escola de Comércio de Campinas e História Natural na Faculdade de Farmácia de Pouso Alegre. Em 1928, a convite do Presidente do Estado Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, assumiu, em Belo Horizonte, as funções de Inspetor-Geral da Instrução Pública, no exercício das quais permaneceu até o fim de 1931, e implementou a Reforma Francisco Campos no ensino primário e normal de Minas Gerais. Em Belo Horizonte, retoma o magistério, tornando-se, em 1936,

33. Fávero e Brito

professor catedrático de português do Ginásio Mineiro. Em 1938, ingressa no corpo docente da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, como professor de Direito Constitucional, Cátedra de que viria a ser nomeado titular no momento da federalização da Universidade (1950). Posteriormente, regeu, na mesma faculdade, a cadeira de Filosofia do Direito, do curso de Doutorado. Um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, hoje pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais, regeu sua cátedra de Língua Portuguesa (1939-1960). Foi Reitor da Universidade de Minas Gerais, hoje Universidade Federal de Minas Gerais 1930/1931, 1941/1944). Diretor da Imprensa Oficial 1931/1933, 1937/1938); Advogado Geral do Estado (1933/1937); Chefe do Departamento de Educação do Distrito Federal (1938); Diretor da Caixa Econômica Federal (1945/1957); Diretor do Instituto de Educação de Minas Gerais (1957/1958); Diretor do Centro de Pesquisas Educacionais (1957/1958); e, de janeiro de 1963 até a véspera de morrer, desempenhou as funções de Secretário do Interior do Governo José Magalhães Pinto (1961/1965). Vice-Presidente da seção mineira do Partido Social Progressista (PSP), ocupou a Secretaria-Geral da Coligação do partido com a UDN, o PTB e PSB, a qual se organizou para coordenar em Minas Gerais a campanha plebiscitária de janeiro de 1963. Membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, da Academia Nacional de Filologia, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Mineira de Letras, presidiu a última entidade nos biênios 1945/1946 e 1953/1954. Participou, ao lado de Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e outros, do grupo modernista mineiro. Dedicou-se a estudos sobre Machado de Assis e Camilo Castelo Branco, publicando, em jornais de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro e de São Paulo, numerosos artigos sobre temas filológicos e literários.

Deixou as obras: *São Francisco de Assis e as aves do céu*. Pouso Alegre, 1926; *Responsabilidade do Estado em fatos de guerra*. 1932. Tese de concurso; *Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis*. 1932; *Razões de Minas*. 1932. *Machado de Assis e o tédio à controvérsia*. 1934. *O poder do voto*. 1939. Tese de concurso; *Notas de Raul Soares à gramática de João Ribeiro*. 1941; *Júlio Ribeiro e Maximino Maciel*. 1946; *Um caso de acumulação de cátedras*. 1955; *A palavra*

“mesmo”. Tese de concurso; *Jesuítas nos Lusíadas? D. Bosco, educador*. 1934. *Funções da partícula “se”, como apassivadora*.

Irmão dos educadores Guerino Casasanta e Manuel Casasanta, foi casado, em primeiras núpcias, com Nair de Azevedo Casasanta. Em segundas núpcias, casou-se com Lúcia Schmidt Monteiro Casasanta, educadora, escritora, membro do grupo de professoras enviado por Francisco Campos ao Teachers College da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, a fim de estudar os métodos ativos, uma das principais responsáveis pela divulgação entre nós do método global para o ensino da leitura e da escrita.

Mário Casasanta foi, sobretudo, um homem de ação – “movia-lhe o desejo são de mudar a face das coisas” (Andrade, 1958, p. 6). Teve papel decisivo na implantação da reforma do ensino realizada por Francisco Campos, em Minas Gerais, no período de 1927 a 1930. Sua atuação nesta reforma é reconhecida por Fernando de Azevedo, que a ela se refere, em seu livro *Cul-*

Mário Casasanta, pousoalegrense, casado com Nair Azevedo, quando assumiu a direção da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, no governo de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade.



tura Brasileira, como Reforma Educacional Francisco Campos e Mário Casasanta, numa evidente alusão a seu autor e executor. O poeta Drummond, arguto observador do que se passava em Minas Gerais, na época, registra em seus escritos, o movimento da escola mineira.

O excelente trabalho por ele desenvolvido na implantação dessa reforma fez com que, trinta anos mais tarde (1957), fosse convidado pelo Secretário de Educação, Abgar Renault, para dirigir o Pabaee. Com este programa, Abgar Renault pretendia renovar a educação escolar mineira, promovendo uma reforma tão profunda e eficaz quanto a de Francisco Campos. Grande parte da produção pedagógica de Mário Casasanta decorreu de sua atuação nesses movimentos, encontrando-se publicada sob a forma de artigos, palestras, entrevistas. A Reforma Francisco Campos enfatizava a importância do Estado no processo de socialização das novas gerações, tendo como consequência a ampliação de sua interferência nas questões educacionais e um maior compromisso com a oferta e a qualidade do ensino nas escolas. Neste sentido ele estabelece um novo modelo de organização para as escolas, inspirado no ideário escolanovista, que naquele momento gozava de grande prestígio na Europa e nos Estados Unidos. O movimento renovador provocou reações na sociedade mineira, que via com reservas o avanço do Estado no campo educacional. Tais reações partiram dos setores mais tradicionais da sociedade mineira, em especial da Igreja Católica, que, temendo os possíveis efeitos de uma escolaridade intensiva, a ameaça da perda de controle da hegemonia no campo da inculcação ideológica.

Seus atos nunca foram bem compreendidos. Dessa forma, embora pudesse ser considerado, segundo Tristão de Ataíde, “a figura mais expressiva da ala espiritualista do movimento escolanovista” (1963), os católicos não perdoaram sua adesão, como signatário, ao Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação, ameaçando-o publicamente de excomunhão. A implantação da Reforma dependia também da criação de condições objetivas que permitissem a introdução nas escolas de uma nova organização e de uma nova prática, baseadas numa percepção científica e psicológica de educação. A principal estratégia para isso foi a formação do professor. Embora Casasanta viesse a vocação para o magistério como muito importante, segundo

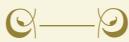
se observa em seu livro *Dom Bosco, o educador*, considerava indispensável que esse *dom* fosse instrumentalizado pela ciência e pela técnica. Por conseguinte, a formação de recursos humanos foi objeto de cuidados especiais, no período em que permaneceu à frente da Inspetoria-Geral de Instrução (192-1930). Durante o período, promoveu sete cursos intensivos para a formação e aperfeiçoamento de professores. Os pontos altos desse programa forma a criação da Escola de Aperfeiçoamento e das Bibliotecas Escolares. “A escola novidadeira”, cantada em versos por Drummond, teve um papel muito importante no sentido de testar a aplicação das ideias escolanovistas em nosso meio e de preparar elementos capazes de orientar e avaliar a sua implantação em nossas escolas. Seu principal objetivo foi preparar e aperfeiçoar, do ponto de vista técnico e científico, os candidatos ao magistério normal, à assistência técnica do ensino e às diretorias dos grupos escolares. Seu corpo docente, constituído de professoras especialmente formadas no Teachers College da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos (Inácia Guimarães, Alda Lodi, Amélia Monteiro de Castro, Benedita Valladares e Lúcia Monteiro Casasanta), fez dessa escola o primeiro centro de pesquisas e experimentação na área de metodologia de ensino e um importante núcleo de irradiação dos métodos ativos.

Merecem destaque as pesquisas desenvolvidas por Mário Casasanta sobre questões relacionadas à linguagem das crianças em idade escolar. Realizadas em parceria com a Professora Lúcia Monteiro Casasanta, com a colaboração de suas alunas do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação de Minas Gerais.

Durante o período em que trabalhou no CRPE, desenvolveu ainda dois trabalhos de vanguarda na área de reconstituição da memória da educação escolar no Brasil. O primeiro é o estudo das obras literárias procurando captar o pensamento pedagógico reinante no país, na época de sua produção. Nessa perspectiva, surpreende o pensamento pedagógico brasileiro em livros como *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *A Moreninha*, de J. M. Macedo, *O Ateneu*, de Raul Pompéia. O outro trabalho é o Museu da Leitura, realizado em conjunto com a professora Lúcia Monteiro Casasanta, que reunia amos-

tras dos principais métodos para o ensino da leitura. Seu objetivo consistia e “demonstrar como foi trabalhosa a marcha da humanidade na devoção de sua solução científica. Trata-se de uma verdadeira lição de coisas acerca do problema fundamental de cultura e da civilização”. (Casasanta, 1958, p. 31)

A morte aos 64 anos interrompe suas atividades magisteriais na Faculdade de Direito, as pesquisas e sua gestão à frente da Secretaria de Interior. Sua biblioteca, considerada uma das mais preciosas de Minas (cerca de 50 mil volumes), foi adquirida pelo Governo do Estado de Minas Gerais e, atualmente, compõe o setor de Obras Raras da Biblioteca Estadual Prof. Luiz de Bessa.





*Dinorah, pelo seu neto
Cláudio José, com toda
essa nossa trajetória*

CAPÍTULO

4

A FAMÍLIA AZEVEDO NO
RIO DE JANEIRO, 1943 a 2018



Sumário do Capítulo 4

- 4.1 - Dinorah no Rio de Janeiro, 207
- 4.2 - Tempo de Guerra, 209
- 4.3 - Dinorah e a vida em torno do “104”, 212
- 4.4 - Geni de Jesus, a Didi no Rio de Janeiro, 213
- 4.5 - A vida dos Azevedos em torno do “104”, 214
- 4.6 - Depois de Dinorah, a vida continua, 215

Desde sua chegada a Pouso Alegre, em 1902, Dinorah passou a viver uma nova vida, apesar da perda do Pe. Gigante, logo no primeiro ano no sul de Minas. O casamento e os filhos definiram sua destinação, sofrida durante alguns anos nebulosos com o passamento prematuro do marido e de uma filha, mas recuperados nos anos seguintes.

Deixando a impiedosa década de 1930 para trás, em 1943 Dinorah já se encontrava no Rio de Janeiro, ao lado dos filhos e netos, no convívio animado e divertido que ela tinha direito. Ela soube conduzir sua vida e a de seus filhos com arrojo e determinação, tendo sido capaz de encaminhar cada um deles em seus próprios caminhos. “*Não me faltou a Providência Divina para me conduzir*”, dizia ela. E não lhe faltou confiança, otimismo, ousadia e destemor, por um lado, e por outro, muita sensibilidade, afetividade e apoio de amigos.

4.1 - Dinorah no Rio de Janeiro

No início da década de 1940, com os filhos se enraizando no Rio de Janeiro, Dinorah não queria, mas concordou em deixar Pouso Alegre. Em 1943, Gilberto a levou para o Rio. O neto José Carlos, de 17 anos, veio com ela, mas a filha Lourdes ficou mais um ano na cidade para concluir seus estudos. O destino deles foi uma pensão na Rua Gago Coutinho, bairro do Catete. Seria um pouso temporário até ser alugado um apartamento nas redondezas. Lygia, já há alguns anos na cidade, incorporou-se ao grupo. Gilberto, tenente do

Exército, estava servindo na Vila Militar e só passava os fins de semana com eles na pensão. Carlos, também tenente, servia no Rio Grande do Sul. No ano seguinte, Lourdes, com 17 anos, veio para o Rio, mas não ficou na pensão, foi morar com sua irmã Emília, no bairro do Rocha.

Essa pensão da Gago Coutinho, que eu conheci muito bem nas minhas férias quando tinha 13 anos e morava em Juiz de Fora, era um belo casarão do século XIX, com o salão de refeições e a administração da casa. Os 20 ou 30 quartos de moradia da pensão ficavam no fundo do terreno, em um prédio de três andares recém-construído. A família Azevedo ocupava um quarto de uns 20 m², no primeiro andar, de frente para o jardim. Os vários banheiros da pensão eram coletivos, hábito corriqueiro na época. O quarto da família Azevedo era normalmente ocupado por três pessoas e, nos finais de semana, por quatro, pois Gilberto vinha passar com eles. Nas férias, quem sabe, chegavam cinco ou seis parentes e amigos. Mas o otimismo de



Meu primeiro terno, feito num alfaiate, ao lado da Estação Mariano Procópio, Juiz de Fora, 1948.

Dinorah dava para acomodar todos e quanto mais filhos e netos estivessem com ela, maior a sua felicidade.

Esse tipo de moradia com banheiros comuns pode parecer estranho hoje, mas na época, a construção de um banheiro era um investimento muito alto. Mesmo nos hotéis medianos também se encontravam banheiros de uso coletivo. As residências tinham apenas um banheiro para toda a família, como a dos Azevedos, em Pouso Alegre, quando a casa era ocupada por mais de dez pessoas. Mas o arremate final da maquiagem era sempre feito em uma penteadeira no quarto.

4.2 - Tempo de Guerra

A temporalidade da moradia na pensão da Gago Coutinho foi se prolongando e a vida se complicando com as dificuldades aumentadas, pois a década de 1940 era de guerra total com envolvimento mundial. Desde 1939, a Europa vivia a 2^a Grande Guerra que repercutia em todo o planeta. Em especial, o Brasil passou a participar do conflito, em 1943, com a Força Expedicionária Brasileira, FEB, quando o presidente Getúlio Vargas declarou guerra aos países do Eixo Alemanha-Japão-Itália. Foram enviados 25.000 militares brasileiros para a Itália, em três escalões.

O 2º tenente Carlos Azevedo, filho de Dinorah, com 24 anos, em dezembro de 1944, estava servindo no 6º Regimento de Artilharia Montada de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, quando foi convocado para embarcar para a Itália, no 3º Escalão da FEB. Em anotações no seu Diário de Guerra, ele relata que recebeu a missão como ...*talvez o maior dia da minha carreira militar, pois partirei para a guerra.*³⁴ Uma semana depois, ele já estava na Vila Militar no Rio, em treinamento. Numa folga, visitou a irmã Emilia onde ficou até tarde da noite trocando ideias sobre seu futuro no conflito. Em fevereiro, estava embarcando para a Itália, no navio transporte US Gen. Meigs, com 6.000 febianos e 1.000 tripulantes americanos. Bem me lembro dessa emocionante despedida, com

34. SILVA, Elpídio

toda a família no *pier* em construção da praça Mauá, com obras por todo lado, onde hoje se encontra o Museu do Amanhã. O presidente Getúlio Vargas visitou o navio e falou aos militares, incentivando-os.

Na viagem, o navio foi comboiado por destroieres e aviação até o desembarque, no porto de Nápoles. No início de abril, depois de rigorosos exercícios de preparação do combatente em Nápoles e Livorno, Carlos já estava em operação na região da Toscana, participando do 2º Grupo de Artilharia, patrulhando as áreas reconquistadas aos alemães, na direção de Monte Cassino. Em maio, estava em Voghera e comandava a 14ª Cia acumulando com a função de S/4 do Batalhão. Conta Carlos, em seu diário, que numa operação rondando a guarda em Suviana, junto a uma represa com a barragem destruída pelos alemães em retirada, ele se surpreendeu com uma corrente turbulenta de água correndo entre os destroços da barragem, descendo pelos Apeninos na direção do exército alemão. Sua sensibilidade o fez se sentar em frente à represa quando

...comecei a conversar com meus botões, admirando o vale maravilhoso a minha frente. Embaixo, aquele riacho agitado, indiferente à tudo e à todos, dando de beber aqui e matando a sede do inimigo acolá, não sendo mais do que um verdadeiro símbolo da paz.

Em 16 de junho de 1945, depois de seis meses em serviço, veio a ordem de CESSAR FOGO para todas as tropas na Itália. Carlos descreve com emoção em seu diário, como foi recebida essa ordem, esperada há muito tempo, “... eram milhares os que tinham armas mortíferas na mão, espírito insensível ao sofrimento, coração fechado à emoções e pensamento focado apenas na vitória final.” E conclui, “..hoje a humanidade se ajoelha contrita.”³⁵

O retorno da FEB ao Rio de Janeiro foi apoteótico, com os soldados desfilando na Avenida Rio Branco, em fila indiana, espremidos pela multidão assis-

35. SILVA, Elpídio



2º Ten. Febiano Carlos Azevedo, na fase de preparação do combatente em Livorno, Itália para assumir uma posição em Monte Cassino e Voghera.

tente. Tia Lygia, destacada funcionária do Supremo Tribunal Federal, recebeu convite para assistir ao desfile das sacadas do prédio. E levou toda a família que ficou à procura do tio herói, naquela confusa fila de febianos que desfilava em coluna por um. Carlos não foi encontrado. Mas a recepção oficial foi na casa de Emília, no bairro do Rocha, grande o suficiente para abrigar umas cinqüenta pessoas, inclusive sua noiva, Maria Simões, que tanto tinha esperado aquele reencontro.

O que mais me encantou naquela recepção ao febiano Carlos, foram as lembranças que ele trouxe para toda a família acotovelada em torno. Grande contador de histórias, ele ia falando e abrindo os sacos de viagem, pois não havia malas. Foi uma sensação. Saíam dos sacos alimentos em conserva,

chicletes e cigarros americanos, fragmentos de armas e munições, tiras de uniformes alemães, presentes e compras feitas nas lojas em suas horas de folga. Cada peça tinha uma história a ser contada em detalhes. Saiu do saco um revólver 38, cano curto, tão arrebentado que eu estava certo que fosse um presente para mim. Triste engano, era uma preciosa presa de guerra. Havia também uma pequena estátua de alabastro comprada num antiquário italiano e tão querida, que, ele alertou, se quebrada, seus pedaços iriam com ele no caixão, quando morresse!

Carlos se casou com Maria meses depois.

4.3 - Dinorah e a vida em torno do "104"

A moradia temporária na Pensão da Gago Coutinho durou quatro anos porque Gilberto preferiu comprar um imóvel e não alugar. E foi assim que o apartamento 104 da rua Arthur Bernardes, 49, no Catete, entrou para a história da família. Ficou sendo conhecido como o "104". O edifício de seis andares, tinha uma larga entrada social ajardinada à esquerda e a de serviço à direita. Era um pequeno apartamento no térreo, com duas salas, um quarto, cada peça com uns 10 m² de área, uma varandinha simpática, banheiro, cozinha e área que virou copa. Com uns 50 ou 60 m², essa morada, como seria esperado, fez Dinorah se projetar nas alturas de felicidade. Depois de quase 20 anos de tanta dificuldade, provações e sofrimentos, ela merecia agora essa alegria.

O "104" passou a ser uma referência na família, habitado normalmente por quatro Azevedos. Mas como era uma moradia elástica, havia lugar para todos. Às vezes, acomodava, em visita, dez ou mais Azevedos, amigos ou amigos dos amigos, parentes de pouso-alegrenses que foram solidários com Dinorah quando ela precisou. Dizia ela que "...eles não me faltaram e eu não vou faltar a eles".



Os Azevedos na varanda do "104", em foto de 1952. Agachado na frente, o Cláudio José. Atrás, Antônio Eugênio, Lourdes, José Carlos e Emília. Na varanda, Gilberto, Lygia, Pedro e Dinorah.

4.4 - Geni de Jesus, a Didi no Rio de Janeiro

Uma das primeiras preocupações na nova moradia foi mandar buscar, em Pouso Alegre, a negrinha Geni de Jesus, a Didi, que fazia parte da família desde o nascimento.

Didi era oligofrênica, com idade mental indefinida, mas muito baixa. Curvada para a frente, pequenina, com movimentos lentos, era docilmente obediente e sempre disposta e pronta para o trabalho. Falava sozinha sobre as coisas que se lembrava de Pouso Alegre e, principalmente, sobre o “Morro das Cruis”, onde ela havia nascido. Tinha muito medo de morrer. Fumava muito e cigarro era a única coisa que pedia na vida.

Quando Emília se casou, Didi foi babá de seu filho Pedro Luiz por muitos anos. Morou com Dinorah, com Emília e depois, no Rio, com a Lourdes, até falecer.

Adorava o verdureiro que todo dia chegava até a varanda do “104” para suas vendas e sempre mexia com ela. Mas Didi reagia enérgica, dizendo que não queria casar com ele. Didi fazia uma parte muito querida de toda aquela geração dos Azevedos.

4.5 - A vida dos Azevedos em torno do “104”

Nos 20 anos seguintes, o “104”, foi o centro da Família Azevedo no Rio. Nenhum dos nossos, passava pela cidade sem dar uma chegada ao apartamento, necessariamente, para encontrar Dinorah. Foi lá que eu conheci pessoalmente muitos pouso-alegrenses conhecidos apenas pelo nome. Um deles era Mário Casasanta, que vinha todo ano ao Rio comprar livros e sempre visitava Dinorah. No dia seguinte do encontro, ele me presenteou com os três volumes de “A Ilha Misteriosa”, de Júlio Verne, fazendo um resumo verbal do livro e recomendando sua leitura.

Em pouco tempo de moradia no “104”, Dinorah já conhecia todo o prédio e foi consolidando essas amizades aos poucos. O café da manhã para o porteiro, o português Bernardino, era sagrado. D. Leonor, vizinha mais velha que ela, era confidente e sempre assistida por Dinorah em suas necessidades. Quando Leonor faleceu, sua filha fez presente à Dinorah, uma rica penteadeira Luiz XV, toda entalhada, que hoje enfeita a entrada de nossa casa em Petrópolis.

Mas o “104” recebia também visitas importantes. Sua antiga amiga, cujo filho foi aleitado por Dinorah e que se tornara patriarca de importante dinastia de banqueiros do Brasil, não deixava de procurá-la. E, outra relação de longa data, uma senhora pertencente à elite empresarial síria de São Paulo, que vinha com filhos e netos para veraneio em hotéis da Avenida Atlântica, nunca dispensava uma semana de celebração afetiva no aperto do “104”, ela e uma dama de companhia.

Meu avô Eugênio Trompowsky Taulois nunca foi visitar Dinorah no “104”. Ele tinha sido seu inquilino por décadas em Pouso Alegre, além de vizinhos parede e meia e aparentados pelo casamento dos filhos. Quando Dinorah se mudou para o “104”, ele revelou a ela que infelizmente, nunca a iria visitar por causa do nome da rua onde ficava seu apartamento, nome esse que ele jamais pronunciara desde 1925. Surpresa e espantada pelo imprevisto da confissão do seu antigo vizinho e pessoa tão próxima e querida, a explicação veio em seguida. Disse ele: “...é por que a senhora comprou seu apartamento nessa rua pela qual eu não me permito passar.” Dinorah ficou ainda mais confusa, mas depois lhe foi lembrado que, por causa da sua obstinada oposição ao governo de Arthur Bernardes, em 1924, servindo em Pouso Alegre, o então major Trompowsky foi preso e levado para o Forte de São João, no Rio de Janeiro, ficando separado de sua família por trinta dias. Meu avô Eugênio, faleceu sem ter sido recebido no “104”.

Três engenheiros da família diplomados pelo IME, Instituto Militar de Engenharia, usaram o “104” durante seu curso. Favorecido pela proximidade da Praia Vermelha, Dinorah hospedou Gilberto, Carlos e Antônio Eugênio que usaram aquele pequeno, mas sossegado ambiente para estudar e preparar seus trabalhos acadêmicos.

4.6 - Depois de Dinorah, a vida continua

A partir do “104”, as famílias dos Azevedos foram se expandindo social e profissionalmente, cada uma no seu âmbito, sempre se multiplicando, com

Da. Dinorah Azevedo

Causou geral consternação nesta cidade, o falecimento ocorrido no dia 26 de novembro pp., no Rio de Janeiro, da veneranda senhora Da. Dinorah Azevedo, que, por muitos anos residiu nessa cidade. — Viúva do antigo comerciante Sr. Antonio Alves Azevedo, aqui constituiu sua família, composta dos seguintes filhos: General Gilberto Azevedo, Coronel Carlos Azevedo, Dra. Lígia Azevedo, Da. Maria de Lurdes Azevedo e Da. Eila Azevedo Taulois, casada com o General Pedro Luiz T. Taulois. Foi também sua filha, Da. Nair Azevedo Casa-

santa, que foi casada com o Professor Mário Casasanta, ambos falecidos. Deixa ainda netos e bisnetos. A extinta, foi professora de trabalho e artes, no Grupo Escolar Mons. José Paulino, desta cidade, tendo contribuido, como boa e exímia educadora para a formação de várias gerações. Transferindo sua residência para o Rio de Janeiro, frequentemente voltava à nossa cidade para rever seus inúmeros amigos, conservando sempre seu espírito jovial, que a tornava admirada por todos. — Juntamos nossas súplicas às Santas Missas celebradas em sufrágio de sua alma, enviando à prezada família enlutada, sentidas condolências.

Lembrando Dinorah: *A Semana Religiosa*, de Pouso Alegre noticiou o falecimento de Dinorah, 26 anos depois dela ter deixado a cidade, lembrando seu marido, todos seus filhos e sua atividade no magistério de diversas gerações de pousoalegrenses.

ramificações também no exterior. Dinorah acompanhou de perto e com alegria esse prolongamento de sua hereditariedade até 1966, aos 79 anos, quando faleceu no Hospital Central do Exército, assistida por todos que a tinham por perto, deixando uma imagem e uma lembrança que não conseguem ser apagadas na memória dos Azevedos de Pouso Alegre.



A FAMÍLIA AZEVEDO NO RIO DE JANEIRO, 1943 A 2018



Filhos, netos e sobrinhos nas Bodas de Ouro de Vera e Antônio Eugênio, comemoradas em Petrópolis.



*Dinorah, pelo seu neto
Cláudio José, com toda
essa nossa trajetória*

CAPÍTULO

5

AS TRÊS PRIMEIRAS GERAÇÕES DO RAMO
BRASILEIRO DOS AZEVEDOS DE POUSO ALEGRE, MG



Sumário do Capítulo 5

5.1 - Os membros da primeira geração, 221

5.2 - Os membros da segunda geração, 236

5.3 - Os membros da terceira geração, 270

5.1 - Os membros da primeira geração

*Antônio Alves de Azevedo
Dinorah Mendel Gay*

Decorridos 141 anos da chegada do português Antônio Alves de Azevedo ao Rio de Janeiro, seus e de sua Dinorah Mendel Gay, mais de 160 descendentes se espalharam por diversos países, com uma das famílias retornando à Portugal.

As três primeiras gerações dos Azevedos de Pouso Alegre, MG, são descritas a seguir.

ANTÔNIO ALVES DE AZEVEDO, 1875-1931

Por seu neto, Antônio Eugênio de Azevedo Taulois
Distinção *post-morten* oferecida a Antônio Alves de Azevedo, pela Câmara Municipal de Pouso Alegre:

Ilustre pouso-alegrense por adoção, comerciante e homem de elevado espírito público, fundador de inúmeras instituições comerciais, profissionais, culturais, religiosas e assistenciais, sendo reconhecido como BENEMÉRITO DA CIDADE em 23 de novembro de 2001 pela Câmara Municipal de Pouso Alegre. Fundador e patriarca do Ramo Brasileiro dos Azevedo de Pouso Alegre, MG.

Quem era Antônio?

Não conheci meu avô Azevedo, mas convivi com sua lembrança por toda minha juventude e com as referências que lhe eram feitas pelos meus tios e, principalmente, por minha avó, Dinorah.

Antônio Alves de Azevedo nasceu em 18 dezembro 1875 no Porto, Portugal, sendo o nono dos dezessete filhos de Domingos Alves d'Azevedo e Emília Rodrigues Alves d'Azevedo. Seu pai era industrial, fabricante de cordas e cabos marítimos e de doces finos confeitados para exportação e foi participante ativo da Associação Comercial do Porto, tendo sido admitido como seu sócio efetivo em dezembro de 1895, conforme constatei em 1998 no Livro dos Membros Efetivos da Associação Comercial do Porto.

Por essa época, Portugal estava defasado economicamente em relação à vizinhança europeia que seguiu os passos da Revolução Industrial e precisava de matérias-primas africanas para suas fábricas. Para isso, esses países tentaram e conseguiram se apoderar de algumas colônias africanas historicamente portuguesas. Isso gerou uma enorme revolta no povo, que atingiu seu clímax com o “Ultimato Inglês”, tendo o Rei Dom Carlos I capitulado mais uma vez. O sentimento nacional de humilhação e as dificuldades econômicas vigentes em Portugal, fizeram com que muitos jovens partissem com esperança para outras terras. Alguns anos depois, desmoronava a monarquia portuguesa, uma das mais antigas da Europa com mais de 800 anos.

Em dezembro de 1889, o jovem Antônio Alves de Azevedo, aos quatorze anos, embarcava sozinho para o Brasil buscando melhores condições de vida e de trabalho. Vinha com recomendações severas de seu pai e indicação para trabalhar em algumas casas comerciais de pessoas conhecidas. Empregou-se como 3º caixero na loja de Lopes Athaydes Ferragens, para aprender os meandros da negociação comercial brasileira nos preâmbulos da vida republicana. Dormia no balcão da loja e almoçava diariamente com o seu patrão, o que era considerado uma distinção para aquele moço polido e bem educado.

Ao deixar Portugal, o jovem Antônio recebeu severas recomendações por escrito de seu pai Domingos, passadas em uma caderneta, a Caderneta Dourada³⁶, com a dedicatória:

*Lembranças para Antônio Alves d'Azevedo,
oferecidas por seu pai, em 9 de dezembro de 1889*

Ali foram anotados dados familiares de todos os seus parentes próximos, um total de quarenta e três pessoas e valiosos conselhos e advertências para quem ia iniciar uma vida comercial. O pai alerta seu filho por sua futura participação na...

sociedade mais respeitável nesse mundo e que esse respeito só depende do trabalho e da sorte do homem, que poderá por ele, se elevar ao mais alto grau que o homem pode aspirar.

Essa advertência de Domingos a seu filho, poderia ter sido consequência das dificuldades econômicas e pela perda de autoestima dos portugueses no final do século. Suas recomendações são muito éticas “...respeita para ser respeitado...” e muito práticas, ... “deves ensinar aos outros o que souberes, mas reserva para ti a melhor parte”. Lembra também ao filho o necessário respeito às leis do país e que não se esqueça de seus deveres religiosos. Essa caderneta é até hoje preservada com todo o carinho pela família, representando ela um nexo moral e afetivo com as origens do precursor dessa Família Azevedo no Brasil.

Antônio em “Cometa”

Após alguns anos no Rio de Janeiro, Antônio Alves d’Azevedo se torna um “cometa”, como eram conhecidos os vendedores que levavam o comércio

36. Essa caderneta está transcrita nesse capítulo.

das capitais para o interior do país, uma importante atividade no início do século, pois eles eram os portadores das novidades que estavam acontecendo nas grandes cidades, numa época em que a comunicação era difícil e as estradas, rudimentares. Eles eram admirados quando chegavam aos seus destinos, pelas suas maneiras gentis e trajes atualizados. Sua área de comércio era o eixo entre São Paulo e Minas Gerais, coberto em longas viagens de até seis meses. Vendia qualquer artigo, representante que era de diversas firmas comerciais.

Em 1902, após treze anos bem acontecidos no Brasil, Azevedo retornou à Portugal para visitar a família. As dezenas de fotos feitas na época com seus

parentes dão uma dimensão do sucesso do seu regresso, pois a fotografia era um luxo muito caro e desejado. Foi também nessa ocasião que acertou a vinda para o Brasil de Manuel, seu irmão mais moço, que se tornou um bem-sucedido atacadista de tecidos na rua São Pedro, hoje demolida para a construção da Av. Pres. Vargas. De volta ao Brasil, Azevedo retornou às suas viagens comerciais, como “cometa”.



Os “cometas” eram representações comerciais no interior do Brasil, fazendo vendas. Antônio Alves d’Azevedo e seu amigo, através da elegância dos trajes e pelas novidades com comunicações.

Dinorah e Antônio

Foi numa dessas viagens que Antônio Alves d'Azevedo conheceu, quando passou por Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais a atraente jovem de 16 anos, Dinorah. Azevedo, próximo dos 30 anos, era muito respeitado naquela pequena cidade de 8.000 habitantes. Ele desembarcava do trem e caminhava com elegância até o Hotel Avenida, seguido de dois carregadores levando sua bagagem acondicionada em malas-armário e baús. Essas são antigas lembranças contadas pela própria Dinorah, que morava na cidade há apenas um ano. Eles se casaram em 18 dezembro 1905 e decidiram se fixar na cidade, morando numa casa ao lado da Estação da Estrada de Ferro.

Depois de algumas mudanças, em 1918, Azevedo e Dinorah adquiriram do Sr. Joaquim Roberto Duarte Junior, a grande casa da praça Senador José Bento 64, localizada entre a Travessa João da Silva e o Clube Literário e Recreativo, residência definitiva da família. Essa casa já demolida, ficava onde hoje foi construído o Edifício Foch.

Após seu casamento, Azevedo continuou sua atividade como “cometa”, viajante e vendedor. Seus filhos nasceram entre 1906 e 1928. Eram eles: Lygia, Nair, Emilia, Olga que morreu com um ano acometida com uma rara moléstia, a “doença azul”, Gilberto, Carlos e, finalmente, Lourdes.

Com o nascimento do seu sexto filho, já beirando os quarenta anos, Azevedo decidiu realizar seu antigo sonho, acalentado desde o casamento. Em sociedade com seu conterrâneo Augusto Lopes, instalou uma grande casa comercial, com onze portas, a Casa Cometa, depois Casa Azevedo, no Largo do Mercado, a maior loja da cidade no ramo de “Secos e Molhados”, alimentos, fazendas, ferragens, armário, perfumaria; vendia de tudo, como uma grande loja de departamentos da atualidade.

Em 1924, Antônio Alves de Azevedo, desfez a sociedade por divergências comerciais com seu patrício e retirou-se para criar outro negócio, uma vez que o imóvel da Casa Azevedo pertencia a Augusto Lopes. O rompimento o abalou financeiramente, em vista dos compromissos que fez questão de aceitar com seu ex-sócio. A divergência comercial não foi suficiente para separar os dois conterrâneos cujas famílias, especialmente Dinorah e Dilia, esposa de Lopes, jamais se afastaram ao longo da vida.

Azevedo logo se refez e, no ano seguinte, 1925, abriu seu próprio comércio, transformando a frente de sua residência na praça, em uma loja, a “nova” Casa Azevedo, com cinco portas na frente e um grande depósito atrás, ainda vendendo “secos e molhados”. Dividiu o restante da casa em duas moradias, ficando uma para sua família, atrás da loja. A outra foi alugada para o comandante do quartel do Exército na cidade, o 8º Regimento de Artilharia Monta- da. Esse comandante, coronel Eugênio Trompowsky Taulois, tinha um filho chamado Pedro Luiz com 16 anos. Pouco depois, ele iniciou um namoro com a filha de Azevedo, Emília de 13 anos. Deu em casamento e eles são meus pais.

O “crack” da Bolsa de Nova York em 1929 provocou uma reviravolta na economia mundial com sérias repercussões até em pequenas cidades como Pouso Alegre. O café sustentava a economia do Sul de Minas e, com a queda de seus preços no mercado internacional, o giro dos negócios ficou reduzido na cidade, preocupando diversos comerciantes. As vendas na Casa Azevedo caíram tanto que Dinorah, para auxiliar nas grandes despesas da casa, começou a dar aulas de trabalhos manuais, uma disciplina obrigatória no currículum escolar da época. Ela lecionava no Grupo Escolar Monsenhor José Paulino e teve muito sucesso na sua atividade, pois promoveu diversas e renomadas exposições dos trabalhos de seus alunos e seguiu lecionando essa disciplina por toda a sua vida, inclusive em diversos colégios na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Ao lado de sua atividade comercial, Antônio Alves de Azevedo se integrava de corpo e alma à comunidade em que vivia. Talvez, motivado pela grande movimentação de seu pai no comércio da cidade do Porto, Azevedo percebeu a falta de uma aproximação entre os comerciantes de Pouso Alegre, para definir o rumo de seus negócios e as obrigações com a sua cidade. Assim, incentivou a criação da Associação Comercial de Pouso Alegre em 1922, que funcionou no 2º andar do Teatro Municipal até ganhar sede própria anos depois. O Orfanato Nossa Senhora de Lourdes, não tinha local determinado para atender às crianças sob sua guarda. Azevedo liderou, junto a outros pousoalegrenses, uma campanha para a construção de um edifício que pudesse abrigar os órfãos. Em fevereiro de 1929 foi lançada a pedra fundamental do edifício na rua Antônio Olinto e, em fevereiro de 1931, o prédio foi inaugurado. Fundou

também a Irmandade do Santíssimo Sacramento em 1925, para que os leigos pudessem participar do movimento pastoral da Catedral Metropolitana.

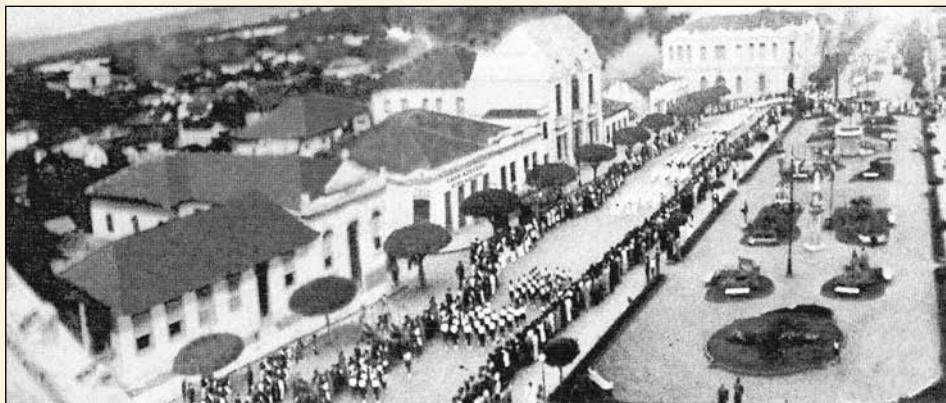
O ano de 1931 foi pesado e muito sofrido para a Família Azevedo. No início do ano faleceu Caroline, mãe de Dinorah, que administrava todo o movimento doméstico da casa enquanto Dinorah lecionava. Sua filha Lygia se separou-se do marido, retornando para casa materna com um filho de três anos. Em junho faleceu sua filha Nair, deixando quatro filhos menores que também vieram morar com os avós. Logo a seguir, parte do telhado da casa desabou, obrigando-os a fazer uma reforma geral no prédio, com repercussões nas vendas da Casa Azevedo e toda a família teve que se mudar temporariamente para Belo Horizonte. Atormentado por tantas e sérias fatalidades, uma seguida à outra, terminando o ano de 1931, no dia 11 de dezembro, seu Azevedo não suportou e veio a falecer às 12h, em consequência de um acidente vascular cerebral quando movimentava um tonel de azeite em sua loja. Tinha cinquenta e seis anos e sua morte repentina comoveu seus amigos que se manifestaram em um sepultamento com grande participação comunitária.

Toda essa angústia tormentosa tornou ainda mais penosa a condição em que se encontrava sua numerosa família. Mas não foi o suficiente para abater Dinorah, que impossibilitada de administrar a Casa Azevedo por causa de seu trabalho e dos encargos de casa, vendeu tudo para José Borges, o Zico, antigo empregado de confiança de Azevedo. Com apoio dos filhos, Dinorah conseguiu formar todos eles e permaneceu na cidade até 1943, quando então se transferiu para o Rio de Janeiro para ficar ao lado deles.

A Casa Azevedo continuou aberta até 1935, quando José Borges se transferiu para São Paulo encerrando então sua atividade. Diversos outros negócios e serviços foram ali instalados até 1953, quando o imóvel foi vendido para demolição. Minha prima Vera Lúcia e eu, participamos dessa demolição, quando visitamos a casa onde viveram os Azevedo por mais de 40 anos, já sem a cobertura e as paredes vindo abaixo. Entramos pela frente e fomos até onde era a sala de jantar. Fizemos uma fotografia da antiga sala de visitas e da porta de entrada. Cozinha, banheiro e quintal já não existiam mais, cobertos por entulho. Ficou para nós, a lembrança das histórias que aquelas paredes viven-

ciaram ao lado dos protagonistas que viveram naquele cenário, ou amarguras e desconsolo, ou deleites e animação.

Antônio Alves de Azevedo seguiu com muita aplicação os conselhos de seu velho pai Domingos, transcritos na Caderneta Dourada que recebeu na hora de seu embarque para o Brasil. Sua fina educação combinava com a integridade de seu caráter e a retidão de seus procedimentos. A homenagem que recebeu da Câmara Municipal de Pouso Alegre, setenta anos após sua morte, sendo reconhecido como Benemérito da Cidade pela Câmara Municipal de Pouso Alegre, testemunha suas virtudes.



Parada de 7 de setembro , desfilando em frente à Casa Azevedo (cerca de 1930)

DINORAH AZEVEDO

*Com flores, eduquei meus filhos
e com eles, enfeitei meu lar.*

Quem era Dinorah?

Minha avó Dinorah não era uma pessoa comum. Sua infância e juventude foram abaladas por diversos sobressaltos como os tempos difíceis do Rincão

da Cruz e Uruguaiana, quando perdeu a família por causa do irmão caçula raptado por ciganos, pelos dissabores com os familiares do Cônego Jean Pierre Gay, pelo pavor quando, aos 12 anos, tinha de ficar com sua mãe Caroline, escondida dos confederados gaúchos por semanas no escuro do sótão de um depósito. Essas comoções criaram um ambiente carregado e tenso para sua maturidade, mas lhe deram, apesar da aparência frágil, a firmeza, a determinação e o arrojo para acertar sua vida e garantir a vivência da segunda geração dos Azevedo de Pouso Alegre. A aproximação de Dinorah com a família do Pe. Fernando Gigante, mudou sua vida e lhe trouxe referências felizes que guardou por toda sua vida.



Espiritualidade

Professora aposentada pelo estado de Minas Gerais, Dinorah tinha um semblante sério e vestia sempre preto "...traje adequado às viúvas", dizia ela. Nunca levantava a voz a quem quer que fosse, mesmo estando coberta de razão.

Religião e fé iluminaram sua existência, sempre apegada aos seus santos nas horas mais difíceis. Eles deram consistência à sua vida e sentido à sua atividade. "A religião mostra quem você é", me disse ela uma vez, em 1959, durante uma conversa no seu sempre lembrado apartamento "104".

Essa espiritualidade e a sua experiência de vida condicionaram seu interesse pela existência humana, por seus filhos, netos, amigos e conhecidos. Ela se interessava por todas as pessoas. Desde o verdureiro do carrinho na esquina da rua ou o português porteiro do prédio. Todos eles recebiam o carinhoso cuidado de suas necessidades.



Dinorah, em 1942, entre seus filhos 1º tenente Gilberto Azevedo e o cadete Carlos Azevedo do 3º ano da Academia Militar das Agulhas Negras. Em 1943, morando no Rio de Janeiro, Dinorah fez questão dessa foto que simbolizava para ela e para a memória do seu Azevedo, o êxito, o sucesso no enfrentamento das dificuldades que ficaram para trás.

Alma generosa, com os filhos criados, Dinorah dedicou mais tempo aos necessitados, apoiando e estimulando quem dela precisasse, confeccionando ornatos femininos para as quermesses ou coletando brinquedos e roupas usadas para o orfanato de Pouso Alegre. Estaria assim retribuindo as muitas e, segundo ela, imensas manifestações de solidariedade que recebera ao longo da vida.

Quando o pagamento dos aposentados mineiros sofria atrasos consideráveis, as filhas revoltadas protestavam em imprecações, mas uma tranquila Dinorah explicaria estar o Estado de Minas em dificuldades financeiras. E sempre que o aluguel da casa e loja de Pouso Alegre demorava a chegar ela se recusava a reclamar, pois o inquilino tinha sido muito compreensivo com suas dificuldades.

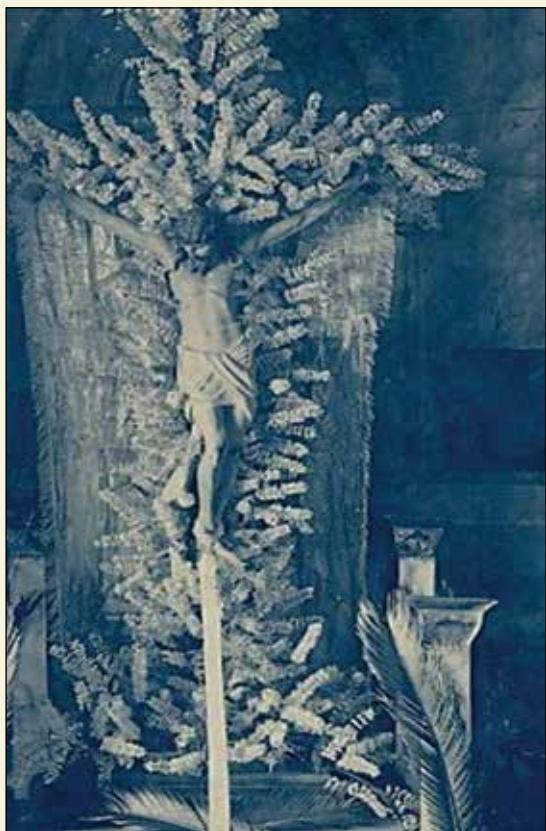
O apartamento “104”

Com igual satisfação, ela recebia em seu pequeno apartamento no Catete, o infalível “104”, tanto seus amigos pouso-alegrenses próximos e distantes, que vinham acertar suas contas no Rio, quanto sua velha amiga muito rica, cujo filho se tornara importante banqueiro internacional e que ela amamentou quando bebê. Mário Casasanta quando vinha ao Rio comprar seus livros nunca ficava sem procurar sua sogra, trazendo as últimas notícias dos seus filhos e netos.

O “104” tinha duas salas, mas apenas um quarto e acomodava Dinorah, seus filhos Gilberto, Lourdes e a indiscutível Didi, a querida Didi. Mas um armário embutido no corredor escondia camas desmontáveis e colchonetes sobressalentes para que os recém-chegados se acomodassem. Ninguém ficava de fora. Antônio Eugênio quando aluno do IME e sua Lambretta, eram presenças constantes no “104”. Para Dinorah, ruim mesmo seria o neto ficar preocupado com sua motoneta novinha em folha dormindo na rua. Além de tudo, uma motoneta pernoitando na sala não seria nunca um grande problema para ela. Os netos quando chegavam ao “104” sempre ficavam de olho num conhecido armário onde Dinorah guardava balas, chocolates, biscoitos, pés-de-moleque e outros doces.

Atividades

Dinorah sempre foi reconhecida como uma artesã criativa e competente em arranjos decorativos para procissões, andores e altares da catedral, montagem de presépios, trajes para anjos e encenações teatrais, grinaldas e buquês para noivas e guirlandas para primeira comunhão de meninas em Pouso Alegre. Essa sua habilidade foi transformada na disciplina de Trabalhos Manuais quando se graduou em Educação Escolar. Atuou no magistério em Pouso Alegre e no Rio por mais de 30 anos. Lembro-me bem que ela, sentada na cama, nunca largou seus ferros e fogareiro, placas de feltro, almofadas e saquinhos de diversos pós, fazendo suas flores, encomendadas não só por lojas, mas também por parentes e amigos. E foi com essas flores que Dinorah conseguiu preservar sua geração nos anos difíceis da década de 1930. Eles foram muito bem lembrados pelo lirismo de seu filho Carlos, poeta inspirado, que cantou



Altar da Catedral de Pouso Alegre,
ornamentado com flores por
Dinorah

por ela, “Com flores eduquei meus filhos e com eles, enfeitei meu lar.”

As mudanças e instabilidades por que passou Dinorah ao longo de sua vida, anteciparam a felicidade de uma maturidade sem que ela sentisse o peso dos anos, cercada por mais de trinta netos, bisnetos e por amigos fieis que sempre a festejaram e a tornaram inesquecível.

A mãe Caroline

Caroline e Dinorah, mãe e filha, nunca se afastaram uma da outra durante os 42 anos de vida em comum. Parisiense, contemporânea de Alexandre III e Eugene Haussmann, viu sua cidade se transformar de uma morada medieval em uma urbe moderna e admirada. Nasceu próximo ao Marais e foi batizada ao lado, na Madeleine, como gostava de lembrar quando via uma reprodução do antigo templo, ainda como Eglise de la Madeleine. Com 12 anos, já estava no Brasil, no Rincão da Cruz, entre Uruguaiana e São Borja, com seus pais Isidore, Pauline e irmãos. Depois da passagem sombria do sumiço de Máxime, seu irmão de cinco anos e da moradia impetuosa com os Gay, destoando da alegria do nascimento de Dinorah, Caroline se tornou preceptora na família do padre Fernando Gigante e seu sobrinho Chichi. No início dos anos 1900 ela acom-

panhou os Gigantes até Pouso Alegre, mesmo depois do casamento de Dinorah e participava dos trabalhos domésticos ao lado da filha. Depois da falência da primeira Casa Azevedo, Caroline assumiu toda a administração da casa com Dinorah, sempre atendendo os filhos que iam nascendo, um seguido ao outro. Dinorah era professora do colégio estadual, tinha também suas aulas e seu trabalho com as flores que fazia para venda. Caroline passou a fazer embutidos para vender, sempre muito procurados, de acordo com suas receitas familiares francesas. A família toda estava participando como podia das dificuldades geradas pela crise econômica internacional.



A mãe, avó e bisavó Caroline Mendel, francesa do Marais, batizada na Madeleine, veio de Paris para o Rincão da Cruz no Brasil, depois para Pouso Alegre mas nunca se separou da filha Dinorah.

DINORAH AZEVEDO Por sua bisneta Maria Inês Casasanta

Ela não morava mais em Belo Horizonte como nós, mas de tempos em tempos, vinha rever os netos. Todos os netos, aqueles de Vovó Nair e os nascidos de Vovó Lucia, todos foram adotados como seus.

Vovó Dinorah! Era assim que chamávamos nossa bisavó, acredito que por influência do meu pai e tios que assim a tratavam por serem seus netos. Era para mim, um orgulho ter uma bisavó. Motivo de comentários com meus co-

legas do Grupo Escolar que ficavam admirados e com alguma inveja. Mas foram poucos os encontros que tivemos com Vovó Dinorah, mas nem por isso, menos intensos e esperados. Papai e mamãe tinham o cuidado de nos avisar que ela chegaria para uma visita o que requeria um preparo todo especial pois os dias seriam diferentes tendo a Vovó Dinorah por perto.

Lembro-me de estar na varanda da casa de Vovó Lúcia de onde tínhamos uma visão ampla da rua e, de repente, surgia Vovó Dinorah, na rua do Quartel dos Bombeiros. Parecia que levaria um século para chegar. Todas as crianças, eram muitas, em uma agitação sem igual, estavam na varanda e sob o controle dos pais que não nos deixava sair para a rua, mas assim que ela atravessava o canteiro da Av. do Contorno, descíamos a rampa da casa em uma correria desabalada e, rapidamente, Vovó Dinorah se via cercada e bisnetos e dos netos. Tão difícil chegar até a mão desta avó e depois, entrando em casa, ficava mais difícil ainda, pois a atenção seria disputada, também, pelos adultos.

Vovó Dinorah trazia sempre uma bolsa no braço, à moda da época e tinha uma elegância natural, aos nossos olhos. Trazia os bolsos “recheados” de “bombons” de dinheiro, um para cada neto. Não me lembro de valores, mas sei que foi com elas e seus bombons que pela primeira vez tive acesso a uma cédula e pude gastá-la com balinhas. Não me lembro quando, mas sei que depois de um tempo, ela não voltou mais.

Os Cartões Postais, antigos “Bilhetes Postais” mostrados a seguir, foram recebidos e colecionados por Dinorah e por sua tia Fanny que viveu algum tempo com ela. Os Postais podiam ser impressos ou artesanais, pintados à mão com temas variados. Boa parte deles foi recebido por Dinorah durante o noivado e namoro, postado por Antônio.

Os antigos “Bilhetes Postais” se tornaram um hábito na comunicação social nas últimas décadas dos anos 1800, ao mesmo tempo que o tráfego postal de correspondência ganhava seu espaço na vida das pessoas. Comercialmente era um excelente negócio em termos de criação, manufatura, mobilidade postal e comunicação, tanto que se alastrou e se ampliou em pouco tempo. E coincidiu com os primórdios da linhagem dos Azevedo de Pouso Alegre.

ICONOGRAFIA DO CAPÍTULO

5



Exposição de trabalhos dos alunos de Dinorah na Escola Estadual Ms. José Paulino



Dinorah, já abatida pela doença que a levaria. Com a neta Márcia Carolina, 1965

5.2 - Os membros da segunda geração

Os seis filhos de Dinorah e Antônio Alves Azevedo e a eterna Didi de todos nós, que ornaram a segunda geração dos Azevedo de Pouso Alegre, são aqui lembrados por seus descendentes muito aplicados, que preservaram as tradições originais da família.

São eles:

- Lygia Azevedo Nogueira
- Nair Casasanta
- Olga Azevedo
- Emilia Azevedo Taulois
- Gilberto Azevedo
- Carlos Azevedo
- Maria de Lourdes Azevedo Queiroz
- Geni de Jesus.

LYGIA ALVES DE AZEVEDO NOGUEIRA, 1904-1969

Por sua neta Ligia Maria da Silva Azevedo Nogueira

Lygia Alves de Azevedo Nogueira, filha de Antonio Alves de Azevedo e Dinorah Gay de Azevedo nasceu na comarca de Pouso Alegre em 04.10.1904 e faleceu em 1969. Graduou-se no Curso Científico das Irmãs Dorotéias na sua cidade natal e casou-se em 10 de abril de 1926 com o farmacêutico mineiro da comarca de Arceburgo, MG, José Borges Nogueira Lima.

Na década de 1940 foi residir com toda família na capital do estado da Guanabara e ingressou na Procuradoria Geral da República como assistente jurídica, indo trabalhar com o também mineiro subprocurador-geral da República Gabriel Passos. Em 1957, foi convidada para compor a comissão de implantação da Procuradoria-Geral da República na Nova Capital. Profissional dedicada, seguiu para Brasília ainda em obras, onde permaneceu até a sua aposentadoria em 1968.

Entre 1958 até 1966 lecionou no final dos expedientes para a massa de candangos que chegava para a obra monumental da construção de Brasília. Alfabetizou mais de 100 candanguinhos como voluntária. Em 1969, com sua aposentadoria, retornou a Pouso Alegre. Sua dedicação, seriedade e ética, a distinguiram com honra e mérito por seu trabalho dedicado à Justiça.

Entre as muitas histórias sobre minha querida avó Lygia, cumpre recordar que em fevereiro de 1969, já instalada em um belo sobrado em Pouso Alegre, recebeu seu filho José Carlos Azevedo, sua nora Maria Aurineide Nogueira e a netinha Ligia Maria, nome escolhido para homenageá-la. Nesta ocasião, vários parentes, Maria de Lourdes, Jaime Queiroz, as duas filhas-netas Ana Beatriz e Marcia Carolina e tantos outros, vieram do Rio de Janeiro conhecer a nova casa. Era Carnaval na pequena Pouso Alegre e blocos de sujos saiam com fanfarras e bandas pelas ruazinhas da cidade. E toda Pouso Alegre engalanava-se para os folguedos populares, tendo sua nora Aurineide e a irmã Lourdes, vestido as crianças com temas carnavalescos. As famílias pouso alegrenses então ficavam nas varandas das casas aguardando a passagem das bandinhas e blocos populares.

Nessa passagem dos blocos, sua neta Ligia Maria e sobrinha-neta Marcia Carolina, as mais velhas, na ocasião com seis e cinco anos, respectivamente, estavam vestidas de baianinhas. Quando um Bloco do Sujo passou na frente do sobrado de sua casa, a neta mais velha, Liginha, escapoliu-lhe de suas mãos zelosas e deu uma carreira atrás da fanfarra popular, mais parecendo uma cabritinha fujona, pulando e saltando atrás do bloquinho José Carlos, Aurineide, Lygia, Maria de Lourdes e Jaime saíram correndo atrás da neta fujona....



Lygia

era um tal de pega a Liginha... Todos correndo atrás da danadinha....

A avó Lygia, já uma senhora de 69 anos, nessa correria, caiu sobre o braço numa calcada escorregadia... E lá se foram todos, no Carnaval de 1969 para o Hospital de Pouso Alegre engessar o braço esquerdo da Vovó Lygia por causa da netinha danadinha e fujona. Todos riram muito ao final. Mas o susto foi grande.

NAIR AZEVEDO, 1910-1931

Por seu sobrinho Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

Contam as lembranças dos Azevedo, que desde pequenas as três filhas, do casal Dinorah e Antônio Alves d'Azevedo: Lygia, Nair e Emília, se envolviam com os animados grupos de jovens na sociedade pousoalegrense, como todas

as moças de sua idade. Mas, sendo muito claras, alouradas, olhos azuis, se destacavam como sendo de origem europeia. Com o tempo elas passaram a ser admiradas pela delicadeza dos traços e pelos hábitos ainda europeus, portugueses, franceses e italianos. E os casamentos foram acontecendo bem antes



Nair, segunda filha de Dinorah, ainda jovem, foi levada em casamento aos 16 anos, por Mário Casasanta. Aos 21 anos e com quatro filhos, consternou a família com sua morte prematura.

dos 20 anos. Especialmente Nair, pedida em casamento aos 16 anos por Mario Casasanta. Em resposta, recebeu do pai Azevedo uma advertência, alegando que ela era muito jovem e ainda estava sendo criada. Casasanta, muito seguro, tranquilizou o futuro sogro, assumindo “Eu me encarregarei de completar a sua criação.”

Nair sempre se destacou pela beleza da aparência. Mas desde o nascimento, tinha saúde precária. Apreensiva, Dinorah valeu-se de N.S. da Conceição para amparo de sua filha. E prometeu que Nair usaria azul e branco, cores de Nossa Senhora, até completar 21 anos. Dizia ela que o azul do manto e do cinto de Nossa Senhora simbolizam o céu, ligados à sua veste branca que representava a pureza da Virgem Maria. De azul e branco, ela estaria sempre próxima da proteção da Virgem.

Nair cumpriu fielmente a promessa da mãe, mesmo depois de casada. No término do tempo da promessa, quando faria 21 anos, Mario, já diretor da Imprensa Oficial do Estado, foi convidado para um banquete no Palácio do Governo com a presença do governador Antônio Carlos e de todo o seu gabinete. Nair comprou um vestido preto para a cerimônia, com um decote em que sobressaia o colo e os seus cabelos claros em contraste com a cor do vestido. Mário rejeitou o decote por não estar apropriado para uma senhora, mesmo jovem, mas mãe de quatro filhos. O desentendimento só foi resolvido quando Dinorah dobrou às pressas um pano preto, transformando-o em uma flor que resolveu a situação, moderando o decote.

Dois meses depois, Nair foi sepultada com o mesmo vestido preto. Ela foi abatida por uma insuficiência hepática grave. O impacto da morte de Nair consternou a comunidade em torno do casal, amigos e parentes solidários. Dinorah levou nos dias seguintes, as quatro crianças para Pouso Alegre. Simão Pedro, o mais velho tinha cinco anos e João Batista seis meses.

Na solidão da casa vazia e no desalento das suas lembranças, Mário, decidiu mudar seu rumo de vida, buscando alívio no lenitivo da vida religiosa. Foi Dom Serafim Fernandes de Araujo, bispo da Diocese de Belo Horizonte quem lembrou o encontro de Mário com Dom Antônio dos Santos Cabral, conhece-

dor de seu valor intelectual e profissional, aceitando sua resolução desde que ele passasse seus filhos a um outro pai. Mário seguiu à frente de seus quatro filhos, contando com a adesão e o reforço de sua sogra.

Mário ficou os meses seguintes entre Belo Horizonte e Pouso Alegre atendendo aos seus encargos profissionais e às necessidades dos filhos pequenos, convivendo ainda com as adversidades e privações de Dinorah, no implacável ano de 1931. Depois do passamento da mãe, do marido e da filha, muito próximos uns dos outros, ela teve de assumir toda sua família.

O casamento de Mário com Lúcia Schmidt Monteiro em 1933, trouxe de volta a tranquilidade e a estabilidade à família com os filhos retornando à Belo Horizonte. Lúcia era professora destacada não só no magistério como na administração do ensino. Além dos quatro filhos abraçados no casamento, Lúcia concebeu mais seis e mais uma neta que ficou órfã. Onze filhos aos seus cuidados, além da sua atividade na docência. Hoje Lúcia é título de livro biográfico, nome de escola, recentemente foi a escritora homenageada na 16^a Feira de Livros de Juiz de Fora e foi também lembrada pela Prefeitura de Belo Horizonte, dando seu nome ao viaduto de um trevo viário na região de Venda Nova, Belo Horizonte.

Nair sempre foi lembrada por Lúcia. Durante todos os anos em que a família morou na casa do Cruzeiro, ela manteve como lembrança de Nair uma imagem de N.S. da Conceição, com uma luzinha acesa nos pés, ao lado de colherinhas de prata com o nomograma Nair. Essas são recordações de Mariângela, sua filha. Hoje Lúcia é tida como tendo sido a âncora e a estrela-guia da família Casasanta.

VOVÓ NAIR

Por sua neta Maria Inês Casasanta

Pouco sei sobre minha avó Nair. Naquela época não se comentavam “cerdas coisas” na frente das crianças, sobretudo aquelas que evocavam tristezas. Ainda que eu emende todos os comentários que minha memória registrou,

não chegaria a dois palmos de comprimento. Mas ainda guardo uma observação de minha bisavó Dinorah, que, olhando minha irmã Patrícia, disse: "... como esta menina se parece com a Nair", fazendo referência aos grandes e claros olhos de Patrícia e seu cabelo alourado. Fiquei olhando vovó Dinorah sem coragem de perguntar quem era Nair.

Meu pai Simão, nas poucas vezes em que se referiu à mãe, sempre falou na saudade que sentia dela quando pequeno, assim como seus irmãos. Lamentava-se de não ter tido muitas lembranças dela, pois tinha cerca de cinco anos na época de seu falecimento. Ele falava da mãe com ternura e com saudade, sempre sentindo por não ter tido mais tempo com ela. Uma vez me contou que eles ficavam sempre esperando a volta da mãe, o que causou algum transtorno para aquelas quatro crianças muito pequenas. Quando do segundo casamento de Mário, falaram às crianças que "a mãe" ia chegar e a expectativa deles era de reencontrar Nair e não Lúcia. O transtorno inicial foi vencido aos poucos pelo grande carinho de Lúcia com as crianças. A afetuosa Vovó Dinorah também prestou uma grande ajuda ao Mário, Lúcia e aos netos.

OLGA AZEVEDO, 1912

Por seu sobrinho Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

A terceira filha dos Azevedo, Olga, desde que nasceu respirava com dificuldade e emitia um som suspeito durante a respiração. Dormia pouco à noite e tinha uma inexplicável tonalidade azul na pele.

Os médicos diagnosticaram que Olga era portadora de uma deficiência nos pulmões e no coração, que ainda estava sendo estudada, conhecida, como Doença Azul por causa da tonalidade da pele. Na ocasião, não havia tratamento específico para essa doença.

Hoje a Doença Azul é vista como Cianose e a coloração azulada da pele ou das membranas e mucosas se deve, geralmente, à falta de oxigenação no sangue. As causas e os tratamentos são determinados, mas ainda existem alguns impasses nos procedimentos. Olga viveu até os sete meses, sempre com muita assistência e cuidados.

EMÍLIA AZEVEDO, 1913-1972

Por seu filho Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

Nascimento e juventude

Quando Emilia nasceu, em 9 de março de 1912 na primeira moradia dos Azevedos em Pouso Alegre, seu pai ainda era um “cometa”, passando a maior parte do mês longe de casa anotando suas vendas. Dessa ausência ficou um vestígio com ela que só foi desfeito quando Emilia sentiu que tinha seus filhos sempre ao lado do marido, Pedro.



Emilia e Pedro na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, 1956

Dinorah deu a luz à sua quarta filha com Azevedo, esperando ansiosamente um filho, para dar sequência e perpetuar sua dinastia. Mas, como aquela não era hora de revelar seus interesses, ele anunciou que gostaria de homenagear sua mãe, dando seu nome à filha recém-nascida. Assim Emília iniciou o curso de sua existência com essa simpática reminiscência da região do Douro.

Emília receberia educação rígida pelo lado do pai, mas afetiva e benevolente pelo lado mãe e da avó Caroline. Seria anjinho nas rezas de maio com a coroação de Nossa Senhora e depois, Filha de Maria. Seguiria seus estudos no Colégio Santa Dorotéia e, por toda a vida, teria muito carinho pelas freiras da ordem, fazendo questão de visitar os colégios “...das Dorotéias...” por onde passava.

Como se esperava, aos nove anos Emília se preparou cuidadosamente e fez sua primeira comunhão ao lado de suas amigas. Usava um vestido branco, rendado e um belo arranjo de flores brancas na cabeça, preparado por sua mãe.

Teatro

Emília também atuava em cena aberta nos festivais de música, dança³⁷ e teatro amador movimentado pela sociedade de Pouso Alegre. Azevedo seu pai, fazia o ponto dos atores em cena ou era contrarregra dos espetáculos, responsável pela entrada e saída dos atores em cena e pela mudança dos cenários. Uma peça que fez muito sucesso em 1930, “*O martírio de Santa Filomena*”³⁸, do campineiro Benedito Otávio, que o bispo Dom Otávio trouxe de Campinas. A montagem da peça movimentou a cidade e a direção coube ao senador Eduardo Amaral. A tragédia girava em torno do calvário de Filomena imposto pelo imperador romano Diocleciano, por ela ter recusado seu desejo de tê-la como esposa. Emília fez a mãe do Imperador, que intercedia

37. TOLEDO, Alvarina A.

38. TOLEDO, Alvarina A.

por Filomena junto a seu filho. Filomena acabou decapitada depois de muito sofrimento. Azevedo fez o ponto nessa peça³⁹.

A direção geral coube ao senador Eduardo Amaral e as moças da cidade interpretavam todos os papéis, inclusive os masculinos. Os trajes usados pelos artistas foram conseguidos entre os comerciantes de tecidos da cidade, com o compromisso de que não seriam cortados.

A intérprete de Santa Filomena ficou um ano sem cortar os cabelos. Azevedo e sua filha Emília tiveram participação direta nessa apresentação, sendo ele o marcador do ponto e ela como atriz, representando a rainha grega, mãe do imperador romano Caio Diocleciano.



Foto do elenco da peça teatral Santa Filomena. Representação teatral do "Martírio de Santa Filomena", do autor campineiro Benedito Otávio de Oliveira, representado por senhoras e jovens da sociedade de Pouso Alegre. Antônio Alves de Azevedo e a filha Emília fizeram parte da encenação.

39. TOLEDO, Alvarina A.

Miss Pouso Alegre

Quando seu noivo Pedro estava no 2º ano da Escola Militar do Realengo, amigas de Emilia queriam que ela fosse candidata à Miss Pouso Alegre em um concurso. O pai Azevedo não concordou alegando que noiva de cadete não poderia se expor numa disputa dessa. E o apaixonado Pedro quando soube da decisão, ficou muito agradecido ao futuro sogro, alegando que casar com uma miss não estava nos seus planos.

Dificuldades financeiras

No início da década de 1920, depois de mais de 30 anos de andanças comerciais por São Paulo e Sul de Minas, o “cometa” Azevedo, como era seu desejo há muitos anos, decidiu se estabelecer em Pouso Alegre fundando a Casa Azevedo. Emilia tinha dez anos e toda família comemorou com alegria a decisão de ter o pai em casa todos os dias.

Conhecedor do comércio do ramo, a Casa Azevedo, foi bem recebida na cidade mas, no fim da década seu Azevedo foi surpreendido com um sobresalto nos seus negócios. Todo o mercado de Pouso Alegre foi seriamente abalado pela instabilidade mercantil internacional que culminou no “crack” da Bolsa de Valores de Nova York de 1929. Essa crise afetou profundamente as negociações com o café, base da economia de todo o Sul de Minas, obrigando o encerramento

Dactylographia

Emilia de Azevedo
Dactylographia, formada pela Es-
cola Remington.
Inclui-se de trabalhos dacty-
lográficas, como sejam: cartas,
ofícios, balanços, mapas, rela-
tórios etc. — Trabalho nitido e
perfeito

Serviços de vulto, preços a convencionar —
Praça Senador José Bento 64 —
Pouso Alegre — Telephone 1



Anúncio do jornal *A Juventude* publicado por Emilia, em que oferece serviços de datilografia para manuscritos em geral.

de muitas casas comerciais, inclusive da casa Azevedo. Com a falência da loja, a grande família Azevedo passou a enfrentar dificuldades. Dinorah passou a colocar à venda seus renomados arranjos de flores e Caroline, seus embutidos com as apreciadas receitas francesas de seus pais vindas do Marais parisiense e do Rincão da Cruz. Emilia, aos dezesseis anos, decidiu fazer um curso de datilografia e também participar do custeio das despesas familiares. E publicou um anúncio, reproduzido a seguir, em setembro de 1928, no jornal “A Juventude”.

Emilia e os Trompowsky Tauloys em Pouso Alegre

A família Azevedo, sufocada por essa mudança de vida teve de dividir em duas a casa na praça central de Pouso Alegre. O lado direito da grande casa foi alugado para a família do major Eugênio Trompowsky Tauloys, sua esposa Maria de Lourdes Pederneiras, conhecida como Baby e seus cinco filhos. Ele, militar, recém-chegado à cidade, vindo do Sul, veio servir no 8º Regimento de Artilharia Montada, o quartel do Exército em Pouso Alegre. Azevedo ocupou a parte da frente à esquerda com a nova Casa Azevedo, loja e depósito, sendo as janelas frontais transformadas em cinco portas. Convivendo lado a lado, parede e meia, as duas famílias criaram fortes laços afetivos não só pela vizinhança, mas, principalmente, pela confraternização e intimidade dos cinco filhos de cada uma, intimidade essa que foi se aperfeiçoando ao longo dos anos e a seguir, uniu a filha Emilia dos Azevedo ao filho Pedro dos Tauloys. Eles, meus pais.

Na revolta política de Isidoro Dias Lopes em São Paulo, 1924, contra o presidente Arthur Bernardes, o major Trompowsky Tauloys, por ter se unido aos paulistas contra o governo central foi preso e condenado a cumprir pena na Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro. Baby teve de ficar sozinha na cidade, com os cinco filhos entrando na adolescência, sob seus cuidados. Os vizinhos Dinorah e Azevedo estiveram sempre atentos às necessidades de Baby e seus filhos, recebendo na volta do major, depois dos 30 dias da reclusão, o reconhecimento e a gratidão pela assistência prestada.

O nefasto ano de 1931

Emília tinha 18 anos quando o trágico ano 1931 mudou a vida dos Azevedos de Pouso Alegre com a angústia dos que se foram e as sérias adversidades que tiveram de ser assumidas por Dinorah. A família perdeu a avó Caroline, a irmã Nair aos 21 anos com quatro filhos pequenos e no fim do ano, subitamente, o pai Azevedo, deixando para Dinorah, um cenário de obrigações pesadas que tiveram de ser atendidas para a condução de sua família e dos negócios do marido falecido.

Foi então, com os Azevedos comovidos com as perdas e preocupados com o empobrecimento causado pela perda do mantenedor da casa, que os Trompowsky Taulouis puderam retribuir de forma plena a solidariedade recebida anos antes, tornando cada vez mais forte a relação afetiva entre as duas famílias. E essa relação seria ainda enlevada e selada pelo amor e o casamento de seus filhos Emília e Pedro.

Essa nova vida imposta aos Azevedos em Pouso Alegre, marcou muito os anseios de Emília e ficou com ela por muito tempo, dificultando sua aplicação mesmo depois do casamento, só arrefecendo com as atenções e cuidados com os filhos.

Namoro e noivado

A afeição e a amizade entre os Azevedo e os Trompowsky Taulouis, foi o bastante para aproximar Pedro, 16 anos à Emília de 13, encantados um com o outro. Os pais de ambas as famílias acompanharam de perto aquele enlevo inicial do casal se tornar namoração e noivado, unindo definitivamente Pedro à Emília. As origens francesas, Mendel, Gay e Taulouis, das duas famílias, devem ter contribuído para os noivos terem harmonizado suas existências conforme o idealismo sentimental de Alexandre Dumas, em “Le Chevalier d’Harmental”, quando Dumas lembra,

Je suis comme le lierre, je meurs où je m’attache

“Eu sou como a hera, eu morro onde eu me agarro”, assumindo a hera nesse aforismo o sentido de entrega absoluta pois a hera agarrada em um muro, vai morrer e secar ali. Esse pensamento poético e apaixonado acompanharia Pedro e Emília por toda a vida, fazendo parte de suas recordações em presentes e folhas secas de hera guardados em livros. Para consolidar o ideograma como símbolo de sua união, Pedro ofereceu à Emília uma folha de hera em um primoroso broche de prata, usado por ela invariavelmente, em todas as ocasiões festivas e doados que foi, à sua nora Norma, que continua usando a joia até hoje.

Escola Militar de Realengo

Ao final do curso secundário no ginásio de Pouso Alegre, 1928, Pedro partiu para o Rio de Janeiro, tentando aprovação no exigente vestibular para a Escola Militar do Realengo, ficando Emília saudosa, a sua espera. Hospedado em casa de parentes e matriculado no curso Francinet, especializado nesse concurso, Pedro foi aprovado na primeira tentativa. No ano seguinte, iniciava sua carreira militar na arma de Artilharia. O cadete Taulois foi ultrapassando com esforço e naturalidade as rigorosas e severas barreiras a serem vencidas para a chegada ao oficialato, ansioso para retornar à Pouso Alegre e ser designado para servir no quartel de Artilharia da cidade, como realmente aconteceu, em razão de sua boa colocação final na sua turma.

Emília e Mário

A súbita morte de Nair no início de sua maternidade deixando quatro filhos menores entre seis meses e cinco anos abalou profundamente todos os Azevedos, familiares e amigos, deixando desnorteado o marido viúvo Mário Casasanta em promissora carreira cultural no governo de Minas, obrigado que foi a trazer seus quatro filhos de Belo Horizonte para a guarda da avó Dinarah em Pouso Alegre. Chocados com o desenlace, alguém se lembrou de um costume mineiro da época em que as mulheres eram vistas como propriedade da família e não como indivíduos com direitos legais. Por esse hábito, o jovem

viúvo com filhos, deveria se casar com uma irmã solteira da falecida esposa. No caso, solteira, só Emília, que estava noiva. Foi só uma lembrança de alguém ligado à família, mas não se sabe como, Pedro, na Escola do Realengo, em meio a seus afazeres e compromissos militares, desolado com a perda da irmã Nair, veio a saber desse comentário. Impossível para ele se afastar da Escola Militar. Atônito e indignado com essa proposta que considerou repulsiva, entrou em contato com a família e foi tranquilizado porque o assunto não teve nenhum seguimento. Mário Casasanta se casou com Lúcia Schmidt que fez seus, os filhos de Nair, completando sua ninhada com mais sete filhotes, sem deixar de ser o permanente sustentáculo do marido Mário e uma renomada educadora mineira, hoje nome de Escola em Belo Horizonte.

Noivado e casamento

No final da década de 1920, as filhas do casal Azevedo-Dinorah foram encontrando seus pares e consumando seus casamentos. Emília porém, muito contra a sua vontade, foi obrigada a se desviar desse compasso. Encontrara o seu Pedro aos 13 anos e não houve lugar para outro Pedro. Mas, namoro e noivado tiveram de esperar o aspirante a oficial do Exército Pedro Luiz Taulois ser promovido a 2º Tenente para poder se casar e legitimar o matrimônio perante seu comandante militar.

Então, em 29 junho de 1932, de acordo com o hábito pousoalegrense da época, a noiva foi andando pela calçada acompanhada por suas damas até a catedral onde Pedro já a esperava para o enlace.

Ela, vestida de noiva com uma capa curta branca, saia justa e cauda branca longa. Uma grinalda de flores com véu, acompanhava a cauda. Luvas brancas cobrindo todo o braço seguravam um rico bouquet de rosas brancas, sem dúvida, obra maternal de Dinorah. Pedro, ao seu lado, muito elegante em 1º uniforme branco e armado com espada de Oficial.

Finda a cerimônia de casamento, Emília e Pedro seguiram para Poços de Caldas por quatro dias, coroando a felicidade do casal depois de tantas comoções.



Casamento de Emilia e Pedro, na catedral de Pouso Alegre. Ela, de branco, saia justa, cauda longa e uma capa curta. Ele, em primeiro uniforme e armado.

Revolução paulista

Algumas semanas depois do casamento, uma surpresa inesperada. O 8º Regimento de Artilharia Montada, onde servia o 2º Tenente Pedro Luiz Tau-
lois, foi convocado para bloquear o avanço das tropas paulistas da Revolução
Constitucionalista de 1932, que tinham invadido o Sul de Minas, desconten-
tes com a política centralizadora de Getúlio Vargas. Após 28 horas de fogo
intenso no Combate da Vendinha, com mortos e feridos, os paulistas foram
rechaçados pelas tropas federais comandadas pelo coronel Eugênio Trompo-
wsky Tau-
lois, impedindo que o conflito tomasse proporções maiores. Depois
de remotos e morosos 12 dias em campanha bélica, distantes de sua Emilia,
estava de volta o seu Pedro.

Viagem ao Sul

Em abril de 1933, Pedro e Emília fizeram uma viagem há muito desejada. Embarcaram em navio para Santa Catarina, onde ele pretendia apresentar seus parentes a ela. Para Pedro, que deixara aquelas paragens quando criança e principalmente para Emília, que só conhecia o entorno de Pouso Alegre, aquela viagem foi um deslumbramento e uma oportunidade de conhecer a extensão da família.

Vida em comum

Atendendo às obrigações militares de Pedro, depois de viverem em Pouso Alegre, o casal circulou por todo o Sudeste do Brasil. Foram passagens por Juiz de Fora, Curitiba, Jundiaí, Porto Alegre, Mato Grosso do Sul, AMAN, em Resende. Em Porto Alegre, viveram receosos pela expectativa gerada pela 2a Grande Guerra com racionamento geral e blackout diário. E, em quatro diferentes ocasiões, o casal passou pelo Rio de Janeiro, uma delas quando Pedro comandou o histórico Regimento Floriano na Vila Militar. Mas o seu ano de 1964, servindo na Divisão Blindada, do 1º Exército, responsável pela segurança do Ministro do Exército, foi o mais agitado e descompassado.

Essas mudanças sempre foram acompanhadas de perto pelas duas obsequiosas serviços agregadas à família: Mariinha e sua irmã Geni, abandonadas que foram pela mãe na casa de Dinorah em Pouso Alegre. Mariinha encontrou marido em Porto Alegre e virou gaúcha. Mas Geni, a querida Didi, fez parte da família, passando toda sua vida ao lado dos Azevedos.

Os filhos não tiveram de esperar muito. No ano seguinte ao casamento, foi acertada uma escadinha de três degraus com um ano de diferença entre cada degrau. Eram eles: Antônio Eugênio, Pedro Luiz e Márcio Flávio. E dez anos depois, Cláudio José, “*a raspa do tacho*”, como dizia meu pai Pedro.

Emília herdou um pouco do temperamento do seu pai Antônio, sendo pouco expansiva na presença de estranhos, esquia quando tinha de reagir, segundo ela mesmo. Essa sua feição natural foi desdobrada com Pedro ao seu lado, participando de suas contrariedades. Era comum sua reação “....eu devia

ter feito isso...”, ou então “.., eu devia ter dito aquilo...”, quando comentava uma decisão sua tomada numa situação imprevista ou num impasse mais delicado.

O marido Pedro era o ponto central de sua vida. Ele, sentindo essa condição de presença e ternura, cobria sua Emília de atenções e afeto. Os filhos e netos vieram consumar a sua benquerença.

Emília adorava ensinar, seja seus filhos ou suas empregadas. Queria ser professora e via com angústia um “analfabeto dependente”, como dizia. Cadeira como era, sempre se associava às bibliotecas públicas, um modismo na ocasião, para levar toda semana, os livros que lia, normalmente romances. A revista *O Cruzeiro*, depois *Manchete*, eram lidas e comentadas. Aprendeu o francês comum com sua avó Caroline e em francês se comunicava com Pedro quando algum assunto era confidencial.

Os netos eram os encantos de Emília e Pedro, especialmente as netas, que foram as filhas que eles não tiveram. Como Emília gostava de costurar, sempre havia um vestido novo que criava para encanto das netas e um calção tamanho-família para o Marcelo que estava crescendo muito ligeiro. Os avós sempre nos acompanhavam nos campings em torno do Rio, mas à noite, preferiam seu hotel do que uma confortável barraca.

Quando nós morávamos em Recife, Emília e Pedro, para nossa alegria, passaram uns dias conosco, circulando pela cidade e no seu entorno. Foi uma quadra de tempo sempre lembrada porque ficou sendo a última viagem do casal. Dois meses depois, adoeceram os dois, solidariamente, e do mesmo modo que sempre viveram, um no caminho do outro, morreram em unidade, em paz, mas muito antes do esperado.

EMÍLIA AZEVEDO
Por sua nora Verinha

Minha sogra Emília fez parte da minha vida, apesar de termos convivido apenas por pouco mais de dez anos. Uma simpatia imediata nos atraiu desde o primeiro momento da convivência.

Amável, muito bonita, olhos azuis, cabelos grisalhos e um sorriso encantador completavam a sua aparência. Daniela era a sua estampa.

Esteve invariavelmente ao nosso lado. Nas festas de família, participava animada e cheia de ideias. Fez enxoval para todos os netos; tudo azul para o Marcelo e cor-de-rosa para Mônica e Daniela. Foi nos visitar em Recife e ficou muito à vontade no meio dos netos.

Sempre dedicada ao marido e preocupada, dele não se afastava nunca. Com os netos era a mesma coisa também quando íamos para os campings que nós frequentávamos muito.

Lembro-me bem do seu encanto quando mandou colocar papel cor-de-rosa na parede de seu quarto do apartamento da Tijuca e me chamou para ver.

Para os Müller, foi sogra duas vezes.

Fez muita falta quando faleceu e os netos sempre falavam dela e queriam saber como ela era.

GILBERTO AZEVEDO, 1918-2014 Uma lembrança de seu sobrinho, Antônio Eugênio

Em 1918, o ano em que se comemorava jubilosamente a rendição alemã na 1^a Grande Guerra, ao final de quatro anos de muito sofrimento e pesares, Gilberto Azevedo vinha ao mundo. Dupla comemoração, festa na rua pelo fim da guerra e mais ainda em casa, pois o casal Dinorah e Antônio Alves Azevedo, comemorava a chegada do primeiro varão da Dinastia Azevedo, tão desejado desde o nascimento de Lygia, desejo esse passado em branco pela Nair, Olga e Emília.

A vinda do filho enterneceu a família. A decisão sobre o nome do menino foi muito discutida. Depois de uma semana, ainda não se sabia qual seria o nome, apesar dos seguidos encontros após o jantar, que reunia mãe, avó, tia, vizinhas e amigos para a decisão, sempre com seu Azevedo ao lado, sem ser consultado. Finalmente, depois de uma semana polêmica, veio o desfexo, CARLOS, o nome escolhido. Faltava o parecer do pai. Quando foi consultado, com toda tranquilidade, o velho e sistemático português, informou com toda calma aos presentes que “...o mnino jástava rsgstrado há uma smana cou nome de Gilberto!”. Para remediar, Azevedo concordou que seu segundo filho, nascido em 1922, recebesse o nome de Carlos.

Aos 15 anos, Gilberto foi em disparada, segundo sua própria versão, chamar a parteira para assistir meu nascimento. E continuou sempre por perto até os meus 82 anos. Copiei muito seus valores e atitudes. Nos anos exigentes do meu curso no IME, Gilberto desocupou sua mesa de trabalho para que eu usasse o “104” para estudar, bem mais próximo da Praia Vermelha do que o nosso, na Tijuca.

Gilberto acompanhou de perto o empenho e dedicação de sua mãe na década de 1930, quando seu pai faleceu repentinamente e Dinorah não se dobruou com mais de dez pessoas em casa sob sua responsabilidade. Mais tarde, coube a ele decidir e resolver o destino da família.

Na noite de Natal de 1935, Gilberto, tendo concluído seu curso ginásial em Pouso Alegre, pediu ao seu cunhado Mário Casassanta, diretor da Imprensa Estadual de Minas, em Belo Horizonte, uma ajuda para se preparar no Rio, para o vestibular da Escola Militar do Realengo. Um desafio monumental para um jovem de 17 anos, que nunca havia saído do Sul de Minas. Casassanta conseguiu que seu amigo, o poeta Carlos Drummond de Andrade, que em 1929, tinha sido empregado por ele na vida pública, o colocasse como funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro. Ele foi trabalhar nas obras do Leblon que começava a ser descoberto como moradia, colocando tubos de água e de esgoto no arruamento do bairro. Depois, como burocrata do Serviço Público, pode se aplicar mais, matriculando-se no Curso Francinet, renomado preparatório para escolas militares e engenharia. Foi morar na praça São Salvador, no Rio Comprido. Passou no exame vestibular na primeira tentativa e, em 1937, ingressava na Escola Militar do Realengo como cadete do 1º ano.

Declarado oficial de Artilharia, serviu em Santa Maria, RS. Em 1941, Gilberto nos visitou em Porto Alegre, quando eu o conheci, pois dele, só tinha ouvido falar.

Retornando ao Rio em 1942, agora no Grupo de Artilharia de Dorso de Campinho, pode realizar seu antigo desejo, acalentado desde que veio estudar no Rio. De Pouso Alegre, trouxe a mãe Dinorah e o neto José Carlos para uma pensão na rua Gago Coutinho, no Catete. Lourdes ainda era estudante e só viria em 1945.

Essa mudança foi uma marca profunda na vida de Dinorah. Nos últimos dez anos, depois da morte do marido, ela havia sido exigida ao máximo para manter sua família, criando condições mínimas aos seus filhos para se consolidarem na vida. E conseguiu.

Em 1947, Gilberto comprou o “104”, apartamento de saudosa lembrança, na rua Arthur Bernardes 49, também no Catete, para onde vó Dinorah se mudou e ali viveu o restante de seus anos.

Gilberto ainda serviu em Natal, antes de prestar o seletivo concurso para o IME. Foi aprovado, como de costume, na primeira tentativa. Graduou-se em Engenharia Mecânica e de Armamento em 1950. Serviu por doze anos no Campo de Provas da Marambaia e, em 1962, era diretor do Arsenal de Guerra de Gen. Câmara no RS.

Uma séria dúvida perturbou o Cel. Gilberto Azevedo ao deixar o Arsenal de Gen. Câmara em 1964. Havia completado 27 anos de serviço ativo ao Exército, incluindo dois anos em Natal, durante a 2a Grande Guerra. Natal havia



Tio Gilberto, quando nos visitou no Monte Real pela última vez, no inverno de 2014. Muito conversamos sobre os Azevedos em Petrópolis.

sido considerada área de guerra por causa da base aérea americana de Parnamirim. Por isso, Gilberto foi alcançado pela lei que permitia aos febianos aposentadoria aos 25 anos com uma promoção. Conforme ele me confidenciou, “... eram duas opções: permanecer na ativa como coronel, seguindo carreira na engenharia militar ou passar para a reserva como general de brigada? Venceu a vaidade!”

Na reserva, como general aos 46 anos, passou a trabalhar no Serviço Nacional do Carvão, onde permaneceu por vinte anos, primeiro no Rio e depois em Brasília.

Logo após a conclusão do IME, Gilberto conheceu Cacilda Torres de Aragão, que passou a assinar Cacilda Torres Azevedo. Ela, viúva há muitos anos de um oficial da Aeronáutica morto em acidente aéreo, tinha filho, José Carlos Torres de Aragão, de 16 anos que o acompanhou por toda a vida. Estiveram casados por mais de 40 anos.

Com 80 anos, viúvo, avô e bisavô, patriarca da família Azevedo, sempre acompanhado pela Teresa e Zilda e vivendo no seu apartamento da rua Barata Ribeiro, era presença obrigatória nas reuniões da família, quando encantava a todos com as suas tiradas inteligentes e aguçada memória.

Mas a inatividade não atingiu Gilberto. Ligou-se ao Lions Clube de Ipanema, onde fez novos amigos e patrocinou um monumento do Clube numa praça de Ipanema. Tornou-se curador de dois museus históricos, o do Regimento Mallet, em Santa Maria, no Rio Grande de Sul e o de Pouso Alegre, contribuindo efetivamente para os dois.

Em Pouso Alegre, Gilberto patrocinou o monumento evocativo do Combate de Pouso Alegre, um dos maiores combates de fogo contínuo da Revolução Constitucionalista de 1932, em frente ao morro da Vendinha, hoje bairro de São João, quando o coronel Eugênio Trompowsky Taulois, comandando três unidades do governo, resistiu durante 28 horas aos revolucionários atacantes que retornaram à São Paulo, sua origem, após pesadas baixas.

Na primeira semana de agosto de 2014, Gilberto sofreu uma queda acidental, com forte impacto na cabeça. Atendido durante dois meses no HCE teve alta e, contra sua vontade, foi para um apartamento alugado no Grajaú, para ficar perto da neta Bárbara. Na primeira semana morando no apartamento, fez um AVC, voltou para o HCE e não resistiu, falecendo no dia 21 de outubro de 2014, faltando dois meses para completar 96 anos.

Tio Gilberto partiu dessa vida com toda a família ao seu lado, compadecida. A sobrinha Simone veio de Campinas para o velório. Sua família o acompanhou nos seus últimos dias, informada e participativa com mensagens saudosas através de um Grupo WhatsApp na Internet. A modernidade da comunicação permitiu esse convívio, mas só aconteceu porque tio Gilberto foi protagonista, excêntrico, arredio, mas encantador.

Nos últimos anos, conversávamos muitas horas no seu apartamento sobre nossa família, eu explorando sua prodigiosa memória. Ele se foi antes que eu pudesse pressentir sua morte, apesar da idade avançada, pois ainda tínhamos muito o que conversar. Gilberto era a nossa última ligação com Emília, Pedro, queridos pais, Lourdes e Jaime, Maria e Carlos, a bondosa vó Dinorah de saudosa lembrança e muitas conversas, tia Lygia e os outros que se foram. Foi o último Azevedo da 2^a geração e não houve tempo para a despedida. Mas “*o tempo passa e a vida continua*”.

“Para quem ama, a ausência é a mais intensa e a mais fiel presença.”

Marcel Proust

CARLOS AZEVEDO, 1922-2003
Por sua filha Vera Lúcia

Falar de meu pai, Carlos AZEVEDO, é um grande prazer e por ele tenho imensa gratidão. Ensinou-me a encontrar nas páginas da vida tudo quanto pudesse aperfeiçoar o meu espírito e fortalecê-lo pela prática da bondade,

da caridade e do amor. Ensinou-me a capitalizar minha alegria, superando com otimismo as dificuldades e com inteligência emocional, substituir as impossibilidades por coisas possíveis refazendo novos sonhos para não deixar as derrotas tomarem espaços dentro da minha mente e nem dar lugar para a tristeza fazer morada no meu coração. Meu pai me deixou registrados vários legados filosóficos, como: “Felicidade é sentir a situação e saber transacionar com ela.” “Obedecer é um ato agradável quando a ordem de quem manda realiza as simpatias de quem obedece.” “Não se envolva com a trilogia do mal: polícia, justiça e imprensa.” “Não se deixe iludir, pois não há lua nem coqueiro que resista a uma crise econômica-financeira.” É próprio dos espíritos simples irem percebendo tudo gradativamente. Suas simplicidades disciplinam o hábito das sensações tornando equilibrado o desejo de explodir e a necessidade sábia de calar. Daí, saberem renunciar, evitando a vitória eventual e transitória do radicalismo, porque é próprio dos líderes se tornarem o fulcro que equilibram as paixões”.

Meu pai foi o meu grande mestre e eu sempre me senti a sua eterna aprendiz. Meu amigo, meu dileto poeta que me ensinava escrever e rimar as palavras que nasciam na alma. Era o meu grande e admirável amor por ter sido um ser humano especial e um filho exemplar. Por ele ainda tenho grande admiração pelo sábio que era; por ser um notável cidadão; um homem culto e sensível; um excepcional e aclamado professor para os seus alunos de Itajubá e do Instituto Militar de Engenharia; um condecorado e reconhecido militar; competente profissional técnico na área de multimodalidade de transportes; e, finalmente, pela profunda identidade e afinidade que sempre mantive com o meu respeitado amigo, amado e saudoso pai.

Para celebrar a vida que continua neste livro dos AZEVEDO DE POUSO ALEGRE onde estarão sendo relembrados os nossos antepassados, nossos mosaicos de DNA's de amores e de afetos, gostaria de deixar ora editado a poesia que CARLOS, meu eterno poeta, se inspirou ao vislumbrar o que seria o final de sua jornada na terra e o que seria a sua outra vida, e a fez para que fosse conhecida um dia após a sua derradeira partida.

Além da vida

Não são as restrições do envelhecer
com seus inexoráveis tempos de sofrer
nem tão pouco o diminuir vital
degradador da liberdade material
que vão me amedrontar
na hora ímpar
da chegada
ao fim...

Mas, sim!
O sentir, na trajetória diferente,
desfilar em minha mente
as doces e suaves colheitas
que o viver me dera
e que tal hora relembra, ou libera
em forma de saudades feitas.

De resto... surgirá a força da última vontade
contrastando com a negra realidade
que impulsionará meus últimos versos.

Oh, CARLOS!
Coração pleno de amor,
copie a lição do crepúsculo – grande ator,?
quando lento vai esmaecendo
na simbiose da VIDA-DIA
com a MORTE-NOITE que se inicia.
E terás, então, o divino prazer
da antevisão de DEUS
no horizonte de seu novo alvorecer!

TIO CARLOS E NÓS

Do seu sobrinho Antônio Eugênio

Até os meus onze anos, só conhecia meu tio Carlos pelas histórias contadas e recontadas pela minha mãe. Eram narrativas assombrosas de suas façanhas em Pouso Alegre ou suas proezas como cadete na Academia Militar. Quando deixou Pouso Alegre aos 19 anos e no Rio, empregou-se como vendedor na Casa José Silva, elegante loja de roupas masculinas. Mais tarde, preparou-se para o vestibular na Academia Militar, sendo aprovado na primeira tentativa, uma bela conquista, considerando sua origem provinciana. Tio Carlos só se materializou na minha frente em 1945, quando, coberto de glórias, vindo da FEB, regressou da Itália. Do alto da sacada do Supremo Tribunal, onde tia Lígia nos colocou, toda a família procurava pelo tio herói, naquela fila indiana de febianos que desfilava na avenida Rio Branco espremida pela multidão. A recepção oficial foi em nossa casa, no Rocha, grande o suficiente para abrigar umas cinquenta pessoas inclusive a noiva Maria, que tanto tinha esperado aquele encontro. O que mais me encantou na recepção, foram as descrições que o tio Carlos passava para toda a família acotovelada em torno dele. Grande contador de histórias, ele ia falando a abrindo os sacos de viagem, pois, não havia malas. Foi uma sensação. Saíam dos sacos chicletes, cigarros americanos, alimentos em conserva, fragmento de granadas, pedaços de uniformes alemães, presentes e compras feitas nas suas horas de folga. Cada peça era acompanhada de uma narrativa.

Fui reencontrar tio Carlos e tia Maria em 1947, recém-casados, em Juiz de Fora. Pela primeira vez em doze anos, minha formação para a vida estava sendo influenciada de modo contínuo, por alguém que não fosse pai e mãe. Não só pela idade de Carlos, vinte e poucos anos, mas especialmente pelo seu jeito de interpretar situações com graça, humor, charme, muito diferente de nossos pais. Os pais têm compromissos desmedidos com os filhos, sempre compartilhados com o afeto necessário, num difícil equilíbrio. Ser avô, tio ou vizinho é muito mais fácil. Assim, foi muito forte a chegada do tio Carlos à nossa casa, em toda a plenitude de sua vida e alegria. Claro, as marcas ficaram.

Quando entrei para o IME em 1957, ele havia saído no ano anterior e tinha sido convidado para ficar no Instituto como professor. Ele me chamou no seu apartamento na Urca, fez mil recomendações e me passou suas anotações, livros e outras dicas que foram muito valiosas durante o curso. Como professor estava muito empolgado montando um novo Laboratório de Ótica. Logo a seguir, foi absorvido pelo projeto do Morteiro de 120 mm, uma novidade no armamento militar que vinha sendo estudado sem sucesso há muitos anos e que foi concluído quando ele assumiu a comissão.

Sua casa na Urca era um ponto de reunião de toda a família, seguindo uma predileção que tia Maria mantinha viva. Muitas vezes a mesa de refeição era montada numa estreita área entre o prédio e o sopé do Pão de Açúcar. A tradição continuou na casa de veraneio de Campos Elísios, que eles tanto gostavam. Susa e Théa, recém-casados, moraram por um tempo nessa casa e tia Lourdes e Jaime fizeram a deles no outro lado da praça. Isso foi pelos anos 68/70. Recentemente, por curiosidade, passei pela pracinha que virou uma rua sem qualquer semelhança com aquela casa de campo.

Tio Carlos foi nos visitar em Recife em 1971, a serviço do GEIPOT, ficando uns dias conosco. Nossos filhos o conheceram melhor, pois antes, eram muito pequenos. Ainda estivemos várias vezes em sua casa em Jacarepaguá e, em 1995, passamos uns dias na bela fazenda deles em Camanducaia com o calor da afetividade dos tios aquecendo aquele inverno brabo de zero graus.

Tio Carlos tinha alguma coisa diferente dos mais comuns dos mortais. Talvez fosse o seu jeito especial de botar a alma em tudo o que fazia. Não importava se fosse um laboratório de ótica ou uma viagem histórica como a que fez ao Paraguai, seguindo o curso das campanhas de Osório e Caxias. A vibração que nos passava contando suas histórias era exatamente a medida do entusiasmo que o impulsionava para a frente, com todo o vigor, agitando suas ideias e projetos ou acompanhando de perto sua família, razão de ser enfim, de todo o seu valor e seu mérito.

E estivemos com ele em Atibaia, como nossa última homenagem ao tio Carlos.

LOURDES AZEVEDO, 1928-20

De sua filha Márcia

Lourdes, Lurdeca ou Loloa. Era assim que era chamada pelos amigos e familiares. Nascida em Pouso Alegre, MG, em 23 de janeiro de 1928, cidade pela qual nos fez manter (a mim e a minha irmã) uma longa relação afetiva, mesmo não havendo mais muitos parentes vivos por lá depois do nosso nascimento. Tenho incontáveis lembranças de férias e feriados deliciosos passados lá na companhia dela, de meu pai e minha irmã. Era lá que eu entendia melhor as origens de minha mãe, quando passeávamos pelos arredores e ela ia nos mostrando o Colégio das Dorotéias, onde fez sua formação até se tor-



Maria de Lourdes Azevedo Queiroz

*Pouso Alegre, MG 23 jan 1928
Rio de Janeiro, RJ 06 set 2001*

Maria de Lourdes, por toda a vida. Ela foi dotada de 6º sentido, talvez herança da mãe Dinorah, que lhe permitia sentir a necessidade do outro e ser capaz de participar de sua assistência.

Filha Nair, falecida precocemente aos 21 anos, e que era apenas alguns meses mais velho que ela. Ficou órfã de pai aos 4 anos, quando então vovó Dinorah precisou assumir e ajudar a prover a família, já com genros e netos agregados.

nar normalista, a casa onde nasceu e morou na Avenida perto do clube, o mercado municipal, o morro da Cruzes, a casa do padre Gigante, a Igreja da Matriz, a simpática praça com seu coreto, a vizinha Itajubá e tantos outros lugares de sua infância e adolescência. Ia mostrando e contando as histórias da família Gigante, da vó Dinorah e da bisa Caroline, de Uruguaiana, do meu avô Antônio Azevedo, seu pai.

Minha mãe era caçula “temporão” de seis irmãos. Não cansava de contar como ela, recém-nascida, era amamentada pela minha avó Dinorah, ao mesmo tempo em que esta dava de mamar também ao neto João Batista, filho de sua segunda

Atuava no Magistério e seu forte eram as atividades artesanais, principalmente flores, de todo tipo. Gostava de repetir que “com flores eduquei meus filhos e com eles enfeitei meu lar...” E foram anos bem difíceis, pelo que sei.

Aos 15 anos, findo o curso Normal, acompanhada de vovó Dinorah, em plena Segunda Guerra Mundial, minha mãe veio morar no Rio de Janeiro, com planos de trabalhar, onde seu irmão, tio Gilberto já estava estabelecido na carreira militar, instalando-se no bairro do Catete. Com a ajuda e influência do jovem oficial Gilberto, conseguiu emprego na área administrativa no Ministério do Exército, àquela época denominado Ministério da Guerra. Ela falava que para isso, foi necessário contar “uma mentirinha social” ao setor de escalação, pois não tinha a idade mínima para assumir tal emprego e a situação do momento exigia que todos colaborassem no orçamento familiar. Exerceu sempre função de secretária, aprimorando continuamente seus conhecimentos na área, sendo exímia datilógrafa, solicitada pelos altos escalões do Ministério. Alguns anos depois, antes da transferência da capital federal para Brasília, foi transferida para o Ministério da Fazenda, onde trabalhou até sua aposentadoria com 35 anos de contribuição. Portanto, desde que me entendi por gente, me lembro de minha mãe sempre vestida com roupas de secretária executiva, saias lápis, cardigans, sapatos altos de bico fino e cabelos arrumados com apliques embutidos ou coques, conforme ditava a moda da época. Em 1961 conheceu meu pai, Jaime, médico recém-formado, maranhense e morador do mesmo bairro, começaram a namorar e casaram-se em 1963, agregando então ao seu nome, o sobrenome Queiroz.

A região Nordeste do Brasil, mais especificamente o estado do Maranhão passou a fazer também parte importante da vida de minha mãe, que anualmente visitava a pequena cidade de Carolina, às beiras do Rio Tocantins, cidade natal de meu pai. Ela se envolveu intensamente com as questões culturais e sociais daquela cidadezinha pobre, constituída de casas de pau-a-pique, mas com inebriantes belezas naturais, como cachoeiras e praias de água doce, e com as pessoas que ali moravam. Os preparativos para o longo trajeto, feito muitas vezes de carro, começavam com muitos dias de antecedência. Abastecia o porta-malas do carro com suprimentos, remédios, roupas, eletrodomésticos etc, tudo para doação, além de nossa própria bagagem pessoal. Nos

intervalos dos passeios por lá, a casa de minha avó paterna se transformava num verdadeiro consultório médico e minha mãe incorporava a enfermeira, assistindo meu pai, fazendo curativos e dando orientações de higiene e saúde. Retornava dessas viagens com ricas histórias e fazia todos rirem com sua forma engraçada de contá-las, como quando, por exemplo, uma moradora de lá, depois de perguntada sobre quantos filhos tinha, respondeu que não era muito “finta” não, pois só tivera 17 filhos, e como ficara então com vergonha de dizer que ela (minha mãe) tinha apenas duas filhas...

Minha mãe teve intensa formação católica, influenciada por minha vó, também muito dedicada aos preceitos e ensinamentos da Igreja. As missas aos Domingos eram frequentadas desde Pouso Alegre com alegria. Meu pai tinha formação Batista, e após alguns anos de casado, já introduzido por minha mãe em alguns movimentos da Igreja Católica, fez um retiro de três dias conhecido como “Cursilho”, voltando impregnado pelos dogmas e informações sobre as pastorais e atividades da Igreja Católica. Passou então a ser companheiro inseparável de minha mãe, passando ambos a integrar a equipe de casais da igreja dos Capuchinhos no mesmo bairro onde moraram até o fim de suas vidas. O ECC (Encontro de Casais com Cristo) e aquela paróquia passaram a ser a sua “segunda casa”. Ali fizeram muitos amigos e exerceram intensas atividades sociais, educacionais e assistenciais junto à população menos privilegiada, por muitos anos. Minha mãe, depois de se aposentar aos 50 anos, muito jovem ainda, já com as filhas entrando na universidade, tinha mais tempo pra se dedicar aos seus “pobrinhos”, como ela os chamava. Extremamente caridosa, seu olhar não perdia um necessitado rondando a Igreja, na saída das missas ou ao fim de alguma festa. Ela se tornava a conselheira e protetora das grávidas abandonadas e das mães solteiras. Quando acabava de fazer o almoço pra nossa família, levava refeições para moradores de rua, os mesmos que ocupavam as marquises dos prédios, incomodando os vizinhos. Ela os conhecia pelos nomes e se tornava amiga, levando remédios, dando roupas, conselhos e por vezes tentando arrumar pequenos trabalhos numa tentativa de resgate de dignidade.

Um sábado pela manhã minha mãe saiu e demorou mais do que o habitual para retornar. Quando chegou, já havíamos almoçado e perguntamos o que tinha acontecido. Ela contou que havia encontrado o Nivaldo, morador de rua

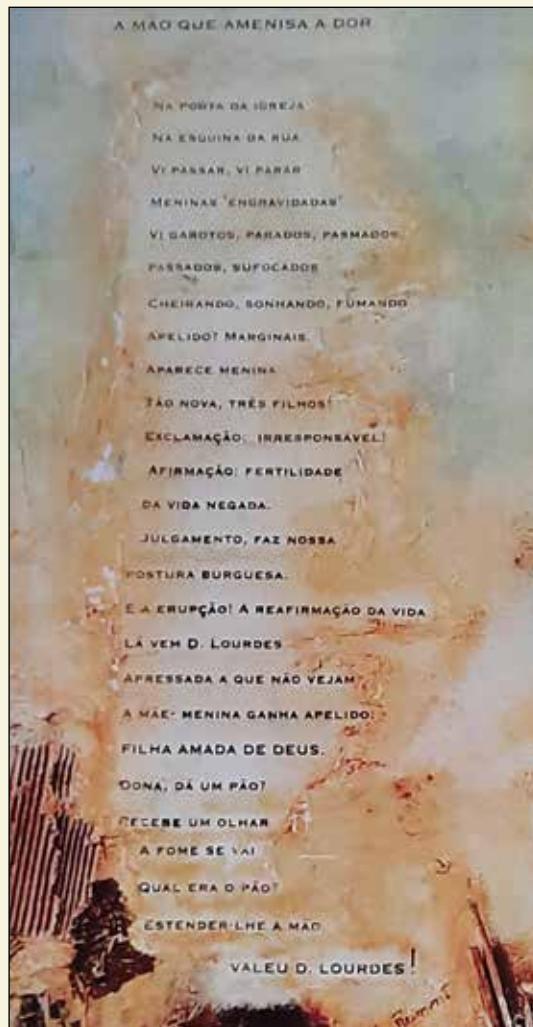
seu amigo, começaram a conversar e ela perguntou a ele se estava precisando de alguma coisa. Ele disse: “D. Lourdes, uma coisa que não faço há muito tempo é tomar um bom banho!”. Ela então pensou um pouco e pediu que esperasse. Foi até uma loja, comprou sabonete, shampoo, escova e pasta de dentes, uma colônia, pente, toalha e uma muda de roupas limpas. Levou Nivaldo até um posto de gasolina próximo, chamou o gerente, apresentou Nivaldo e pediu pra usar o chuveiro do vestiário dos empregados. A princípio houve uma certa resistência por parte do gerente, mas este cedeu após avaliar melhor o grau de confiabilidade daquela senhora que, depois, tornou-se também sua amiga. O banho foi autorizado e ali ficou D. Lourdes, esperando do lado de fora. E quando Nivaldo saiu, parecia um novo homem, mais ereto, penteado e com um sorriso feliz no rosto, disse: “Agora eu posso abraçar a senhora!...”

Eram inúmeros Nivaldos, Marias, Laudiceias, todos querendo a mão sempre estendida de D. Lourdes.

Apesar de dedicar muito do seu tempo livre às atividades da Igreja, em alguns anos ela tornou-se também a matriarca da família, sendo sua casa ponto de encontro frequente para as reuniões familiares com filhas, genros, netos, sobrinhos, tios, primos... Como uma fiel descendente de portugueses, a mesa de refeições preparada por ela era sempre farta e não se conformava quando alguém comia “só um pouquinho”. Eram dias prazerosos ouvindo as histórias dos mais velhos e apresentando os recém-chegados à nossa família. Ela era conciliadora nas divergências, agregadora dos mais afastados. Adorava receber. E na hora dos convidados irem embora, ela sempre repetia a todos “mas gente, ainda é muito cedo!!!”.

Esta era minha mãe... Puro amor. Amor à família, amor à vida e amor ao próximo. Fazia o bem sem ver a quem. Só conseguia ver o lado bom das pessoas, não gostava de falar mal de ninguém e repreendia carinhosamente quando alguém o fazia... Preferia não enxergar o lado mal. Da sua boca só saíam palavras positivas, pois acreditava no poder das palavras. Dizem que minha vó Dinorah também era assim. Que bela característica para se herdar. Que belo exemplo a se seguir...

O TEMPO PASSA E A VIDA CONTINUA



Lourdes. Painel na entrada do
"Espaço Lourdes", na Igreja dos
Capuchinhos na Tijuca, Rio de
Janeiro

Frase lema da vida de Maria de Lourdes: “Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas...”

Quantas saudades!!!

DIDI

Por Márcia Carolina

O nome dela era Geni, Geni de Jesus. Nenhum outro nome poderia ser mais apropriado, mas desde sempre, ela era chamada por todos, pelo curto apelido carinhoso de Didi.



Didi

E desde que me entendi por gente, lá estava ela, parte integrante do meu núcleo familiar. Veio morar conosco aos cinquenta e poucos anos, no final dos anos 60, após a morte da tia Emília, com quem residia antes, aqui no Rio de Janeiro. Sua irmã, Mariinha, foi empregada da casa de minha avó em Pouso Alegre, e quando

vovó Dinorah, já após a morte daquela, precisou mudar-se para o Rio, Didi veio junto.

Didi era oligofrênica. Tinha idade mental muito inferior à cronológica. Praticamente analfabeta, mal sabia assinar seu próprio nome, e quando pedíamos que o fizesse, ela se sentava, concentrava-se segurando a caneta com dificuldade, e com grafia infantil, assinava bem devagar, sorrindo, cheia de orgulho...

Acho que nunca frequentou a escola e nós costumávamos achar muita graça quando fazíamos as duas perguntas sobre História do Brasil que ela sabia

responder “Didi, quem descobriu o Brasil?” “Ahhhh, foi Seu Cabraaaaal”, respondia ela, sempre esticando a última sílaba. “E quem libertou os escravos, Didi? “Foi a princesa Isabeeeel”, dizia, ela mesma descendente direta de escravos, nascida apenas 20 anos após a abolição da escravatura.

Tinha postura totalmente servil e obediente. Há uma história de quando Didi era jovem, em Pouso Alegre, ao ajudar minha avó a estender roupas no varal do quintal da casa, uma das pontas da corda se soltou e vovó pediu a ela que a segurasse junto à parede enquanto ia buscar pregos no interior da casa para prender a corda. Ao entrar na casa, alguém bateu palmas chamando minha vó na porta e esta então, foi receber a visita inesperada, chamando-a a entrar e tomar um cafezinho. Assim permaneceram por mais de hora, trocando uma prosa na sala da casa. Quando a visita foi embora, minha vó sentiu falta da Didi, e quando foi procurá-la, lá estava ela, na mesma posição, segurando a ponta do varal junto ao muro do quintal...

Didi era uma negra magrinha, de braços compridos, muito tímida e que baixava os olhos quando falava com seu interlocutor. Falava muito baixinho, tinha aparência frágil, mas tinha muita disposição para o trabalho. Fazia pequenas trancinhas no seu cabelo, enrolava-as e enfiava uma dentro das outras. Só usava vestidos abaixo dos joelhos, com mangas, sapatos sem saltos e andava arrastando os pés.

Ela foi nossa babá querida, muito carinhosa e dedicada às “suas meninas” (eu e minha irmã, Ana Beatriz). Isso depois de ter ajudado também a criar meus primos mais velhos, em Pouso Alegre. Além disso, também cozinhava (com limitações) e ajudava a cuidar da casa. Ia conosco pra todos os lugares e era muito querida e paparicada por todos da família.

Ela tinha o hábito de fumar, adquirido desde sua infância na roça; cigarros de palha no início. Quando veio morar na cidade grande, os parentes vinham nos visitar e traziam maços de cigarros “de presente” pra Didi. Um maço durava meses, pois ela cortava um cigarro em vários pedacinhos, botava de novo no pacote, guardava na estante do seu quarto junto da Santinha e algumas vezes do dia ela pegava um desses pedacinhos e dizia “A Didi agora vai pitar...”. Sim, a Didi se referia a ela mesma na terceira pessoa!!! Era engracado.

Repetia: “A Didi agora vai almoçar... A Didi agora vai se arrumar pra ir à missa... “E as missas de domingo eram sagradas pra ela. Se arrumava toda bonita para a missa das 19 horas na Igreja dos Capuchinhos, quase em frente a nossa casa e lá ia ela com seu tercinho na mão, sempre acompanhada de um de nós, pois Didi não andava sozinha. Tinha verdadeiro pavor de andar de elevador, por isso já começava a rezar quando entrava nele...

Quando apresentou problemas no coração, meu pai, cardiologista, proibiu-a de fumar, e quando alguém desavisado da nova situação levava cigarros pra ela, ela dizia : “A Didi não pode mais pitar... Faz mal pro coração da Didi...”. Ela adorava ver televisão. Ao final do dia, após o cumprimento de suas tarefas, ela ia até a sala de TV de nossa casa, sentava-se na pontinha do sofá com sua coluna bem ereta e ali ficava assistindo ao “cineminha”, como ela mesma dizia. E então começava a “reconhecer” as pessoas que ali apareciam... O Cid Moreira era o “seu Benedito”, lá do morro das Cruzes. “Como ele está gordo!”, dizia e começava a rir, seguida também por nossas risadas. Identificava ainda, o seu José da venda, dona Amélia do armarinho e assim por diante...

Assim era nossa Didi. Sinônimo de pureza e conformidade. Não sabia mentir. Nunca teve namorado. Nunca elevava a voz. Qualquer pedido de quem ela amava era uma ordem. Acho que Didi não tinha pecado... Nunca mais vai haver outra Didi igual a essa nossa Geny, a Geny de Jesus.

DIDI

Por Antônio Eugênio

Logo depois do casamento de Dinorah, uma empregada da casa que levava suas duas filhas para o serviço, desapareceu durante o dia deixando lá suas meninas. Como não apareceu mais, Dinorah assumiu as garotas, Mariinha com a mesma idade da Emília, e Geni pouco mais moça.

Geni era oligofrênica, mas Mariinha era muito saudável. As duas se incorporaram à casa da Dinorah e passaram a fazer parte da família. Para todos, Geni passou a ser a Didi e a Mariinha, a Ná. Anos depois, Ná, como babá dos filhos da Emília, encontrou seu parceiro quando morava em Porto Alegre



Didi, querida por todos da família

e lá ficou no Rio Grande. Mas Didi e sua oligofrenia, participaram de perto da criação de três gerações dos Azevedo de Pouso Alegre, sendo querida e comemorada por todos da família, mesmo por aqueles que foi conhecendo ao longo de sua vida. Quando se festeja

Dinorah, obrigatoriamente Didi entra na comemoração pois uma nunca se separou da outra durante toda a vida.

5.3 - Os membros da terceira geração

Os Azevedo de Pouso Alegre estão hoje, depois de quase 120 anos, vivendo a 5^a geração dos mais de 140 herdeiros da progenitura de Antônio Alves de Azevedo e Dinorah Mendel Gay Azevedo, espalhada por diversos países, tendo um casal e filhos retornado à Portugal. A seguir, eles são lembrados por seu legado e sua descendência.

São eles:

Filho de Lygia, José Carlos Azevedo Nogueira.

Filhos de Nair, Simão Pedro Casasanta, José Maria Casasanta, Mariângela Casasanta, João Batista Casasanta.

Filhos de Emília, Antônio Eugênio de Azevedo Taulouis, Pedro Luiz de Azevedo Taulouis, Márcio Flávio de Azevedo Taulouis, Cláudio José de Azevedo Taulouis.

Enteado de Gilberto, José Carlos Torres Aragão.

Filhos de Carlos, Antônio Carlos Simões Azevedo, Paulo Cesar Simões Azevedo, Vera Lúcia Simões Azevedo.

Filhas de Lourdes, Márcia Carolina Queiroz Valverde, Ana Beatriz Queiroz Denozor.

FILHO DE LYGIA AZEVEDO
José Carlos Azevedo Nogueira (1927-1998)

Por sua filha, Lygia Maria da S. Azevedo Nogueira

José Carlos Azevedo Nogueira nasceu em Arceburgo, MG em 2 de setembro de 1927, filho de José Borges Nogueira Lima e Lygia Alves de Azevedo Nogueira. Estudou no Colégio São José em Pouso Alegre. Em 1944 sentou praça como artilheiro no Regimento Floriano na Vila Militar, Rio de Janeiro, fez carreira e chegou ao posto de Capitão.

Em 1955, graduou-se na Escola Técnica Cândido Mendes como Contador. Como militar, serviu no Gabinete do Ministro da Guerra no Rio e no HCE, Hospital Central do Exército, administrando o Pavilhão dos Oficiais.

Dirigia o Contingente no HCE, quando teve como colega e subordinado o sargento Martinho, que, em Vila Isabel, já começava a ser conhecido nas rodas de samba e depois da aposentadoria virou o famoso Martinho da Vila.

Em 1956, casou-se com a enfermeira cearense Maria Aurineide da Silva Nogueira e teve três filhas, Maria de Fátima da Silva Nogueira, nascida na-



José Carlos, 1939, em Pouso Alegre com a tia Lourdes e a avó Dinorah

timorta em 1961, Ligia Maria da Silva Azevedo Nogueira em 1963 e Maria Isabel Nogueira de Faria em 1968.

Em 1976, José Carlos como Ten. Azevedo, foi transferido para o Quartel-General do Exército em Brasília-DF, sendo acompanhado por sua esposa. Foi chefiar a distribuição dos próprios nacionais na DPB-Departamento Patrimonial de Brasília, vinculado ao Quartel General, administrando seis quadras residenciais no Plano Piloto na Asa Sul e na Asa Norte.

Maria Aurineide graduou-se na Escola de Enfermagem Haddock Lobo na Tijuca em 1950. Foi professora universitária por mais de 50 anos, primeiramente na UERJ e depois, da Universidade de Brasília, UnB, onde implantou o Curso Superior em 1976 como professora-convidada pela enfermeira professora Sarah Abrahão, em nome reitor José Carlos Azevedo de Almeida, que esteve à frente da UnB até 1988.

O Tenente José Carlos Azevedo foi um militar absolutamente dedicado e fiel à caserna, tendo recebido várias comendas militares por seus nobres serviços prestados e dedicados ao Exército Brasileiro, profissão que abraçou e cultivou desde os tempos da adolescência na pacata Pouso Alegre.

São descendentes de José Carlos Azevedo Nogueira, 02.09.1927, Pouso Alegre, MG), casado com Maria Aurineide da Silva Nogueira, 31.01.1924, Fortaleza, CE).

São seus filhos:

- Maria de Fátima da Silva Azevedo Nogueira. Falecida ao nascer. 1961, RJ.
- Ligia Maria da Silva Azevedo Nogueira, 22.04.1963, RJ. Ela é casada com Itamar Costa Barros Filho, 03.06.1962, RJ. Enteada:

Rebecca da Silva Martins Barros, 02.02.1984, Bsb, DF

- Maria Isabel Nogueira de Faria, 05.03.1969, RJ. Divorciada, foi casada com Ronaldo de Faria e tiveram três filhos:

Ronaldo de Faria Filho, 06.01.1996, nascido em Caldas Novas, GO.

Raíra Nogueira de Faria, 18.06.2001, nascida em Brasilia, DF.

Rebeca Nogueira de Faria, 29.06.2004, nascida em Brasília, DF.

FILHOS DE NAIR AZEVEDO:
Simão Pedro Casasanta
Por sua filha Maria Inês

Nascido em Pouso Alegre, MG, em 7 de junho de 1926, Simão Pedro foi o primogênito dos quatro filhos de Mario Casasanta e Nair de Azevedo Casasanta que são Mariângela, José Maria e João Batista e de mais seis meios-irmãos filhos de Mário e Lucia Monteiro Casasanta: Antônio Eduardo, Leonardo, Mario, Nuno, Mariana Clotilde, mais conhecida como Coli, e Ricardo.

Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e partiu para o Sul de Minas, já casado com Maria Isabel Andrade Casasanta (Maria Isabel Soares Andrade, em solteira) com quem teve cinco filhos: Maria Lucia, Maria Inês, Marcelo, Patrícia e Fábio. Morou em Monte Sião e Andradas e advogou nestas cidades e arredores. Ao final dos anos 1950, retornou à Belo Horizonte e ingressou na carreira acadêmica, nas faculdades de Direito e Economia da UFMG. Em atividade paralela, prestava consultoria em planejamento econômico em diversas frentes de trabalho e associou-se a empresas fabricantes de doces, tecidos, temperos e outras. Inquieto, nestas empresas fiqueava o tempo em que durava o desafio e seu interesse, desligando-se de uma e associando-se à outra.

De seu relacionamento com Maria da Consolação Cunha, nasceu seu filho Estevão Cunha Casasanta. E, com Rosangela Nunes, Simão Pedro teve um filho: Fabrício Simon Nolasco Nunes Casasanta e uma filha, em que homenageou sua avó, dando-lhe seu nome: Dinorah Nunes Casasanta, nascida em 24.08.1990.

FILHOS, NETOS, BISNETOS E TRINETOS DE SIMÃO PEDRO CASASANTA.

A. Do casamento com Maria Isabel Soares Andrade:

1. Maria Lúcia Casasanta Brüzzi, casada com Francisco Junqueira Brüzzi
 - Ana Teresa Casasanta França: mãe de Vinícius Casasanta França e avó de Maria Fernanda França

- Rodrigo Casasanta França casado com Camila Galão Casasanta, pais de Leonardo Galão França e Rafael Galão França
- Beatriz Casasanta Brüzzi

2. Maria Inês Andrade Casasanta (separada de Marco Antonio Dias Pontes). São seus filhos:

- Patrícia Casasanta Pontes de Almeida casada com Marcelo Andrade Almeida, pais de Joaquim Casasanta Pontes de Almeida e Helena Casasanta Pontes de Almeida.
- Larissa Casasanta Pontes (separada de Diego Marques Caputo), mãe de Alice Casasanta Pontes Caputo.

3. Marcelo Andrade Casasanta (1954-1975)

4. Patrícia Casasanta Marini casada com Eduardo de Assis Marini. São seus filhos:

- Eduardo Casasanta Marini, casado com Fernanda Bertini Marini: primeiro filho a caminho.
- Flávia Marini Trieli casada com Álvaro Trieli.

5. Fabio Andrade Casasanta (1959-1967)

B. Filho de Simão Pedro do seu relacionamento com Maria da Conceição da Cunha: Estevão Cunha Casasanta

C. Filhos de Simão Pedro do seu relacionamento com Rosângela Nunes:

- Fabricio Simon Nolasco Nunes Casasanta
- Dinorah Nunes Casasanta

JOSÉ MARIA CASASANTA, 1927

Por sua cunhada Leda Botelho Martins Casasanta

Sobre meu cunhado José Maria, temos uma história romântica com final triste. No último ano da faculdade, José Maria foi a um baile em Teófilo Otoni e lá conheceu a bela Diva, de família tradicional de Pedra Azul, norte de Minas. Foi um amor instantâneo. Formado em Direito em 1950, instalou seu escritório de advocacia em Pedra Azul e pouco depois, casou-se com Diva. Advogado brilhante, conquistou toda a praça jurídica da cidade e arredores. Ganhou muito dinheiro, mas não soube administrar bem o sucesso. Acabou por se indispor com a sociedade local. Com a filha Luciana (1952) ainda pequenina, o casal mudou-se para o Rio de Janeiro onde ele trabalhou como jornalista e escreveu um livro, *O Jornal de Maria do Amparo*. Não deu certo no Rio. O casal mudou-se para Belo Horizonte, mas em pouco tempo o casamento acabou e Diva e a filha, foram morar com sua irmã no Rio. Pouco tempo depois, uma grave enfermidade trouxe Diva de volta a Belo Horizonte, onde foi internada no hospital São Lucas e veio a falecer. Lucia Casasanta foi buscar Luciana em Pedra Azul, onde a menina estava aos cuidados de sua família materna durante a doença da mãe. Assim, Luciana tornou-se a décima primeira filha de Mario e Lucia Casasanta morando no Cruzeiro, no casarão da avenida do Contorno. De lá, Luciana saiu apenas para o casamento. José Maria residiu com sua mãe Lúcia até sua morte.

Meus filhos e eu adorávamos os lanches de domingo, sempre com uma delícia culinária *by Zé Maria!*

MARIÂNGELA CASASANTA LATORRE

Por Claudia Casasanta Latorre

Mariângela Casasanta Franco Latorre, nasceu em Pouso Alegre, MG, em 1929. A morte prematura de sua mãe, Nair Azevedo Casasanta, com apenas 21 anos, deixando-a órfã aos dois anos, marcou profundamente toda a sua vida, ficando aos cuidados carinhosos da avó Dinorah, lembrança afetiva que lhe iluminou a vida até os dias de hoje e se transformou em laço poderoso com a avó.

Da mãe Nair diz Mariângela ter poucas recordações, mas conta que nas noites da infância, principalmente quando estava amedrontada, lembrava-se de uma voz amorosa que lhe dizia “durma minha menininha”, que ela associaava à mãe. Mariângela herdou da mãe umas colherinhas de prata com o monograma Nair, que foram sempre guardadas com muito carinho. Também dela, ficou uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, mantida por sua segunda mãe Lúcia, com uma velinha acesa nos pés, por todo o tempo em que os Casasanta moraram na casa do Cruzeiro.

Mariângela descreveu Nair em uma monografia, como “Loura, bonita, inteligente, alegre, tão criança...”. Nair vestia-se somente com branco e azul até os 21 anos, cores de Nossa Senhora da Conceição, promessa feita pela mãe Dinorah quando ela estivera muito doente na infância. Promessa cumprida até o fim. Quando terminou o tempo da promessa, Mário foi convidado para um banquete em que governador de Minas Gerais, Antônio Carlos reuniria todo o seu gabinete. Nair, radiante, escolhera um vestido preto, para lhe dar mais senhorilidade, por ser muito jovem e que ficasse condizente com sua posição social de mulher do Diretor de Instrução Pública de Minas Gerais e Diretor da Imprensa Oficial do Estado, além de ser mãe de quatro filhos. O vestido pronto, tinha um grande decote que lhe realçava o colo branco e seus cabelos claros. Mario não se conformou com o decote. Houve muita discussão e ciúmeiras na prova do vestido, um vai-não-vai sem solução. Surgiu então a salvadora Dinorah para contornar a situação, fazendo às pressas, uma flor de pano preto, atenuando, assim o decote. E foram eles ao banquete.

Meses depois, Nair adoeceu, vindo a falecer acometida por uma insuficiência hepática aguda. Com o vestido preto foi sepultada.... Mariângela sempre nos contava as histórias de vovó Dinorah, suas flores, as dificuldades financeiras, o telhado que desabou sobre a casa, o tempo que os quatro irmãos moraram com ela após o falecimento de Nair, o dinheirinho que Dinorah dava aos netos, embrulhados como se fosse uma bala e que era recebido como uma fortuna. A luta enfim, para manter a família unida. São recordações que ficam.

Ao contrair novas núpcias com Lúcia Schmidt Monteiro, o pai Mário Casasanta assegurou estabilidade à casa, amor incondicional e mais sete irmãos afetuosos, constituindo uma família que permanecesse unida para sempre.

A filha Mariângela foi uma aventureira, sempre a frente de sua época. Lançava moda copiada pelas amigas, um cabelo rebelde e esvoaçante. Ginástica pela manhã no Minas Tênis Clube, trabalho no IAPI durante o dia, que horrorizava a muitos nos anos em que mulher não trabalhava fora e faculdade de direito, que abandonou quando se casou e se mudou para o interior de Minas.

Sua ligação com a família Azevedo foi permanente, através da adorada vovó Dinhorah, sempre recebida com afeto na família de Mário Casasanta, tendo, inclusive, residido com eles durante um ano, quando necessitou permanecer em BH. Tia Lourdinha Azevedo e tio Jaime, foram também presenças constantes, amizade que passou para filhos e netos. Tio Gilberto e o primo Antônio Eugênio de Azevedo Taulois sempre mantiveram contato e visitas e Tia Ida e Tio Altino, de Pouso Alegre, foram sempre laços familiares constantes.

Mariângela casou-se com o médico Maximino Franco Latorre, união feliz de grande companheirismo que rendeu quatro filhos. Lúcia Mariana, jornalista e artista, que lhe deu os netos Pedro e Mariana da união com Eduardo Filizzola. Cláudia, médica, que lhe deu três netos Valdir, Ana Raquel e Ricardo Bruno da união com Valdir Ribeiro. Maximino, artista e professor universitário, falecido em lamentável acidente automobilístico em 1996 e Carlos Eduardo, médico que com Grace Soares deu-lhe os netos Lara e Lucas.

Após o casamento, Mariângela e Max foram morar em Bueno Brandão e, a seguir, em Ouro Fino, no sul de Minas por 18 anos, onde nasceram os filhos.

Mariângela queria ser professora, nasceu para ser professora. Como não havia faculdade em Ouro Fino, com um grupo de amigas, desafiando a época em que mulheres permaneciam nos trabalhos do lar, cursou faculdade de Letras em Itajubá, para onde ia nos finais de semana, em uma Kombi velha, concludo o curso com louvor em 1969, já com os filhos adolescentes. Durante o curso dava aulas de português na Escola Normal de Ouro Fino e foi responsável, por incutir em gerações o amor aos estudos e a luta pelo ensino superior na cidade. Até hoje recebe agradecimentos pela “abertura de caminhos” na área.

Com a mudança para Belo Horizonte, tornou-se professora do Colégio Ordem e Progresso, da Polícia Civil, onde se aposentou, deixando um exemplo

brilhante para os alunos, um grande sucesso na área da língua portuguesa e algumas dores de cabeça para o amigo e diretor Dr. Pompéu, pois quem nasce rebelde, contesta e luta sempre.



Maximino Casasanta Latorre, escultor, ceramista premiado, considerado um artista completo, com exposições individuais e coletivas em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco nas décadas de 1980 e 1990. Faleceu tragicamente aos 40 anos de acidente automobilístico em Nova União, MG.

JOÃO BATISTA CASASANTA

Por Mariel Pauluce Casasanta

João Batista foi o quarto filho da vovó Nair. Ficou órfão quase ao nascer. Não sei exatamente com quantos dias, sei que foi entre quinze e trinta dias. Vovó Nair já estava enferma ao engravidar, sempre soubemos que sofria de um grave problema renal que teria levado à morte. Hoje acredito que deveria ser um câncer, naquela época em que as pessoas evitavam pronunciar o nome de tal doença. Na sua enfermidade, fez-se uma promessa que usaria as cores de Nossa Senhora durante um ano para que fosse curada. Vovó Nair morreu aos 19 anos, sentada na cadeira no quarto do hospital onde já teria tido alta e

aguardava pelo esposo, Mario Casasanta, que viria buscá-la. Usava, neste momento, vestes nas cores azul e branca.

Vovó Nair, teve quatro filhos: Simão Pedro, José Maria, Mariângela e João Batista. Percebe-se, todos nomes bíblicos. Dos quatro, só tia Mariângela ainda vive.

Vovó Dinorah foi para casa do genro viúvo, então com três filhos pequenos e um recém-nascido, para ajudar a cuidar dos netos.

Meu pai, em especial, tinha uma enorme paixão pela vovó Dinorah! Para ele, a vovó Dinorah era sinônimo de família, de fé, de coragem, de esperança e como exemplo, usava a sua célebre frase: “Com flores eduquei meus filhos e com estes enfeitei meu lar”!!!

Vovô Mário, casou-se em segundas núpcias, com Lucia Monteiro Casasanta, com quem teve mais seis filhos. Vovó Lúcia, então assumiu a criação e educação dos quatro filhos de vovô Mário com vovó Nair. Mulher muito culta, inteligente e extremamente carinhosa, dedicou se aos enteados como mãe, nunca houve qualquer distinção entre os filhos. José Maria, tendo ficado viúvo muito novo e não mais se casado, viveu com a vovó Lucia até sua morte, tendo a vovó Lucia criado a neta Luciana, filha de José Maria, como uma filha, assim que ficou órfã de mãe. Era um exemplo de mulher em todos os sentidos.

Papai, assim que passou no concurso para Procurador do INSS, já advogado, veio para Montes Claros, norte de Minas Gerais, onde conheceu minha mãe, Madalena, se casou, constituiu família e para sempre aqui ficou. Pai de quatro filhos, avô de dez netos e um bisneto. Era um profissional extremamente exigente, íntegro. Não admitia qualquer falha de caráter, por menor que fosse. Advogado trabalhista, defendia os mais necessitados e nunca cobrava. Na sua sala de espera sempre tinha alguém em busca de consulta que não fosse paga. Era conhecido por sua bondade, mas também por sua austeridade. Era destemido, nunca ouvi dizer que tivesse medo de alguma coisa. Juntamente com alguns colegas fundou a Faculdade de Direito do Norte de Minas onde exerceu cargo como professor até ter que se afastar por problemas auditivos causados pela diabetes. Deu aulas também no antigo curso Normal, no Colégio Imaculada Conceição, colégio de freiras, onde conheceu a minha mãe! Foi seu professor também no curso de direito.

Fora do trabalho, em casa, meu pai despia-se de toda rigidez e virava um super pai, um avô babão. Amava com intensidade a família. Cuidava dos filhos e corujava os netos. Ao corrigir os filhos, tarefa que era sempre da minha mãe, não admitia palavras rudes, atos grosseiros ou coisas que nos colocassem para baixo. Sempre arrumava uma forma de nos defender. Era papai quem chamávamos quando sentíamos medo ou sede no meio da noite. Era ele quem nos levava e buscava na escola. Ele tinha um lado lúdico que me encantava, quando reclamávamos que a comida estava quente, ele vestia-se num personagem e mandava que colocássemos um pouquinho de água fria no prato, mamãe ficava enfurecida, mas para nós era uma enorme brincadeira, assim como tomar café no pires ou esconder debaixo da cama fugindo de um medo bobo. Tinha muita esperança e fé na vida. Sempre achava que para todo problema havia uma solução. Era otimista e nos passava isto. Nos aniversários, seu telefonema era o primeiro que recebíamos. Só tenho recordações boas e muitas saudades. No auge da minha adolescência, era meu companheiro, meu confidente. Passávamos horas conversando ou mesmo calados na presença um do outro. Aos domingos, levava o jornal na casa dos filhos casados. Era agregador, saudoso e amava a vida. Tinha um amor especial pelo mar. Já refém da hemodiálise, pediu que o levássemos a praia e então a viagem virou um evento, com autorização médica e tantas outras coisas mais necessárias para que a viagem pudesse se realizar.

Certa época, arriscou-se pelo ramo agropecuário, adquiriu uma pequena fazenda, mas logo se desiludiu. Era uma época em que os peões não tinham direitos, ganhavam muito pouco e tudo que ganhavam ficava nas despesas pessoais. Era um meio diferente para meu pai, mas eram assim que as coisas funcionavam no interior de Minas Gerais há muitos anos atrás. Como advogado trabalhista e mais ainda como o ser humano maravilhoso que era, não aceitava certas coisas, falava que os fazendeiros queriam escravizar seus funcionários e numa certa ida a fazenda, disse: nunca mais coloco os pés aqui. E por muitos anos meu avô paterno foi quem cuidou da fazenda, até que meu irmão mais velho se enveredou por este caminho e assumiu a roça. Foi muito difícil convencer meu pai a voltar a fazenda. Tínhamos o costume de passar os finais de semana na fazenda do meu avô que fazia limite com a do meu pai. Mas com o tempo e com os netos, con-

seguimos que ele fosse passear por lá. Eram finais de semana de muita alegria, tudo simples, mas intenso. Quando meu pai morreu, em 13 de fevereiro de 2010, mamãe estava reformando a casa da fazenda para que lá comemorássemos seus oitenta anos, que seria em 30 de junho de 2010.

Quando meu pai chegou em Montes Claros, era um forasteiro. Aqui construiu um nome e sobrenome respeitado. Hoje, a minha mãe Madalena, padece com uma demência fronto-temporal, doença muito parecida com Alzheimer. Está com 71 anos e desde os 16, foi casada com meu pai.

Dizem que me pareço muito com a vovó Nair. Do meu pai, eu carrego a paixão e a saudade pela família. Carrego a intensidade, muitas vezes exagerada. Papai falava: seja quente ou frio porque nada morno é bom!

É muita saudade! É muito amor! É muita falta que sinto dele!

FILHOS DE EMÍLIA AZEVEDO
Antônio Eugênio de Azevedo Taulois
por ele mesmo

Tio Gilberto participou ativamente da minha vinda ao mundo. Ele tinha 15 anos, quando foi convocado às pressas, para descobrir onde estava o Dr. Miranda, para assistir minha mãe Emília que estava em trabalho de parto. Não encontrou, mas trouxe uma parteira conhecida que se prontificou a participar do meu advento. Corria o ano de 1933, o mesmo em que um obscuro Hitler assumia nefasto poder político na Alemanha.

Meu nascimento, caseiro e natural como era hábito, trouxe tranquilidade para Emília, ainda sobressaltada com a participação de meu pai Pedro no Combate da Vendinha, Revolução de 1932, no entorno de Pouso Alegre.

Nós éramos três irmãos no primeiro lote e, dez anos depois, veio Cláudio José, a “raspa do tacho” como dizia Meu Pai. Nossa mudança de Pouso Alegre para Juiz de Fora foi minha primeira das muitas outras que viriam, incluindo São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Ceará, Pernambuco e, final-

mente, vários frutuosos decênios em Petrópolis. Um caminho, uma sucessão que marca muito a vida que foi vivida.

No meio desse caminho, meu irmão Márcio Flávio resolve ficar noivo da Tana e me levar com ele. Vera, irmã da Tana, estava me esperando. Resolvemos seguir juntos firmando essa intenção na histórica e imperial Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. A seguir, lua de mel desassombrada e aguerrida em um Volkswagen idoso, daqueles de 24 HP, 6 volts e duas janelinhas na traseira. Fomos até Laguna, sempre em contato com nossos parentes no Paraná e Santa Catarina. E o vitorioso fusquinha foi e voltou incólume.



Nosso casamento na histórica e imperial Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, que reuniu parentes e amigos, com direito a um túnel de espadas, montado por colegas do IME.



O Volkswagen nupcial preparado condignamente por nossa turma do SEME, comemorou nosso casamento. No dia seguinte, esse valente fusca 1953, 24HP, 6V, iniciou um giro de 23 dias e mais 3000 km incólume, até Laguna, SC, revendo nossos parentes.

Vera era funcionária dos Correios – Agência Copacabana. Com o casamento, levou seu emprego para Inhomirim, Raiz da Serra de Petrópolis, onde fomos morar. Transferida para a Agência de Petrópolis, 150 funcionários, começou no balcão e terminou na gerência por 20 anos. Deixou a história de sua agência descrita em um livro de luxo, “O Correio de Petrópolis, um Passeio pela História”, editado pelo Correio Central de Brasília e distribuído por todo o Brasil.

Ainda na Raiz da Serra vieram os filhos:

Marcelo, 1963, engenheiro, que encontrou sua Mayla di Martino, 1970, no exterior e nos presentearam com o Theo, 2002 e Anita, 2004, sempre ligados ao estudo, música e esporte.

O TEMPO PASSA E A VIDA CONTINUA



Na Raiz da Serra de Petrópolis, onde nasceram nossos filhos Marcelo, Mônica e Daniela, nos 14 anos que lá convivemos.



Marcelo, Mônica e Daniela no sofá.

Mônica, 1966, médica, pesquisadora, mestre em Ensino de Ciências da Saúde e o seu esposo Ricardo, 1961, consultor e mestre em Administração Pública, que nos trouxeram Felipe, 1995, químico, músico, musicista, 'que se enveredou pelo caminho da Educação e André, o Decko, 2000, que trouxe a sabedoria da meditação e da Yoga para nossas vidas e continua com a construção de seu caminho.

Daniela, 1968, mestre em psicologia clínica e psicanalista atuante. Casada com Fernando Afonso, 1971, da superior casta lusitana, que nos brindaram com os netos mais jovens: Tiago, 2005, também lusitano mas muito brasileiro e o decisivo Tomás, 2014, brasileiro pronto para virar português, mas ainda descobrindo o mundo.

Minha formação na Academia Militar das Agulhas Negras, foi complementada no IME, na PUC-Rio e no mestrado na Universidade Católica de Pe-

trópolis. Durante 17 anos, envolvi-me com fabricação, utilização e fiscalização de explosivos civis e militares.

No magistério superior, durante 42 anos, estive ligado à Escola de Engenharia da Universidade Católica de Petrópolis e deixei meu nome no novo e moderno Laboratório de Química da Universidade. Participei como organizador e guia de quatro viagens de estudo com estudantes de Engenharia à indústrias e universidades na Holanda e Alemanha, numa promoção do DAAD, Deutscher Akademischer Austauschdienst.



Marcelo, esposa e filhos



Mônica, marido e filhos

AS TRÊS PRIMEIRAS GERAÇÕES DO RAMO BRASILEIRO DOS AZEVEDOS DE POUSO ALEGRE, MG



Filha Daniela, marido Fernando e filhos Tomas e Tiago.



Antônio e Vera, Baile do Imperador, 2018



5 Fotos da casa
da família



No Laboratório de Química, o Prof. Antônio de Azevedo Tauilois, da UCP, recebe a visita do neto Tiago.

Outros interesses, uma contrapartida complementar, atraíram-me para a pintura e para o estudo da História, o que me levou como conferencista, à Universidade de Hamburgo, me aproximou por mais de 30 anos do Instituto Histórico de Petrópolis, do qual foi presidente por três anos, das Academias Petropolitanas de Educação, de Letras e do Museu de Armas Históricas Ferreira da Cunha.

Nunca nos esqueceremos dos 40 anos de contato com a natureza nas nossas barracas e trailers, girando com a família pelos campings do Brasil, com extensão ao Paraguai, Uruguai e Argentina, incluindo a Cordilheira dos Andes. O Rotary Club e as Equipes de Nossa Senhora fizeram parte de nossa vida por mais de 30 anos. Nessas instituições, cada uma com seus objetivos próprios, fizemos amigos e encontramos apoio para nossos anseios e pretensões. Pela Fundação Rotária, liderei um grupo de quatro profissionais, durante 40 dias, em trabalho de pesquisa em quatro cidades do Marrocos.

Dessa jornada de 88 anos, ficaram vivas recordações. Uma forte lembrança foram os anos da Segunda Guerra Mundial, em Porto Alegre, dos meus oito aos doze anos, quando, pelo rádio, ouvíamos notícias angustiantes que não en-

tendíamos, noites com black-out, dificuldades na vivência do dia-a-dia, uma ansiedade sem fim.

E também foi sempre bem lembrado, nosso internato em colégio de exigentes padres alemães, em Juiz de Fora. Em 1957, meu primeiro carro, quando eles eram ainda raros, um Renault Rabo Quente. Ele não era muito confiável e logo foi trocado por uma Lambreta XL e outras motos nos 40 anos seguintes.

Nos anos duros do AI-5, estávamos morando na Freguesia do Poço da Panela, no Recife. Eu, sempre viajando pelo interior a trabalho, quando soubemos que minha mãe Emília e depois meu pai Pedro estavam doentes e vieram a falecer em seguida, deixando nos filhos e netos lembranças vivas e muita saudade. Eles chegaram a nos visitar no Recife.

A nossa casa no Monte Real, em Petrópolis foi levantada com a participação de toda família, acolheu-nos 33 anos, e foi cenário de saudosas reuniões de todos os Azevedos. Ali, nossos filhos entraram na adolescência e fizeram sua travessia para a vida. E nós vivemos a primeira passagem do ciclo do estio da nossa existência, sempre muito felizes, graças a Deus.

Comemoramos a virada do século para o ano 2000, iluminados pelas cores dos fogos na Praia de Copacabana, com todos os Azevedos cheios de esperança em um século promissor. Depois, um brinde aos anos 2000 na casa da Mônica e Ricardo.

No ano 2005, os filhos já estavam pelo mundo, Marcelo e Mayla em Londres, Mônica em Bruxelas, Ricardo em Luxemburgo e Daniela e Fernando em Milão. Memorável recordação familiar foi nossa virada do ano 2011-12 com todos os filhos e netos nas neves de Sarentino, Dolomitas italianas.

Nossa vida foi continuamente vivida em torno da família, sempre centrada em uma matriarca, vó Dinorah, depois as avós Emilia e Tana, tia Lourdes. Não se apagam da nossa memória as comemorações da parentada sempre no apartamento “104” da vó Dinorah, no Catete, no da Tia Lourdes na Tijuca, da Norma na Lagoa, da Mônica em Copacabana, do Marcelo na Urca, na nossa casa no Monte Real em Petrópolis e na da Ana no Grajaú.

O tempo passa, mas a vida continua forte, firme e renovada. Tudo muda numa sucessão de crenças, formas, caminhos da nossa existência concreta. Mas nós e os nossos, seguimos em frente, reavaliando o que foi feito para me recer o futuro.

AS TRÊS PRIMEIRAS GERAÇÕES DO RAMO BRASILEIRO DOS AZEVEDOS DE POUSO ALEGRE, MG



Passagem do século em Copacabana com os Azevedos, Müller e Tauilos comemorando esperançosos a chegada dos anos 2000, iluminados pelos fogos na praia.



Quatro casais, quatro irmãos. Vera e Eugênio, Cecília Amélia e Pedro Luiz, Taninha e Márcio Flávio e Cláudio José e Norma num momento festivo no Monte Real.

PEDRO LUIZ DE AZEVEDO TAULOIS

Por seus irmãos, Antônio Eugênio e Márcio Flávio

Pedro Luiz nasceu em Pouso Alegre com nossos pais ainda residindo na cidade e participando animadamente do tronco das famílias tanto a materna dos Azevedo, como a paterna dos Tauilos. Mas não durou muito pois nos seis meses seguintes, o pai, também Pedro Luiz, estava sendo transferido para Juiz de Fora.

A seguir, dezenas de mudanças, acompanhando a carreira militar do pai. Na transferência de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, em 1945, Pedro Luiz e todos os irmãos perderam o ano de estudos pelas dificuldades de moradia causada pelas complicações da 2^a Guerra Mundial na nossa vida.

Pedro Luiz criança, sempre foi um dissimulado travesso. Meu avô Eugênio, contava uma lembrança sua do jardim de sua casa no Grajaú, rua Gurupi, quando os três irmãos brincavam, um pedreiro, trabalhando na casa, observava a brincadeira. Quando mais tarde, o pai Pedro veio chamar os três, o pedreiro comentou: “Os três são muito levados, mas aquele ali oh... é o mais danado!” O danado era o Pedro Luiz. Quem o conheceu já adulto, tão certinho, disciplinado e discreto, jamais poderia imaginar que tivesse sido uma criança assim peralta.

Quando no ginásio, em Juiz de Fora, Pedro Luiz se revelou nos estudos, conseguindo notas finais nas disciplinas que nós não chegávamos nem perto. No futebol, atuando como zagueiro direito no time da Cruzada Eucarística, seu tiro de meta atravessava todo o campo, causando inveja nos que não conseguiam essa proeza.

Na juventude, Pedro Luiz era um tremendo pé de valsa. Fosse baile a rigor ou gafieira suburbana, lá estava ele devidamente trajado, o primeiro a chegar, pronto para virar a noite. Waldir Calmon, Glenn Miller, Steve Bernard, Ray Anthony, Severino Araújo e respectivos *crooners* e *ladies crooners*, eram seus velhos conhecidos. Samba, mambo, fox-trot, valsa, bolero, marchinha, todos o embalavam, sem preconceito contra ritmos antigos ou novos. Peppino de Capri, Angela Maria, Frank Sinatra, Lucho Gatica, Doris

Day, Ella Fitzgerald eram suas vozes dançantes. E os salões do Monte-Líbano, Ginástico, Hotel Glória, Hebraica, Fluminense eram como extensões de sua própria casa. Pedro Luiz chegava a tirar férias ao final do ano, para aproveitar bem a temporada de bailes de formatura, todos eles em trajes a rigor.

Durante uma de suas férias em Uruguaianana, quando cursava a EPPA, Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, Pedro Luiz foi gravemente acidentado numa queda de cavalo. Foram doze dias em estado de coma no Hospital Militar de Uruguaiana, com recursos limitados. Nossos pais, em dois dias chegaram lá. A comoção causada pelo acidente, movimentou a família militar da guarnição. Mas, se os recursos médicos disponíveis eram poucos, o poder das orações familiares foi grande e Pedro Luiz saiu do coma e se recuperou de forma natural. Algumas sequelas desse acidente marcaram sua vida, mas nada que o impedisse de dançar à noite toda e seguir confiante sua vida militar.

Como sempre, seu desempenho nos estudos o colocou entre os primeiros de sua turma, tanto no ginásio em Juiz de Fora como na EPPA. No vestibular para essa Escola, ele ficou em 6º lugar entre mais de 1.000 candidatos de todo o Brasil. Em julho de 1952, quando sofreu o acidente em Uruguaiana no meio do ano letivo e necessitando de tratamento médico, Pedro Luiz já tinha média suficiente para ser aprovado em todas as disciplinas que estava estudando, o que garantiu sua aprovação no primeiro ano do curso, acompanhando sua turma na EPPA e na Academia Militar das Agulhas Negras.

Mas com o acidente sofrido, ele perdeu uma parte de sua competência cognitiva, o que não o impediu de seguir sua carreira militar, primeiro como infante combatente de selva em Manaus, depois, 1961, em missão no exterior, participando do Batalhão Suez na Faixa de Gaza, em Israel. De volta ao Brasil, fez os Cursos de Educação Física do Exército e o da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, tendo servido em diversas unidades de Infantaria no Rio, em Campinas e no Estabelecimento Gráfico Cordeiro de Faria, mesmo prédio da antiga Escola Militar do Realengo, onde nosso pai Pedro recebeu sua espada de oficial de Artilharia.

Em 1974, Pedro Luiz deu uma guinada em sua carreira militar, optando pelo magistério do Exército. Depois de frequentar o Curso de Técnicas de Ensino no Centro de Estudos do Pessoal do Exército e servir na Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento, foi transferido para a Escola Preparatória de Campinas, onde chefiou a Seção de Ensino e foi aprovado para lecionar Português no Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde permaneceu por quatro anos. Depois, transferido para a Academia Militar das Agulhas Negras, lecionou Português por cinco anos, passando então para a reserva em 1989. Foi morar em Resende e, em seguida, mudou-se para Campinas.

Recém chegado de Suez, Pedro Luiz foi convidado pelo seu grande amigo de turma, Paulo Roberto Teixeira, para lhe fazer companhia em uma festa em que ele iria com sua nova namorada. Não contava Pedro Luiz que a namorada do Paulo estava com a irmã, Cecília Amélia Gueiros, logo apresentada a ele, que destemidamente, se encantou com o encontro. Três anos depois, namoro, noivado e, em 1964, aconteceu o casamento.

Seus três filhos nasceram no bairro Chapadão em Campinas, onde Pedro Luiz serviu por longo tempo. São seus filhos:

- Pedro Luiz Gueiros Taulois, 1966, Oficial de Marinha, Contra-Almirante Fuzileiro Naval, tendo ocupado destacadass missões militares no Brasil, na África e na Europa. É casado com Mirza Barros Pereira. São suas filhas: Gabriella, 1999 e Mariana, 2000.

- Marcos André Gueiros Taulois, 1967, Oficial do Exército, Coronel de Infantaria da reserva remunerada; desempenhou diversas funções militares em vários estados do território nacional, na Europa e na América do Sul. É casado com Lilian Katiê da Silva Nagato. São seus filhos: Eduardo, 2002 e Maria Cecília, 2018.

- Simone Gueiros Taulois, 1968, Psicóloga Clínica atuando em Campinas - SP. É casada com Ricardo Gonçalves Lidington. São seus filhos: Henrique, 1995 e Beatriz, 1999.



Pedro Luiz e família. Marcos André, Simone e Pedro Luiz, o filho.

MÁRCIO FLÁVIO DE AZEVEDO TAULOIS

Por ele mesmo

Corria o ano de 1936 com minha mãe Emilia ainda ligada às atribulações pouso alegrenses da década de 1930, quando eu nasci em Juiz de Fora, completando o trio familiar de jovens mancebos, com distância de um ano entre cada eles.

Em 1942 eu iniciava minha entrada na vida real, frequentando a Escola Paroquial do Menino Deus, meu bairro em Porto Alegre, RS. Anos depois, passei pela Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Comando e Estado Maior do Exército e Escola Superior de Guerra, além de diversos outros cursos militares de aperfeiçoamento.

A movimentação militar me levou à diversas unidades no Rio de Janeiro, Forte do Leme, Copacabana, 1^a Região Militar, Diretoria de Finanças do Exér-

cito e à outras cidades como Praia Grande, SP, Campo Grande, MTS, Brasília e Campinas. E também ao comando de grandes unidades como o 2º Batalhão Logístico em Campinas e à 1ª Circunscrição de Serviço Militar do Rio de Janeiro.

A transferência para a reserva em 1991, me aproximou da família e me permitiu considerar outras realidades.

A união de duas famílias irmãs:

O dia 29 de junho é uma data importante para mim e Taninha. Nesse dia, no distante ano de 1959, foi o início de nosso namoro. Também nesse dia, em 1932, ocorreu o casamento dos meus pais, Pedro e Emília. Portanto, nada mais natural que o meu noivado fosse realizado em 29 de junho de 1960. Do nosso primeiro encontro, às margens da Lagoa Rodrigues de Freitas, durante a bela e saudosa Festa de São Pedro com desfile noturno dos barcos



iluminados em direção à Colônia dos Pescadores, junto à ilha Piraquê, foram decorridos um ano e meio até o dia do casamento em 7 de janeiro de 1961. Naqueles velhos tempos as coisas fluíam rápidas, sem margem para dúvidas e incertezas diante de uma decisão importante.

Marcio Flavio e Taninha

Nos finais de semana, Antônio Eugênio vinha para Copacabana a fim de fazer algum programa ou namorar, sempre dirigindo o seu possante e vistoso Fusca 1953. Essas viagens eram “solitas”. Ele e Deus. Eu nunca conseguia uma carona de volta para a Tijuca. De repente, Antônio Eugênio passou a me oferecer a tão esperada carona, coisa difícil até então, avisando que queria entrar para conversar com a D. Tana ou com a Soninha, à época, com os seus doze anos. Evidentemente, o papo não seria com a velha Tana, muito menos com a infanta Soninha.

O interesse repentino do Antônio Eugênio pela Vera causou um suspense em casa. Muitas dúvidas e questionamentos por parte de todos, principalmente de meu pai, até que Antônio Eugênio se definiu como bem intencionado para alegria geral.

Entretanto, não poderíamos imaginar que Antônio Eugênio viria na cola do meu vácuo tão rapidamente, pois era considerado o menos provável, entre os irmãos, para casar cedo. Mas aconteceu mesmo, após um ano e nove meses, minha cunhada Vera conduziu seu príncipe ao altar da histórica Igreja do Outeiro da Glória, no Rio de Janeiro, eu vergando um garboso uniforme de gala. Minha querida sogra, D. Tana era só sorrisos e alegria nesse evento que consolidou definitivamente a união das famílias Müller e Taulois.

Durante a festa, tio Gilberto sentenciou de forma clara e objetiva, como era de seu costume: “Que sorte desta viúva casar as filhas com os filhos da Emília”. Vó Chiquinha, mais esperta que todos os presentes, na mesma hora rebateu: “Mas a Emília também teve muita sorte de casar seus filhos com minhas netas”. Tio Gilberto concordou prontamente.

Antes de prosseguir com a história da nova família a ser fundada pelo Antônio Eugênio vou recordar algumas lembranças de nossa infância. Antônio Eugênio sempre teve brincadeiras diferentes das nossas, pois eu e o Pedro Luiz, pelos nossos 8 ou 9 anos, éramos voltados para as atividades lúdicas orientadas para a milicagem com montagem de acampamentos, estendendo lençóis e colchas com estacas de madeira improvisadas como se barraca fossem. Os fuzis, uniformes e equipamentos eram artesanais e obtidos por meio de fortuna. Realizávamos longas “Marchas para o Combate” em volta do quintal para depois repousarmos no acantonamento adrede preparado.

O Posto de Comando na entrada do acampamento era constituído de dois pequenos caixotes de madeira e um banquinho também de caixa de madeira com papéis espalhados para emissão de ordens. Os gorros militares eram “bíbicos”, costurados e bordados com estrelas pela minha mãe.

Antônio Eugênio, por sua vez, era mais dedicado às atividades artísticas, musicais e cênicas, como tocar flauta ou gaita de boca, jogar futebol de botões, colecionar selos, figurinhas e maços de cigarro. Como arte cênica preferida, passava horas sentado no degrau da escada do quintal, imitando irradiação de rádio-novelas policiais, comuns naquela época sem TV, sempre com um pedaço de vara girando no ar e, em seguida, batia firme no solo, como se estivesse ritmando a sonoplastia de tropel de cavalos ou sirenes estridentes de viaturas policiais em perseguição aos bandidos, com direito às derrapagens e freadas violentas. As perguntas e as respostas, nos diálogos, eram feitas por ele mesmo.

Brincadeiras, estudos e diversão tinham horas certas, tudo controlado pelos velhos, evidentemente. Grande prazer era visitar o quartel, aos sábados para assistir os exercícios da tropa, como equitação, instrução e esportes. Tudo dependia de nosso comportamento durante a semana, é claro.

As constantes transferências de guarnições militares que a vida de soldado impunha ao meu pai, para nós era motivo de grande alegria e expectativa, quando tudo era novidade e desafio para nós, como as viagens de trem, avião e no navio “Aníbal Benévolo”, navegando às escuras para se ocultar da observação dos submarinos alemães, durante a 2^a Guerra Mundial, no trajeto de Santos a Porto Alegre, no ano de 1942. Antônio Eugênio desapareceu das vistas do meu pai e só foi encontrado, mais tarde, contemplando um cavalo embalado em um estrado/engradado de madeira, junto à proa do navio. Esse navio ao retornar ao Nordeste, transportando tropas para guarnecer as costas brasileiras foi torpedeado por submarinos alemães e afundou no litoral da Bahia.

Motivo de muita alegria e orgulho para toda família foi a aprovação do Antônio Eugênio no concurso de admissão para a Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, perpetuando, assim, a tradição militar com a 3^a geração dos Taulois – Antônio Eugênio (1951), Pedro Luiz (1952) e eu (1953), dando origem aos apelidos que recebemos, como Tolo A, Tolo B e Tolo C, até hoje

lembrado pelos nossos companheiros. Antônio Eugênio era o fotógrafo oficial da Revista da EPPA e integrante do Coro Orfeônico Escolar. Graças ao Antônio Eugênio também participei desse Coro.

Antônio Eugênio sempre foi um aventureiro e inovador. Foi do Rio de Janeiro à fronteira de Mato Grosso com a Bolívia, pilotando sua Lambretta até Corumbá. De lá seguiu para Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, retornando pelo Paraguai. Foi um campista nato, rústico e improvisador, tendo acampado em todos os tipos de camping e com modelos diversos de barracas e equipamentos, desde o mais simples toldo até um “trailer Diamante”, de dois eixos e quatro rodas. Participávamos de seus acampamentos, mas às vezes dava o toque de rancho, porém o de avançar era suspenso porque não havia carvão para assar a carne. Então, Antônio Eugênio conclamava a todos presentes, inclusive Meu Pai, para catar gravetos no mato. Nessa hora, eu me mandava para comer na cidade.

Antônio Eugênio foi o primeiro da família a possuir seu meio de transporte próprio, inicialmente com uma Lambretta novinha, mas seguida de um Renault “Rabo Quente”, de um Fusca alemão, 1953 com duas janelinhas atrás. Bem mais tarde, um belo Chevrolet conversível, 1952, entre outros carros, todos muito usados.

O Renault “Rabo Quente” era de segunda ou terceira mão e vivia enguiçado. Certa vez, Antônio Eugênio me pediu emprestada uma bela gravata de seda italiana, cor vinho e quando me devolveu essa rica peça de adorno masculino, veio carimbada com uma bruta mancha de óleo, fruto de seus serviços de manutenção no provecto “Rabo Quente”. E deixava Antônio Eugênio e seus amigos em apuros como aconteceu na noite do Grande Baile de Gala de 7 de setembro, realizado no Salão Nobre do Clube Militar, em 1957.

Por acaso, nos encontramos no baile, ambos fardados com uniforme de gala, ele, oficial, de cinza e eu, cadete, de azulão, com espadim, cordões, borlos e palmatória encarnados e dourados. Fui surpreendido com uma oferta de carona após o baile e que poderia convidar mais dois companheiros. Qual não foi a nossa surpresa ao findar a festa, todos cansados e já sentados no “pulquinha” aguardando a partida do bólido, a bateria só fez “clic, clic” e mais nada.

Saíram do carro os três jovens cadetes com seus espadins sacolejando nas pernas para empurrar o “Renault Rabo Quente” que nos deixou numa “gelada” pela Avenida Rio Branco abaixo.

Quanto ao Chevrolet conversível 1952, ainda tenho bem viva a lembrança da minha mãe e D. Tana no banco traseiro do carro de capota arriada, geladas e com os cabelos revoltos pelo vento intenso da serra de Petrópolis, cambaleando de um canto para o outro devido às curvas fechadas que o Antônio Eugênio fazia. Eu seguia em sua esteira, com o Gordini 1964, na tentativa de resgatar alguém, se preciso fosse.

Em 1971, Antônio Eugênio servia em Recife e por razão do estado de saúde de minha mãe e, posteriormente, de meu pai, teve que retornar à Petrópolis, fazendo paradas nas diversas capitais e, por necessidade, uma na nossa casa para a alegria de rever as crianças falando com sotaque “arataca”. Porém, como tudo com Antônio Eugênio é imprevisível, junto com a sua turma, também chegou uma linda cachorrinha que, durante a viagem, tinha parido uma bela e barulhenta ninhada de três “nenéns-totós” ou mais. Recebi essa informação horas antes da chegada, através de uma ligação telefônica oriunda de uma estação de beira de estrada, não havia celular naquela época e mal se entendia quem pariu e o que foi parido. Antônio Eugênio queria saber se tinha lugar para “mamãe au-au” e seus rebentos. Respondi que só se fosse na garagem do subsolo. No final, ficaram alojados no quarto da empregada graças à intervenção das crianças.

Agora, vamos falar da fundação e do crescimento da família Antônio Eugênio e Vera. Marcelo nasce em 11 de novembro de 1963, vindo a ser o primeiro em tudo: filho, neto, sobrinho e afilhado. Era muita coisa para uma só comemoração. A alegria tomou conta de todos e os projetos eram muitos e variados. Marcelo sempre foi muito alegre, ativo e esperto. Seus precoces dotes mercantilistas se manifestaram bem cedo, quando doei a ele os meus tesouros de infância: 10 miniaturas de bolinhas de gude de 1 cm de diâmetro e parecidas com a íris do olho humano, rajadas de várias cores e uma garrucha colonial de dois canos, tipo de pirata, com espoletas e farta munição. Aos 8 anos, meu afilhado muito afeito aos lucros, passou tudo nos cobres em menos de uma semana.

Quando morei em Campo Grande, MS, em 1977, Marcelo passou as férias conosco e para desespero da Taninha, desaparecia com a minha Monareta a

explorar aquele planalto em busca de aventuras e de algum tesouro deixado por algum bandeirante.

Por volta da década de 1980, Marcelo recebeu convite para trabalhar na Bahia, junto à Petrobras. Como Antônio Eugênio e Vera estavam viajando, ele nos telefonou dizendo que iria viajar imediatamente. Seria sua primeira viagem de trabalho após a formatura na Engenharia da Universidade Católica de Petrópolis. Fomos para Petrópolis para ajudar a arrumar suas malas e pertences, pois embarcaria naquela mesma noite. Boas Lembranças temos do Marcelo, já acompanhado de Mayla, Theo e Anita, quando em trânsito para Uberlândia, passavam conosco em Campinas, trazendo a alegria das crianças e o carinho dos sobrinhos.

Logo em seguida ao Marcelo chegou a Mônica com toda a sua alegria, seus cachinhos dourados, muita afetividade e os seus Felipe e André. Prestativa e carinhosa, tornou-se a mãezona de todos e fez de sua casa o ponto de encontro da família, com os seus almoços maravilhosos, sempre assessorada pelo Ricardo. Quando os tios ficam doentes, seus cuidados médicos são imediatos, acompanhados de uma canja suculenta e quentinha.

Já levei alguns sustos com Mônica, ainda pequena, com seu gosto de jogar ioiô na frente das minhas cristaleiras, sentar nos braços das poltronas. Foi caco para todos os lados. Graças a um velho artesão italiano, em Campinas, tudo foi restaurado.

Daniela, reatou os laços perdidos até então da família Azevedo com a terra lusitana, graças ao encontro com o seu Fernando Vaz Afonso, de nobre linhagem monárquica. Ele atravessou o Atlântico para encontrar a sua amada em placgas nordestinas. Quando me transferi para a Reserva em 1991, comentava com Daniela sobre o meu futuro na próxima etapa de vida que iria iniciar quando ela me sugeriu: tio, aluga uma garagem, ponha uns bancos, cobre um preço bem baratinho e comece a contar e a falar as bobagens que o senhor tanto conhece. Aí, o senhor vai se realizar.

Boas lembranças temos do carinho do Fernando, ainda noivo e em Lisboa, quando nos recepcionava com passeio e jantar na Praia do Grinfo. Daniela, já casada, nos recebeu com todo carinho no seu apartamento em Sassoeiros, Carcavelos, Lisboa.

A nossa ligação com os sobrinhos sempre foi muito intensa, plena de satisfação e prazer. Se o avô é o pai com açúcar, provavelmente, o tio é o pai com chantilly. Aqui só foram citados os filhos do Antônio Eugênio porque ele é o mote desta explanação, porém os demais sobrinhos sempre participaram de nossa vida e vice-versa, criando laços afetivos profundos, agora transferidos para os queridos netos.

Antônio Eugênio e Vera, vocês que são os responsáveis por esta família maravilhosa, desejamos boa sorte, saúde e longa vida com os seus.

CLÁUDIO JOSÉ DE AZEVEDO TAULOIS

Por seu irmão Antônio Eugênio

Depois de nove anos, cercada pelo seu trio de infantes angelicais, quando a mãe Emília se aproximava de uma fase de vida menos petizada, bateu à sua porta, no dia de N. Sra. da Glória, o “raspa-do-tacho”, como dizia o pai Pedro. Cláudio José deixou para trás a esperada Maria de Glória e todo seu enxoval cor-de-rosa.

Cláudio José iniciou sua existência na vizinhança de uma data de muita ansiedade e esperança de toda a humanidade. Ele nasceu em 15 de agosto de 1945, quando se discutia a rendição dos japoneses, após a bomba atômica de Nagasaki e o conjunto de nações contava para o futuro uma paz duradoura.

Fim da guerra, não das dificuldades de vida que permaneceram por vários anos e são sempre lembradas. Morávamos nós na pensão da Celutta, conhecida de Pouso Alegre, um belo casarão amarelo com jardim em torno, na rua Barão de Itambi, Botafogo. Para cumprir uma promessa feita pela mãe Emília, fomos nós a pé, o pai Pedro, os irmãos, Dinorah e Lygia, até a Igreja de N. Sra. da Glória do Outeiro, reconhecer a graça do parto do Cláudio José ter sido tão bem sucedido.

Na sua infância, Cláudio José era o centro das atenções da família, por causa de suas múltiplas gracinhas e por serem seus irmãos bem mais velhos. Quando, aos três anos, perdeu duas falanges de seu dedo anelar em um acidente enquanto brincava, foi uma comoção total em toda a família, incluindo avós, tias, primos, amigos e vizinhos.

Anos passando, foram se definindo suas inclinações e habilidades, sempre voltadas com atenção para a relevância existencial das realidades, das circunstâncias, dos objetos, de tudo o que vibra e palpita.

Assim foi nos colégios que frequentou, incluindo o Colégio Militar, onde se poderia esperar um salto para a carreira de seu pai e seus irmãos mais velhos. Contudo, ao contrário, dali, em 1964, ele se decidiu pela Escola de Engenharia da UFRJ. Entretanto, quando estava no segundo ano, transformou sua Engenharia em um vestibular para Arquitetura. Aconteceu, o pulsar do coração teve suporte e destinação.

Desde sempre, Cláudio esteve envolvido com desenhos, formas figuras, esboços, contornos, imagens e outras grafias. No seu tempo da Escola de Engenharia, foi monitor do professor de desenho. Seu encontro com a Arquitetura foi uma saudável, benfazeja e proveitosa definição de vida.

Durante seu curso, foi estagiário do reputado arquiteto Sérgio Rodrigues que lhe trouxe uma visão prática da arquitetura e valorizou sua graduação.

Ao bacharelado como arquiteto em 1969, seguiu-se uma temporada na Argélia, implantando projetos de vulto de Oscar Niemeyer e depois no Algarve, Portugal.

Foi no seu tempo da Europa que ele conheceu a sua Norma Maron, também arquiteta e iniciaram juntos uma nova vida. Retornando ao Brasil, Cláudio José e Norma circularam por escritórios e arquitetura no Rio como Mindlin, Promon e outros, quando decidiram criar o “Tauilos & Tauilos, Arquitetos Associados”, atuando em consultoria e planejamento de obras, arquitetura, paisagismo e urbanismo. Durante mais de 30 anos, Cláudio e Norma desenvolveram ousados projetos de porte e complexidade técnica para algumas das mais significativas empresas do país e do exterior.

Concomitantemente, Cláudio José se dedicou ao magistério, obtendo seu mestrado em Urbanismo na UFRJ, em 2003, com a dissertação “Passeio Público Setecentista: a cidade e a memória além-mar”. E participou de diversas bancas de avaliação de trabalhos de conclusão de cursos na Universidade Gama Filho e Santa Úrsula.

Norma se integrou definitivamente à nossa família como componente atuante e participativa, recebendo os Azevedos para comemorações em sua casa. E deu a Cláudio José o Matias, sempre por perto de nós e participante ativo há mais de 20 anos das novidades que surgem aplicadas aos restaurantes. E a Damiana, que consternou a todos nós, quando nos deixou prematuramente.

Cláudio José e Norma deram à nossa família um viés diferente daquele que era seguido há algumas gerações, criando um clima liberto de algumas tradições, estranho no primeiro contato mas, alargando o modo de se ver as coisas.

FILHO DE GILBERTO AZEVEDO, 1918-2014:

José Carlos Torres de Aragão

Por Antônio Eugênio de Azevedo Taulois

Filho de Cacilda Torres de Aragão, casada com Gilberto Azevedo, após uma viuvez repentina, sendo José Carlos muito jovem, foi prontamente acolhido como descendente e sucessor.

Como engenheiro de comunicações formado pelo IME, seguiu sua carreira militar, casando-se com Rosely Moncosso, deixando filhos, genros e noras para Cacilda e Gilberto.

São seus filhos:

- Bárbara Rosa Moncosso Azevedo, casada com Daniel Proença Costa, sendo seus filhos Isabel, 2009 e Valentina, 2014.
- José Carlos Torres Aragão Junior, casado com Flávia.

FILHOS DE CARLOS AZEVEDO, 1922-1998:

Antônio Carlos Simões Azevedo

Por ele mesmo

Filho mais velho de Carlos Azevedo e Maria Aparecida Simões Azevedo, Antônio Carlos nasceu em 19 de agosto de 1946, um carioca legítimo, nascido no Morro do Capão em Marechal Hermes.

Pelo nome, só minha mãe e a vó Dinorah me chamavam de Antônio Carlos; no resto da família era o Kaká. Meu nome Antônio Carlos foi dado em homenagem ao vovô *Antônio Alves de Azevedo* e meu pai *Carlos Azevedo*.

Numa das idas à fazenda Santo Antonio em Pouso Alegre, propriedade de meu outro avô, “Seu Zequinha” (José Ribeiro Simões), fui batizado no alpendre da casa sede da fazenda Santo Antônio.

Em outra missão militar, meu pai foi para Juiz de Fora, onde, em 1947, nasceu meu irmão Susa e, posteriormente, para Itajubá, onde nasceu minha irmã Vera, em 1949.

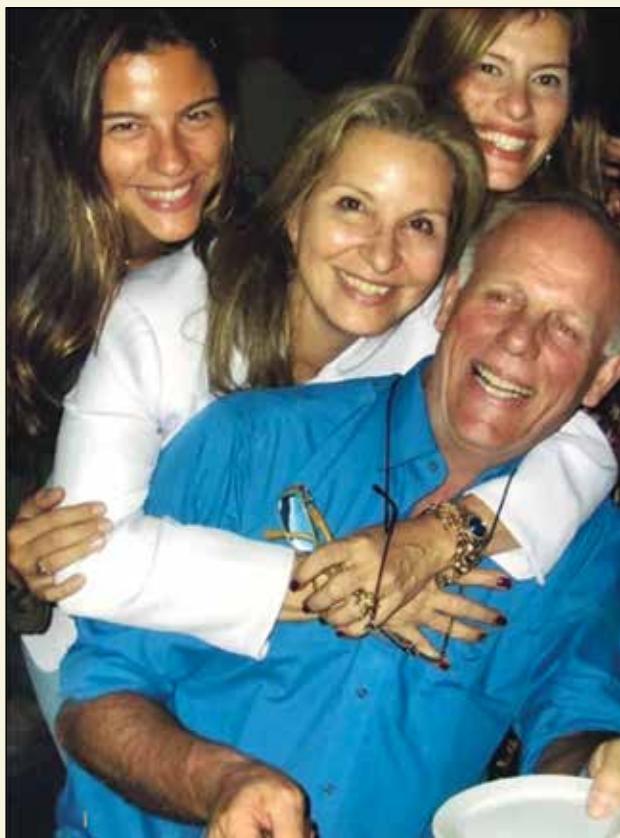
Voltamos para o Rio de Janeiro, onde cursei o primário na escola pública Estácio de Sá, na Fortaleza de São João.

Em 1957, voltamos para a Fábrica de Armas de Itajubá, onde cursei o ginásio e o científico.

Em 1964 retornamos ao Rio de Janeiro, onde cursei a Faculdade de Engenharia da UFRJ, formando-me em 1968, e daí em diante segui a carreira de engenheiro.

Numa noite de dezembro de 1968 encontrei bela loira na boite Kaique, no Iate Clube do Rio de Janeiro, que veio a ser minha esposa. Ana Rosa Ponzi Azevedo, nasceu no Recife, mas veio cedo para o Rio de Janeiro. Morava em Copacabana e é filha de um grande advogado, Álfio Ponzi, também consultor jurídico da Aeronáutica (DACP), já falecido, casado com Nilda Tenório Ponzi, hoje com 90 anos, sobrinha do Tenório Cavalcante, o homem da capa preta!

Casei-me em 8 de janeiro de 1972, na igreja da Candelária, como era o sonho da Ana Rosa, numa cerimônia muito bonita.



Antônio Carlos, o KK e
Ana Rosa.
Karla e Alessandra são as
filhas.

Ana Rosa é formada em direito, assim como o pai e seguiu esta carreira por um determinado tempo, quando descobriu seu tino para o comércio, abrindo lojas de roupa de cama mesa e banho. Frutos desta união nasceram Alessandra Ponzi Di Azevedo, nascida em 3 de agosto de 1972, também formada em direito e Karla Ponzi Di Azevedo, nascida em 17 de novembro de 1975 em Belém do Pará, tendo se formado em Administração e Marketing. Karla é casada há 10 anos com Yuri de Oliveira Albrecht, piloto comercial, e nos deu uma linda netinha, Lara de Azevedo Albrecht, nascida em 11 de janeiro de 2011, ou seja, 1/1/11.

Karla acabou se associando à mãe, desenvolvendo produtos especiais para hotelaria e eventos, atuando até hoje neste mercado. Herdou da mãe, o gene para o comércio.

Alessandra seguiu sua carreira de advogada, além de ter feito Teologia, se tornou uma aficionada pela História do Egito Antigo e pela Escola do Pensamento, herdando de seu avô Carlos, o interesse pelo conhecimento erudito. Foi condecorada no ano de 2014, com a Medalha de honra da Academia Brasileira de Medalística Militar, no Monumento dos Pracinhas, no Aterro do Flamento, o que deve ter envaidecido meu Pai, onde quer que ele se encontre.

Eu, como meu primo Temém, além de disputarmos quem era o mais alto da família, somos apaixonados por motocicleta. Há 43 anos tenho esta companheira fiel, sendo nos últimos 16 anos, com as Harley Davidson – velha conhecida desde a infância, quando passeava no side car da Harley Panhead 1947 do meu Pai.

Apixonado pela aviação, tirei o brevê em 1974 como piloto privado, mais tarde como piloto desportivo, ocasião em que comprei meu Ultraleve FOX V4.

Também apaixonado pelo mar, pratiquei mergulho (apnéia) e, mais tarde, aos 34 anos, fiz o curso de mergulho autônomo (Scuba Dive). Também fui radioamador (PY-ASZ), pois sempre fui entusiasta da eletrônica, tendo montado meu primeiro rádio à válvula com apenas 14 anos. Em casa era o ajudante de ordem do meu pai para assuntos de consertos de eletrodomésticos, conservava tudo!

Com expertise em Engenharia de Custos, em 1979, lancei pela Pini Editora, meu livro de Introdução à Engenharia de Custos, fase investimento, com a intenção de introduzir meu conhecimento a engenheiros, recém-formados, em um campo à época, pouco praticado no Brasil. Nesta época fui o fundador da seção brasileira da AACE (American Association of Cost Engineers), mais tarde transformada no IBEC (Instituto Brasileiro de Engenharia de Custos).

Em 2000, com o pai já com Alzheimer, fomos morar em Bragança Paulista, para estar próximo dele e suavizar a responsabilidade dos cuidados, com minha mãe, principalmente, depois que ele foi internado na clínica de saúde em Atibaia, cidade próxima a Bragança.

Como primogênito, me senti na obrigação de dar o suporte necessário aos velhos e aproveitar os últimos anos de meu pai, com muito amor, dedicação e carinho. Sempre presentes na clínica, eu, Ana Rosa, Alessandra, que à época

morava em São Paulo e a Karla, que nos visitava constantemente, além de nosso querido cachorrinho Alfi-nete, levávamos alegria e distração, mesmo quando somente seus olhos azuis se comunicavam conosco.

Ah! Seus olhos azuis, janela de sua alma, recôndido dos seus mais profundos pensamentos e ideais, soldado fiel de sua Pátria amada, agora repousa, no aconchego da vida eterna.

PAULO CESAR SIMÕES AZEVEDO
Por ele mesmo

Fiquei muito agradecido e entusiasmado com o convite de meu primo Temém de poder contribuir com a narrativa de meu braço da família Azevedo de Pouso Alegre, cuja origem vem dos recônditos anos de 1100, de Dom Pedro Mendes de Azevedo da aldeia do Concelho de Barcelos, nossa mais remota referência dos Azevedos.

Em 1945, meus pais, Carlos Azevedo e Maria Aparecida Simões Azevedo se casaram em Pouso Alegre e aí se entrelaçaram as famílias Simões com os Azevedos. Meu pai, como dever de ofício de um militar, foi se transferindo de cidade a cidade, em cada uma um filho, Antônio Carlos no Rio, Paulo Cesar em Juiz de Fora e Vera Lúcia em Itajubá.

Eu, o Susa, uma corruptela de Cesar criada por seu irmão Antônio Carlos (Kaká), nasci em 29 de novembro de 1947 em Juiz de Fora, MG, onde meu pai, Carlos Azevedo servia como tenente. Meu nome foi sugerido por meus pais e pela Tia Emilia, cuja família Azevedo Taulois também lá residia. Fui batizado na própria maternidade. Foram meus padrinhos a Vó Dinorah e o então Cel. Eugênio Trompowsky.

Da Rua Vieira Pena, 55, em Juiz de Fora, mudei-me para a Fábrica de Itajubá em 1948, em 1950 para o Rio de Janeiro, em 1957 retornoi à Itajubá e, finalmente, de lá para o Rio de Janeiro de 1964. Cursei ensino fundamental no Rio e em Itajubá e o segundo grau no Colégio Militar. O ensino superior de economia fiz na Faculdade Cândido Mendes e pós-graduação em engenharia econômica na UFRJ.

Casei-me em 24 de dezembro de 1969 com Théa Lúcia Sardinha, filha de Henrique Lima Sardinha e Gladys Ribeiro Sardinha, nascida no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 7 de abril de 1948. Théa foi educada nos colégios de freira Sacré-Cœur de Marie e Santa Rosa de Lima, completando o ensino superior já casada e com três filhos.

Em nosso casamento, Théa estava lindamente vestida com um costume de crochê bordado à mão por sua avó Olga e tivemos o enorme prazer em ter como dama de honra e pajem, Mônica e Marcelo, filhos de Temém e Verinha.

Casamento de Paulo
Cesar e Théa, na
Igreja de N.S. de
Bonsucesso, tendo
Marcelo, como pajem
e Mônica como
dama. O vestido de
noiva de Théa foi
todo bordado à mão
por sua avó.



Ainda recém-formada no segundo grau, Théa iniciou sua trajetória como secretária, tendo, em pouco tempo, atingido o ápice da carreira como secretária executiva do SERPRO, abdicando de sua profissão para criar nossos filhos.

Frutos de nossa união nasceram Mara Lúcia, Carlos Henrique – nosso anjo da guarda, Marco Antônio e Márcio Augusto, que bem educados e

orientados, principalmente pela mãe Théa seguiram suas vidas estudantis e profissionais proporcionado ao casal noras, genro e netas que muito engrandeceram nossa família.

Mara Lúcia Azevedo, nascida em 29 de abril de 1971, no Rio de Janeiro, casou-se com Eduardo Karrer e tiveram três filhas: Luiza Azevedo Karrer, 25.07.2000, Julia Azevedo Karrer, 15.09.2004 e Izabel Azevedo Karrer, 03.02.2009.

Marco Antônio Azevedo, nascido em 14.06.1974, no Rio de Janeiro, casou-se com Larissa Braga Muniz Azevedo, e tiveram a Carolina Braga Muniz Azevedo, 10.02.2015.

Márcio Augusto Azevedo, nascido em 25 de agosto de 1978, no Rio de Janeiro, casou-se com Viviane Lucena Azevedo, e tiveram a Ana Clara Lucena Azevedo, 30.01.2009.



"Os herdeiros dos belos Azevedos, Mara, Márcio Antônio, Mário Augusto e netos risonhos".

Alguns fatos curiosos e alguns até engraçados relacionados com os Azevedos marcaram nossas vidas. O primeiro deles foi com meu pai ao saber de nosso noivado com apenas vinte anos. Chamou-me a Recife, onde trabalhava e me disse: “Não é muito novo para assumir uma responsabilidade de casamento, pois nem formado estás?” Respondi-lhe que não e retrucou-me com uma resposta – “meu filho, não há lua nem coqueiro que resista a uma crise financeira”. Insisti no meu desejo e, vendo que não tinha mais argumentos, fomos abençoados com uma linda carta que endereçou à Théa. Realmente passamos por várias crises financeiras, mas a lua e o coqueiro resistiram.

Tia Cacilda, madrinha da Mara levou uma caixa de bombons à maternidade que foi completamente devorada pelo próprio Tio Gilberto.

Lembro-me muito dos Taulois indo a nosso apartamento na Urca que, após a praia, saboreavam sofregamente a macarronada bem italiana preparada pela Tia Maria.

Histórias contadas pelo primo Zé Carlos, filho da tia Lígia, sobre as molecagens que faziam na casa dos Azevedos em Pouso Alegre. Ele, com o “fica-forte”, um aparelho de musculação feito artesanalmente, construído para sua ginástica e uma *peça* do Tio Gilberto pregada para meu pai Carlos dizendo que se enterrasse uma moeda nasceria uma árvore com muito dinheiro. Bobo, como toda criança pequena, caiu no conto.

Meus primeiros uniformes do Colégio Militar herdei do Zezé (Cláudio José), bem como sua carteira de identidade que usei muito para ir a filmes proibidos para menor de 18 anos. Lembro-me dos tapas que ele tomou de minha mãe em Itajubá quando fomos escondidos tomar banho na piscina da Fábrica à noite.

Não sai de minha mente quando a Vó Dinorah ia nos visitar na Fábrica de Itajubá. O pai colocava os netos em posição de sentido para cantar *La Marseillaise*. Até hoje sei cantar a música inteira e me arrepio quando ouço.

Fui a todas e curtia muito a entrega de espadins na AMAN dos primos Tolo-A, Tolo-B e Tolo-C. Também gostava muito de lá passar as férias na casa do Tio Pedro.

Como adorava as histórias contadas pela Vó Dinorah, tenho certeza que muitas delas estão contadas aqui neste livro para nossos filhos e netos.

Tristes também foram os momentos em que perdemos vários dos Azevedos, mas, assim é a vida que segue. O mais importante é que estamos construindo novos personagens dos Azevedos para dar continuidade aos 900 anos de nossa família. Um beijo a todos os descendentes dos Azevedos.

VERA LÚCIA SIMÕES AZEVEDO
Por ela mesma

Minha porção Azevedo

Na Serra da Mantiqueira, cidade de Capivary, que em 1857 passou a ser chamada de Consolação, localizada numa região montanhosa próxima à cidade de Pouso Alegre, Dona Maria Augusta e Senhor Abel eram proprietários de um hotel familiar bastante procurado por promover saraus com a participação de suas pequenas e graciosas filhas que tocavam violino de forma encantadora. Ela, conhecida como Dona Mariquinha, era politizada, culta e cabo eleitoral do político Wenceslau Brás. Ele, um comerciante português da cidade do Porto. Antônio Alves Azevedo, também nascido no Porto, era um jovem caixeteiro viajante e grande amigo do patrício Abel. Sempre que viajava por aquelas plagas hospedava-se no acolhedor hotel. Em uma de suas paragens, encantando com a apresentação musical da pequena filha caçula Bibi, Antônio a presenteou com uma linda boneca de porcelana, de olhos azuis e com longos e cacheados cabelos louros.

Benedicta, a menina Bibi, mais tarde casou-se com o agricultor José Ribeiro Simões. O casal teve vários filhos. A primogênita, Maria Aparecida, nasceu em Consolação, em 1922. Adorava brincar com a boneca que fora da sua mãe, presente do português, Antônio, o Tonico, amigo de seu avô Abel.

Antônio era casado com Dinorah. Tinham vários filhos, dentre estes, um chamado Carlos, nascido em Pouso Alegre em 1922. Carlos conheceu Maria Aparecida no Grupo Escolar Monsenhor José Paulino, onde era diretora a sua mãe, Dona Dinorah. Ambos tinham 11 anos.

Carlos Azevedo e Maria Aparecida casaram-se em 1945. E, quando criança havia brincado com a linda boneca de porcelana que fora dada à sua mãe por aquele português, hóspede assíduo do Hotel de Mariquinha e amigo de Abel, que se tornara o seu sogro: Antônio Alves de Azevedo. Esta história de incrível coincidência me foi contada pela minha querida mãe Maria Aparecida Simões Azevedo e meu pai Carlos Azevedo.

Sou Vera Lúcia, caçula de uma prole de três. Segunda neta de Antônio Alves de Azevedo e Dinorah Mendel Gay Azevedo, meus avós paternos. Não conheci meu avô Antônio, porque faleceu jovem demais, mas com a minha encantadora avó e maravilhosa amiga, Dinorah, pude ter a felicidade de conviver desde o meu nascimento por 17 anos.

Vovó Dinorah teve expressiva participação na formação do meu caráter, tanto do ponto de vista moral e espiritual como intelectual. Com ela aprendi a cantar o hino da França, *La Marseillaise*. Recitava e lia para mim poesias de vários autores brasileiros, portugueses e franceses. Ensinou-me a bordar e conversar com as plantas enquanto as aguava. Levava-me a diferentes cinemas em diversos bairros do Rio. Passeava comigo de bonde. E, vez ou outra ia com ela ao Parque Guinle para visitar a sua amiga Lucrécia, casada com João, pais de Walter Moreira Sales. Uma foto no gramado do parque com a minha avó, tia Ligia e tia Lourdes, destaca-se em minha estante. Vovó levava-me ao Tabuleiro da Baiana para ir de bonde até Santa Tereza, onde morava outra amiga sua, que não me recordo o nome. No Lamas, antigo restaurante do Largo do Machado, com ela ia comprar frutas. Recordo-me de muitas de suas brincadeiras sensoriais olfa-



Vera Lúcia e José Alberto, a netinha Pietra e os pais, Sandra e André.

tivas e palatais. Estimulou-me a desenvolver habilidades artísticas, poéticas e musicais. Na sala de sua casa, logo na entrada, estava o seu piano. Adorava ficar tocando as notas do teclado imaginando eu fosse uma grande pianista e ela me aplaudia com entusiasmo e dizia: BRAVO! Quando eu abria a sua cristaleira antiga de vidro e espelhada, sentia um delicioso aroma de Anis exalar pela sala e ficava deslumbrada com os copinhos lindos de licor que lá dentro se multiplicavam através do espelho. Recordo-me, nitidamente, ainda bem criança, de muitas tardes que ficava com ela entretida entre os instrumentos e ferramentas de confeccionar flores, vendo-a bolear pedaços de finos tecidos engomados, de cores suaves e elegantes, juntando alguns pistilos, agrupando-os no centro de camadas de mimosas pétalas, fixadas e arrematadas às hastes de fios finos de metal envolvido em fitas verdes escuras que nelas enroladas simulavam os delicados ramos e, vez ou outra, fixava decorativas folhinhas de um tom de verde mais suave. De repente, como uma mágica, eu via surgir em suas magníficas mãos as mais belas flores para enfeitar as lapelas de blusas finas de muitas senhoras, elegantes buquês de noivas ou flores para ornamentar vasos e jarras de muito bom gosto. E, me recordo dela dizendo com orgulho e satisfação que “com flores eduquei meus filhos e com estes enfeitei o meu lar”.

Aos 67 anos, estou casada desde 1979 com José Alberto Fonseca Souza e o André é nosso filho. Tornei-me avó em 13 de outubro de 2011 quando nasceu a netinha Pietra, que é, dentre outros bons motivos de viver, a razão maior dos meus dias felizes, de muitas horas de alegria, de importantes momentos de aprendizados e sabedorias, nos quais procuro repassar para ela tudo o que aprendi de útil e prazeroso com os meus pais e minha inesquecível vovó Dinarah, que é a origem desta minha porção Azevedo.

FILHAS DE LOURDES AZEVEDO:
Marcia Carolina Queiroz Valverde
Por ela mesma

Era o ano de 1965, início do quentíssimo mês de janeiro, mais especificamente dia 4, logo pela manhã de um domingo, após o café da manhã. Minha mãe, Maria de Lourdes, enquanto guardava com carinho algumas peças do

enxoval já comprado, nas cores branco, verde e amarelo para o bebê que, segundo suas contas, chegaria nas próximas duas semanas, observou que a bolsa amniótica havia rompido. Foi então até a sala, onde meu pai falava ao telefone com um paciente e sinalizou para ele o ocorrido. Ele então encerrou a conversa telefônica e com olhar terno e a calma que lhe era peculiar, disse pra ela que ainda não estava na hora, mas para ela se arrumar que então iriam para o hospital. Minha mãe já um tanto ansiosa, foi organizar o que tinha que levar para a maternidade, enquanto o líquido continuava a escorrer e uma cólica ainda fraquinha começava a aparecer. Quando já pronta, coração acelerado, voltou para a sala, não encontrou meu pai e ficou a procurá-lo por alguns minutos pela casa. Depois de alguns instantes, meu pai entrou pela porta da rua e minha mãe perguntou, “onde você estava Jaime ???” E ele respondeu: “fui comprar o jornal e estava conversando com o Jorge, nosso vizinho que encontrei na portaria”. Retrucou incrédula: “Mas como assim Jaime... ???” E assim, minha mãe, sentindo cólicas, mas dando sequência naquela “DR” sobre o excesso de controle emocional do meu pai numa situação daquela, seguiram de carro para o Hospital Italiano, no Grajaú, Rio de Janeiro, onde algumas horas depois, eu nasci, de parto cesáreo, pois eu estava na posição “sentada” dentro do útero de minha mãe. Uma menininha então...

Fomos pra nossa casa no bairro de Vila Isabel alguns dias depois e assim comecei a ser apresentada à família e aos amigos. Como não sabiam o sexo até o meu nascimento, havia a possibilidade de me chamar Gil Carlos para homenagear os dois tios maternos, mas como vim menina, chamaram-me Marcia Carolina Azevedi Queiroz, nome que usei até o casamento. Márcia era um nome “da moda” naqueles anos 1960 e Carolina foi usado para homenagear minha bisavó materna e, ao mesmo tempo, a cidade natal de meu pai, também Carolina, no Maranhão. Meus padrinhos de batismo foram meu primo Claudio José Azevedo Taulois e minha avó paterna Antônia Queiroz.

Fui carequinha até os 18 meses, minha mãe “colava” lacinhos na minha cabeça com dificuldade, pra que eu ficasse com carinha de menina, pois meu pai, médico, com medo das complicações infecciosas, não autorizou furar as orelhas para a colocação de brinquinhos. Eu tinha o rostinho redondo dos

Azevedo, porém, as pernas eram bem magrinhas. Minha mãe contava que todos diziam “como é bochechudinha...” e ela corria pra esconder as pernitas finas com as cobertas...

E assim fui crescendo, uma bebê saudável, princesinha única por pouco tempo, quando minha mãe engravidou de minha irmã, Ana Beatriz, que nasceu exatos 1 ano e 4 meses depois. Crescemos juntas, muito próximas até os dias de hoje, dividindo o quarto, os brinquedos, as amizades, os conflitos, enfim a vida

Na primeira infância, dei muito trabalho no processo de adaptação escolar. Minha mãe, funcionária pública, cumpria expediente no Ministério da Fazenda e por incontáveis vezes, era chamada nas escolinhas pelas quais passei (Escola Castro Alves, Instituto de Educação, Colégio Maria Raythe...), pois eu chorava incoercivelmente até alguma figura familiar aparecer para me “resgatar” e levar de volta ao meu porto seguro. Eu me escondia debaixo da cama na hora de me arrumar para a escolinha, a babá ficava me procurando e muitas vezes, eu era colocada à força no ônibus escolar, até com reforço do porteiro do prédio, contrariando toda a psicopedagogia aplicada nos dias de hoje... Este problema só foi amenizado, alguns anos depois, quando minha irmã também alcançou idade escolar, e meus pais nos matricularam na tradicional instituição escolar Católica Tijucana Instituto Padre Leonardo Carréscia, dirigido por madres Franciscanas Alcantarinhas. Finalmente eu me sentia mais tranquila no ambiente escolar, pois Ana Beatriz adorava ir pra escola, caminhávamos de mãos dadas pela rua e nossas salas de aula eram separadas apenas por uma porta divisória, através da qual às vezes eu ia “espiar” pra me certificar de que ela estava mesmo ali... Na hora do recreio também ficávamos pertinho uma da outra. Não me sentia mais abandonada...

A esta época já havíamos nos mudado para o Edifício Cacau, na Rua Haddock Lobo, onde eu e minha irmã moramos até nos casar e meus pais até partirem desta vida. Estudamos no IPLC por 12 anos, até o último ano, o do pré-vestibular. Tive uma infância tranquila e uma adolescência sem muitos conflitos, numa família de relacionamento estável, ambiente amoroso, nunca nos faltou nada. Didi, a querida babá de tantos membros da nossa família foi

parte integrante de tantas estórias... Viajámos bastante, todas as férias para Pouso Alegre, Minas Gerais, cidade natal de minha mãe e também para Carolina, no Maranhão. Conhecemos praticamente todo o Brasil nessas viagens em família. Este gosto por pegar o carro e sair por aí desbravando estradas e lugares incríveis, herdei dos meus pais. Foram também inesquecíveis os encontros familiares, Natais, aniversários e demais datas comemorativas, sempre tendo como mote principal a valorização da família, tanto do lado paterno quanto materno.

Fui uma boa aluna, gostava de estudar, tirava boas notas, estudei inglês na Cultura Inglesa, fazia aulas de dança, participava do grupo de jovens da Igreja dos Capuchinhos. No último ano (3º ano científico), fazia seis tempos escolares pela manhã no Carréscia e depois complementava os estudos na parte da tarde no Curso Impacto, preparatório para o terrível e assustador vestibular. Eu havia decidido estudar Medicina, como meu pai, e sabia que a competição seria dura. Ao fim de um ano de muita abdicação, fui aprovada aos 17 anos para o curso que desejava, na Universidade Gama Filho, instituição particular que ministrava um dos melhores cursos privados de Medicina na cidade do Rio de Janeiro. Era um curso caro, mas acho que consegui retribuir todo o esforço e investimento dos meus pais; ingressei logo cedo nos projetos de monitoria e no meio do curso já realizava meus plantões remunerados, sempre me espelhando na dedicação e na carreira do meu pai. Após minha formatura, aos 23 anos, iniciei os três anos de especialização no Hospital Federal da Lagoa em radiologia e diagnóstico por imagem, área a qual me dedico até hoje. Neste ano de 2021, completei 33 anos de formada! Como o tempo passa rápido...

Em 1989 conheci meu primeiro marido, Helvecio Cândido Valverde Filho, apresentado por uma amiga em comum. Namoramos por um ano e meio e nos casamos em 24 de novembro de 1990. Formado em Economia, dedicou toda sua vida ao mercado financeiro. Em 1996, tivemos nosso filho Pedro Queiroz Valverde, muito desejado e aguardado; acolhido com amor e carinho por toda a família. Hoje eu e Helvecio não vivemos mais juntos, mas tivemos um casamento respeitoso, que durou 16 anos e foi marcado por muitos momentos

felizes. Hoje somos bons amigos, estamos sempre envolvidos nas questões que dizem respeito à família que um dia formamos. Helvecio é um pai presente e participativo na vida do nosso filho.

Pedro é formado pelo Conservatório Brasileiro de Música e, atualmente, está cursando Licenciatura em Música na Unirio. Já tem vários alunos de piano, iniciação musical e canto coral. A música e a Arte, em todas as suas formas de expressão, sempre foram seus estímulos pra viver.

Há quase 15 anos, conheci Robson Amaral, meu atual companheiro. Nos conhecemos fazendo aulas de dança de salão, até hoje uma de nossas atividades favoritas. Temos origens e gênios bem diferentes, mas também muitas afinidades: adoramos viajar, sair para dançar e ambos trabalhamos na área de saúde. Ele também teve um primeiro casamento, dois filhos já adultos e uma netinha de 8 anos. Optamos por não morar juntos; cada um tem sua casa, mas estamos sempre unidos, nos apoiamos e trabalhamos juntos. Digo que é meu “namorido”...

E assim a vida segue seu curso...



Ana Beatriz e Márcia Carolina, sempre juntas, filhas de Lourdes Azevedo e Jaime Queiroz

ANA BEATRIZ AZEVEDO QUEIROZ DENOZOR

Por ela mesma

Nasci num sábado, dia 14 de maio de 1966 às 21:55h na casa de Saúde dos Italianos no Rio de Janeiro mas, apressadinho do jeito que sou, resolvi nascer um mês antes do esperado e mamãe ainda não tinha nem berço. Tia Emilia, preocupada, foi correndo resolver a situação e arranjou às pressas um lindo berço amarelo para que, quando eu chegasse em casa, tivesse onde dormir. Enfim, tudo resolvido!

Meu nome foi escolhido pelo papai Jaime. No entanto, fiquei cinco dias sem nome, pois todos pensavam que seria o “Gil Carlos”, um nome escolhido pela mamãe em homenagem aos meus dois tios maternos, já que tínhamos a Márcia Carolina. Fui batizada na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes em 2 de julho de 1966 e tive como meus padrinhos Tio Pedro Luiz Taulois e Tia Emilia de Azevedo Taulois, meus queridos e amados tios. Apesar de muita alegria em casa com a minha chegada, mamãe estava muito triste e muito preocupada, pois, a vovó Dinorah já estava bem doente, vindo a falecer poucos meses depois.

Eu era muito “sapeca”, andei muito cedo, com 10 meses e sem ajuda, subia e descia em tudo que era lugar, diferente da irmã Márcia que falou cedo, mas andou tarde. No meu livro de bebê, mamãe escreveu sobre mim: “Aninha é visivelmente sociável. Parece a vovó Dinorah! Embarafusta-se pelas casas a dentro e adora fazer amigos!! Aninha é do tipo muscolotrópico... Ágil, sociável, agradável, meiga, teimosa e falante. Todos logo se encantam com ela e ela logo se dá com todos. Conversa com qualquer pessoa, assim como vai também com qualquer pessoa, basta sorrir para ela. Mas Ana é para valer! Em casa, o que está inteiro, está colado! Ela é um tanquezinho FNM. Temos a impressão de que terá qualidades positivas para vencer na vida. Se não modificar, saberá vencer pela meiguice, pela sociabilidade, pela comunicação. Enternece-se com facilidade e se doa com prazer pelos outros. Qualidade rara em crianças de tenra idade!” – dezembro de 1971.

Penso que se sou um pouquinho disso tudo que ela previu, muito aprendi com meus pais que sempre foram presentes em minha vida e me deram exemplos de convivência e sociabilidade. Cresci rodeada de amigos e de familiares, aprendendo sempre a importância de doar e servir aos outros, pois papai e mamãe, sendo católicos praticantes e participantes, fui criada tendo como “quintal da minha casa” na Tijuca, a Igreja dos Capuchinhos onde meus pais faziam parte da comunidade. Ali fiz minha Primeira Comunhão, minha Crisma, participei de Grupos de Jovens, dei aula de Crisma, participei das Comunidades de Bases da Teologia da Libertação dentre tantas outras atividades. Que época boa!! Saudades de nossas discussões, de nossas reuniões, das Feiras dos Capuchinhos na praça Afonso Pena para arrecadarmos fundos para construção da Creche Chapeuzinho Marrom, na comunidade do Turano.

Em família, algo me marcou muito na minha infância e adolescência: eram as constantes festas lá em casa, pois a casa da Lourdes e do Jaime era tida como o local central das reuniões de família. Mas também lembro com muito carinho dos natais em Petrópolis, das brincadeiras e bailes de adolescentes no terraço do Edifício Cacau e do sítio em Campos Elíseos... Quem não lembra do sítio? Quantas brincadeiras, subir nas árvores, chupar cana, andar de bicicleta, sem falar nas nossas farras na piscina!!

Outra coisa que aprendi muito com meus pais é o gosto por viajar! Já adulta, minha mãe dizia que eu tinha “rodinhas nos pés”, mas sempre perguntava à ela: Com quem você acha que aprendi isso? A minha primeira viagem foi feita para Carolina, no Maranhão, cidade do meu pai. Mamãe estava grávida de cinco meses de mim e Márcia fez seu primeiro aninho junto a minha avó Antonia e minhas tias, tios e primos. Desde então, nunca paramos de viajar. Em todas as férias havia um lugar novo para conhecer e nos aventurarmos, sem contar as viagens de carro para Carolina pela Rodovia Transamazônica, ainda em construção. Levávamos cerca de uma semana para chegar e sempre tínhamos a companhia de outros parentes que nos acompanhavam pela maratona, como tio Gilberto, tia Emilia e tio Pedro, primo Pedro Luiz e Simone. Que saudades de Carolina!! Casa de avó, o banho no Rio Tocantins, a Pedra Caída, a convivência e brincadeiras com os

primos de Brasília e de Carolina... São momentos que jamais se apagaram da minha memória e do meu coração.

Minha adolescência, assim como a infância, foi bastante aproveitada, descobertas novas, namorados, discotecas, reuniões com amigos, festas no terraço e no Colégio que estudei por 13 anos - o Instituto Padre Leonardo Carrascia. As Olimpíadas, Festival da Canção, passeios, festas juninas, trabalhos na casa dos amigos... muitos momentos inesquecíveis. Realmente passei uma vida nesse colégio, que me ensinou valores importantes e me deu amizades que guardo para todo o sempre. Tenho a certeza que eu e Márcia temos um lugar especial no coração para esse colégio.

No entanto, ainda nessa fase tive um desafio a minha frente. Aos 14 anos entrei no 3º científico e tinha que escolher uma profissão! E agora? Ainda tão jovem com essa responsabilidade, como fazer? Comecei a observar a minha volta o que gostava de fazer, quais eram meus interesses e fui fazer um teste vocacional (que guardo até hoje), que assinalou meu interesse pela área humana com ligação com a saúde pública. Assim, fui investigar algumas profissões que tinham essa associação e encontrei a Enfermagem. Fiz o vestibular que aquela época era pela Cesgranrio, com todo o apoio dos meus pais e da minha irmã. Momento tenso, mas com final feliz!! Passei para Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ. Ia ser uma acadêmica do Fundão aos 15 anos de idade!! E fui em frente, com medo, sim, mas também muito ansiosa para essa nova etapa de vida. Mais descobertas!! Posso dizer que foi na Faculdade que conheci o Rio de Janeiro, pois além de fazer estágio em vários locais da cidade, convivi com pessoas do Brasil todo, além de participar de projetos como Rondon e do Projeto de Extensão “Universidade na Maré”.

Hoje, depois de 30 anos de formada, com duas especializações (Saúde da Mulher e Metodologia do Ensino Superior), Mestrado e Doutorado e trabalhando há 25 anos no Magistério Superior como docente da UFRJ, tenho a certeza que fiz a escolha certa!! E assim me fez recordar, aquele texto que minha mãe escreveu no meu Livro de Bebê. Nunca tinha prestado atenção nisso, mas penso que dali já estava sendo traçada minha vocação. Sou feliz e realizada como enfermeira e docente!! E como um grande incentivo para a continui-

dade dessa jornada, guardo como um tesouro a carta que recebi dos meus pais no dia da minha formatura:

“Querida Ana Beatriz

As emoções acompanham a gente pela vida afora. São emoções agradáveis ou não, tristes ou alegres. Acreditamos que entre as boas emoções, bem poucas podem ser comparadas aquela de ver os filhos se formando e assim, tornando-se aptos para irem ocupando seus próprios espaços. Gratos somos a você por nos dar essa oportunidade de nos sentirmos tão felizes neste dia, felicidade que não se pode traduzir em palavras, mas apenas num imenso abraço que queremos lhe dar, desejando-lhe todas as venturas do mundo e pedindo a Deus que lhe dê sempre muita força e ânimo para desenvolver e desempenhar tão linda profissão, mesma cheia de sacrifícios e sofrimentos. É isto o que desejamos a você.

Com todo o coração!

Seus Pais orgulhosos.

Jaime de Carvalho Queiroz e Maria de Lourdes Azevedo Queiroz”

Não tenho também como esquecer da felicidade deles quando passei para o Doutorado. Pena que minha mãe não pode estar presente no dia da minha defesa e obtenção do grau de Doutor, pois no meio desse caminhar, mamãe veio a adoecer e falecer no segundo ano do curso. Mas tenho a certeza que, independentemente de onde estava, o seu calor-amor me protegeu e me guiou até ali.

Aos 22 anos conheci o amor e o companheiro de minha vida, Joel Faria Denozor. Namoramos durante 8 anos, período de muito conhecimento, de parcerias, de construção e planos para uma vida. No dia 27 de janeiro de 1996, na mesma Igreja dos Capuchinhos, onde já tínhamos uma história, recebemos o sacramento do matrimônio. Dia festivo, de muita alegria e com reunião dos amigos e familiares celebrando conosco esse dia!

E assim estamos construindo nossa vida e nossa família! Depois de quatro anos de casados tivemos nossos filhos gêmeos: Arthur, que quer dizer nobre, grande ursa, guerreiro e Yago, aquele que vence, aquele que suplanta. Penso que esses nomes foram na verdade escolhidos por eles, pois passamos momentos muito difíceis, não só durante a gravidez de risco, mas no parto (um nasceu de parto normal e outro de cesárea) e depois, na recuperação deles que nasceram prematuros. No entanto, essa experiência de vida fez com que nós nos uníssemos mais enquanto casal e principalmente enquanto família. Agradeço imensamente a eles por terem lutado por suas vidas, pois tenho a certeza que são a presença do dom de Deus em minha vida e na vida do Joel!

Papai Jaime também se foi para junto do Pai, em 17 de abril de 2005, um dia após o aniversário de cinco anos de Arthur e Yago. Gostaria muito que meus filhos pudessem ter tido mais tempo de convívio com vovó Lourdes e vovó Jaime, pois tenho a certeza que junto com o Pedro (filho da Márcia) eles eram a alegria de viver dos meus pais. No entanto, tento manter viva a lembrança deles para Arthur e Yago, assim como eu sempre tive da vovó Dinorah e do vovô Azevedo, pois acredito que o que somos hoje é fruto de um passado e uma história que precisa ser preservada e contada por gerações e gerações.

FIM



*Essa beleza alada a “Le Parfun”, traçada por August Moreau,
diz da sua vida.*

*Acima, docemente representa uma parte dos mistérios de todas
as “contações” das histórias das nossas vidas. Entre os anos,
ela nos assistiu quieta, delicada e sempre presente.*



B I B L I O G R A F I A

LIVROS

- AZEVEDO Vera Lúcia Simões. *Meus Passos, Meus Laços*. Natal: Lucgraf, 2008.
- BARROS Tomás de. *Sumário da História de Portugal*, (24^a Edição). Porto: Editora Educação Nacional, 2005.
- BERG Claus Luiz. *Antonina, 360 anos*. Curitiba, 2006.
- BERG Claus Luiz. *Antonina, a Vovó do Paraná*. Curitiba.
- CARVALHO, J. Murilo. *Os Bestializados*. SP: Schwartz, 1987.
- CONDE D'Eu Gaston d'Orléans. *Viagem Militar ao Rio Grande Sul*. SP: USP, 1981.
- CUNHA BUENO, A. e BARATA Carlos. *Dicionário das Famílias Brasileiras*, 2 volumes. SP: Ibero-América, 1999.
- DONATO Hermani. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Bibrax, 2001.
- FÁVERO Maria de Lourdes e BRITO Jader. *Dicionário de Educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- GAY, Jean Pierre. *História da República Jesuítica do Paraguai, desde o Descobrimento do Rio da Prata até os Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- GOUVEIA, Otávio.M. *História de Pouso Alegre*. Borda da Mata: Art Gráfica Editora, 1998.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Pintores da paisagem Paranaense*. Curitiba: Secretaria de Cultura do Paraná, 2005.
- GUIMARÃES E.G. *Pouso Alegre, 150 Anos*. Pouso Alegre: KLV, 1981.

- LATORRE, Mariângela. *Retrato no Espelho, Vida e Obra de Mário Casasanta*. BH: Arquivo Público Mineiro, 1968
- LEONI, Raul. *Luz Mediterânea*. Petrópolis, CBAG, 1993.
- MAESTRI, Mário. *A Guerra no Papel. História e Historiografia da Guerra do Paraguai*. Passo Fundo: FCM Editora, 2013.
- MENESES, Ângela. *O Português Que Nos Pariu*. Rio de Janeiro: Relume e Dumará, 2000.
- MOURA, Euclides B. *O Vandalismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- PERLATTO Júlio. *Diocese Centenária*. Pouso Alegre: Grafcenter, 2000.
- REVERT Henry Klumb. *12 Horas de Diligência entre Petrópolis e Juiz de Fora*. Petrópolis Museu Imperial de Petrópolis, 1957.
- RUPERT Arlindo. *História da Igreja no RGS*. Porto Alegre.
- RUPERT, Arlindo. *Clero Secular Italiano no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre.
- SILVA Elpídio F. Carlos Azevedo. Pouso Alegre: Gráfica e Editora Irmão Gino, 2001.
- SOUZA FILHO José Fernando. *O Oco da Taquara*. Campinas: Bable, 2001
- TOLEDO Alvarina Amaral. *Uma História que já vai longe*. Niteroi: Falcão Editora, 1944.

GRAVAÇÃO DE CONVERSAS E ENTREVISTAS

Conversas com Dinorah Mendel Gay, a partir da década de 1950, até seu falecimento em 1966

Gravação 1, com Lourdes Azevedo em março de 1997, em Pouso Alegre, na casa da Elba Maior

Gravação 2, com Gilberto Azevedo em outubro de 1997

Gravação 3, com Gilberto Azevedo em janeiro e maio de 1998

Gravação 4, com Gilberto Azevedo em 28 de junho de 2014

ACESSO À INTERNET

Contatos com instituições e pessoas envolvidas no objeto da pesquisa, como bibliotecas, museus, arquivos, dioceses, paróquias, historiadores, autores de livros consultados. E todos os Azevedos vivos da 3^a geração.

DOCUMENTOS FAMILIARES

Cartões postais, fotografias e mais de 160 cartas e bilhetes recebidos por Antônio Alves d'Azevedo de seus familiares portugueses, zelosamente preservados por mais de 100 anos, primeiro por Dinorah e a seguir, por seu filho Gilberto.

Esta obra, composta em Minion Pro, foi impressa sob papel
pólen 80g na gráfica Vozes em 2022.